

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

**O LIMOEIRO DA EDUCAÇÃO:**

A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DA DIOCESE E A AÇÃO EDUCACIONAL  
DE DOM AURELIANO MATOS EM LIMOEIRO DO NORTE (1938-1968)

ORIENTANDO:

RAIMUNDO ELMO DE PAULA VASCONCELOS JÚNIOR

ORIENTADORA:

DRA. MARIA JURACI MAIA CAVALCANTE

**FORTALEZA**

**2006**

**O LIMOEIRO DA EDUCAÇÃO:**  
A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DA DIOCESE E A AÇÃO  
EDUCACIONAL DE DOM AURELIANO MATOS EM  
LIMOEIRO DO NORTE (1938-1968)

Projeto de Tese apresentado ao programa de Pós-Graduação “*stritu sensu*” em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Educação.

FORTALEZA

2006

*"Lecturis salutem"*

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR**  
**Telma Regina Abreu Camboim - Bibliotecária - CRB-3/593**  
**tregina@ufc.br**  
**Biblioteca de Ciências Humanas - UFC**

V4511 Vasconcelos Júnior, Raimundo Elmo de Paula.  
 O Limoeiro da educação [manuscrito] : a história da criação da diocese e a ação educacional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte (1938-1968) / por Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior. – 2006.

257 f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Tese(Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza(CE), 31/03/2006.

Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Juraci Maia Cavalcante.

Inclui bibliografia.

1-IGREJA E EDUCAÇÃO – LIMOEIRO DO NORTE(CE) – HISTÓRIA – 1938-1968.  
 2-IGREJA CATÓLICA – EDUCAÇÃO – LIMOEIRO DO NORTE(CE) – HISTÓRIA – 1938-1968. 3-MATOS, AURELIANO, 1889-1967. 4-IGREJA CATÓLICA. DIOCESE DE LIMOEIRO DO NORTE(CE). BISPO(1940-1967: AURELIANO MATOS). 5-IGREJA CATÓLICA – LIMOEIRO DO NORTE(CE) – CARTAS E INSTRUÇÕES PASTORAIS – 1940-1965. 6- IGREJA CATÓLICA – BISPOS – BIOGRAFIA. 7- BISPOS-BRASIL – BIOGRAFIA. I-Cavalcante, Maria Juraci Maia, orientador. II- Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. III- Título.

CDD(21ª ed.) 371.071281310904

03/06

## TERMO DE APROVAÇÃO

Esta Tese foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação, defendida e aprovada em 31 de março de 2006, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Doutor em Educação outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Ciências Humanas da Referida Universidade. A citação de qualquer trecho da Tese é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas. A banca examinadora foi constituída por:

---

Maria Juraci Maia Cavalcante - Profa. Dra. UFC (Orientadora)

---

José Gerardo Vasconcelos – Prof. Dr. – UFC

---

Rui Martinho Rodrigues - Prof. Dr. – UFC

---

Francisco Horácio da Silva Frota – Prof. Dr. – UECE

---

Gisafran Nazareno Mota Jucá – Prof. Dr. - UECE

## AGRADECIMENTOS

- **Agradeço ao Poder Superior, acima de tudo, pela vida e força, porque este trabalho também é fruto da minha fé Nele;**
- **À minha Orientadora, Profa. Juraci, que com o decorrer desta pesquisa tornou-se uma amiga sempre pronta para ajudar nesta minha conquista;**
- **Ao Prof. Elmo, meu querido pai, pela sua participação especial como colaborador, incentivador e estimulador na elaboração desta dissertação;**
- **À minha esposa Mônica, pelo incentivo diário, para que eu concluísse mais uma etapa na minha vida acadêmica;**
- **À minha mãe, Dona Lourdes e irmãos, Ana Lúcia, Oscar, Ana Célia e Cláudio, pelas orações e palavras encorajadoras;**
- **A UECE pela oportunidade que me proporcionou, viabilizando minha qualificação profissional;**
- **A UFC e a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, pela atenção para com este aluno;**
- **A Geísa, Adalgisa e Gina pela colaboração nas horas mais difíceis;**
- **Aos meus filhos, Emanuel, Caroline e Vitória, pela contribuição no desenvolvimento desta pesquisa;**
- **Ao Prof. Odorico Moraes, pela sua maneira “amável e particular” de me persuadir para que eu concluísse a minha pesquisa;**
- **Aos colegas, B. C. Neto, Santiago, Átila, Aida, João Luis, Otávio, Manoel, João Figueiredo, Francisca Braga, Bazinha, Paulinho Pinheiro, Arnóbio e Zé Maria, pelo incentivo e colaboração.**
- **Ao amigo Alcides Chaves Júnior - pelos jornais, documentos e fotografias que enriqueceram esta Tese.**
- **A Professora Francisca Isabel Santiago, pelos documentos indispensáveis para o estudo do Patronato.**

**“A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação.”**

**Leonardo Boff**

## RESUMO

O processo de centralização do comando da Igreja Católica na Santa Sé em Roma, principalmente depois da Proclamação da República em 1889 e o término do Padroado no Brasil, viabilizaram a criação de mais dioceses no território nacional, possibilitando uma melhor administração da província eclesiástica brasileira. Processo este, denominado de Romanização. Dentro desta perspectiva, em 1938, foi criada mais uma diocese no Ceará. A história da criação e da escolha do município de Limoeiro do Norte como sede deste novo episcopado e o projeto educacional do seu primeiro bispo, nos remete a uma pesquisa da história local, a partir de um referencial, que tem como base de análise a micro-história e a biografia na produção historiográfica e da história oral e das fontes escritas como recursos metodológicos na produção do conhecimento histórico, numa relação de contribuição e reconhecimento de cada uma como metodologia e de alternativa ou complemento uma da outra, não esquecendo a realidade do mundo que cercava a diocese. A tese está estruturada em três capítulos: no primeiro, uma visão geral da realidade instrucional da cidade de Limoeiro do Norte quando da criação do bispado; a história da criação da diocese em Limoeiro do Norte e a biografia de Dom Aureliano Matos. No segundo capítulo uma análise da principal fonte escrita: as seis Cartas Pastorais, a maioria escritas à mão por Dom Aureliano Matos. O terceiro capítulo versa sobre a ação instrucional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte, analisando cada instituição criada por ele. É ponto de análise, neste capítulo também, numa perspectiva espacial evolutiva, a transformação do município em referência educacional, numa relação centro-periferia com os outros municípios do Vale do Jaguaribe. Portanto, a partir da criação da Diocese no Vale do Jaguaribe e a aliança da Igreja com outros setores da sociedade, viabilizaram o “Limoeiro da Educação.”

## ABSTRACT

**The centralization's process of the Catholic Church's leadership in Santa Sé in Rome, mainly after Republic's Proclamation IN 1889 and the end of the clergyman in Brazil, produced the creation's possibilities of more dioceses in the national territory, turning possible a better Brazilian ecclesiastic province's administration. That process named Romanization. In this perspective, in 1938, was created one more diocese in Ceará. The history of the creation and the choice of Limoeiro do Norte as the headquarter municipality of this new episcopate and the educational project of its first bishop, remain us to a local history's research starting with a referential, that has as a grounding analysis a micro-history and the biography in historygraphical production; the oral history and the written source as methodological resources in the production of the historical knowledge, in a recognition's contribution relationship of each other as a methodology and alternative or supplement one by another, don't forgetting the reality of the world that surrounded the diocese. The thesis is structured in three chapters: in the first, a general view about the instructional reality of Limoeiro do Norte city as the bishopric's creation; the history of Limoeiro do Norte diocese's creation and Dom Aureliano Matos biography. In the second chapter an analysis of the main written source: the six ministerial letters, most of them written by hand by Dom Aureliano Matos. The third chapter relates about an instructional action of Dom Aureliano Matos in Limoeiro do Norte, analyzing each institution created by himself. It's an analysis point in this same chapter, in an evaluative spatial perspective, the changing of the municipality, in educational reference, in a downtown-suburb relationship with the other municipalities of Vale do Jaguaribe. Therefore the church and its alliances with other society sections, from the diocese's creation in the Vale do Jaguaribe, turned possible the "Limoeiro of the Education."**



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. Os caminhos de um historiador da educação</b> .....	12
<b>2. As teorias de análise da História</b> .....	17
A Micro-História e sua importância na Historiografia atual .....	21
A Biografia na reconstrução da História da Educação .....	24
O gênero biográfico na produção historiográfica atual .....	27
História oral como recurso metodológico na produção do conhecimento	
Histórico .....	28
<b>3. Desafios metodológicos</b> .....	34
<b>CAPÍTULO I</b> .....	44
<b>1.1 – A realidade instrucional da cidade de Limoeiro do Norte quando da criação do bispado</b> .....	44
<b>O Relato de Padre Jair</b> .....	47
<b>Relato do Professor Malveira</b> .....	50
<b>1.2 - História da Criação da Diocese do Vale do Jaguaribe em Limoeiro do Norte</b> .....	58
<b>1.3 - Reconstituindo a biografia de Dom Aureliano Matos</b> .....	66
<b>CAPÍTULO II</b> .....	74
<b>2 - As Cartas Pastorais de Dom Aureliano Matos</b> .....	74
2.1 – 1ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos .....	77
2.2 – 2ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos .....	88
2.3 – 3ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos .....	98
2.4 – 4ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos .....	105
2.5 – 5ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos .....	109
2.6 – 6ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos .....	113

<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>120</b>
<b>3 - O Limoeiro de Dom Aureliano Matos e os efeitos da ação da Igreja na Região Jaguaribana a partir da década de 1930 .....</b>	<b>120</b>
3.1 A Ação Católica depois da dissolução do padroado no Brasil .....	120
3.2 A ação instrucional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte .....	130
3.2.1 Ginásio Diocesano Padre Anchieta .....	134
3.2.2 Seminário Diocesano Cura D'ars .....	142
3.2.3 Patronato Santo Antonio dos Pobres .....	148
3.2.4 O Liceu de Artes e Ofícios .....	152
3.2.5 A Rádio Educadora .....	158
3.2.6 A Faculdade de Filosofia .....	161
3.2.7 As ações instrucionais da Igreja numa análise espacial evolutiva .....	165
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	 <b>173</b>
 <b>FONTES CONSULTADAS .....</b>	 <b>181</b>
• <b>Arquivos .....</b>	181
• <b>Documentos .....</b>	182
• <b>Entrevistas .....</b>	182
• <b>Jornais .....</b>	182
• <b>Referências Bibliográficas.....</b>	183
 <b>ANEXO A.....</b>	 <b>189</b>
– Mapa do Ceará .....	190
<b>ANEXO B.....</b>	<b>191</b>
– Reprodução FAC-SIMILAR das Cartas Pastorais de Dom Aureliano Matos.....	192
– 1ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos .....	193
– 2ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos .....	215
– 3ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos .....	234
– 4ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos .....	249
– 5ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos .....	258
– 6ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos .....	265
 <b>FOTOGRAFIAS:</b>	
Página 45 – Movimento Integralista em Limoeiro;	
Página 52 – Alunos do Educandário Padre Anchieta com o Padre Misael Alves;	

- Página 56 – Sócio-fundadores da Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro;
- Página 68 – Posse de Dom Aureliano Matos;
- Página 106 – I Congresso Eucarístico Diocesano em Limoeiro do Norte, 1954;
- Página 134 – Ginásio Diocesano Padre Anchieta;
- Página 145 – Seminário Cura D’Ars;
- Página 149 – Patronato Santo Antonio dos Pobres;
- Página 152 – Liceu de Artes e Ofícios;
- Página 158 – Rádio Educadora Jaguaribana;
- Página 162 – FAFIDAM – Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos

# INTRODUÇÃO

## 1 – OS CAMINHOS DE UM HISTORIADOR DA EDUCAÇÃO

Ao me deparar com os caminhos que me levaram a pesquisar um fragmento da história da educação no Ceará, e, ter a oportunidade de conhecer uma área que me fascina, mesmo não tendo sido formado em História ou Pedagogia, minha formação acadêmica é em Geografia, vejo que o gosto por esta área, me inseriu num exercício de apropriação de conhecimentos, que pareciam ausentes durante a minha vida de estudante secundarista e universitário e, no entanto, estariam latentes sob a forma de indagações e uma certa inquietação. O primeiro contato com a história da educação se deu como aluno do Doutorado, quando tive a oportunidade de cursar a disciplina Política Social e Educacional, ministrada pela Professora Juraci Cavalcante, minha orientadora. Naquela época, a disciplina abriu as portas para discussões sobre a história da educação no Ceará e despertou a vontade premente de participar do Núcleo de História, Memória e Políticas Educacionais do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC<sup>1</sup>, então, coordenado pela referida professora. Quando ingressei no núcleo, as leituras e debates sobre história da educação e memória acabaram influenciando sobre o objeto de pesquisa anteriormente selecionado pelo programa de pós-graduação, me fazendo solicitar a minha orientadora e a coordenação do curso o encaminhamento de um novo projeto de pesquisa em que a história da educação, a memória e as políticas educacionais fossem os condutores da minha jornada. Com o novo projeto aprovado, enveredei no processo de pesquisa e investigação, no qual fui percebendo com o tempo, havia muito da minha história de vida. História de vida há muito esquecida, história de vida ligada ao Vale do Jaguaribe, a cidade de Limoeiro do Norte e a vida e obra do seu primeiro bispo Dom Aureliano Matos.

Conheci a cidade de Limoeiro do Norte em 1968 quando da instalação da FAFIDAM<sup>2</sup> – Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, empreendimento educacional considerado o último sonho do primeiro Bispo da cidade, já falecido na época. Essa proximidade se deu por conta da aprovação de meu pai, no primeiro concurso para

---

<sup>1</sup> UFC: Universidade Federal do Ceará

<sup>2</sup> FAFIDAM: Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – faculdade inaugurada em 1968 em Limoeiro do Norte com o nome do primeiro bispo em homenagem ao seu trabalho na área educacional.

docentes realizado pela referida faculdade. Durante dez anos ouvi dos limoeirenses, a saudade que sentiam do Bispo que tinha, segundo eles, “tirado-os do mar da ignorância”. Durante esse tempo, mantive permanente contato com a cidade, descobrindo que não só a faculdade, mas, a maioria das unidades de ensino daquele centro urbano tinham sido criadas pelo bispado, quando à frente Dom Aureliano Matos.

Quando viajava a Limoeiro do Norte acompanhando meu pai, que, semanalmente administrava aulas na faculdade, nos hospedávamos no seminário da diocese, que naquela época, por conta do tamanho da cidade, o seminário localizava-se na sua periferia em direção à cidade de Quixeré. Do seminário vislumbrávamos o carnaubal que se perdia de vista e que representava a grande riqueza da região. O vento, ao bater nas palhas do carnaubal, produzia uma sonoridade singular que misturada ao som dos cata-ventos das casas e do seminário mantinham os meus sentidos à disposição daquele espetáculo. Aquela construção era maravilhosa: dezenas de quartos, salas, capela, igreja, salão para cerimônias e reuniões, quadra de esportes e o objeto de desejo de todos os limoeirenses: o tanque para banho<sup>3</sup>. As refeições eram servidas na “sala de jantar”, onde compareciam em horário determinado os residentes do lugar, no caso, os padres, algumas autoridades que de vez em quando eram convidadas por Dom Falcão<sup>4</sup> e os professores da FAFIDAM. Eram refeições onde os assuntos, os mais variados, recebiam sempre, no final, o comentário do bispo e sua reflexão sobre o mundo moderno. Dom Falcão teria sido o primeiro bispo em Limoeiro do Norte a usar calça, sem a batina, quando não estava celebrando. Ouvi a história da sua chegada relatada a mim por Cirilo<sup>5</sup>, jardineiro do seminário.

Dom Aureliano Matos já doente recebeu telegrama noticiando a chegada em Limoeiro do Norte do Bispo Auxiliar Dom Almeida Falcão, de pronto, Dom Aureliano chamou-me para, contratando carro de praça levar o jovem bispo a sua presença e só assim depois alojá-lo. Tomei um susto ao ver um bispo descendo do ônibus de calça, que nem percebi que era o bispo e sem me dar conta do

---

<sup>3</sup> As famílias de Limoeiro do Norte e adjacências abastadas constroem em suas propriedades tanques para banho e não piscinas. Este fato, às vezes discutido pelos visitantes recebem a seguinte resposta: numa região quente como o Jaguaribe, o tanque por ser mais alto que a piscina recebe maior ventilação e é mais fácil de construir.

<sup>4</sup> Dom Almeida Falcão foi bispo auxiliar de Dom Aureliano Matos e o sucedeu após a morte. Hoje é cardeal e arcebispo de Brasília.

<sup>5</sup> Cirilo foi funcionário desde a juventude do Seminário e hoje é frade no interior de Minas Gerais.

serviço encomendado sai correndo e fui ter com Dom Aureliano dizendo que tinha acabado de chegar à cidade um bispo vestido de homem.<sup>6</sup>

Segundo Monsenhor João Olímpio<sup>7</sup>, teria sido ele e o Padre Pitombeira os primeiros padres a usarem calças em Limoeiro do Norte, depois da liberação realizada pelo Concílio Vaticano II e autorização de Dom Aureliano. Mesmo assim, um bispo de calças em Limoeiro, ainda não havia surgido, pois, Dom Aureliano, não obstante os ventos do concílio de João XXIII e Paulo VI, andava de batina e era parado constantemente pela população local que se ajoelhava a sua frente, pegava a sua mão e beijava o anel de bispo. Este cerimonial segundo Monsenhor João Olímpio, se repetia diversas vezes ao dia e não abalava o Bispo.

Voltando ao seminário, relembrei os momentos após as refeições onde todos descansavam nos jardins internos; neste momento, as conversas eram sobre as atividades enfrentadas no dia-a-dia, a obstinação dos padres em relação à carência de jovens para o sacerdócio, uma preocupação freqüente da Igreja. O seminário estava com um número cada vez mais reduzido de alunos, fato que trazia certo desconforto aquele bispado. Para alguns, isso era conseqüência dos novos rumos da Igreja depois do Concílio do Vaticano II, e, o maior número de escolas públicas instaladas na região. Os Padres que residiam no seminário, principalmente Jair, João Olímpio e o Diretor do Colégio Diocesano, Francisco de Assis Pitombeira, sempre relatavam que as dificuldades financeiras e a carência de escolas influenciaram muitas famílias do Vale do Jaguaribe a colocar seus filhos no seminário como única opção para o estudo, e assim, sempre, em alguns, despontava a vocação sacerdotal. Conheci alguns destes adolescentes que ainda perseveravam naquela casa e admirava a serenidade, o silêncio e o comportamento de adulto que cada um demonstrava no seu cotidiano. O único momento onde não havia condições pra tal comportamento, era aos sábados, no banho de tanque, onde as brincadeiras entrecortadas pelos gritos, denunciavam a idade daqueles meninos. Outro momento era nos passeios de bicicleta; aliás, no Limoeiro do Norte, cidade plana, o que não faltava era bicicleta. No seminário, havia bicicletas de reserva que os visitantes utilizavam. Nestas horas, eu e os internos do seminário passeávamos sem parar, em todas as direções, cada um tentando

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada com Cirilo em 12 de outubro de 2002, quando da sua visita a Limoeiro do Norte.

<sup>7</sup> Entrevista concedida pelo Monsenhor João Olímpio, Vigário-geral de Limoeiro do Norte, na casa paroquial em 28 de março de 2002, em Limoeiro do Norte.

estar à frente dos outros. Foram essas brincadeiras que me fizeram conhecer a estrutura urbana de Limoeiro do Norte.

Todos andavam, ou melhor, utilizavam a bicicleta como meio de condução. Era maravilhoso ver o patamar e as laterais da Igreja Matriz na hora da missa, lotados de bicicletas de todos os tipos e tamanhos. Tudo requeria a minha atenção, os mais velhos conduzindo de maneira mais calma e até silenciosa suas bicicletas; se contrapondo a essa tranquilidade apareciam os mais jovens, naquela pressa que só a idade consegue explicar. Mas, o que mais retinha a minha atenção era o pátio das escolas e da faculdade que ficavam repletos de bicicletas durante o período letivo. Bicicletas estacionadas lado a lado, numa fila interminável e que me deixava questionando se haveria possibilidade de, terminadas as aulas, cada aluno encontrar a sua. Outra singularidade em Limoeiro do Norte naquele período era a liberdade que as mulheres de todas as idades tinham para andar de bicicleta, fato este, que levava todos nós, a apreciar a leveza e a suavidade daquelas condutoras, que, certamente sabiam dos olhares pestanejantes daqueles curiosos observadores.

Sempre que estava na cidade, gostava de ouvir a Rádio Educadora, que entre as músicas e programas diários, noticiava as atividades culturais, sociais e religiosas da semana. Geralmente, tais atividades aconteciam nas instituições laicas, como o Colégio Diocesano, o maior da região. Ali se realizavam desde os eventos esportivos, passando pelas festas juninas, até as cerimônias de conclusão de cursos. Estive presente em alguns desses eventos e eu me deliciava em admirar a arquitetura daqueles prédios, me perguntando como a Igreja havia conseguido realizar tamanho empreendimento.

Tenho também lembranças de outros momentos especiais, principalmente na faculdade, enquanto meu pai ministrava suas aulas. A sirene avisando o início e o fim de cada aula e o respeito e obediência dos alunos para aquele chamado. A postura daqueles professores, que pareciam possuir algo que se fazia tão precioso e por isso mesmo, eram tão prestigiados. Muitos deles eram padres ou ex-seminaristas, que gostavam de, durante as conversas nos intervalos das aulas, na sala dos professores, prestigiar com alguns colóquios o latim, expressando com isso um aprimoramento intelectual difícil de encontrar em outras paragens. Muitas vezes, perguntava aos estudantes porque tanta disciplina e muitos me

respondiam que, como tinham estudado no Colégio Diocesano, para eles aquilo tudo era normal.

Muitos desses universitários conheceram Dom Aureliano Matos, e, me relatavam que ele estava sempre presente nas escolas do município, participando ativamente das decisões, visitando as salas de aula, sempre levando palavras sobre o caminho do “bom cristão”, que para ele era o respeito aos mais velhos, a unidade da família e a obediência aos ensinamentos da Igreja. A sua presença era recebida por todos os alunos e o professor de pé entoando a seguinte frase: “Bom dia, Dom Aureliano, seja bem vindo”, eu ficava surpreso, pois na minha escola, na capital, isto não acontecia qualquer que fosse a autoridade. Tal denodo demonstrava o reconhecimento da população pelo zelo que aquele pastor dedicava ao seu “rebanho” e a responsabilidade que achava ter pelos caminhos que a juventude deveria trilhar.

Essas lembranças me fizeram perceber o quanto aquele período foi importante em minha vida. Acho que a idade e a obrigatoriedade imposta pelo meu pai, na minha ida freqüente aquela cidade, como castigo pelas travessuras realizadas por mim durante suas viagens, em semanas anteriores, em Fortaleza, envolveram aquele período no mar do esquecimento. Agora, observando a minha história de vida, principalmente, naquele período, percebo a possibilidade de fazer um reconhecimento de mim mesmo e, assim, faz esta investigação ganhar maior significado, aguçando e instigando a minha curiosidade para a realização de novas leituras deste passado, cada vez mais presente em minha memória, lembranças que contribuem enormemente para o gosto em estudar e recompor um fragmento da história da Educação em Limoeiro do Norte.

Curiosamente, passados alguns anos, fui aprovado no ano de 1993, em concurso público para professor de Geografia na Universidade Estadual do Ceará, e fui lotado no Departamento de Geociências da FAFIDAM, em Limoeiro do Norte. Agora, como professor e colega de magistério de muitos limoeirenses, entre eles padres que conheceram Dom Aureliano Matos, rememorei os tempo de adolescente e percebi a importância histórica que a cidade dava ao prelado, o que já justificaria uma ampla discussão sobre a necessidade de pesquisar sua vida e obra sacerdotal.



Em qualquer lugar de Limoeiro do Norte se encontra bastante visível a influência do Bispo, inclusive em relação à largura das ruas, dificilmente encontrada em outras cidades interioranas, que surpreendem os visitantes, e, segundo os mais velhos, fora idéia sua. Os colégios, igrejas, o seminário, a rádio educadora, a maternidade e o hospital mais antigo, também, foram obras de seu bispado. Não é fácil imaginar como era o cotidiano das pessoas daquela região no final da década de trinta do século passado, e de como se deu a criação e instalação da diocese, a relação da Igreja com o poder político local e regional e de como tudo isso transformou Limoeiro do Norte de uma simples cidade a centro cultural e educacional do Vale do Jaguaribe. Há, portanto, dentro da minha trajetória de vida um relembrar constante que fornece pistas e sugestões para estender esses procedimentos e alimentar perspectivas de investigação na linha de pesquisa da história da educação no Ceará.

## **2 – As Teorias de Análise da História**

Acompanhar as recentes tendências historiográficas e as investigações na área da pesquisa, implicou um estudo detalhado em livros, ensaios e textos dos mais variados autores sob diferentes aportes teóricos, temas e problemas, que possibilitassem outras tantas leituras do processo histórico da educação, não pretendendo, é claro, elaborar nenhum compêndio, mas, contribuir para uma fundamentação teórica que permitisse estudar, escrever, recompor um fragmento da história da educação no Ceará.

A recorrência a este arcabouço teórico fundamental à pesquisa, implicou na construção de uma abordagem dos eventos históricos a partir da Nova História Cultural, escolha que se justifica, uma vez que, dos novos modelos historiográficos, é, justamente, a História Cultural, que mais consegue trazer novos ares ao trabalho do pesquisador imbuído em pesquisar a história da educação.

Para justificar essa afirmação, basta observarmos o esgotamento das explicações oferecidas por modelos teóricos globalizantes, com tendências à totalidade, nos quais o historiador era refém da busca dos fatos centrados na história política e/ou de configurações muito amplas. Essas explicações globais, por sua incapacidade de visualizar a importância de novos agentes históricos, passaram, portanto, a ser questionados. Outro

dado que justifica nossa estratégia de investigação, nos é dado por Pesavento, segundo ela, a Nova História Cultural

corresponde hoje, a cerca de 80% da produção historiográfica nacional, expressa não só nas publicações especializadas, sob forma de livros e artigos, como nas apresentações de trabalhos, em congressos e simpósios ou ainda nas dissertações e teses, defendidas e em andamento, nas universidades brasileiras.<sup>8</sup>

O arcabouço intelectual que vai dar origem à Nova História Cultural está intimamente ligado ao surgimento, no final da década de 1920, na França, de uma nova forma de se pensar as questões historiográficas, identificada como História das Mentalidades. Essa nova forma de se interpretar os fatos históricos, buscava fugir da história historicizante: uma história que se furtava ao diálogo com as demais Ciências Humanas, tais como, a antropologia, a psicologia, a lingüística, a geografia, a economia, e, sobretudo, a sociologia. No lugar desse tipo de manejo dos fatos históricos, era preciso adotar, segundo Vainfas:

uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar. Uma história com estruturas em movimento, com grande ênfase no mundo das condições de vida material, embora sem qualquer reconhecimento da determinância do econômico na totalidade social, à diferença da concepção marxista da história. Uma história não preocupada com a apologia de príncipes ou generais em feitos singulares, senão com a sociedade global, e com a reconstrução dos fatos em série passíveis de compreensão e explicação.<sup>9</sup>

Entretanto, muitos críticos vão se insurgir contra os defensores da História das Mentalidades. A mais comum e corrosiva das críticas formuladas é de que a História das Mentalidades torna multi-fragmentado o seu objeto de estudo. Isto é, “a chamada História das Mentalidades abriu-se de tal modo a outros saberes e questionamentos que, no limite, pôs em risco a própria legitimidade da disciplina”, conforme assegura Vainfas.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e história cultural. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004. Pag. 7 e 8.

<sup>9</sup> VAINFAS, Ronaldo. Os protagonistas anônimos da história. São Paulo, SP: Campus, 2002. Pag. 17.

<sup>10</sup> Id. Ibid. pág.55/56.

Acuada por críticas de diversas formas, a História das Mentalidades refugia-se na chamada Nova História Cultural. Se utilizamos a expressão Nova História Cultural é para separá-la daquilo que convencionou-se chamar de Velha História Cultural. Segundo Pesavento, na Nova História Cultural

foram deixadas de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como integrante da superestrutura, como mero refluxo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites. Também foram deixadas para trás concepções que opunham a cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico. Longe vão também as assertivas herdeiras de uma concepção da belle époque, que entendia a literatura e, por extensão, a cultura, como o sorriso da sociedade, como produção para o deleite e a pura fruição do espírito.<sup>11</sup>

A Nova História Cultural, portanto, está trazendo uma nova forma da história tratar a cultura. Ainda segundo Pesavento: “não mais como uma mera história do pensamento, onde estudava-se os grandes nomes de uma dada corrente ou escola. Mas, que tende a enxergar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.”<sup>12</sup>

A Nova História Cultural, por tudo que foi acima mencionado, vai fazer ressalvas (sem no entanto negá-la) ao conceito de *mentalidades* por classificá-lo ambíguo e excessivamente vago. No entanto, a Nova História Cultural não nega a aproximação com as outras Ciências Humanas, admite o conceito de longa duração e aceita os temas do cotidiano. Conforme assegura Vainfas: Os historiadores da cultura (...), não chegam propriamente a negar a relevância dos estudos sobre o mental. Não recusam, pelo contrário, a aproximação com a antropologia e demais ciências humanas, admitem a longa duração e não rejeitam os temas das mentalidades e do cotidiano.<sup>13</sup>

Além disso, a Nova História Cultural quer também se aproximar das massas anônimas. Podemos, portanto, afirmar que a Nova História Cultural revela uma especial

---

<sup>11</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit. Pag.14/15.

<sup>12</sup> Id. Ibid. pág.15.

<sup>13</sup> VAINFAS, Ronaldo. Op. Cit. Pag.56

afeição pelo informal, por análises historiográficas que apresentem caminhos alternativos para a investigação histórica, indo onde as abordagens tradicionais não foram.

E foi neste mar de possibilidades novas que vários historiadores passaram a navegar. Um dos mais importantes e que, primeiramente, merece destaque é o italiano Carlo Ginzburg, que, em 1976, lança uma obra ímpar da Nova História Cultural (e por que não dizer, da Micro-História também), intitulada “O queijo e os vermes”. Nela, o autor discorre sobre um moleiro condenado como herege pela Inquisição Papal no século XVI. Podemos considerar essa obra uma obra-síntese, uma vez que foi nela que Ginzburg abandonou o conceito de *mentalidades* (as razões, já discutimos acima) e adotou o de *cultura*, definindo-a como “o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas em um certo período histórico.”<sup>14</sup>

Decorre desta definição ser possível, agora, recuperar o conflito de classes em uma dimensão sociocultural, deixando-se entrever no campo das discussões teóricas aquilo que o historiador italiano chamou de “circularidade cultural”, conceito que se opõe ao velho paradigma dado pela dicotomia “cultura popular X cultura erudita”.

Outro pensador da Nova História Cultural que nos chama atenção é Roger Chartier, pertencente a uma geração contemporânea do declínio das mentalidades na França. Chartier concorda com as discussões lançadas por Ginzburg por também rejeitar a visão dicotômica “cultura popular X cultura erudita”, em favor de uma visão, digamos, mais abrangente, que, no limite, valoriza o dimensionamento da cultura em termos de classes sociais. Para tanto, ele propõe um conceito de cultura como prática, e sugere para seu estudo as categorias de representação e apropriação.<sup>15</sup>

Representação passa então, a ser analisada como algo que permite ver uma coisa ausente e que, segundo Chartier, seria mais abrangente que o conceito de mentalidades, uma vez que o ausente em si não pode mais ser visitado. Pesavento lendo o conceito de Chartier reafirma que, “estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é

---

<sup>14</sup> GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1986. pag.16.

<sup>15</sup> CHARTIER, Roger. Introdução. In: A história cultural. Lisboa, Difel, 1990. pag.38.

um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência.”<sup>16</sup> A idéia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença.

Se o objetivo central do conceito de representação é trazer para o presente o ausente vivido e, dessa forma, poder interpretá-lo, o de apropriação, segundo Chartier, é “construir uma história social das interpretações, remetidas para suas determinações fundamentais”<sup>17</sup> que são o social, o institucional e, sobretudo, o cultural.

Este cotejo teórico não tem o objetivo de fechar questão em torno de teorias e seus representantes, o que quero é salientar que, tanto na sua vertente italiana quanto na sua vertente francesa, a proposta da Nova História Cultural seria o de decodificar a realidade do já vivido por meio das suas representações, desejando chegar àquelas formas pelas quais a humanidade expressou-se a si mesma e o mundo.

Assim, para o historiador da cultura, isso é muito importante ressaltar, o passado só chega aos dias atuais por meio das representações. Como afirma Pesavento, “a rigor, o historiador [da cultura] lida com uma temporalidade escoada, com o não-visto, o não-vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele.”<sup>18</sup>

Neste ponto de nossa discussão, uma nova possibilidade de investigação histórica surge como fazendo parte do elenco de mudanças epistemológicas que acompanharam a emergência da Nova História Cultural. Estamos nos referindo ao aparecimento da Micro-História. É nela, pois, que muitos historiadores da Nova História Cultural, encontram outros caminhos de pesquisa, obtendo resultados muito satisfatório e animadores, o que tem dado uma dinâmica nova ao ofício do historiar.

## **2.1 – A Micro-História e sua importância na Historiografia atual**

Segundo Vainfas, o surgimento da Micro-História pode ser situado no debate intelectual e historiográfico das décadas de 1970 e 1980. Está relacionado, também,

---

<sup>16</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit. Pag. 40.

<sup>17</sup> CHARTIER, Roger. Op. Cit. Pag. 26.

<sup>18</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit. Pag. 42.

com a questão da crise do paradigma marxista e de outros modelos de história totalizante e com a solução buscada pela história das mentalidades, que cedo se mostrou inconsistente no plano estritamente teórico-metodológico.<sup>19</sup>

Dessa forma, as finalidades da Micro-História movem-se no campo das críticas à história das mentalidades, (que coincidem com aquelas formuladas pela Nova História Cultural), não deixando-se, contudo, confundir com elas. Mas a pergunta mais importante que se deve fazer é, relativa à contruição que a Micro-História oferece para a Nova História Cultural.

Do ponto de vista metodológico, a Micro-História avança nas pesquisas historiográficas por romper com a prática calcada na retórica e na estética. O trabalho dessa tendência tem sido centralizado na busca de uma descrição mais próxima do comportamento humano, empregando para tanto um modelo de ação que busca dar voz a personagens que, de outra maneira, ficariam no esquecimento. Segundo Levi, a micro-história possui, portanto, um papel muito específico dentro da chamada Nova História Cultural: qual seja, o de “refutar o relativismo, o irracionalismo e a redução do trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica que interprete os textos e não os próprios acontecimentos.”<sup>20</sup>

Outro historiador que nos alerta para a importância da Micro-História é Luís Reznick, para quem:

O espaço local, alçado em categoria central de análise, constitui uma nova possibilidade de estudo no quadro das interdependências entre agentes e fatores determinantes de experiências históricas eleitas pela lupa do historiador. Nessa nova concepção, cada aparente detalhe, insignificante para um olhar apressado ou na busca exclusiva dos grandes contornos, adquire valor e significado na rede de relações plurais de seus múltiplos elementos constitutivos.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> VAINFAS, Ronaldo. Op. Cit. Pag.68.

<sup>20</sup> LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In BURKE, Peter. A escrita da história. São Paulo, SP. Unesp, 1992. pag. 136.

<sup>21</sup> REZNIK, Luís. Qual o lugar da história local?. Artigo publicado em [www.historialocal.com.br](http://www.historialocal.com.br), acessado em 25.08.2004.

Dessa forma, o historiador de orientação micro-histórica, amparado pelos conceitos da Nova História Cultural discutidos anteriormente, pode “enxergar” acontecimentos, fatos que a historiografia tradicional não “enxerga” e trazer à tona dados que estavam adormecidos. Portanto, sua análise é mais criteriosa, justa e democrática. Ainda segundo o pensamento de Reznick:

Ao eleger o local como circunscrição de análise, como escala própria de observação, não abandonamos as margens (...), as normas, que, regra geral, ultrapassam o espaço local ou circunscrições reduzidas. A escrita da história local costura ambientes intelectuais, ações políticas, processos econômicos que envolvem comunidades regionais, nacionais e globais. Sendo assim, o exercício historiográfico incide na descrição dos mecanismos de apropriação – adaptação, resposta e criação – às normas que ultrapassam as comunidades locais.<sup>22</sup>

Dessa forma, é possível afirmar, conforme Levi, que “o princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados”<sup>23</sup>, o que não aconteceria numa abordagem tradicional. A descrição micro-histórica serve para registrar uma série de acontecimentos ou fatos significativos que, de outra forma, seriam imperceptíveis e que, no entanto, podem ser interpretados por sua inserção num contexto mais amplo, ou seja, na trama do discurso cultural.

Portanto, a Micro-história visualiza peculiaridades ainda não observadas, ou seja, a busca do singular, a possibilidade de verticalizar, ou num outro sentido, personalizar um estudo, podendo chegar, assim, tão próximo em relação à vida de uma única pessoa e de seu contexto social mais próximo, sem, contudo pretender estender suas explicações a outros contextos que não o que está sendo focalizado. O tom, no mais das vezes, das obras micro-históricas é próximo ao coloquial, permitindo que não iniciados possam ler todo um livro sem precisar consultar obras “mais gerais” no sentido de buscar um entendimento global. A obra micro-histórica é auto-explicativa, e por isso única. Suas análises não devem (e nem pretendem) ser estendidas além de seus muros comunitários da explicação, bem à moda geertziana da antropologia interpretativa.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> Id. Ibid.

<sup>23</sup> LEVI, Giovanni. Op. Cit. Pag. 139.

<sup>24</sup> Antropologia Interpretativa ou Antropologia Hermenêutica fundada por Clifford Geertz. É um estudo que pretende entender "quem as pessoas de determinada formação cultural acham que são, o que elas fazem e por

Pela sua particularidade, a obra micro-histórica é bastante subjetiva e, em certo sentido, dependente de intuições e de uma incansável observação para ler nas entrelinhas. Mas uma vez lembrando Ginzburg<sup>25</sup>, é analisando processos judiciais da Inquisição que o autor remonta á vida de Menochio, o Moleiro. Nesse sentido, o ofício do historiador seria próximo à atividade do detetive e do médico, que, pelos indícios e pequenas provas, reconstrói um mundo de significação, no caso do detetive, o crime, no caso do médico, a doença. Porém, a liberdade de que se vale o historiador não deve prescindir de provas, muitas vezes somente vislumbradas na vida de protagonistas anônimos da história.

## **2.2 – A Biografia na reconstrução da História da Educação**

Chegando à questão da biografia, é interessante notar como a trajetória biográfica de uma personagem pode se confundir com a de um lugar ou de uma instituição, e como a abordagem biográfica torna-se excelente porta de entrada tanto para a história institucional como para uma área específica, como é o caso da História da Educação. O papel da biografia no desenvolvimento da historiografia não é fato recente, mas a que se notar um atual crescimento do gênero e, isso está relacionado com a renovação metodológica dos estudos de história, para os quais a biografia muito tem colaborado. Essa mudança de enfoque foi o reconhecimento de que a pesquisa biográfica representa, muitas vezes, um recurso metodológico gerador de inúmeras possibilidades para a reconstrução histórica e, em particular para a compreensão de determinados contextos, como é o caso da historiografia educacional local.

Elegendo a biografia como recurso metodológico de pesquisa, é possível dizer que a massificação e a perda de referenciais ideológicos e morais que marcam a sociedade contemporânea têm como contrapartida a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente. De acordo com Ângelo, a biografia é um “gênero que os editores do mundo

---

que razões elas crêm que fazem o que fazem". *Rever - Revista de Estudos da Religião*. PUC- SP. Nº 3 / 2001 / pp. 126-133.

<sup>25</sup> GINZBURG, Carlo. Op. Cit. Pag. 16.



inteiro derramam sem parar nas livrarias e que os livreiros expõem nos melhores pontos da loja exatamente porque há novos leitores à procura de novas biografias.”<sup>26</sup>

Essa atenção geral dos historiadores à biografia está relacionada com a crise do paradigma estruturalista que orientou uma porção significativa da historiografia a partir dos anos 60. De acordo com este estruturalismo, a história deveria, “antes de mais nada (...) identificar as estruturas e as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do discurso”. Em contrapartida, os historiadores atuais “quiseram restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais.”<sup>27</sup> Dentro desta nova realidade metodológica há um recuo da história quantitativa e serial e o avanço dos estudos de caso e da Micro-História.

Para Cezar, no século XIX e meados do século XX, a História buscava afirmação de sua cientificidade, por conta disso afastou-se da literatura. Com isso, aconteceu uma espécie de “proscrição da dimensão literária (...), mais precisamente, a tendência em negar a narratividade como modo adequado de exposição da escrita histórica.”<sup>28</sup> O retorno da biografia é um movimento internacional recente, mais recente ainda, na historiografia brasileira. É recente, quando se nota que nunca a historiografia brasileira produziu tantos ensaios, textos, artigos e livros sobre o assunto, evidenciando, além disso, uma empatia muito forte dos consumidores de livros pela história e sua produção literária como já dissemos anteriormente.

O fato de a biografia estar em “moda” não retira a sua importância como processo descobridor e elucidativo de muitas questões nas pesquisas historiográficas, principalmente, por direcionar seu enfoque ao homem e não às circunstâncias. Novamente, Cezar analisa que foi muito favorável à historiografia a aproximação com a literatura e que tal procedimento é uma característica marcante nas novas biografias produzidas por historiadores.<sup>29</sup> Segundo Levi, “a biografia constitui, com efeito, a passagem privilegiada

---

<sup>26</sup> ÂNGELO, Ivan. “Vida invadida: ‘A mulher calada’ critica biografias e biógrafos”, *Veja*, São Paulo, 13 set.1995, p. 127.

<sup>27</sup> CHARTIER, Roger. “A história hoje: dúvidas, desafios, propostas”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Cpdoc/FGV, vol. 7, nº 13, 1994, p. 97-113.

<sup>28</sup> CEZAR, Temístocles. “Considerações acerca do estatuto do texto histórico”, *História em Revista*. Pelotas, EdUFPel, nº 2. pág.26.

<sup>29</sup> Id. *Ibid.*

pela qual os questionamentos e as técnicas próprios à literatura se colocam para a historiografia.”<sup>30</sup> No mesmo sentido, Jacques Le Goff, afirma: “a biografia histórica deve se fazer, ao menos em um certo grau, relato, narração de uma vida, ela se articula em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos (...).”<sup>31</sup>

Mas se a narrativa é um ponto marcante na biografia, e a ela está associada à literatura, o historiador não pode ter a liberdade que um jornalista ou outros profissionais interessados no tema possuem, possibilitando que a invenção se associe ao processo de escrever. O historiador tem um compromisso com sujeitos históricos, que existiram na realidade e que chegam até nós através de documentos, entrevistas, etc. O historiador francês Jean Orioux, biógrafo de Voltaire, La Fontaine, Talleyrand e Bussy-Rabutin, corrobora com esta idéia: “(...) por maior que seja a capacidade criativa do romancista, os seus personagens nasceram dele, só podem existir graças a ele, são, por mais que se queira fictícios. Pelo contrário, eu sei, e não sou o único a sabê-lo (...), que Talleyrand existiu, sem qualquer sombra de dúvida, em carne e osso, e os textos, que o evocam e entre cujas linhas descubro o seu rosto e as suas manigâncias, esses textos - dizia eu, não são letra morta, a vida corre e palpita através destes testemunhos.”<sup>32</sup>

Enquanto jornalistas e romancistas, no seu processo de criação, são descompromissados em relação às fontes e a coleta de material não respeita um procedimento metodológico-científico, o historiador eleva ao pedestal mais alto as referências históricas, como se aferisse ao seu escrito à identidade verdadeira. Mesmo assim, na atualidade, as biografias escritas por historiadores não se esgotam em si mesmas, mas servem para revelar dimensões de certos problemas de pesquisa não perceptíveis através de enfoques macroscópicos.

### 2.2.1 – O gênero biográfico na produção historiográfica atual

<sup>30</sup> LEVI, Giovanni. “Les usages de la biographie”, *Annales, ESC*. Paris, Armand Colin, 44 année, n° 6, nov.-dec. 1989, pág. 1325/1336.

<sup>31</sup> LE GOFF, Jacques. “Comment écrire une biographie historique aujourd’hui?”, *Lê Débat*, n. 54, mars-avril 1989, pág. 87.

<sup>32</sup> ORIEUX, Jean. “A arte do biógrafo”, em DUBY, Georges e outros, *História e nova história*. Lisboa, Teorema, 1986. pág. 39/40.

A grande questão da biografia na historiografia no mundo contemporâneo, é a escolha dos personagens biografados, não seriam apenas, como outrora, os “grandes homens”, mas, também, as pessoas comuns, ressaltando a importância de se estender o conceito histórico de indivíduo às classes mais baixas, “alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo - e justamente por isso representativo - pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico (...).” Trabalhos como o do próprio Ginzburg sobre o moleiro Menocchio, ou o de Natalie Davis sobre Martin Guerre, alcançaram grande repercussão entre os historiadores por desfazerem a idéia de que os membros dos grupos populares estavam “excluídos, por definição, de toda a biografia.”<sup>33</sup>

Outro ponto importante na produção historiográfica atual é o resgate de facetas diferenciadas dos personagens enfocados e não apenas, como nos trabalhos tradicionais, a vida pública e os feitos notáveis dos mesmos. Assim, emergem em seus textos, entre outros aspectos, os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a dimensão privada e o cotidiano. O que seria da pesquisa que ora empreendo se não pudesse tocar através das fontes documentais e orais as idéias, fantasias e aspirações de Dom Aureliano Matos, e assim, analisar melhor os diversos aspectos de sua vida? É investigando suas experiências vividas, na condição de homem, de padre, seus projetos, vitórias e fracassos que posso, de uma maneira culturalmente mais rica, entendê-lo. Como avalia Michel de Certeau, cada homem deve ser entendido como “um *locus* no qual uma incoerente e freqüentemente contraditória pluralidade de determinações relacionais interagem.”<sup>34</sup>

Um outro aspecto não menos importante da produção biográfica na historiografia atual seria a questão ética. Quantos, ao desenvolver uma biografia, foram considerados invasores da vida de seus personagens? Problemas que repercutiram nos meios de comunicação e colocaram em evidência o problema do direito de imagem previsto na Constituição, como foi o caso das filhas do jogador Garrincha, em relação à publicação de Ruy Castro do livro *Estrela Solitária*.<sup>35</sup> Portanto, além de qualidades

---

<sup>33</sup> VOVELLE, Michel. “De la biographie à l’étude de cas”, em *Problèmes et méthodes de la biographie. Actes du colloque*. Paris, Sorbonne, 3-4 mai. 1985. pág. 191.

<sup>34</sup> DE CERTEAU, Michel. *The practice of everyday life*. Berkeley/Los Angeles/Londres, University of California Press, 1984. pág. 11.

<sup>35</sup> VEJA. “O grito das herdeiras: as filhas de Garrincha tentam embargar uma biografia do craque, alegando que têm direitos sobre a imagem do pai”. São Paulo, 25 out. 1995, p. 111.

estilísticas, técnicas e historiográficas, uma biografia precisa ter ainda outro elemento que, pelo seu caráter subjetivo, pode ser sempre alvo de disputas e discussões: o respeito pela memória do biografado.

No caso desta pesquisa é a biografia que possibilitará uma visão do sujeito que ora investigamos e que, certamente, pela sua importância política, intelectual e eclesiástica centralizou em suas mãos a construção de um projeto para o futuro de uma região, projeto este, onde se percebe a sua presença como indivíduo de ação em todos os meandros de sua implementação e, que por isso mesmo deve ser mais bem estudado. Assim, o passo a passo desta pesquisa, recompondo a memória daquele período, não deixará desvanecer, perder-se no esquecimento, próprio da continuidade temporal, um fragmento importante da História da educação no Ceará, demonstrando que a biografia como fonte de pesquisa pode ser utilizada juntamente com as fontes documentais da história, tendo em vista a construção de uma memória mais democrática do passado.

### **2.3 História oral como recurso metodológico na produção do conhecimento histórico**

A contribuição da memória a partir da história oral para pesquisas em várias áreas não é fenômeno recente. Em muitos casos, o método da história oral é utilizado por pesquisadores sociais que não se consideram historiadores orais. Podemos exemplificar isso, na figura dos jornalistas, que podem estar escrevendo história, utilizam a história oral em seu trabalho, mas, não o consideram como parte de uma história oral. O papel da história oral é, na maioria dos casos, um suplemento às fontes existentes, recorrendo-se a ela para a proposição de novos problemas a serem considerados. Isso não diminui a importância da evidência oral, pelo contrário, o impacto de uma nova evidência oral na pesquisa historiográfica, fará emergir novas questões e, conseqüentemente, um novo olhar sobre o objeto de pesquisa.

Muitos são os exemplos em que a memória contextualizada na história oral se revela elucidadora e fornecedora de evidências através de entrevistas em relação aos documentos. É o caso contado por Thompson, quando trata da biografia social e industrial de Henry Ford, sua empresa e a indústria automobilística, escrita por Allan Nevins, onde

ele “demonstra como a evidência oral pode expor, com muito mais clareza do que documentos, os métodos de trabalho de um grande inovador.”<sup>36</sup>

De modo mais geral, as fontes orais dadas pelos testemunhos das pessoas comuns, que trabalharam nas mais variadas atividades profissionais, construindo paredes, calçamentando ruas, colocando telhados, abrindo estradas, ornamentando e cuidando de jardins, policiando as noites, ensinando a ler e escrever, pouco ou nada contribuíram para a materialização da documentação escrita, em muitos casos da historiografia existente. Esse processo atualmente vem se modificando e colocando a evidência oral como método de estudo adequado, principalmente, onde os registros escritos são inadequados e, frequentemente, incompreensíveis, quando as informações oferecidas são demasiadamente técnicas e versam sobre normas gerais, às vezes não permitindo uma leitura das particularidades inseridas naquele período.

A produção de depoimentos, utilizando-se a História Oral como metodologia é um caminho extremamente rico para poder desvendar questões, abrir novas problemáticas. Vale salientar, contudo, que, durante muito tempo, os historiadores tiveram um preconceito muito grande em relação ao que se convencionou chamar de História Oral. Até mesmo muitos adeptos da História Oral, lidam com ela como se seu papel fosse somente colher depoimentos, vendo-os como resultado final dos seus trabalhos.

Na presente pesquisa, a história oral como metodologia possibilita “estabelecer e ordenar procedimentos de trabalho”<sup>37</sup>, ampliar, no meu caso, minhas fontes de pesquisa e me indicar sobre como devo proceder e transcrever os mais variados tipos de entrevistas e a reconhecer a relação de causa e efeito que cada uma delas terá no âmbito da pesquisa. Mas, história oral não consiste somente em entrevistar, gravar e transcrever os depoimentos; é preciso um roteiro articulado às hipóteses do meu trabalho. À história oral se produz com uma metodologia para produção de uma fonte. Quando se realiza uma entrevista, esta não é a história elaborada, produzida pelos historiadores, é apenas uma fonte que você vai usar para edificar um conhecimento histórico político, analítico e interpretativo.

---

<sup>36</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do Passado – História Oral*. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro. 3ª Ed. Pág. 107.

<sup>37</sup> AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos & abusos da história Oral*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. Capítulo de Apresentação. Pág. XI.

Diante desta nova perspectiva metodológica da história, a relação dos homens com a memória se modifica. As imagens antes mudas, as vozes caladas, as lembranças e os testemunhos orais ganham ânimo e fundamentam o que chamamos de História Oral. Seu maior mérito, segundo Thompson, está em consolidar a idéia de que, “quem dela se utiliza para registrar as evidências, também se conscientiza de que qualquer atividade está, irremediavelmente, inserida num contexto social.”<sup>38</sup> A História Oral flexibilizou as fontes, multiplicou os pontos de vista, permitiu registros mais democráticos e, porque não, mais justos, uma vez que libera a convocação de depoentes. Com certeza, contribui com uma construção histórica mais próxima possível das verdades humanas.

Trabalhar com História Oral pode também fazer vir à tona o que ainda não havia sido registrado ou que foi, muitas vezes, expurgado dos depósitos de memória: arquivos, armários e estantes. Em particular, a pesquisa em educação requer uma busca criteriosa de evidências, para não cairmos nas armadilhas das fontes oficiais e apenas reproduzir o que desejaram nos passar. O pesquisador não pode se contentar em apenas preencher as lacunas deixadas pelos manipuladores da memória. Assim, na investigação, aqui apresentada, nos preocupamos com o recuperar memórias, reacender utopias, caminhos ainda não experimentados, fracassos, silêncios, formas de resistências. Por isso, se coloca a necessidade de ouvir os sujeitos envolvidos no processo educacional, captar suas experiências e perceber melhor as problemáticas, estabelecer a interlocução de fontes e abrir um campo de possibilidades.

Nossa proposta no presente estudo é buscar compreender, muito mais do que explicar. Para tanto construímos narrativas a partir dos registros orais das vozes, principalmente de padres, alunos e professores. Buscamos inspiração na arte da narração de W. Benjamin: “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.”<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Id. Ibid. pág. 143.

<sup>39</sup> BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 197-198.

Para o autor, a ausência de narradores parece indicar que “o avanço do progresso técnico faz desaparecer a cada dia a arte de narrar.”<sup>40</sup> A História Oral, enquanto método de investigação, possibilita a recuperação da narração, possibilita o ato de rememorar, de promover o encontro entre os sujeitos para compartilhar experiências e divulgá-las em forma oral e escrita. Para Fonseca “(...) as narrativas orais não são apenas fontes de informações para o esclarecimento de problemas do passado, ou um recurso para preencher lacunas da documentação escrita. Aqui, ganham relevância as vivências e as representações individuais. As experiências dos homens, constitutivas de suas trajetórias, são rememoradas, reconstruídas e registradas a partir do encontro de dois sujeitos: historiador e entrevistado. A história oral (...) constitui uma possibilidade de transmissão da experiência via narrativas.”<sup>41</sup> Para Thompson,

“(...) a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história a distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções de experiências e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.”<sup>42</sup>

Não obstante, a história oral será a forma de evidenciar que nem tudo foi escrito, que nem tudo foi lembrado, que existe sempre algo mais, que complementa e dar maior sentido as coisas, principalmente se a pesquisa se desenrola sobre um tema da história ainda bem presente na memória das pessoas. Do mesmo modo, pode acontecer que através das entrevistas o que era tido como certo e verdadeiro pelos documentos, possa entrar num jogo de dúvida e/ou negação. Sem dúvida é esse processo que constrói a história.

“Contudo, a história oral – no que tem de melhor – exige que reconheçamos e negociemos esses dilemas e que ponderemos as conseqüências pessoais e políticas da pesquisa histórica. Tais negociações podem ser desafiantes e até

---

<sup>40</sup> Id. Ibid. pág. 198.

<sup>41</sup> FONSECA, Selva Guimarães. Ser Professor no Brasil: História Oral de Vida. Campinas: Papyrus, 1997. pág.39

<sup>42</sup> THOMPSON, Paul, op. cit. Pág.137.

dolorosas, mas, para mim, são compensadoras e meu espírito se eleva quando um aluno volta de sua primeira entrevista arrebatado pelo contato com a história viva, quando a filha de um entrevistado telefona para dizer quanto seu pai apreciou a oportunidade de voltar os olhos para seu passado, ou quando uma nova publicação de história oral destrói mais um mito, ou rompe mais um silêncio.”<sup>43</sup>

Para que a história oral venha a contribuir sobremodo com a pesquisa, é necessário objetividade e clareza com as perguntas, e principalmente, um conhecimento prévio sobre o entrevistado, sua condição de vida, seu nível intelectual, sua idade, etc., pressupostos que podem auxiliar o entrevistador e facilitar o engajamento de quem pergunta e de quem responde. Slim e Thompson concluem que é fundamental ter em mente estas diferentes dimensões conceituais e culturais das entrevistas e da informação histórica:

“Uma parte vital de qualquer preparativo para um projeto de testemunho oral é obter informações sobre o que o antropólogo britânico Charles Briggs descreve como “repertório comunicativo” das pessoas: suas formas particulares, seus eventos especiais, suas categorias de fala e seus tabus. A regra mais fundamental é ter sensibilidade para com os modos habituais de fala e comunicação e permitir que as pessoas falem segundo seus próprios termos.”<sup>44</sup>

Os historiadores orais devem utilizar estratégias em suas entrevistas. Conhecer o terreno onde estão pisando, isso favorecerá o desempenho almejado e resultará num entendimento de melhor qualidade. É também de grande importância a preparação das perguntas, conversar um pouco com o entrevistado antes dos questionamentos, a necessidade de fazer uma ligação entre ele e o tema da pesquisa pode demandar algum tempo e é necessário disciplina e paciência. Às vezes, ouvir e fazer perguntas abertas é o melhor início de uma boa entrevista. Sempre não esquecer que a presença do gravador deve ser minimizada, evitando com isso o problema da timidez. Enfim, o entrevistador precisa estar constantemente alerta para perceber qual a boa prática de entrevista em culturas e circunstâncias particulares.

---

<sup>43</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. FERNANDES, Tânia Maria. ALBERTI, Verena (orgs.) História Oral – desafios para o século XXI. Ver THOMPSON, Alistair. Aos Cinquenta anos: uma perspectiva internacional da História Oral. FIOCRUZ, 1998. p.61.

<sup>44</sup> Id. *ibid.* p. 50.



Mesmo diante de toda a defesa responsável que se faz a história oral, é pertinente ressaltar, que na pesquisa que ora empreendo outra fonte de pesquisa tem em si um grande potencial para análise: as fontes escritas. O que determina a importância das fontes orais é na verdade, a possibilidade de uma dimensão mais ampla de se conseguir algo mais penetrante, mais “humano”, principalmente pela proximidade temporal entre o período escolhido para a pesquisa (1938 a 1968) e o tempo presente. Desta forma, a história oral contribuiria segundo Jucá “(...) como uma maneira de dar voz aos que por algum motivo não têm uma história contada.”<sup>45</sup> Diante do exposto, é determinante frisar que nesta pesquisa, uma fonte não exclui a outra e nem se torna parâmetro absoluto para constituir o cenário da história. Há uma relação de contribuição e reconhecimento de cada uma como metodologia e de alternativa ou complemento a outra. Prins deixa bem claro esta relação,

“(...) a questão é o que o relacionamento entre as fontes escritas e orais não é aquela da prima – dona e de sua substituta na ópera: quando a estrela não pode cantar, aparece a substituta: quanto a escrita falha, a tradição sobe ao palco, isto está errado. As fontes orais corrigem as outras perspectivas, assim como as outras perspectivas as corrigem.”<sup>46</sup>

Nesta pesquisa não há o propósito de restringir as discussões teóricas à pergunta sobre o valor desta ou daquela metodologia no trabalho de pesquisa, mas de construir através de uma visão mais ampla do objeto de pesquisa, um enfoque capaz de contribuir para a ampliação dos estudos dedicados à história da educação, especialmente, quando os documentos oficiais não conseguem ultrapassar os limites da estrutura política, administrativa e episcopal vigente. Neste caso, com vistas a uma compreensão mais ampla do fenômeno educativo, a partir do reconhecimento acerca da importância da subjetividade, propondo uma opção de modelo interpretativo da realidade que possa estabelecer novos parâmetros de se trabalhar história.

### **3 - Desafios Metodológicos**

<sup>45</sup> JUCÁ, gisafran Nazareno Mota. A Oralidade dos velhos na Polifonia urbana. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003. pág. 54.

<sup>46</sup> PRINS, Gwyn. História Oral in BURKE, Peter. A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. pág.166.

A história da criação da diocese do Vale do Jaguaribe e a ação educacional de seu primeiro bispo, Dom Aureliano Matos, é tema de nossa pesquisa que tem a pretensão de recompor um fragmento que considero muito importante na história da educação no Ceará, focalizando os acontecimentos sob a ótica de uma micro-história<sup>47</sup>, dentro de um contexto mais amplo, contribuindo para elucidar fatos pouco pesquisados ou ainda por registrar. Assim, o palco ou melhor dizendo, o espaço desta pesquisa é o município de Limoeiro do Norte, localizado no Vale do Jaguaribe, precisamente no Baixo Jaguaribe no Estado do Ceará, dentro de uma dinâmica histórica, política, social e cultural que se desenrolou, a partir da concepção de um projeto de educação, marcado pela participação política e educacional da Igreja.

Sendo assim, resolvi trabalhar a partir de uma perspectiva de história local, sabendo que, como observou Thompson, “por meio da história local, uma aldeia ou uma cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história.”<sup>48</sup> O foco da minha pesquisa é a criação da diocese no Vale do Jaguaribe, mais precisamente a cidade de Limoeiro do Norte, região pouco conhecida nesse imenso território brasileiro, mas, que como poucas, foi palco de uma experiência de grande importância, o desenvolvimento de um projeto educacional, impulsionado pela Igreja Católica, que através dessa ação, tornou esta cidade, referência em educação em toda a região jaguaribana.

Essa experiência foi marcante para a história da região, porque dela participaram leigos, religiosas, padres, elite local e regional e pessoas comuns que ganharam a dimensão de sujeitos da história participando de um projeto instituído numa cidade do interior, pela Igreja local, chefiada pelo bispo diocesano Dom Aureliano Matos, que exercia grande influência nos meios políticos e na sociedade no âmbito regional. É também nossa preocupação integrar perspectivas locais, próprias da micro-história, com

---

<sup>47</sup> Para Giovanni Levi, “A micro-história como prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e um estudo intensivo do material documental. Essa definição já suscita ambigüidades: não é simplesmente uma questão de chamar a atenção para as causas e os efeitos do fato, de dimensões diferentes coexistirem em cada sistema social; em outras palavras, o problema de descrever vastas estruturas sociais complexas, sem perder a visão da escala do espaço social de cada indivíduo, e a partir daí, do povo e de sua situação na vida.” LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In.: BURKE. Peter(org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p.136.

<sup>48</sup> THOMPSON, Paul, op. cit. Pág. 21.

perspetivas mais amplas, num cenário estadual, nacional e internacional, procurando elos, relações e explicações entre dimensões diversas da história. Não esquecendo que esta é a história de muitos, de pessoas que entendiam o momento que viviam e a dimensão histórica do projeto que visava levar a educação como fundamento maior para o desenvolvimento da região.

Assim, para atingir o objetivo geral desta pesquisa, o de recompor e analisar a história da criação da diocese do Vale do Jaguaribe e a ação educacional de seu primeiro Bispo Dom Aureliano Matos, em Limoeiro do Norte, fiz um percurso na história da Igreja Católica no Ceará, notadamente a partir da Administração de Dom Manuel da Silva Gomes, primeiro arcebispo do Ceará e o seu projeto de descentralização espacial, com a criação de dioceses em Crato, Sobral e Limoeiro do Norte. Nesta perspectiva, busquei trabalhar com uma literatura historiográfica de teor local, em especial, os estudos de Josênio Camelo Parente, publicados em 1999 e 2000, por considerar o autor um observador atento às diretrizes da Igreja Católica no Ceará e sua relação com a política estadual.

No que se refere à documentação escrita utilizada na pesquisa, fui buscá-la nos arquivos da diocese em Limoeiro do Norte, localizado no antigo Palácio do Bispo, no Seminário Diocesano, na Arquidiocese de Fortaleza – Seminário da Prainha e em algumas produções literárias e memorialistas de filhos deste município que se preocuparam em produzir obras que analisavam a história de Limoeiro do Norte, sem, contudo, priorizar a história da educação naquele município e na região do Vale do Jaguaribe, que são os fios norteadores desta pesquisa. Entre eles, destacamos o livro ‘Na Ribeira do Rio das Onças’ do Professor Lauro de Oliveira Lima, publicado em 1997, ‘O Limoeiro da Igreja – A história de Limoeiro do Norte a partir de seus párocos’, do Monsenhor João Olímpio Castelo Branco, atual Vigário Geral da Diocese, sem data de publicação; ‘A Antiga freguesia do Limoeiro – Notas para a sua História’, de Dom Pompeu Bezerra Bessa, publicado em 1998 e o mais importante entre eles, ‘O Limoeiro de Dom Aureliano Matos’, de Antonio Nunes Malveira, professor do Colégio Pedro II, publicado na cidade do Rio de Janeiro, em 1998, em comemoração ao centenário da cidade de Limoeiro do Norte e que centraliza suas discussões nas correspondências que o autor permanentemente mantinha com alguns filhos ilustres da cidade como o Padre Misael Alves de Sousa, que foi uma das

peças mais próximas de Dom Aureliano Matos e primeiro Diretor da FAFIDAM, e, com o terceiro bispo Dom Pompeu Bezerra Bessa, além, de analisar o poder da Igreja Católica em Limoeiro do Norte, antes e depois de Dom Aureliano Matos.

Um fato marcante nesta pesquisa e indispensável para que tivesse impulso foi a descoberta na Secretaria Geral do bispado de documentos escritos por Dom Aureliano Matos, como é o caso das Cartas Pastorais e correspondências com outros bispos, padres e políticos do Estado. Importante é destacar também, a boa vontade daqueles que foram entrevistados e contribuíram, enormemente para que pudéssemos ter uma maior clareza dos fatos que ora revisitamos.

Antes de prosseguirmos, duas advertências se fazem necessárias: a) alguém poderia achar que se trata aqui de contribuir para a formação de um mito em torno da figura de Dom Aureliano Matos, o que não é a minha intenção. Ao contrário disso, o que se tentará o tempo todo é abordar o sujeito na sua dimensão histórica; b) essa busca pelo homem histórico, e não pelo mito, não pode, no entanto, suprimir ou ofuscar os fatos que são tão insistentemente narrados, nos quais está sempre presente e da ênfase ao caráter excepcional daquele protagonista. É sobre essas evidências que nos debruçaremos na pesquisa biográfica do primeiro bispo de Limoeiro do Norte, considerando a biografia fonte de pesquisa que poderá permitir compreender o alcance humano de um ponto de vista, mediado pelas imposições e possibilidades de seu poder eclesiástico.

Um outro ponto determinante e privilegiado na pesquisa é relacionar e discutir dentro da historiografia consultada, as teorias que darão suporte a esse empreendimento, bem como analisar categorias que possam enriquecer o objeto em estudo. Trata-se de um estudo da instituição religiosa em foco, no caso a Igreja Católica, a partir de sua ação na Diocese em Limoeiro do Norte, tendo por base uma interpretação não destituída de senso crítico, em que procurei analisar também, as correlações entre Igreja e Estado, sociedade e política, buscando um melhor entendimento dessa realidade.

Além do estudo da instituição Igreja Católica, foi necessário, como se se desenvolviam as políticas educacionais do Estado e da Igreja, visando, através do ensino, qualificar a população, principalmente os mais jovens. Em termos efetivos, foi preciso

entender como se desenvolveu a estrutura educacional da Igreja, sempre paralela a do Estado e, buscando esclarecer de onde proviam os recursos necessários para a construção e manutenção dessa mesma estrutura.

Portanto, a trajetória que busquei nesta pesquisa considera Dom Aureliano Matos, e os seus contemporâneos padres, religiosas e pessoas comuns, como sujeitos da história e coloca em pauta questões relativas à micro-história, história escrita, história oral, biografia e história de vida. Vale destacar que o período focado envolve um tempo ainda muito recente (1938 – 1968) e presente na memória das pessoas que viveram e ainda vivem naquela região. A respeito disso, Chartier preconiza que “(...) a pequena distância temporal, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um melhor entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história.”<sup>49</sup> Para Eric Hobsbawm, “(...) quando escrevemos sobre o nosso próprio tempo é inevitável que a experiência pessoal desses tempos modelem a maneira como os vemos, e até a maneira como avaliamos a evidência à qual nós, não obstante nossas opiniões devemos recorrer e apresentar.”<sup>50</sup>

É evidente também, que, mesmo em se tratando de questões contemporâneas, estas suscitam problemas históricos que precisam ser pesquisados, sem limitar-se apenas aos fatos mais próximos ou contemporâneos ao historiador. É preciso buscar vestígios a serem, por exemplo, acrescentados à memória de depoentes, registros de acontecimentos por eles narrados, e fazer relações, encontrar laços e compartilhamentos que auxiliem no desenvolvimento da pesquisa e na construção da memória. É novamente Chartier, quando analisa a história do tempo presente, que considera

(...) essa história inventou um grande tema, agora compartilhado por todos os historiadores, seja qual for o período de sua predileção: o estudo da presença incorporada do passado no presente das sociedades e, logo, na configuração social das classes, dos grupos e das comunidades que as constituem. Os numerosos trabalhos dedicados às modalidades de construção, de institucionalização e de expressão da, ou melhor, das memórias contemporâneas foram decisivos para o início de novas pesquisas que, em todos os períodos

---

<sup>49</sup> CHARTIER, Roger. **A visão do historiador modernista**. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaina (org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.217.

<sup>50</sup> HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 245.

históricos, tentam identificar, além do mero discurso histórico, as formas múltiplas e possivelmente conflitantes de rememoração e utilização do passado.<sup>51</sup>

Vejo, portanto, que a minha pesquisa não carece de fontes, pois o que não faltou foram documentos, imagens, experiências, representações mentais e leituras de uma realidade próxima. Segundo Hobsbawm, “o problema fundamental para o historiador contemporâneo em nosso tempo infinitamente burocratizado, documentado e inquiridor é mais um excesso incontável de fontes primárias do que uma escassez das mesmas. (...) Inadequação de fontes é a última coisa de que podemos nos queixar.”<sup>52</sup>

Organizei a tese em três capítulos. No primeiro, tratei de recompor a biografia de Dom Aureliano Matos, sua trajetória de vida, a partir do seu nascimento em Itapagé, no Ceará, os anos de infância e juventude, a descoberta da vocação sacerdotal. Seus estudos no Seminário da Prainha, sua amizade com Dom Manuel da Silva Gomes, estrategista político, ponto de irradiação dos valores conservadores da Igreja. Ele será bispo pelas mãos de Dom Manuel e fará parte de uma equipe de administradores da alta cúpula da Igreja no Ceará, entre eles Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, da diocese do Crato, Dom José Tupinambá da Frota em Sobral, e, ele próprio à frente da então recém criada diocese do Vale do Jaguaribe.

Sua administração diocesana, a realidade do mundo que o cercava. A influência do liberalismo, preconizado pelo racionalismo, discussão presente na Encíclica *Rerum Novarum*<sup>53</sup> de Leão XIII, onde a Igreja Católica assumia uma postura em defesa de uma melhor condição social humana, principalmente dos operários, onde esta condição poderia existir, dentro de um mundo cristão e, em contraposição a ideologia comunista.

Igreja, também, que, também, nesta época, fundamentava cada vez mais uma política centralizadora de suas decisões na Santa Sé, processo que se desencadeava pela necessidade de se estabelecer, segundo Roma, uma nova forma de atuação dos cristãos, ampliando sua influência sobre as diferentes esferas da sociedade. Sua atuação no

---

<sup>51</sup> CHARTIER. Roger. Op. Cit., p. 216.

<sup>52</sup> HOBSBAWM, Eric. Op. Cit., p. 254.

<sup>53</sup> LEÃO XIII, PAPA. Carta Encíclica sobre a condição dos operários. 15 de maio de 1891. encíclicas - [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/encyclicals/index.htm](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/index.htm)

movimento Integralista, na LEC – Liga Eleitoral Católica e seu encontro no final da vida, com o Concílio Vaticano II, centrado mais diretamente e fortemente no combate às injustiças sociais e na opção preferencial pelos pobres. Sua postura diante da mudança na liturgia e nos sacramentos.

As idéias do Concílio tiveram grande repercussão no bispado de Dom Aureliano, exigindo dele um novo discurso e uma modernização da instituição de que ele participava, mas, que, como ele mesmo dizia, não pretendia fazê-lo e, nem tinha mais tempo, nem saúde para enfrentar tarefa tão árdua. Obedeceria ao Concílio e encaminharia as decisões do Vaticano aos seus padres e religiosas, mesmo não concordando com essa nova política doutrinária. Monsenhor João Olímpio, que foi juntamente com Padre Pitombeira, os primeiros padres a usarem, no dia-a-dia calças e, somente batina nas cerimônias litúrgicas, conta o seguinte episódio

“Pitombeira e eu fomos visitar Dom Aureliano que estava enfermo, estávamos de calças. Ele nos olhou e disse que não poderia também usufruir daquele benefício, pois usava batina, também, para esconder as péssimas condições de suas roupas. Notei sua contestação, mas ficou evidente sua nobreza de espírito em acatar as decisões da Cúria Romana.<sup>54</sup>

Neste Capítulo, também, descrevi, a realidade instrucional de Limoeiro do Norte, as deficiências encontradas por Dom Aureliano Matos, quando da sua chegada. As narrativas de Padre Jair e do Professor Malveira, ricas no relatar de uma problemática no campo da instrução, não muito diferente de outras cidades do estado do Ceará, por que não dizer do interior do país. Trato do número de escolas, os mestres, o processo de ensino-aprendizagem daquela época, a postura dos alunos, a expectativa cruciante daqueles que queriam depois de alfabetizados continuarem seus estudos.

Esta realidade instrucional forçava muitos de seus filhos, principalmente, aqueles de famílias economicamente mais favorecidas, a um deslocamento para Fortaleza, Recife, Salvador, indo alguns até a capital do país, o Rio de Janeiro, para continuarem seus estudos. Voltavam como advogados e médicos, desejosos de progresso para sua terra natal. São esses filhos, que vendo na criação e instalação da diocese na sua cidade, a

---

<sup>54</sup> Entrevista concedida pelo Monsenhor João Olímpio. Op. cit.

possibilidade de aproximar Limoeiro do Norte do mundo, que iniciam a formulação de um plano capaz de suplantar as propostas de algumas cidades co-irmãs da região, plano que recebeu o apoio de todas as forças políticas do município, superando divergências locais, fato que lhes renderia o apoio do presidente da província e, fizeram vitoriosa a proposta de que fosse Limoeiro do Norte, a sede do Bispado junto a arquidiocese do Ceará.

Ainda no primeiro capítulo, questionamos porque uma diocese era algo tão importante para uma cidade do interior, principalmente em um mundo onde o agnosticismo, o secularismo e o positivismo pareciam crescer e dominar o mundo. Qual era o projeto político da Igreja Católica naquele momento? Uma Igreja que tinha perdido o caráter de religião oficial, e, necessitava dar ênfase à sua participação na sociedade, especialmente junto à classe dirigente. Nessa ótica, analisaremos as ações de Dom Manuel da Silva Gomes, articulador desse novo projeto de Igreja no Ceará. “Sua administração será marcada pelo centralismo das decisões e pela descentralização espacial.”<sup>55</sup>

Dentro dessa descentralização espacial surgiram primeiramente as dioceses do Crato e Sobral, dioceses que ampliaram o potencial econômico e político da Igreja, com a criação de bancos, hospitais, patronatos, palácios episcopais, escolas profissionais e ginásios, orfanatos e seminários. Obras que irradiaram o progresso nos centros econômicos e políticos de maior importância do Ceará. Dentro dessa perspectiva de arrojo desenvolvimentista, quem não iria se motivar para ser sede de uma nova diocese? Fato que irá se desenrolar em 1938, 24 anos depois da criação das duas primeiras dioceses e terá como região escolhida o Vale do Jaguaribe.

Termino o capítulo com a ação política que possibilitou a criação da diocese, fazendo uma análise histórica dos acontecimentos que propiciaram a construção de um ideal que motivou a classe dirigente de Limoeiro do Norte em disputar na esfera regional a instalação da diocese. Acontecimentos importantes e decisivos que vieram antes das ações educacionais do bispado, mas, que são importantes no recompor de uma trajetória que objetivava o encontro de uma sociedade agrícola e rural, com a possibilidade de progresso centralizado e coordenado não pelo estado, mas pela ação evangelizadora da Igreja Católica na condução de um projeto para a sociedade civil cearense.

---

<sup>55</sup> PARENTE, Francisco Josênio Camelo. A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses. Edições UFC/Edições UVA, 2000. pág. 90.



No segundo capítulo, fiz uma análise sobre as cartas pastorais de Dom Aureliano Matos que refletem, antes de tudo, o pastor e suas preocupações. A carta pastoral é um documento escrito pelo bispo, é dirigida ao clero e/ou aos fiéis de sua diocese, dando-lhes orientação doutrinária, religiosa e moral. Dom Aureliano Matos durante seu episcopado escreveu seis cartas pastorais, documentos que sabíamos existir, mas, havia dificuldade em encontrá-las, no início, o que explicaria certamente a pouca ou quase nenhuma pesquisa realizada sobre assuntos que tivessem como fonte tais documentos. Mas, no curso desta investigação, achamo-las na Secretaria do Palácio Episcopal, junto a outros documentos, como circulares, certidões, cartas, documentos da época do primeiro bispo e que me foram cedidos por Dom José, atual bispo de Limoeiro do Norte, com a autorização de que as copiássemos.

Em contato com tão importante documentação, que versava sobre a visão de um administrador eclesiástico, que durante 27 anos, esteve à frente da Diocese do Vale do Jaguaribe, tendo sido o seu primeiro bispo, sabia eu, que suas cartas pastorais eram mais que aconselhamentos ao seu clero e fiéis. Havia ali o encaminhamento de um projeto de revitalização da vida cristã, a preocupação do guardião da fé, que não esmorecia no seu empreendimento cotidiano de refletir sobre a “moral e os bons costumes”, sobre a família, a criança, a juventude, o patriotismo em tempos de guerra, o amor ao trabalho e a humildade.

À medida que a sua doutrina se difunde, percebe-se claramente, a postura da Igreja de Roma e sua ação conservadora, Igreja que abominava as idéias de um mundo onde quem agora dominava era o homem e o seu projeto de progresso para a humanidade. O que faltava então segundo a visão do Bispo era Cristo. Cristo como mentor de uma sociedade presente e futura. Era então ele, na região jaguaribana, o responsável em propagar esta nova sociedade. Sua Igreja deveria caminhar para concentrar as estruturas que viabilizassem tamanho empreendimento.

Empreendimento que criasse alternativas nas iniciativas educacionais a instrução laica e que servisse aos interesses da Igreja na formação de uma elite local defensora dos ideais cristãos. Portanto, neste capítulo, serão analisadas as intenções de Dom Aureliano Matos como sujeito da história, trata-se do homem sendo analisado pela

sua escrita, mas também pela ação proveniente daquilo que foi escrito o que me permitiu proceder, à análise do seu discurso e ação, esta última, como desdobramento da pesquisa.

Outro parâmetro de análise neste capítulo é ver Dom Aureliano Matos como bispo de uma diocese, criada como resultado de um processo de descentralização da hierarquia eclesiástica da Igreja Católica, destacando a relação com as autoridades políticas da região jaguaribana e do Estado do Ceará, como também, sua relação com o arcebispo do Ceará e o Papa, seu mandatário maior, revelando como foi operacionalizada pelo bispo a orientação recebida do Vaticano, como agente internacional de uma política mundial da fé cristã.

O terceiro capítulo versa sobre os efeitos da ação da Igreja na região jaguaribana, a concentração dos projetos educacionais e sociais em Limoeiro do Norte, a instalação do Ginásio Diocesano, do Patronato, o Liceu de Artes e Ofícios, o Seminário, a Rádio Educadora e as escolas radiofônicas. tudo isso se processou a partir da vontade do bispo, acordada e auxiliada pela elite local, que sempre respondia positivamente aos anseios do prelado, mobilizando a sociedade para apoiar tais empreendimentos que sempre se iniciavam com doações financeiras das famílias mais abastadas, preocupadas com o futuro educacional de seus filhos. Era preciso dotar a cidade do ensino secundário, e lógico, havia certa facilidade econômica derivada da extração da cera de carnaúba, fonte viabilizadora, inicialmente, da maioria dos projetos educacionais daquela época na região.

Outro ponto importante deste capítulo é ressaltar que a laicização do Estado brasileiro fez a Igreja Católica deixar de receber auxílios pecuniários do governo o que a fez buscar recursos financeiros próprios. A criação de escolas católicas secundárias masculinas e femininas, além de beneficiar os filhos da elite local, promoveria a arrecadação de recursos permanentes, obtendo sucesso numa política educacional de caráter elitista, que beneficiava os grupos dirigentes e a Igreja com uma nova fonte financeira.

Não obstante o processo acima haver se processado em muitos lugares no Brasil, A Igreja Católica no Vale do Jaguaribe também operou em nome das camadas sociais menos favorecidas, como mostra o caso, em Limoeiro do Norte, do Liceu de Artes

e Ofícios, entendendo que tal empreitada deva ser encarada, naquele período histórico, dentro de um prisma contraditório, pois tais projetos eram apoiados pelos liberais e conservadores, que consideravam o ensino para o trabalho uma medida pedagógica, política, social e sanitária, onde se pretendia reeducar a criança pobre para que seu comportamento se adequasse à imagem de um país civilizado,<sup>56</sup> o projeto do Liceu de Artes e Ofícios em Limoeiro do Norte fará parte deste discurso acima assinalado e, por isso, também, terá o apoio da elite local, desejosa de que os resultados oriundos desta ação pedagógica viessem em seu benefício futuro.

Finalmente, analiso os efeitos da ação da Igreja, mormente no campo educativo, que geraram um patrimônio de idéias, de projetos e de experiências mobilizadoras em Limoeiro do Norte, que são importantes acontecimentos para a História da Educação no Ceará. Fazer a releitura destas experiências educativas, neste capítulo, consiste em tentar compreender que as mudanças ali ocorridas, foram efetivadas por pessoas e alianças entre sujeitos da história, que juntas e articuladas promoveram as possibilidades de estruturação de um projeto educacional para o Vale do Jaguaribe.

---

<sup>56</sup> PONTE. Sebastião Rogério. Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860 – 1930). Fortaleza: Fund. Demócrito Rocha, 1993. pág.163.

## CAPÍTULO I

### 1.1 – A realidade instrucional da cidade de Limoeiro do Norte quando da criação do bispado.

A década de 30 do século passado, não é diferente das décadas iniciais do século XX, no âmbito da educação brasileira, com relação aos limites demográficos de acesso às instituições educacionais, aspecto que continuava sendo o mais marcante, principalmente, em se tratando de instituições de educação básica/elementar, o que era muito mais marcante no semi-árido nordestino, onde estava inserida a cidade de Limoeiro do Norte, assim como toda a região jaguaribana.

Contudo, naquela década, surgiram em Limoeiro do Norte os primeiros estabelecimentos públicos de educação, como resultado dos pactos políticos da elite local com o poder estadual e federal. Para a Professora Maria das Dores Vidal Freitas (Bazinha) este fato teria sido consequência do alinhamento do maior chefe político da região, Franklin Chaves, com a Liga Eleitoral Católica (LEC) e o movimento integralista no período de 1935 a 1937<sup>57</sup>, período áureo destes movimentos no Ceará.

“Movimento que congregara homens das fazendas, famílias urbanas, mulheres e crianças. A ideologia no Ceará era capitaneada pelos Srs. Jeovah Motta, Gustavo Barroso, Pe. Helder Câmara, Ubirajara Índio do Ceará, entre outros. Em Limoeiro, fundara o Núcleo e comandara ‘os camisas verdes’ o Sr. Franklin Chaves. Este, com as famílias Guerreiro, Pitombeira, Fidélis e ainda com a grande colaboração de sua irmã Judite Chaves, dos amigos João Nogueira Sobrinho, Luiz Mano, Mestre Zé Sombra, Napoleão Nunes Maia (entre outros), administraram o Núcleo Limoeirense, que chegara a contar com mais de 300 filiados.”<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal e OLIVEIRA, Maria Lenira. (Org) Limoeiro em Fotos e Fatos. Década de 30. 1997. pág. 89.

<sup>58</sup> Id. Ibid.



Reunião dos Integralistas em sua sede. “O Integralismo declarava os seus participantes verdadeiros heróis da Pátria, principalmente os chefes de família zelosos e honestos, os mestres, os humildes de todos os lares.” Transcrição do cartaz que está cima da bandeira. Da esquerda para a direita: 1) José Guerreiro Chaves; 2) Agnor Gurgel; 3) Não identificado; 4) Cazuzza Guerreiro Chaves; 5) Napoleão Nunes; 6) Judite Chaves Saraiva; 7) João Nogueira Sobrinho; 8) Filomena Ferreira Gomes; 9) Luís Pitombeira. Limoeiro do Norte, 1935. Extraído de FREITAS, Maria das Dores Vidal e OLIVEIRA, Maria Lenira. (Org) Limoeiro em Fotos e Fatos. Década de 30. 1997. A

Liga Eleitoral Católica (LEC) e o Movimento Integralista formaram no Ceará, nos anos 1930, uma poderosa força política. Figuras como Dom Manuel da Silva Gomes, Arcebispo do Ceará e o Presidente da Província Dr. Francisco Meneses Pimentel, manifestavam de público seu apoio aos candidatos listados pela aliança. Nesse processo, a força política regional que a ela aderisse, poderia usufruir dos benefícios que o poder político proporcionava.<sup>59</sup>

Foi assim, que esta aliança viabilizou a estruturação educacional básica em Limoeiro do Norte, havendo tudo acontecido em pequeno espaço de tempo. Para muitos, seria esta aliança associada a outros fatores de ordem da conveniência política, que fizeram de Limoeiro, a candidata perfeita para sediar a nova diocese do Vale do Jaguaribe.<sup>60</sup> O certo é que a estrutura educacional já vinha sendo organizada desde o início da dita década, desfrutando da ampliação de sua oferta no ensino primário e no âmbito do ensino normal,

<sup>59</sup> MONTENEGRO, Abelardo F. **História dos Partidos Políticos Cearenses**. Fortaleza-Ce, Instituto Cearense de Ciências Políticas, 1995, pág. 338.

<sup>60</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal e OLIVEIRA, Maria Lenira. (Org). op. cit. 89.

criado para formar as moças da região, a partir da instalação da Escola Rural Normal de Limoeiro do Norte, a primeira do Vale do Jaguaribe.

Mesmo assim, com todo esse início de crescimento em número de escolas que proporcionariam mais facilidade no acesso à educação formal, principalmente, em relação às crianças e moças, me preocupei em saber com exatidão quais as escolas particulares e públicas que existiam em Limoeiro do Norte, quando da instalação da diocese, para, a partir daí, analisar com mais clareza, o papel de Dom Aureliano Matos, como representante de um projeto para a educação desta região.

Para melhor analisar a época anterior a instalação da diocese, iniciei uma pesquisa para listar cidadãos do município que conhecessem o período, e, pudessem, com isso, esclarecer particularidades sobre a realidade instrucional de Limoeiro. Este procedimento foi importante, pois muitos documentos sobre a instalação de escolas, haviam sido destruídos nas periódicas cheias do Rio Jaguaribe. Portanto, as entrevistas eram vitais para catalogar dados que somente as fontes orais podiam guardar no caderno da memória.

Durante o transcorrer das entrevistas, me deparei com alguns entrevistados que possuíam documentos e anotações sobre o assunto principal desta pesquisa e sobre a realidade instrucional de Limoeiro naquela época. Entre elas, Monsenhor João Olímpio, atual vigário geral da cidade, o Padre Francisco de Assis Pitombeira, atual diretor do Colégio Diocesano - antigo Ginásio Diocesano Padre Anchieta - a Professora Maria das Dores Vidal Freitas, mais conhecida como Professora Bazinha, que publicou o Livro Limoeiro em Fotos & Fatos, o Professor Antonio Nunes Malveira e o ex-Padre Francisco Jay Gonçalves (Pe. Jair). Essas entrevistas estão inseridas na pesquisa de maneira mais adequada. Acrescento que por conta da alta relevância que dei às entrevistas do Padre Jair e do Professor Malveira, foram elas, que reproduzi na íntegra.

A entrevista com o ex-Padre Jair se deu em seu sítio nos arredores da Cidade de Limoeiro. Ao chegar na Jairlândia, como é mais conhecido o seu sítio, por volta das 16 horas, período em que o “ventinho do Aracati” começa a aliviar o calor da região,

deparei-me com o ex-Padre sentado em sua rede na varanda da casa, já preocupado com a minha demora, pois precisaria jantar às 18 horas como sempre fazia. Eu estava ansioso para ouvi-lo, por ser filho de Limoeiro do Norte, seminarista e ex-padre que estava casado, e, portanto, desligado dos serviços sacerdotais, estava confiante de que ele, por sua condição atual, poderia de maneira mais livre falar sobre a Igreja e sobre Dom Aureliano Matos, mas, principalmente sobre o tema da entrevista: a realidade instrucional de Limoeiro, quando da instalação da diocese. Quando estava preparando o gravador, ele me disse que o seu testemunho reportaria tão somente o período anterior à chegada do bispo a Limoeiro do Norte, com relação a fatos vividos por ele e pelos seus parentes e amigos, por considerar que não era correto falar de uma Igreja, onde trabalhou durante muito tempo, mesmo sendo por ela suspenso das ordens sacerdotais. Foi assim que tomei conhecimento da situação em que se encontrava Limoeiro do Norte naquele período.

### **O Relato de Padre Jair**

Para que você entenda as dificuldades da época é preciso lhe dizer como funcionavam as coisas, Era muito difícil, mesmo para os mais aquinhoados da sorte, manter um filho em colégio interno em outras regiões. A região jaguaribana era sujeita as secas e enchentes freqüentes, portanto, a renda dos coronéis, não lhes permitia uma despesa extra e fixa.

A lacuna educacional da cidade era preenchida por duas escolas particulares: a de José Afonso, no centro, na rua Coronel Serafim Chaves, escola mista, de um lado ficavam os meninos, e do outro, as meninas. O método do professor era rígido, a maneira medieval, pois à sua mesa não faltavam duas palmatórias, artisticamente trabalhadas. Uma de aroeira preta, denominada Graúna, destinada aos alunos mais rebeldes, e outra de cumaru, amarelada, reservada aos estudantes mais dóceis. Qualquer discípulo, que arranhasse as normas da escola, o velho professor chamava-o às falas, aplicando-lhe fortes bolos. Feliz daquele que levava apenas um cocorote. Fora disto, que afinal de contas, estava inserido no sistema pedagógico da época, o velho mestre, ensinou a ler, escrever e contar a várias gerações. No seu currículo escolar (programa) constavam as quatro operações, regras de três simples e composta, juros, o indispensável para os alunos seguirem a carreira comercial, ou senão, desempenharem as funções de caixeiro.

O velho Afonso era exigente na arte da caligrafia e na memorização da tabuada. O aluno com ele tinha que aprender qualquer coisa, e, se, por acaso, fracassasse na aprendizagem, dava margem a esta frase popular: "não desarnou com o velho, pode por-lhe uma cangalha, porque não passa de jumento". Durante as aulas o silêncio era total, parecia não voar um inseto. Aos sábados, havia o chamado argumento (sabatina) que consistia numa recapitulação da matéria lecionada, semanalmente: Português e Matemática, sobretudo. Nesse dia a palmatória funcionava, sem piedade, principalmente a Graúna, uma vez que cada resposta errada a fazia funcionar. Em se tratando de revisão de matemática, os alunos eram obrigados a saber a tabuada de cor e sem vacilação mental, já que não era permitido ficar meditando e refletindo na resposta, muito menos contar nos dedos.

Se, por qualquer motivo, o aluno demorasse a responder, ele passava a pergunta à frente, assim, sucessivamente, até que um outro mais adestrado encontrasse a solução.

O vitorioso aplicava bolos pesadíssimos nos vencidos, pois, se assim, não o fizesse, o velho professor executava a sentença e o vencedor seria o primeiro a sentir os rigores da palmatória. Na véspera da competição, expectativa cruciante para os alunos, principalmente para os de raciocínio lento, já que eram eles os que mais sofriam - eram os chamados rudes e que, além de serem surrados de bolo, serviam de divertimento aos colegas de raciocínio veloz. Na hora aprazada, o mestre chamava os alunos, pausadamente, determinando sua posição, e, no final, todos em pé à sua frente, em forma de semicírculo esperavam o início daquele duelo cujo silêncio se quebrava, somente pelo estalejar dos bolos. Quem passasse pela calçada, num relançar de olhos, perceberia o subir e descer da palmatória numa velocidade nervosa. Os vencedores sorriam interiormente, ao passo que os subjugados, trincavam os dentes, retesavam os músculos da face, contraíam os lábios, num esforço titânico, a fim de não morderem as lágrimas sofridas.

Mas essa era a escola da época, baseada na pedagogia da força, e os pais davam completo apoio àquele tipo de educação, da liberdade limitada. No entanto, a verdade é que a escola do mestre Afonso, apesar desses grilhões, próprios do tempo, prestou um grande benefício à juventude da época, e o Limoeiro muito deve ao seu labor profícuo. Era ele um mestre-escola austero, contudo probo e conceituado a quem os pais confiavam à educação dos filhos. Era comum dizer-se: "Fulano é adiantado, porque estudou muito com Zé Afonso, sabe até regra de três." Conheci-o já velhinho, cabelos cor de neve, porém, respeitado por todas as gerações que viam nele a figura do professor símbolo da cidade. Na sua escola estudou Lauro de Oliveira Lima, hoje filósofo da educação, e representante de



Piaget no Brasil. Ele leu e assimilou as idéias do pedagogo suíço, tirando conclusões próprias. Ali, também estudaram Napoleão Nunes Maia e Afonso Nunes Maia, aquele orador político, este, mais tarde, chegou à presidência da Câmara de Vereadores da cidade.

A outra escola particular, aliás, que também se tornou famosa, localizava-se no Bom Jesus, ao lado direito da ponte de quem entra na cidade e pertenceu à senhora Dona Tereza Guimarães Malveira, nascida em 14 de maio de 1858, falecida em 6 de janeiro de 1954. Enquanto viveu lecionou, levando a sério seus mistérios de educadora. Nessa escola estudaram quase todas as meninas cujos pais residiam nos locais circunjacentes. Nela estudaram minha mãe e minhas tias, todas as moças do Bom Jesus. Nela estudou Evaldo Holanda Maia que seria mais tarde Prefeito da cidade. Era mista. Dona Teté, como se conhecia, ensinava às moças princípios de etiqueta social, pois, ela portava uma boa cultura, sendo a mulher mais instruída da sociedade limoeirense. De acordo com as informações de Maria Aridina Vidal, sua contemporânea, a Dona Teté possuía bons conhecimentos de francês. Foi presidente de várias associações religiosas, e os vigários tinham-lhe grande consideração, em virtude de seu dinamismo e de seu espírito forte.

Além destas tínhamos Educandário Pe. Anchieta do Pe. Misael Alves de Sousa e a Escola Rural Normal. Mas não possuo dados mais precisos da data de instalação destas escolas.

Bom era isso que podia lhe dizer para ajudá-lo na sua pesquisa e vejo que ficou surpreso pela quantidade de informações, pois saiba que já existia um Limoeiro de escolas que com toda a precariedade material e de recursos humanos, diminuiu durante muito tempo à completa ignorância de muitos dos seus filhos.<sup>61</sup>

Quando estava me despedindo, agradecendo a maravilhosa contribuição dada por ele à minha pesquisa, o informante/entrevistado pediu desculpas por não querer falar sobre Dom Aureliano Matos e da Igreja na sua época, e me indicou o Professor Antonio Nunes Malveira, Professor aposentado do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, filho de Limoeiro do Norte e um pesquisador de sua história, dizendo ele, que era a pessoa mais indicada para falar sobre Dom Aureliano e sua relação com a área de educação em Limoeiro do Norte. Antes de minha saída de sua casa, ele me deu o telefone do referido professor e disse que entraria em contato com ele solicitando um encontro comigo e que eu esperasse para confirmar durante uns dois dias. Como tinha sido combinado, telefonei para

---

<sup>61</sup> Entrevista concedida pelo Padre Francisco Jay Gonçalves (Padre Jair), das 14:00 as 17:30 h, em 22 de janeiro de 2002, Sítio Jairlândia, Bairro Sossego, Limoeiro do Norte.

o “Padre Jair”, que confirmou o encontro, pois o Professor estava a minha espera em sua residência em Fortaleza, no Distrito de Messejana. Telefonei então para o Professor Malveira, combinando o horário para a entrevista.

Quando cheguei à casa do professor, às 8 horas como havia sido combinado, ele já estava sentado em uma mesa, me passou um caderno, e pediu-me que além do gravador eu me detivesse depois com os escritos que ali se encontravam, segundo ele, uma espécie de diário, guardado durante muito tempo, com informações sobre o Ginásio Diocesano criado por Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte e no qual ele havia estudado. Pediu-me que depois quando fosse ouvir as fitas, fizesse uma revisão delas, confrontando a sua entrevista com os escritos, pois a sua memória poderia ter falhado. Advertiu-me que muito daquele material originalmente havia pertencido ao Padre Misael Alves e que o mesmo o havia destinado aos seus cuidados e hoje eles estavam complementados pela pesquisa pessoal que empreendeu sobre o assunto.

### **Relato do Professor Malveira**

Além das escolas que o Padre Jair contou a você, e, tiveram a incumbência de durante muitos anos alfabetizar o povo de Limoeiro do Norte, como a Escola do Mestre Afonso (José Afonso Ferreira Maia) e a da Dona Teté (Tereza Guimarães Malveira) no Bom Jesus, na década de 30, surgiram antes da instalação da diocese vários estabelecimentos particulares e oficiais de ensino.

Nesta hora pediu-me que pegasse um papel que estava sobre a mesa. Quando comecei a leitura daquele papel apareceram as seguintes informações: Em 1934 havia surgido o Externato Cônego Climério Chaves, chamado Colégio do Horácio; Em 26 de maio de 1937, criado pelo Decreto do interventor Federal de nº 11.493 surgia o primeiro Grupo Escolar do município, denominado Pe. Joaquim de Menezes, prédio construído em terreno doado pela Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro; Em 20 de fevereiro de 1938, tinha sido criado pelo Pe. Misael Alves de Sousa o Educandário Pe. Anchieta, estabelecimento que era dirigido pelo próprio Pe. Misael e era destinado à juventude limoeirense; Em 26 de abril de 1938 seria inaugurada a Escola Normal Rural, que tinha como sociedade mantenedora a conhecida Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro, criada em 1935. Entidade que congregava ilustres filhos da terra como

Franklin Chaves e que contribuía com donativos e terrenos para a instalação de escolas no município.

Como se vê, quando Dom Aureliano chegou ao Limoeiro, o ensino era realmente deficiente, exceto o da escola normal, e, já havia o Grupo Escolar Padre Joaquim de Menezes, de nível primário, fundado em 26 de maio de 1937, na gestão, do então governador, Francisco Meneses Pimentel, sendo sua primeira diretora, a professora, Maria Carlota de Sousa Maia.

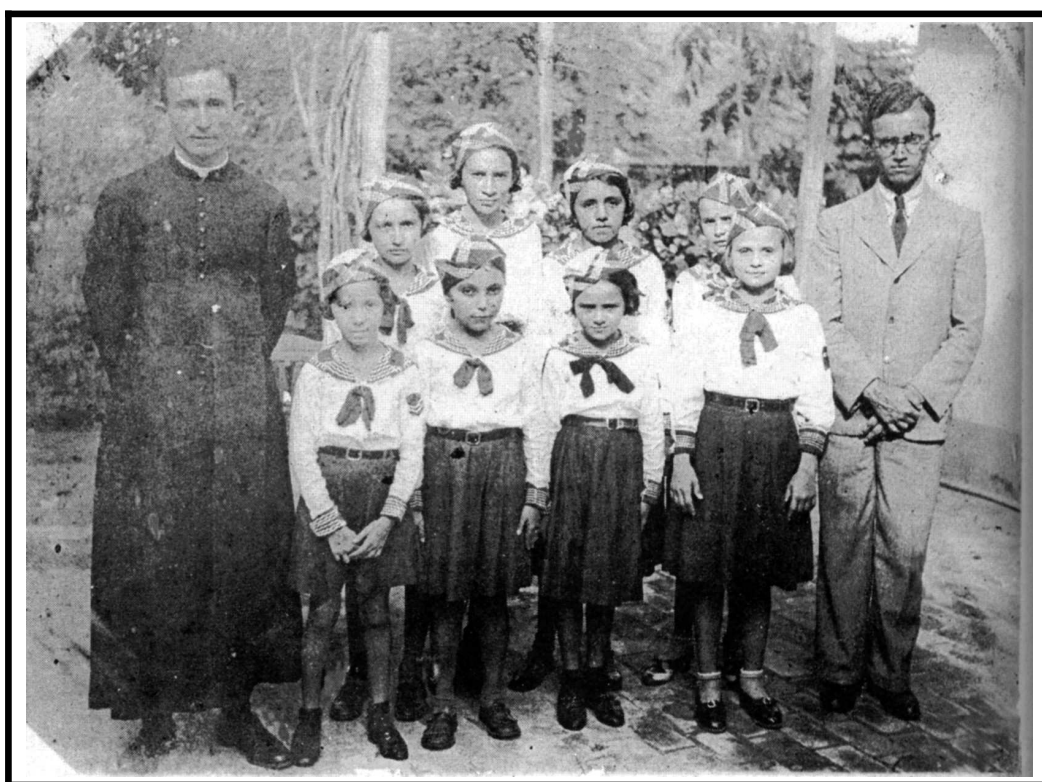
Vamos falar agora da Escola Normal Rural. A Escola Normal Rural, criada em 20 de fevereiro de 1938, tendo como primeira diretora, a professora ilustre, Dona Maria Gonçalves da Rocha Leal, que a administrou de 1938 a 1948. Uma das poucas pessoas, que falava inglês na cidade, talvez a única, que dominasse a língua de Shakespeare. Foi a fase áurea da Escola, pois estava sempre repleta de internas, vindas de todas as cidades do Vale, e, aos domingos, ela organizava saraus literários para divertir as alunas e, ao mesmo tempo, instruí-las no gosto das letras. Na escola davam-se grandes banquetes a políticos importantes, inclusive um deles foi oferecido ao Dr. Apolônio Sales, quando Ministro da Agricultura no governo de Getúlio Vargas. Ele chegou ao Limoeiro numa manhã de sol, sendo recebido pelo prefeito Custódio Saraiva de Menezes e da calçada, saudou os presentes, afirmando que o Limoeiro era uma terra feliz, porque cada pobre possuía um catavento, o que causou profundo mal-estar aos pequenos proprietários. Ele, certamente, fora mal assessorado, visto que os cataventos pertenciam aos mais fartos. Na Escola, o Dr. Plínio Salgado fez uma conferência, em 1955, quando percorreu o país em campanha presidencial.

Dona Maria Gonçalves com sua consciência de educadora, inteligente, culta, conduzindo dentro de si ideais elevados, portadora dos plenos predicados, indispensáveis a uma orientadora de moças, fundou a Voz do Campo, jornal oficial da Escola, e, nele, as alunas escreviam sem constrangimentos, manifestando suas tendências artísticas e literárias. A primeira turma de formandas da Escola compunha-se de 4 alunas:

Carmosina Monte Arraes, Maria José Guedes, Maria Luci Mourão e Silva e Terezinha de Oliveira Lima. Mas a Escola não demorou a alcançar um crescente desenvolvimento, tornando-se num estabelecimento modelo na formação feminina, de educação integral, pois, além da orientação profissional eficiente, às moças eram ministrados ensinamentos de Economia Doméstica, e, tudo o que dizia respeito à segurança futura das jovens. Daí os pais de família das cidades do Vale afluírem à Escola e nela matricularem suas filhas, o que levou à criação de um invejável internato, composto de moças oriundas das famílias mais ricas da região. Quanto ao aspecto cultural e educacional, a Escola Normal Rural, sem exagero, sob a orientação de Dona Maria Gonçalves, achava-se em pé de

igualdade com os modernos estabelecimentos de ensino de Fortaleza, e outros de natureza similar. A figura da Diretora impunha reverência a quantos a procuravam, e a ela confiavam o destino sócio-cultural da filhas.

Acho que coloquei aquilo que no momento me lembro. Veja você, já havia em Limoeiro um movimento de consciência que a educação era peça importante para o progresso, fato que deve ter sido assimilado por Dom Aureliano, quando da sua chegada. Acredito que dom Aureliano Matos, mesmo com toda a sua visão intelectual, foi sensibilizado pelas idéias daquela gente, integrando-se no processo e o liderando posteriormente.<sup>62</sup>



Primeiras estudantes do Educandário Padre Anchieta. Da esquerda para a direita, 1ª fila: 1) Pe. Misael Alves de Sousa (fundador e diretor do educandário); 2) Maria Erbene de Sousa; 3) Maria Mourão e Silva; 4) Vanda Faheina; 5) Nedite Moura; 6) Jesus Gondim Saraiva. 2ª fila, na mesma ordem: 1) Raimunda Conrado (Nozinha); 2) Judite Faheina; 3) Francisca Conrado (Neném); 4) Mé dici Moura. Limoeiro do Norte, 1938. Extraído de FREITAS, Maria das Dores Vidal e OLIVEIRA, Maria Lenira. (Org) Limoeiro em Fotos e Fatos. Década de 30. 1997.

Ao terminar a entrevista, onde o mesmo versou sobre o tema com tanta propriedade, ele me fez confirmar a importância da história oral para a minha pesquisa; mesmo sabendo que o referido professor detivesse parte destas informações através de conversas, correspondências e registros advindos do Padre Misael Alves, já falecido, uma

<sup>62</sup> Entrevista concedida pelo Professor Antonio Nunes Malveira, em Fortaleza, no dia 26 de junho de 2002.

parte dos registros vieram de sua história de vida, hoje apenas repousando em sua memória.

Com o depoimento do Professor Malveira, deparei-me com algumas revelações sobre as iniciativas no campo da educação e, sobre aquilo que tinha se tornado senso comum na cidade: o Limoeiro da Educação era resultado de um projeto iniciado por Dom Aureliano Matos. Para o Professor Malveira, estava claro que a profícua intervenção do Prelado, quando aqui veio em Nome da Igreja Católica e de toda a sua ação em favor da educação, foi uma continuidade daquilo que já vinha sendo projetado pelas lideranças políticas e intelectuais do município, mesmo que tais intervenções tenham sido tímidas, ou, quem sabe, entre tantas idéias, não estivesse ali, também, o projeto para a instalação da diocese, e, assim, a facilidade maior de crescer como referência educacional.

Considero relevante para encerrar a discussão, sobre a realidade instrucional da cidade de Limoeiro do Norte quando da criação do bispado, discorrer sobre a criação da Escola Normal Rural de Limoeiro, sua mais importante instituição de ensino daquele período, embora contemporânea da criação do bispado ela foi fruto de projeto anterior, realizado pelas lideranças políticas que já demonstravam, como foi discutido anteriormente, a vontade de transformar o Limoeiro do Norte em referencial para a educação daquela região. Para o Educador Lauro de Oliveira Lima, filho de Limoeiro do Norte

“... aquele município era tradicionalmente produtor de algodão e de cera de carnaúba. A partir de 1935, deu-se o ‘boom’ (1939-1945), que elevou, também, o preço do algodão a níveis jamais imaginados. Apesar de já existir, na região, uma floresta ciliar natural de carnaubeiras, ao longo do leito do rio Jaguaribe e do Banabuiú, o preço espetacular alcançado pela arroba de cera estimulou o plantio de mais de três milhões de sementes.

Criou-se uma classe de proprietários de carnaubais que não sabia bem como usar tanto dinheiro. Em 1937, um grupo de limoeirenses liderados pelo integralista Franklin Chaves, fundou a Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro, simplesmente, convocando a elite endinheirada do município, conseguiram

financiamento para a construção dos prédios da Escola Normal Rural que chegou a abrigar duzentas moças, em seu internato.”<sup>63</sup>

Na análise do referido educador, foi a reserva de capital acumulada nas mãos dos proprietários de carnaubais que propiciou ao Limoeiro do Norte a viabilidade econômica, necessária para estes empreendimento , mas foi também, as lideranças locais que decididas a erradicar a “ignorância” a partir da educação formal, que demonstraram organização e perseverança na criação de uma entidade que pudesse, através de alianças políticas encaminhar os seus projetos. Se agora, havia dinheiro e poder político, havia, então, a base para qualquer transformação de um lugar. Transformação que segundo o Padre João Olímpio, estruturou um sistema escolar construído, quase todo, pelas doações da população, especialmente pela elite local, desejosa, segundo o referido Padre, de novos caminhos para os seus filhos trilharem, caminho este que passava pela educação.<sup>64</sup>

A Entidade referida acima, denominada de Associação Pró-Educação Rural de Limoeiro do Norte foi criada em 1935, com a finalidade de dar apoio logístico aos projetos que a elite de Limoeiro do Norte achasse determinantes no caminhar a favor de uma estrutura educacional formal para o município. Segundo Lima, a idéia de criação desta entidade e, construção e instalação de uma escola para moças, começou com a visita que Franklin Chaves fez ao Juazeiro do Norte, quando da comemoração, neste município da primeira semana ruralista (julho de 1935). Inspirada pelos ideais da “Sociedade dos Amigos de Alberto Torres.” Nesta ocasião estavam presentes o Dr. Joaquim Moreira de Sousa, ex-diretor da Instrução Pública do Ceará (1931 a 1934), o Dr. Plácido Aderaldo Castelo (futuro Governador do Estado) e o Padre Hélder Câmara que assumira na ocasião a direção da Instrução pública, todos convidados que foram para a inauguração da primeira escola normal rural do Ceará em 1935. Nesta cidade, ao indagar sobre a possibilidade de construção de uma escola normal no seu município, Franklin Chaves obteve apoio do Padre Hélder Câmara, por sinal, também, naquela época, líder integralista no Ceará.<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. Sistema Escolar de Limoeiro do Norte – Da Colônia à escola que revolucionou o município. Edit. Premium, Fortaleza, 2002. pág. 83.

<sup>64</sup> Entrevista do Padre João Olímpio. Op. cit.

<sup>65</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. Sistema Escolar de Limoeiro do Norte – Da Colônia à escola que revolucionou o município. Op. cit. pág. 353.

A idéia de criação no Ceará, de Escolas Normais Rurais partiu segundo Lima, do Dr. Joaquim Moreira de Sousa, então Diretor Geral da Instrução do Estado do Ceará, empreendimento que deveria, como foi, ser analisado e posteriormente aprovado pelo Conselho de Educação do Estado e, em memorial, foi apresentado ao Sr. Ministro da Educação e Saúde Pública pelo Desembargador Olívio Dornelas Câmara, Secretário do Interior e Justiça do Estado, nos seguintes termos:

“Projeto da Escola Normal Rural – O Exmo. Sr. Diretor Geral da Instrução; Dr. J. Moreira de Sousa, elaborou os lineamentos gerais de uma escola rural, projeto, atualmente, em estudo no Conselho de Educação do Estado. Este estabelecimento que se cogita instalar no nosso Estado vem contribuir para a solução da questão que páginas atrás abordamos: a progressiva adaptação e fixação do homem ao meio, capacitando-o, por uma instrução adequada, acorde com suas necessidades, em consonância com os imperativos mesológicos, técnicos e sociais do Nordeste, a ser um fator positivo da produção e desenvolvimento econômico. O plano de organização da Escola Normal Rural deverá orientar-se fortemente pelas nossas condições particulares de vida e colima fornecer professores esclarecidos quanto às necessidades das zonas rurais a que se destinam. A educação é função do meio. Visa a produzir valores, não parasitas lerados como foi no passado e é, mais atenuado no presente. Assim, em primeiro plano, figuram os conhecimentos fisiográficos do Nordeste, antropogeografia, nossa história, psicologia infantil, seriando-se tais ensinamentos segundo ordem mais racional para o aprendiz, o que ainda depende do parecer que vai emitir a comissão especial nomeada para estudar cuidadosamente o assunto. É necessário formar professores que não tenham as vistas permanentemente voltadas para a cidade. Por isso a instalação da Escola Rural será em localidade do interior do Estado que mais possibilidades apresentar, ao êxito dessa iniciativa.”<sup>66</sup>

Em Juazeiro do Norte, a idéia de instalação e construção de uma escola normal, se desenvolveu entre o poder público e a iniciativa privada, enquanto o primeiro construiu, o segundo a partir da criação de uma associação denominada de Instituto Educacional de Juazeiro do Norte, encamparia a referida escola, administrando-a em convênio com o governo do Estado, devendo a escola proceder nos seus ensinamentos nos

---

<sup>66</sup> Id. idib. pág. 121 e 122.

moldes da Escola Normal Pedro II, hoje Instituto de Educação do Ceará, localizada em Fortaleza. Para Castelo, “a coordenação de atividades individuais é admirável. Mais admirável ainda se o liame é estabelecido entre o particular e o poder público, visando ao alevantamento moral, cívico e econômico das gerações. O conjunto de esforços toma intensidade de resultados surpreendentes. Nem sempre o Estado pode realizar o que deseja: solucionar problemas complexos. Poderá servir de pioneiro, conceder vantagens, despertar o apoio privado para, em colaboração, realizar empreendimentos.”<sup>67</sup>



Em 1938 desponta a Escola Normal Rural de Limoeiro, um plano ousado demais para a época (com diz Lauro de Oliveira Lima em seu Livro – Na Ribeira do Rio das Onças – “só superada pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, iniciativa do primeiro Bispo da diocese”). Quinze cidadãos, que não possuíam outra faculdade além da consciência clara de que Limoeiro necessitava de um pontapé inicial para projetar-se na região, mesmo sem ajuda do governo do Estado, investiram pesado na Escola Normal rural de Limoeiro e deram provas do exercício autêntico da cidadania. Agora, Limoeiro sai do seu casulo e alcança toda a região. Limoeiro, 1938. Extraído de FREITAS, Maria das Dores Vidal e OLIVEIRA, Maria Lenira. (Org) Limoeiro em Fotos e Fatos. Década de 30. 1997.

Para que a idéia governamental obtivesse as condições materiais para a sua efetivação, era necessário, portanto, segundo a linha de pensamento do estado, a

<sup>67</sup> CASTELO, Plácido Aderaldo. HISTÓRIA DO CEARÁ - História do Ensino no Ceará – Monografia N° 22, Coleção Instituto do Ceará. Departamento de Imprensa Oficial, 1970. pág. 225.



contribuição privada. Diante deste caminho, seria providencial em Limoeiro a criação da Associação Pró-Educação Rural, mas, o que torna singular o projeto neste município, é que a associação, diferentemente da criada em Juazeiro do Norte, com a finalidade de encampar a já construída escola normal rural pelo governo do estado, vai tomar para si esta incumbência, construindo com donativos particulares os prédios necessários para a sua instalação e sendo depois a responsável pela administração deste estabelecimento de ensino, a 2ª Escola Normal Rural do Ceará, inicialmente administrada em convênio com o Estado e, posteriormente de forma autônoma.

A partir do grupo fundador, outros membros da sociedade local, regional e estadual, participantes de variados setores públicos e privados, aumentaram o número de sócios da Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro do Norte. Entre eles podemos destacar Demócrito Rocha, diretor do jornal O POVO e Alfredo Barreira Filho, famoso político da região jaguaribana. Para Bazinha, atual Diretora da Escola Normal Rural, um dado importante, foi a entidade ter conseguido a equiparação da Escola Normal de Limoeiro do Norte à Escola do mesmo nome de Juazeiro, de acordo com o art. 8º, decreto 1218 de 1º de janeiro de 1934, e foi requerida pelo então presidente Manfredo Oliveira Lima,<sup>68</sup> demonstrando que após a construção e instalação da escola, a associação continuava exercendo a sua influência nos ditames políticos em prol do benefício educacional do município.

Fato inusitado neste capítulo da história de Limoeiro do Norte era estar dentro da mesma associação o grupo de Franklin Gondim Chaves, que representava no município o movimento integralista e seus opositores mais ferrenhos, liderados por Manfredo Oliveira Lima. Esta situação em que grupos divergentes se uniram, em benefício de uma “causa superior”, ou para um objetivo maior, deve ter facilitado e, mesmo, criado os pressupostos para novas investidas que desaguassem na realização concreta de outras empreitadas, como foi o caso da escolha de Limoeiro do Norte para sede do Bispado do Vale do Jaguaribe.

---

<sup>68</sup> Entrevista da Professora Maria das Dores Vidal Freitas (Bazinha). Op. cit.

O importante é que a Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte, inaugurada em 15 de fevereiro de 1938, transformou-se em referencial de educação para a juventude feminina, não só deste município, mas de todo o Vale do Jaguaribe, por possuir internato e ficar mais próximo dos municípios de origem destas moças, a escola é preferencialmente escolhida pelos empresários rurais da região, possibilitando o que vamos discorrer posteriormente, sobre a centralidade espacial de Limoeiro, que iniciar-se-á com a instalação de escolas de referência, principalmente depois da instalação do bispado.

## **1.2 - História da Criação da Diocese do Vale do Jaguaribe em Limoeiro do Norte**

A cidade de Limoeiro do Norte, núcleo urbano localizado no Baixo Jaguaribe, distante de Fortaleza 200 km (mapa do Ceará – ANEXO A), foi até finais do século XIX, um simples distrito de Russas, tendo sua elevação à cidade ocorrida pela Lei nº 365, de 30 de agosto de 1897. Foi um lugar que durante muito tempo não possuiu muita projeção no contexto daquela região. Vários fatores se colocavam para explicar tal quadro, a localização geográfica da sede do Município, distante 8 km da estrada principal que saindo de Fortaleza cortava o Vale do Jaguaribe até o sul do Estado, denominada atualmente de BR-116 e a ausência da ponte sobre o Rio Jaguaribe localizada na estrada secundária. Dificuldades que durante muito tempo frearam as possibilidades de projeção da cidade conhecida hoje por todos como Princesa do Vale.

Tal simplicidade escondia, de uma certa maneira, o poder econômico daquele município baseado no binômio algodão e cera de carnaúba. Estas atividades econômicas, principalmente a cera de carnaúba, possibilitaram no início do século XX, uma concentração de capital que viabilizou a projeção de expoentes da política regional, como a Família Chaves e a Oliveira, e que posteriormente possibilitaram a instalação de uma diocese para o Vale do Jaguaribe em Limoeiro do Norte.<sup>69</sup>

O Padre Pitombeiras, filho ilustre daquele município destaca que a economia, favorecida pela necessidade internacional da cera de carnaúba, não viabilizou no início nenhuma transformação intelectual na visão de mundo dos seus irmãos

---

<sup>69</sup> Entrevista concedida pelo Monsenhor João Olimpio, op. cit.

limoeirenses, que ainda guardavam em baús as riquezas adquiridas com a comercialização daquele produto. “A maioria era analfabeta e tal rudeza era transmitida para as futuras gerações, que tinham como fundamental o apego a terra e o que dela era produzido.”<sup>70</sup>

---

A fonte geradora da mudança no pensamento geral e no modo de vida daquela população se dá a partir da educação primária, ligada a Igreja Católica e que, consegue seus primeiros frutos com a ida para Fortaleza de alguns filhos de comerciantes da “cera” e do algodão, para iniciarem seus estudos secundários, muitos dos quais perseveraram e cursaram na capital alencarina, Recife ou em Salvador seus cursos superiores, principalmente em Direito e Medicina. Para os mais humildes e que se mostravam brilhantes nas primeiras letras, a Igreja ou algum padrinho patrocinava sua vinda para Fortaleza, Mossoró, ou Crato, onde o mesmo ingressava geralmente em um Seminário. A maior possibilidade era de o seu ingresso no Seminário da Prainha.<sup>71</sup>

Aqueles que ali ficavam principalmente os empresários rurais começaram a vislumbrar para Limoeiro do Norte, projetos que viabilizassem a estruturação do “progresso” para aquele município e que pudesse ser concretizado, a partir da própria reserva de capital que ali se formava. É importante, frisar mais uma vez, que a elite local, mesmo com todas as discussões partidárias, geralmente opositoras, neste município se associavam, sempre em benefício de projetos que viabilizassem o desenvolvimento, conseqüentemente sua condição econômica. Com a experiência acumulada, adquirida quando da construção e instalação da Escola Normal Rural, comentada anteriormente, o próximo plano estratégico seria providenciar as condições econômicas e políticas para candidatar-se a sede do Bispado do Vale do Jaguaribe.

Já era público e notório que o Bispo do Ceará Dom Manoel de Araújo da Silva Gomes, começava a implementar a descentralização espacial da hierarquia da Igreja Católica, com a criação de novos bispados no Estado. A idéia de se criar dioceses no interior do Estado, além de ser uma preocupação da Igreja, no sentido de propagar a religião cristã, com o aumento de dioceses, nasceu também inter-relacionada de um lado, à concepção de desenvolvimento cultural e espiritual e de outro de prestigiar, a partir de

---

<sup>70</sup> Entrevista concedida pelo Padre Francisco de Assis Pitombeira, Diretor do Colégio Diocesano em 30 de março de 2002, no pátio do mesmo colégio, em Limoeiro do Norte.

<sup>71</sup> Id. Ibid.

decisões políticas algumas oligarquias regionais. Depois de 24 anos sem nenhuma outra atitude descentralizadora, Dom Manuel inicia a discussão de criar um Bispado no Vale do Jaguaribe. Este projeto, compreendia dentro da esfera brasileira e Latino-Americana o processo de centralização das decisões católicas em Roma, O início deste movimento católico se dará na crise com o II reinado e se concretizará com a Proclamação da República e a extinção do Regime do Padroado.

Na época, a sede de um bispado poderia representar para uma cidade, a ampliação dos setores de educação, saúde e cultura, principalmente, o reforço do papel político do município no contexto estadual, produzindo conseqüências econômicas favoráveis, numa escala de tempo futuro. A figura do bispo, com o poder que a Igreja Católica detinha naquele período junto à população, ao governo estadual e ao governo federal, possibilitaria, facilitaria e justificaria qualquer projeto gerador de desenvolvimento.

A partir da notícia da criação de um novo bispado no Ceará, no Baixo Jaguaribe, Dom Manoel começou a ser sondado sobre os prováveis locais para sede do mesmo, convites não faltavam, solicitando sua visita, um destes momentos ocorreu no ano de 1936, em visita às obras de construção da Escola Normal Rural, a convite de Franklin Chaves, quando aquele Arcebispo, sendo sondado sobre a possível criação da diocese jaguaribana, com sua sede em Limoeiro, apenas disse: “Quem sabe!” Após esta resposta, teve origem uma acirrada disputa política entre três municípios do baixo Jaguaribe (Limoeiro do Norte, Russas e Aracati) para sediar a nova diocese.<sup>72</sup>

O Monsenhor João Olímpio, Vigário Geral de Limoeiro, se reportando a este fragmento da história eclesiástica cearense, narrou o seguinte fato: “Num sermão em Russas, na cerimônia de abertura da festa pastoral daquele município, D. Manoel da Silva Gomes lançou a campanha em favor da criação de uma diocese no baixo Jaguaribe, insinuando que Russas poderia ser uma das cidades para sediar a nova diocese.”<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> BESSA, Dom Pompeu Bezerra. **A Antiga Freguesia do Limoeiro** – Notas para sua História. Fortaleza-Ce. Premius Editora, 1998. pág. 167.

<sup>73</sup> Entrevista do Monsenhor João Olímpio. Op. cit.

A Arquidiocese de Fortaleza exigia da cidade que quisesse sediar o novo bispado um patrimônio de 400 contos de réis: 200 contos de réis em dinheiro, para serem entregues ao arcebispo, e os outros 200 contos de réis em patrimônio, além de um palácio para a residência do futuro bispo. Para Bessa, Russas começou a se movimentar no sentido de angariar o patrimônio estipulado pelo Arcebispo, providenciando junto às autoridades do município um imóvel para o bispo residir.<sup>5</sup> A cidade de Aracati, que de início se interessou, saiu logo da disputa. Para o referido autor “a rica e centenária cidade não se interessou pelo assunto, antes pelo contrário, a maçonaria local, naquele tempo muito influente, boicotou a campanha, e Aracati, praticamente, ficou de fora do embate.”<sup>74</sup>

Em 1936, a comissão limoeirense, composta por Gaudêncio Ferreira de Freitas, Custódio Saraiva de Meneses, Manfredo Oliveira Lima, Odilon Odílio da Silva e Hercílio Costa, convocou os comerciantes, pecuaristas e industriais da cidade e o Clero, sob a chefia do Padre Caminha Freire, e montou um plano de arrecadação da quantia estipulada, indo à luta por suas reivindicações, sob a liderança de Franklin Chaves. Este, logo apresentou ao Arcebispo de Fortaleza D. Manoel da Silva Gomes, um projeto da planta do palácio episcopal para sediar a nova diocese. Aceita esta etapa pelo Arcebispo, a comissão partiu para a mobilização em favor do dinheiro exigido: “a comissão saiu pedindo dinheiro nas paróquias vizinhas e, em tempo recorde, conseguiu o patrimônio exigido, 400 contos de réis. 200 contos em dinheiro, para ser entregue à Arquidiocese e 200 contos em patrimônio, para sustento do novo bispo.”<sup>75</sup>

Franklin Chaves, líder político de Limoeiro do Norte, segundo ele mesmo, conseguiu um feito espetacular: unir as lideranças da cidade, como também, de toda a região do baixo Jaguaribe (com exceção de Russas e Aracati) para a campanha de criação e instalação do bispado. Limoeiro do Norte era então, uma cidade que acordava para o desenvolvimento, devido ao comércio da cera de carnaúba, e, principalmente, havia evoluído culturalmente, graças à criação do Educandário Padre Anchieta e da Escola Normal Rural, a segunda do Estado. Todas essas características, sem dúvida, contribuíram como pré-condições, para favorecer a escolha da cidade como sede do bispado. Porém, o fato decisivo foi à aliança das lideranças políticas de Limoeiro do Norte com o governo do Ceará, como veremos a seguir.

<sup>74</sup> BESSA, Dom Pompeu Bezerra. Op. cit.

<sup>75</sup> Entrevista do Padre Francisco de Assis Pitombeira, Op. cit.

O Ceará naquele período, como de resto todo o Brasil, era administrado pela ditadura Vargas, que havia restringido os direitos civis e com mão de ferro administrava o país, apoiando-se, principalmente no Nordeste, em oligarquias estaduais. No caso do Ceará, o interventor era o Dr. Francisco Menezes Pimentel, líder católico conservador, que combatia vigorosamente o comunismo no Estado. Antes exercera a função de jornalista em “O Nordeste”, jornal de Fortaleza, de propriedade da Igreja. A oposição a Pimentel era desenvolvida pela família Távora, liderada por Fernandes Távora, que defendia a redemocratização do país e era considerado liberal.

Para Pimentel, naquele quadro político, havia um ponto em comum entre o governo estadual e a Igreja no Ceará: ambos combatiam os mesmos adversários, os liberais e os comunistas, considerados inimigos da Igreja e do povo católico. Segundo Távora, “Fernandes Távora, um defensor do liberalismo, torna-se inimigo dos grupos católicos locais. Estes não aceitavam sob nenhum aspecto a doutrina liberal, defensora das liberdades para todos os homens, assim como a luta por direitos iguais e pela defesa e participação política e tantos outros princípios.”<sup>76</sup> Defendiam os grupos católicos que estas idéias davam abertura para a infiltração comunista no Estado.

A força da Igreja no Ceará foi ampliada com a criação da LEC (Liga Eleitoral Católica), em 1932. Naquela ocasião, “a LEC havia de conduzir, como ‘grupo de pressão’, e em nível de exigências religiosas, os destinos das eleições de 1933 e as linhas de ação da Assembléia Constituinte de 1934.”<sup>77</sup> Dom Manoel Araújo da Silva Gomes, assistente espiritual e político da LEC estruturou a Liga Eleitoral Católica como uma verdadeira agremiação partidária, mostrando a força política da Igreja junto à população cearense. “Dom Manoel passa a ser a figura estratégica na organização da sociedade cearense (...) tendo como opositor a ascendente oligarquia tavorista.”<sup>78</sup>

Portanto, Dom Manoel viabilizou através do poder eclesiástico que detinha, tanto no litoral como no interior do estado, uma oposição ferrenha contra todas as idéias

<sup>76</sup> TÁVORA, Neisa T. de F. S. **As Relações Sociais e o Serviço Social no Ceará – 1950-1960**. Fortaleza-Ce, Vece. Cadernos NUPEDSS, 1987.

<sup>77</sup> LUSTOSA, Oscar. **A Igreja Católica no Brasil – República cem anos de compromisso (1889-1989)**. São Paulo. Edições Paulinas, 1991, pág. 28.

<sup>78</sup> MONTENEGRO, Abelardo F. Op. cit. pág. 338.

que não defendessem a “moral” e os “bons costumes”, consideradas naquela época como subversivas. Assim, toda a Igreja Católica unida devia combater no Estado do Ceará os liberais e comunistas. Esta posição significava, necessariamente, no Ceará, fazer oposição aos Távoras. Com toda esta propaganda política, em 1934, a LEC, se coligou com os integralistas, dando-lhes apoio político e ganhando as eleições no Ceará, contra os liberais e comunistas. A ação católica uniu-se à União dos Moços Católicos, Juventude Feminina Católica, Círculos Operários Católicos, dentre outros, não dando espaço para a oposição no Estado.<sup>79</sup>

Segundo Cavalcante, “dessa forma ficou mais fácil para a cidade de Limoeiro do Norte conseguir a sede da diocese para o município, pois já existiam, conforme foi assinalado, ligações entre a Igreja do Ceará e os integralistas do Estado e de Limoeiro do Norte”. Em Limoeiro do Norte, quem comandava a Liga Eleitoral Católica na cidade era a família Chaves, tendo à frente Franklin Chaves, sua irmã Judite Chaves Saraiva e José Chaves, nomeado interventor do município à época, todos eles líderes da Liga Eleitoral Católica em Limoeiro do Norte.<sup>80</sup>

Com a decisão final de Dom Manoel de instalar em Limoeiro do Norte o Bispado para a região Jaguaribana, se inicia um período de críticas por parte das hesitantes lideranças de Russas. Tais críticas aumentaram as rivalidades que já existiam entre os dois municípios. Para muitos rusanos, Limoeiro do Norte não apresentava as condições infra-estruturais de serviços e de acesso que Russas já dispunha e que eram sem nenhum equívoco, primordiais para serem esquecidas pelo Arcebispo do Ceará Dom Manuel na sua avaliação sobre o destino do novo Bispado.

“O critério adotado, pela autoridade episcopal, para a localização da sede da nova Diocese na região jaguaribana, além de muito infeliz, foi disperso e canonicamente falando, mesmo abusivo.” Araújo (1986: 336). Segundo o padre: “isso provocou uma série de inimizades, entre rusanos e limoeirenses, quando conseguiram, estes últimos, arrebataram a disputa do troféu.”<sup>81</sup>

<sup>79</sup> CAVALCANTE, Maurina Holanda – SABER PARA VIVER: Igreja, Rádio e Educação Popular. Uma História do MEB Limoeiro do Norte, Ceará (1962-1972). Dissertação apresentada ao Departamento de História da Universidade de Brasília, para obtenção do título de mestre em História social e das idéias. Brasília, julho de 1996. p. 72.

<sup>80</sup> Id. Ibid. p. 73.

<sup>81</sup> Para o Padre Araújo, houve uma influência direta do Interventor Federal no Ceará, Francisco Menezes Pimentel, “As notícias ficaram confirmadas com a notícia posterior, de que o interventor federal do Ceará, havia concedido, para o patrimônio da nova diocese, por doação cem contos de reis em ações do Estado do

Em declaração ao Padre Pedro de Alcântara Araújo, em 1986, o Cônego Caminha, que era vigário de Limoeiro no período da escolha da sede diocesana e um dos batalhadores pela implantação da diocese em Limoeiro do Norte, declarou: “Só conseguimos a quantia, por haveremos recorrido à ajuda do município de Riacho do Sangue (atual Pereiro), como também algum dinheiro emprestado da capela de Alto Santo. Por esses meios, Limoeiro do Norte foi contemplado com a terceira diocese do Ceará.”<sup>82</sup> Sem dúvida, os limoeirenses não teriam condições econômicas para ganhar a disputa sem o auxílio desses municípios e a interferência do governo do Estado. Mas, por que estes municípios teriam ajudado a cidade de Limoeiro, na arrecadação da quantia estipulada?

Para Bessa que investigou o fato, a ordem dos acontecimentos foi a seguinte: Para o Padre Otávio de Alencar Santiago, vigário do Riacho de Sangue neste período e membro da campanha pró-bispado, foi garantida a sua nomeação como vigário-geral do novo bispado, caso ficasse a sede da diocese em Limoeiro do Norte. Quanto à ajuda do Município de Pereiro, o Padre Manoel Caminha Freire de Andrade, nascido nessa paróquia, foi um dos principais líderes do grupo religioso da comissão do bispado, ele, junto com o maestro Odílio Odilon Silva, “julgaram de bom alvitre estender a campanha até a paróquia, que realmente concorreu com boa parcela do valor estipulado.”<sup>83</sup>

Foi assim que, no dia 07 de maio de 1938, a Anunciatura Apostólica criava a terceira diocese no Estado do Ceará, a da região jaguaribana, pela Bula Ad Dominicum, do Papa Pio XI. Em 1940, foi escolhido seu primeiro bispo, Dom Aureliano Matos, nascido na cidade de Itapajé, a 17 de junho de 1889. Filho do coronel Joaquim Alexandre de Matos e dona Josefa Rodrigues de Matos, fizera o curso de Teologia no Seminário da Prainha em Fortaleza, sendo sagrado sacerdote pelo então bispo, Dom Manoel da Silva Gomes. Foi nomeado vigário da freguesia de Pentecostes, de Uruburetama e, por último, Itapipoca, quando foi nomeado e escolhido bispo de Limoeiro do Norte.

---

Ceará. Em contra partida, sua Excelência teria sido convidado a paranifar o novo bispo, no ato solene da sagração episcopal, coisa que realmente aconteceu” **ARAÚJO**, Pedro A. **Capital e Santuário** – Miragens Russano – Nordestinas. Fortaleza-Ce. Imprensa Oficial do Ceará, 1986, pág. 336.

<sup>82</sup> Id. Ibid.

<sup>83</sup> **BESSA**, Dom Pompeu Bezerra. Op. cit. pág. 167.



A sagração de Dom Aureliano Matos, cujo lema episcopal era “Deus aos frágeis de corpo e alimento” ocorreu na própria catedral, em Limoeiro do Norte, a 29 de setembro de 1940: “Limoeiro do Norte preparou-se para a grande festa. O prefeito mandou pintar as casas e enfeitou a cidade, que parou para receber o primeiro mandatário da nova diocese.”<sup>84</sup> Vieram vários bispos de outras dioceses do Ceará e de outros Estados, além de autoridades civis e militares. Aos convidados foram oferecidos banquetes e homenagens. A magnitude da festa demonstra a importância que políticos, clero e a população emprestaram ao fato.

Seja como for, a história da criação da diocese do Vale do Jaguaribe em Limoeiro do Norte ainda suscita muitas dúvidas, uma delas é sobre quem teria tido a idéia de organizar um movimento em prol da instalação do bispado. Em seu depoimento ao NUDOC<sup>85</sup>, o empresário e político Franklin Chaves coloca-se como pivô da criação do bispado, e, para planejar a conquista do bispado, teria ele, promovido uma reunião “dos grandes de Limoeiro”, no Cine Moderno, local que centralizava a época os debates importantes para aquele município. Esta é a versão mais aceita, porém, ilustres personagens do município se opõem a ela.

Para monsenhor João Olímpio, pároco de Limoeiro do Norte, a campanha pró-sede do bispado jaguaribano em Limoeiro do Norte, tem como mentor o Padre Caminha, coordenador da formação do patrimônio estipulado pelo Arcebispo para a criação da diocese. Padre Caminha teria ido angariar fundos para a cota exigida, juntamente com Odílio Odilon e Silva Pereira em Riacho do Sangue (atual Pereiro), e em Alto Santo, nestas localidades haviam conseguido uma boa quantia, principalmente em Alto Santo, por conta de uma reserva que vinha sendo feita para a construção do prédio da Igreja local.<sup>86</sup>

Para o Educador. Lauro de Oliveira Lima, o importante é que “(...) o bispado provocou uma profunda revolução em Limoeiro do Norte. Dom Aureliano Matos, transformado em verdadeiro ídolo do povo, criou o Ginásio Diocesano, o Seminário Cura D’Ars, a Maternidade e o Patronato, promovendo monumental Congresso Eucarístico, ao

<sup>84</sup> Entrevista do Padre Francisco de Assis Pitombeira. Op. cit.

<sup>85</sup> Entrevista concedida ao Núcleo de Documentação (NUDOC) do curso de História da Universidade Federal do Ceará (UFC) pelo empresário e político do município de Limoeiro do Norte: Franklin Chaves, nos meses de fevereiro e março de 1984 (realizada pelos professores Teresa Haguete e Francisco Moreira).

<sup>86</sup> Entrevista do Monsenhor João Olímpio. Op. cit.

mesmo tempo em que participava da assistência às vítimas da malária e dos flagelados das secas e enchentes. Pode-se dizer que ele foi o grande administrador do município de Limoeiro, depois de quase um século de omissão, incompetência e corrupção de intendentess e prefeitos.”<sup>87</sup>

### **1.3 Reconstruindo a biografia de Dom Aureliano Matos**

Examinada de um ponto de vista que integra como fatores explicativos da sua expressão social, particularidades biográficas e questões conjunturais, a vida de Dom Aureliano Matos indica como o individual e o coletivo configuram a ampla zona de interseção em que a biografia ganha sentido histórico. A significação geral da sua vida individual deriva do caminho que percorreu na sua formação pessoal, especialmente no que diz respeito a opções feitas diante de encruzilhadas intelectuais e políticas.

Neste percurso, algumas de suas intervenções sociais contribuíram para alterar o rumo do processo histórico do Vale do Jaguaribe, principalmente, no município de Limoeiro do Norte. Há em sua vida, entretanto, significados particulares emblemáticos da maneira como tendências gerais são sintetizadas pelo indivíduo, tornando-o em si mesmo um rico objeto de estudo. Essa valorização da singularidade não traduz necessariamente uma abordagem que explique o geral a partir do detalhe, a singularidade do indivíduo pode ser tomada como um território em que determinadas questões históricas precisam se situar para ganhar significado, ainda que jamais desconectadas do social.

Aureliano Rodrigues de Matos nasceu no município de Itapagé, em 17 de junho de 1889 e faleceu em 19 de agosto de 1967. Como já foi dito, ele era filho de Joaquim Alexandre de Matos e Dona Josefa Rodrigues de Matos. Foi Batizado a 28 de julho do mesmo ano pelo Vigário, Padre Filomeno do Monte Coelho, tendo sido seus padrinhos, o Major Luiz Antônio Cordeiro e Dona Maria Cordeiro.<sup>88</sup>

O futuro prelado do Limoeiro do Norte ingressou no Seminário da Prainha, em Fortaleza em 1906, com 17 anos, sendo que as suas notas denotam o aluno dedicado

---

<sup>87</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. Op. cit., pág.367.

<sup>88</sup> Ata de posse de Dom Aureliano Matos como Bispo da Diocese do Vale do Jaguaribe, 26 de outubro de 1940.

aos estudos que ele deve ter sido. Em 30 de novembro de 1911, recebeu a tonsura; as ordens menores, em 30 de novembro de 1912; o subdiaconato, em 30 de novembro de 1913; passou a Diácono, em 17 de maio de 1914; e, finalmente recebeu o Presbiterato, a 30 de novembro de 1914. Cantou missa a 08 de dezembro de 1914 na matriz Paroquial de Itapajé, a mesma igreja em que fora batizado.<sup>89</sup> Por coincidência, a data de sua ordenação ocorreu no mesmo dia em que se celebram as festividades da Padroeira de Limoeiro do Norte (Nossa Senhora da Conceição), a cidade que o acolheria mais tarde como seu primeiro Bispo.

Depois de ordenado, Dom Aureliano, antes de alcançar o episcopado passou por algumas paróquias, nas quais, segundo consta nos relatos orais e historiográficos deixou a marca de seu zelo apostólico, sempre preocupado com o aprimoramento espiritual dos católicos de suas paróquias. Em março de 1915, foi nomeado vigário de Pentecostes onde permaneceu até 15 de dezembro de 1916. Foi Vigário de Uruburetama de 1917 a 1926 e Vigário de Itapipoca de janeiro de 1927 até 1940.<sup>90</sup> Segundo as fontes consultadas no exercício desses vicariatos, o Padre Aureliano Matos sempre se distinguiu pelo extremo zelo em cumprir com máxima fidelidade os deveres de seu ministério, mas, principalmente era já reconhecido como edificador de obras educacionais e assistenciais, notadamente em Uruburetama e na sua última paróquia, Itapipoca. Francisco Matos, naquela época, morador de Itapipoca, ao lembrar do Padre Aureliano, diz que “ele sempre permaneceu na memória dos fiéis, em virtude de seu porte moral, de sua conduta exemplar, atributos indispensáveis a qualquer dignitário da Igreja de Deus.”<sup>91</sup>

Em 1940, ele deixou seu officium vicarii para reger os destinos da Diocese de Limoeiro do Norte, criada em 07 de maio de 1938 pelo Papa Pio XI.<sup>92</sup> Sua sagração ocorreu em 29 de setembro de 1940, tendo como consagrante, Dom Manoel da Silva Gomes, Arcebispo de Fortaleza, o mesmo prelado, que o ordenara em 1914, tendo ele, na época, 25 anos. Vimos que a Diocese foi criada em 1938, mas somente em 1940, deu-se a

---

<sup>89</sup> Ficha de Matrícula de Dom Aureliano Matos, pertencente ao acervo do Seminário da Prainha, em Fortaleza.

<sup>90</sup> Dados encontrados no livro 14 da Secretaria da Cúria Arquidiocesana de Fortaleza. Pág. 307.

<sup>91</sup> Francisco Matos Nogueira, conheceu o Padre Dom Aureliano Matos quando residia em Itapipoca, ano de 1936. Atualmente reside em Fortaleza, entrevista concedida em 30/06/2002.

<sup>92</sup> O Jornal O Nordeste publicou a Bula Pontifícia da Criação da diocese de Limoeiro do Norte em 15/06/1940.

sagração e a posse de Dom Aureliano Matos. Nesse interregno, os destinos futuros da Diocese permaneceram sob a égide do Monsenhor Otávio Santiago, o Pároco de Limoeiro do Norte. A explicação encontrada para justificar um interregno de dois anos entre a criação e a sagração do primeiro bispo, seria a falta de estrutura básica para a instalação de uma diocese e, era, portanto, indispensável ao Município um determinado prazo para os empreendimentos necessários estarem concluídos.<sup>93</sup>



Cortejo em direção à Catedral. Sagração do 1º Bispo de Limoeiro do Norte, dom Aueliano Matos. No cortejo que conduzia Dom Aureliano à Catedral estavam as maiores autoridades civis e eclesiásticas do Estado do Ceará e de outros Estados. Foto extraída de FREITAS, Maria das Dores Vidal e OLIVEIRA, Maria Lenira. (Org) Limoeiro em Fotos e Fatos. Década de 30. 1997.

Segundo o “Padre Jair”<sup>94</sup>, Logo depois da posse, o Bispo iniciou uma sondagem abrangente das multiplicidades dos problemas de sua jurisdição eclesiástica, a fim de conhecer o retrato social da Diocese. Verificou que havia uma enorme carência na sociedade local. Carência espiritual, pela ausência de padres na região e, no campo social, principalmente em saúde e educação.

<sup>93</sup> A falta de estrutura para abrigar um bispo, adiou a chegada em Limoeiro do Norte de Dom Aureliano Matos. Entrevista concedida pelo Monsenhor João Olimpio, Vigário-geral de Limoeiro do Norte, na casa paroquial em 28 de março de 2002, em Limoeiro do Norte.

<sup>94</sup> Padre Jair Rodrigues, atualmente com 67 anos, foi aluno do seminário e Padre em Limoeiro do Norte durante 19 anos, quando casou e foi suspenso das ordens sacerdotais. Entrevistado em 22.01.2002. Op. cit.

O número reduzido de escolas e a possibilidade de continuar os estudos depois do ensino primário, era para muitos projeto impossível. As gerações na faixa dos quarenta anos, independente de classe social, mesmo os comerciantes, os fazendeiros, os políticos e de outros setores, considerados da elite local, tinham apenas o curso primário incompleto, e, além disso, feito de modo assistemático; a não ser um ou outro cidadão, que tivesse tido a oportunidade de sair para a capital, ou então, ingressado em seminário.<sup>95</sup> As moças haviam tido mais sorte, no início de 1938, havia se instalado em Limoeiro do Norte a Escola Normal Rural. Mesmo assim, disputadíssima, não sobrando naquela época quase nenhuma vaga para as moças mais pobres.

O bispado de Dom Aureliano começa em 1940 e vai até a sua morte em 19 de agosto de 1967, repleto de realizações. Durante todo esse tempo Dom Aureliano conseguiu de forma primorosa em diversas administrações municipais, com diversos governadores estaduais e federais, toda uma gama de recursos para os projetos que solicitava, tal processo de obtenção de recursos financeiros para as suas obras também se dava em relação aos empresários rurais e comerciantes do município.<sup>96</sup> Matéria já comentada neste capítulo, mas, importante, também, nesta análise, foi a prestimosa colaboração política e financeira da Associação Pró-Educação Rural de Limoeiro do Norte.

Dom Aureliano Matos, gostava de ser considerado autoridade máxima da Igreja. Ele andava pelas ruas da cidade de batina e anel de bispo no dedo e era cortejado pela população com toda a reverência que um bispo naquela época merecia: ao passar, as pessoas se curvavam, muitos se ajoelhavam e beijavam o seu anel, demonstração suficiente do poder que ele exercia na região.<sup>97</sup>

O início de seu bispado foi contemporâneo da ditadura Vargas e Dom Aureliano Matos, bom articulador como era, tomou para si a tarefa de ser o canalizador das aspirações do poder eclesiástico no Vale do Jaguaribe, representando em projeção regional

---

<sup>95</sup> Muitos filhos da região jaguaribana, parentes de religiosos, quando demonstravam competência nos estudos, conseguiam continuar seus estudos em seminários já existentes no Nordeste. Entrevista do Monsenhor João Olímpio. Op. cit.

<sup>96</sup> Id. *ibid.*

<sup>97</sup> Entrevista do Padre Francisco de Assis Pitombeira. Op. cit.

aquilo que em nível de estado era representado por Dom Manuel da Silva Gomes e, no Brasil, por Dom Sebastião Leme.<sup>98</sup>

“A Igreja mostrava sua força, o governo não tinha como, nem porque, ir contra esta instituição influente na sociedade católica, preferindo receber seu apoio e trabalhar com a sua colaboração.”<sup>99</sup> Foi assim, que Dom Aureliano viabilizou o seu projeto para a transformação da cidade de Limoeiro do Norte, sede do seu bispado, numa referência para o Vale do Jaguaribe em educação e saúde. Durante o seu bispado foram construídos e instalados o Patronato Santo Antônio, o Seminário Cura D’Ars, o Colégio Diocesano Pe. Anchieta, O Liceu de Artes e Ofícios, A Rádio Educadora, O Hospital e Maternidade e as pontes sobre o Rio Banabuiu e Jaguaribe que dão acesso à cidade. Segundo o atual vigário-geral da diocese de Limoeiro do Norte, Monsenhor João Olímpio Castello Branco: “a Igreja de Dom Aureliano Matos, era a Igreja da sociedade perfeita, sem ela não havia salvação. Era a Igreja paralela à sociedade civil. Afinal, se existe o direito civil, a Igreja também tem o direito canônico, publicado em 1917.”<sup>100</sup>

Dom Aureliano lembrava um pouco essa Igreja que já não era piramidal, se bem que apresentava resquícios de uma fase da igreja autocrática, rigidamente hierarquizada, que girava em torno da figura do Papa, como descreveu Leonardo Boff: “O poder religioso não é entendido como uma forma de leitura de toda realidade, um ‘espírito’ com o qual se abordam as coisas todas, mas uma região delimitada da realidade, cuja competência cabe à Hierarquia.”<sup>101</sup>

Na prática, porém, segundo o Monsenhor João Olímpio, Dom Aureliano representava muito mais a Igreja Paralela. Sua ação se dava, muitas vezes, como reação a outras iniciativas políticos-culturais, para que a hegemonia da Igreja Católica fosse obtida. Exemplos não faltam, se existia uma emissora de rádio no município pertencente a uma pessoa da elite local, então, na concepção do bispo, a igreja tinha que ter uma também. Dando outro exemplo, se havia a Escola Normal Rural, só para moças, instituição privada, conveniada com o Estado, o Bispo decidiu pela criação do Patronato Santo Antônio,

---

<sup>98</sup> CAVALCANTE, Maurina Holanda. Op. cit. p. 78.

<sup>99</sup> Id. Ibid. pág.77.

<sup>100</sup> Entrevista do Monsenhor João Olímpio. Op. Cit.

<sup>101</sup> BOFF, Leonardo. Igreja: Carisma e Poder. Petrópolis-RJ. Ed. Vozes, 1981, pág. 18.

também, para moças. Era esse o paralelismo que caracterizava a atuação do Bispo como agente educativo. Tudo que a sociedade civil conquistava, a Igreja tinha que também obter, porque era esta a visão de igreja jurídica, sociedade perfeita, a “instituição”, “(...) é isso que a gente chama paralelismo.”<sup>102</sup>

Padre Francisco de Assis Pitombeira, que trabalhou com o Bispo Dom Aureliano durante muitos anos em Limoeiro do Norte, ressaltou:

“Dom Aureliano foi um bispo que exerceu seu mandato dentro do Vaticano I, até usava o título de príncipe da Igreja, mas que usava mais sua autoridade de Pastor do que mesmo de autoritarismo. Era um homem que lia os sinais do tempo e chegou a dizer, por ocasião do Concílio Vaticano II, que ele mesmo não era mais bispo para acompanhar aqueles novos tempos da Igreja Universal que se abriam, mas, que os padres precisavam se informar de tudo que estava acontecendo, principalmente das mudanças dentro da Igreja.”<sup>103</sup>

Outra grande preocupação do bispo diocesano, como, aliás, de toda a Igreja, era a falta de padres. “(...) a principal preocupação da Igreja é, pois, a fundação de seminários, em todas as dioceses de vez que são eles quartéis de formação dos oficiais da milícia do senhor.”<sup>104</sup> Na sua segunda Carta Pastoral, datada de 12 de junho de 1941, o bispo pedia aos diocesanos auxílio para construção de um seminário: “Sem seminário não teremos sacerdotes, segundo o coração de Deus, é preciso formar padres para as dez paróquias já existentes e para as outras nove que seriam criadas.”<sup>105</sup> Assim, na comemoração do primeiro aniversário do bispado na diocese, a 29 de setembro de 1941, foi lançada a pedra fundamental do Seminário. Para realizar tal empreendimento, o governo diocesano reorganizou a Obra das Vocações Sacerdotais, que objetivava a arrecadação de contribuições junto à população da diocese, para edificação do seminário.<sup>106</sup>

O bispo, porém tinha objetivos mais ambiciosos em favor da educação da região: “Dom Aureliano era de formação conservadora, mas foi daqueles religiosos que sempre utilizou o seu prestígio para contribuir com o que acreditava ser básico para o

<sup>102</sup> Entrevista do Monsenhor João Olímpio. Op. cit.

<sup>103</sup> Id. *ibid.*

<sup>104</sup> II Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos, 1941. pág. 02.

<sup>105</sup> Id. *ibid.* pág.06.

<sup>106</sup> CAVALCANTE, Maurina Holanda. Op. cit. p.79.

desenvolvimento de sua comunidade.”<sup>107</sup> Um destes momentos foi na comemoração do jubileu de Ouro Sacerdotal em 1964, quando o Bispo solicitou ao então governador Virgílio Távora uma faculdade pública para o município, pedido que só foi atendido um ano depois, por ocasião do Jubileu de Prata da Sagração Episcopal de Dom Aureliano Matos, em 1965.

A faculdade foi o último projeto na esfera educacional para o Vale do Jaguaribe de Dom Aureliano Matos. Este achava que a maioria dos jovens estudantes da região, quando do término de seus estudos secundários, jamais ascenderiam ao estudo de nível superior, localizado fora da região, em consequência de não possuírem condições econômicas favoráveis para tal empreendimento. Outro ponto fundamental na solicitação encaminhada ao governador para que criasse a faculdade era a possibilidade de se produzir um quadro de professores com melhor intelectualidade para a região.”<sup>108</sup>

A faculdade foi criada pelo Decreto-Lei nº 8.557, de 16 de agosto de 1966, aprovado pela Assembléia Legislativa do Estado do Ceará e assinado por Virgílio Távora, então governador do Ceará, que mesmo assim, só seria instalada em 1968, um ano depois da morte do seu grande idealizador, graças aos esforços empreendidos pelo Padre Misael Alves de Sousa, um dos auxiliares mais devotados aos projetos educacionais de Dom Aureliano Matos. A Faculdade, finalmente instalada na região, contribuiria para a integração social, cultural, política e religiosa do Vale do Jaguaribe.<sup>109</sup>

Dom Aureliano Matos é o reflexo de uma Igreja que com o poder de influenciar e interagir com as estruturas econômicas, sociais e políticas, mudou o destino de uma região. Hoje, olhar para Limoeiro do Norte é sentir sua presença em cada escola, igreja, ruas e avenidas. Limoeiro, com Dom Aureliano, transformou-se da vila esquecida que o Monsenhor João Olímpio diz ter visto, quando lá chegou aos 9 anos de idade, na 10ª cidade do interior do Estado do Ceará<sup>110</sup>. Em relação ao que representou no passado, o poder da Igreja Católica pode ter diminuído, mas em cada canto de Limoeiro, percebe-se o

<sup>107</sup> **FROTA**, Francisco Horácio. da S. **Universidade Alienação e Práxis Social**. Dissertação de Mestrado de Educação. Fortaleza-Ce, UFC, 1991. pág. 95.

<sup>108</sup> Entrevista do Padre Francisco de Assis Pitombeira. Op. cit.

<sup>109</sup> Na Faculdade foram criados os cursos de licenciatura em: História, Geografia, Letras e Pedagogia. Providenciado o concurso público para professores e o vestibular. “Pelo parecer de nº 425 do Conselho Estadual de educação, a FAFIDAM estava autorizada a funcionar. Sua aula inaugural foi proferida pelo Professor Raimundo Girão, no dia 08 de agosto de 1968” - **FROTA**, Francisco H. da S. Op. cit. pág. 107.

<sup>110</sup> IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Perfil dos Municípios Brasileiros – Gestão Pública 2002. Endereço Eletrônico: <http://www.ibge.gov.br/lojavirtual/fichatecnica.php?codigoproduto=8317>



quanto ela já foi forte e capaz de redimir uma cidade, uma região e sua população a partir de um projeto educacional.

## CAPÍTULO II

### 1. As Cartas Pastorais de Dom Aureliano Matos

A importância da Igreja Católica na evolução social, política e econômica das cidades brasileiras é um fato incontestável. Não se pode escrever a história das cidades do interior do nosso país, sem recorrer aos arquivos das paróquias, onde se encontram as raízes da vida social, não só local, porém, muitas vezes, regional. Arquivos que guardam um rico patrimônio que se edificou, cresceu e se consolidou, ao longo do tempo.

Colaborando nessa perspectiva, o historiador Sérgio Buarque de Holanda alertou, no prefácio que escreveu para José Ferreira Carrato, que não era possível “a clara inteligência de numerosas questões de história do Brasil sem a exploração prévia e isenta de nossa história eclesial.”<sup>111</sup> Com esse intuito, realizei um estudo sobre a ação pastoral de Dom Aureliano Matos, no Vale do Jaguaribe para evidenciar as orientações pastorais empreendidas em uma região marcada, pelas atividades rurais, pelo fluxo migratório, pela interferência do poder central, pela circulação de idéias iluministas e a modernização do contexto social, econômico e cultural que estas idéias preconizavam. A documentação produzida pelo bispo nos permite abordar temáticas relativas à vida social, econômica, política e cultural. Neste capítulo serão apresentadas e analisadas as Cartas Pastorais e a difusão da visão de mundo católica, na Região do Vale do Jaguaribe no Estado do Ceará, sobretudo porque tais Cartas Pastorais possibilitam perceber de que maneira procurou-se introjetar a doutrina católica, após o Vaticano I, na região.

As Cartas Pastorais foram os documentos escolhidos nesta pesquisa, mas, o arquivo episcopal da Diocese do Vale do Jaguaribe em Limoeiro do Norte, não se resume, apenas, aos documentos de Dom Aureliano e dos bispos que o sucederam. Com a instalação do Bispado todos os arquivos das paróquias filiadas foram encaminhados a sua Secretaria Geral.

---

<sup>111</sup> CARRATO, J. F. As Minas Gerais e os primórdios do Caraça. São Paulo: Nacional, 1963. p. 13

Hoje, no Palácio Episcopal, funciona além da residência, a secretaria do Bispado, que conta no seu arquivo com um acervo de centenas de livros de registros (casamentos, batizados etc.) de todas as paróquias do bispado, tendo alguns livros mais de 200 anos. Nos anos de 1980, a Igreja alemã microfilmou a maior parte do acervo que está à disposição dos interessados em pesquisar a vida religiosa e social do Vale do Jaguaribe.<sup>112</sup> Encontramos, depois de muita pesquisa, neste acervo, as Cartas Pastorais, algumas escritas, à mão, por Dom Aureliano Matos. Serão estas Cartas Pastorais, o fio condutor de nossa pesquisa e análise sobre o tema que ora se investiga.

A palavra pastoral, oriunda do latim “pastoralis”, é relativa ao pastor. Assim, Carta Pastoral é o título habitual dos documentos mais solenes do Bispo ou da Conferência Episcopal. Elaborada pelo(s) Bispo(s) e dirigida ao clero ou aos fiéis de sua diocese, dando-lhes orientação doutrinária, religiosa e moral. Um documento que, pela sua importância eclesial, deve ser registrado no livro de Tombo da Diocese nas Paróquias.

Dom Aureliano Matos, durante o seu Episcopado, escreveu seis Cartas Pastorais que retratam a sua visão doutrinária, política, intelectual e disciplinadora e evidenciam a face conservadora da Igreja cearense, reflexo da postura da Igreja Católica Apostólica Romana, depois do Concílio Vaticano I (1869-1870)<sup>113</sup> e de 24 de fevereiro de 1891, data da primeira Constituição Republicana do Brasil que oficializava a separação entre Igreja e Estado, criando o estado laico. Cabia a Igreja a tarefa de criar uma nova estrutura interna hierárquica, agora fora da tutela do Estado, e, buscar, também, as condições econômicas indispensáveis a sua manutenção.

Esta transformação por que passa a Igreja Católica no Brasil se insere num processo mais amplo de reestruturação do aparelho religioso católico em escala mundial, processo iniciado após a Revolução Francesa, porém ganhando forma definida com o Papa Pio IX(1846-1878) e levado a cabo com os papas Leão XIII(1878-1903) e Pio X(1903-

---

<sup>112</sup> A Igreja Alemã em várias situações colaborou com o Bispado do Vale do Jaguaribe, doando equipamentos e recursos financeiros. Esse processo teria se iniciado na Construção do Liceu de Artes e Ofícios. Entrevista concedida pelo Monsenhor João Olímpio. Op. cit.

<sup>113</sup> A partir do Concílio Vaticano I, o Vaticano começou a desenvolver uma política de enquadramento da Igreja Latino-americana. O antropólogo Roger Bastide chamou esse processo de romanização – isto é, tornar a Igreja Católica da América Latina cada vez mais administrada por Roma. “*Religion and the church in Brazil*”, in: SMITH, Lynn T. MARCHANT, Alexander (Eds). *Brazil, Portrait of Half a Continent*. Nova York, 1951. p.334-335.

1914). As características principais da restauração católica são: rejeição ao liberalismo, ao positivismo e ao comunismo ateu; centralização do governo da Igreja católica pela Santa Sé; expansão centralizadora das ordens e congregações religiosas; desenvolvimento de novas devoções religiosas; desenvolvimento de um ensino católico paralelo ao oficial, como parte do projeto pastoral.

No processo de transformação do catolicismo brasileiro, o papel da Santa Sé - Papa e a Cúria Romana - é importantíssimo; no fundo, os bispos não fazem mais do que incorporar ao catolicismo brasileiro os modelos de organização eclesiástica, de crenças e de práticas pastorais que a Santa Sé lhes fornece. Segundo Aubert, o movimento de centralização da Igreja católica não partiu apenas de Roma. Um número cada vez maior de bispos, e, sobretudo, de padres e leigos envolvidos na ação católica, descobriu as vantagens que havia, para as igrejas particulares, de se apoiar em Roma, igrejas estas que, abandonadas a si mesmas, se encontravam muito mais expostas às pressões governamentais; muitos, além disso, davam-se conta de que, num mundo em que problemas se colocavam cada vez mais num plano supranacional, a ligação com autonomias regionais era um aspecto ultrapassado. A centralização em Roma das atividades religiosas e políticas da Igreja Católica permitiram dar mais autonomia às paróquias. As atividades pastorais tendo como centro o bispado e a paróquia, deste período em diante, apresentam-se como um conjunto de obras, como associações profissionais, associações recreativas, grupos devocionais, escolas, etc.<sup>114</sup>

Dom Aureliano refletirá em suas ações e documentos o pensamento oficial da política da Igreja Católica cearense contrária às idéias da modernidade – positivismo e liberalismo – identificadas segundo o Papa Leão XIII<sup>115</sup> com a maçonaria<sup>116</sup> e, portanto, desfavoráveis ao processo de romanização da Igreja no Brasil e no Ceará, já comentado

---

<sup>114</sup> AUBERT, Roger. Nova história da Igreja. A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno. Petrópolis, Vozes, 1978. p.7-26.

<sup>115</sup> O Papa Leão XIII inicia o seu pontificado em 1878 encerrando-o com a sua morte em 20 de junho de 1903. Escreveu várias encíclicas, entre elas uma sobre a maçonaria[1884] – *Humanum Genus* – ver: Catedral de Fortaleza, Ambrosiana, São Paulo, p.24.

<sup>116</sup> Segundo David Vieira “houve de fato certa cooperação entre elementos liberais, maçônicos, republicanos, protestantes e de outros grupos minoritários, contra o poder político da Igreja Católica Romana no Brasil. Ao mesmo tempo, creio, apresento suficiente evidência ao demonstrar que essa cooperação às vezes local, às vezes de âmbito nacional, mas geralmente, tinha um cunho puramente brasileiro e ligava-se a problemas internos”. VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980. p.12 (Col. Temas Brasileiros).

anteriormente. O primeiro Bispo do Vale do Jaguaribe, educado no Seminário da Prainha<sup>117</sup>, é um adepto da política de Dom Manuel da Silva Gomes, Arcebispo do Ceará, de quem havia recebido a nomeação para o referido cargo eclesiástico.

Dom Manuel da Silva Gomes deu continuidade à política de romanização de seus dois antecessores, Dom Luís Antônio e Dom Joaquim Vieira, principalmente, quando o Papa Bento XV elevou a diocese do Ceará à categoria de arquidiocese, sendo Dom Manuel o seu primeiro arcebispo. Concomitante à elevação da Arquidiocese, foram criadas, em 1914, duas outras dioceses, no município do Crato e Sobral. 24 anos depois, em 1938, foi criada a terceira diocese, no Vale do Jaguaribe.

O mais interessante é que todos os bispos nomeados, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, para o Crato, Dom José Tupinambá da Frota, em Sobral e Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte, seguem a orientação daquele Arcebispo, mostrando a preocupação, desde o início, com a formação do clero e de uma elite intelectual apoiada e apoiadora da Igreja.

### **I Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos**

“Dirigindo-nos a vós pela primeira vez, outra palavra não devemos ter, senão a que expresse de logo os sentimentos de afeição e amizade, em Nosso Senhor Jesus Cristo, para convosco, que constituís, hoje, a nossa única e absoluta preocupação, do que Deus é testemunha (Rom. 1 v. 9).”<sup>118</sup>

A primeira Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos aos diocesanos, escrita no ano de 1940, deixa clara a sua preocupação para com os destinos do mundo, em particular, da região jaguaribana. “Vimos, pois, veneráveis Irmãos e Filhos muito amados cheios de esperança de poder algo fazer em vosso proveito, porque a nossa confiança está

<sup>117</sup> O Seminário da Prainha em Fortaleza foi criado por Dom Luís Antônio em 1864 com a finalidade de formar um clero e uma elite intelectual conservadora, diferente dos moldes do Seminário de Olinda. A administração do seminário ficou a cargo dos padres lazaristas franceses. Ver PARENTE, Francisco José Camelo. A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses. Fortaleza: Edições UFC/Edições UVA, 2000, p.80.

<sup>118</sup> I Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos, Limoeiro do Norte, 1940. p.01.

em Deus e jamais foi iludido quem confia no senhor. “Non deretiquisti quaerente te, Domine” (*Sl. IX. II*).”<sup>119</sup>

Nesta Carta Pastoral, Dom Aureliano analisa temas que segundo a Igreja estariam fomentando uma crise mundial de valores e, por conseguinte deveriam receber uma atenção maior de seus sacerdotes. Os temas eram: instrução, família, criança e juventude. Dessa forma, o Bispo deixava claro a sua visão embasada na Igreja do Concílio Vaticano I e o contraponto com o mundo moderno e suas transformações.

Segundo Dom Aureliano, “a zona jaguaribana, conquanto uma das mais ricas do Estado, graças aos seus extensos carnaubais e à fertilidade de seu solo, não deu, no seu passado, ao problema da instrução, o carinho e o cuidado que ele bem merece.”<sup>120</sup> É com discursos como este, que o Bispo procurará sensibilizar a comunidade jaguaribana para investir e colaborar em seu projeto educacional, colocando os valores cristãos como base de qualquer ensinamento.

Dom Aureliano, no seu primeiro contato com a comunidade local, tratou, rapidamente, de demonstrar a sua visão de Igreja, onde ele era o ‘príncipe’ e responsável direto, depois de Cristo e o papa, pelo destino de seus súditos e que, por vontade divina, deveria velar pelas condições básicas de uma sociedade cristã.

“A gestão de uma Diocese, por mais modesta que seja ela, reclama o desenvolvimento e a solução de tão graves e variados problemas, maxime, quando inaugurada, que bem difícil seria para o seu novo Bispo apresentar de logo um programa a executar. No entanto, por mais variadas que sejam as disposições ambientais, por mais diferentes as possibilidades locais, o estado moral, cultural e religioso de um povo, outra não pode ser a missão do Bispo, senão a mesma de Nosso Senhor Jesus Cristo, de quem é ele enviado. “Como Meu Pai enviou assim também eu vos envio a vós” (Jô. XX 22-23).”<sup>121</sup>

Para o novo bispo, a possibilidade de superação de todos os males, oriundos do progresso da sociedade moderna, estaria na Igreja e na sustentação da base familiar,

<sup>119</sup> Id. *ibid.*

<sup>120</sup> MALVEIRA, Antonio Nunes. *O Limoeiro de Dom Aureliano Matos*. Rio de Janeiro: PENELUC.1998. p.26.

<sup>121</sup> Id. *ibid.* p.06.

alicerce incontestáveis de um povo, tanto para o seu progresso material, quanto espiritual. “Para quem chega no cenário do mundo, na hora presente, fica aturdido ao ver este contraste irritante, que pede uma explicação: Tanta luz e tantas trevas; tanta força e tanta fraqueza; tanto progresso e tanto atraso; tanta riqueza e tanta pobreza; tanta alegria e tanto sofrimento.”<sup>122</sup> Somente uma educação realizada pela família e complementada pela Igreja poderia redimir o mundo dos fantasmas da guerra, da fome, da pobreza, enfim da ausência de um espírito cristão. “Tudo sob o domínio do homem – a terra, o mar, os ares, parecendo que nunca o homem foi tão rei da criação, quanto agora. No entanto, nota-se que não é feliz. Grande desassossego o domina.”<sup>123</sup>

Para a Igreja, se o homem tinha chegado ao progresso nunca visto antes pela humanidade e não era feliz, o que lhe faltava então? Faltava-lhe Cristo. “Enquanto o homem se aprofunda em quase todos os conhecimentos, despreza o estudo de Cristo, em que está a solução de todos os problemas da vida presente e futura.”<sup>124</sup> A Igreja de Dom Aureliano Matos acreditava que a civilização moderna estava condenada ao fracasso, por ter se afastado dos ensinamentos cristãos.

A única solução seria criar uma estrutura educacional cristã ligada à Igreja católica e que providenciasse no futuro, uma elite intelectual ideologicamente defensora do ideário católico e que fosse ocupando espaços políticos na esfera do Estado. Esta preocupação se faz sentir em todo o clero, principalmente em relação aos bispos no Ceará. Preocupação que era anterior a Dom Manoel, Arcebispo do Ceará, mas, que aparecia ainda mais central no processo de romanização.

A preocupação de Dom Aureliano era a de determinar em seu bispado a continuidade da romanização traçada pela Santa Sé para a América Latina, principalmente nas questões entre educação e Igreja, notadamente com a supressão do ensino religioso nas escolas públicas. Assim, era preciso se construir uma rede de escolas católicas, responsáveis dentro de um processo de reestruturação institucional da Igreja Católica pela romanização empreendida pelo Concílio Plenário da América Latina, ocorrido em Roma, em 1899.

---

<sup>122</sup> Id. *ibid.* p.08.

<sup>123</sup> Id. *ibid.*

<sup>124</sup> Id. *ibid.*

“O concílio Plenário da América Latina, ocorrido em Roma, em 1899, que reuniu os pelados latino-americanos para fixar as diretrizes norteadoras do catolicismo nessa região à luz do Concílio Vaticano I. As reflexões e determinações desta conferência episcopal foram condensadas no texto oficial intitulado ‘Decreta Concilii Planeri Americae Latinae’, publicado selenemente em 01/01/1900, que se tornou o documento fundante da romanização do catolicismo mestiço da América Latina. O Título 9º ‘A educação católica da juventude’ trata especificamente das escolas primárias, secundárias e universitárias; e, no 3º capítulo, aborda os impedimentos e perigos da fé, inclui ‘as escolas acatólicas e neutras’, condenando-as.”<sup>125</sup>

Dom Aureliano ao incentivar um projeto de ensino ligado a Igreja, estava seguindo as diretrizes de Roma. Mais do que o de simples incentivadora da reestruturação católica, a Santa Sé ao mesmo tempo forneceria os modelos a serem seguidos estritamente pelos bispos brasileiros, a Santa Sé lhes daria também os meios para torná-los efetivos, isto é, os agentes religiosos. São elas, principalmente as congregações religiosas, masculinas e femininas, de direito pontifício. No fundo, a Santa Sé transferiu, para a Igreja Católica no Brasil, a experiência e as estratégias de rearticulação elaboradas na Europa durante a segunda metade do século XIX, perante o desafio de inserirem-se no mundo saído da revolução intelectual e política do fim do século XVIII e com os regimes de liberdade civil e religiosa presentes nas teses liberais.

Dom Luís Antônio, primeiro bispo do Ceará e precursor do processo de romanização no Estado, já se preocupava, à época, com as influências das idéias secularizantes vindas da Europa, o positivismo de Comte, o darwinismo e o pensamento de Spencer, além de Hegel e Stuart Mill.<sup>126</sup> Portanto, a Igreja já sentia os reflexos da modernidade a nível nacional e local e para se contrapor a este processo, o bispo criaria, em 1864, o Seminário da Prainha, e em 1865, o colégio da Imaculada Conceição para moças e na cidade do Crato, no sul do estado, um Seminário. Segundo Parente: “Estava formado um cerco inicial ao foco dessas idéias que a Igreja era opositora e sendo

---

<sup>125</sup> WERNET, Augustin. O auge da romanização: O Concílio Plenário da América Latina. Anais da Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 10, 1991a, p.197-200. Curitiba.

<sup>126</sup> SOUSA, José Bonifácio de. “O Centenário de Tomás Pompeu de Sousa Brasil”. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1952, Tomo LXVI, p.313-380.



construída as estruturas básicas indispensáveis para o desenvolvimento de uma elite para se contrapor ao processo de secularização trazida pela modernidade.”<sup>127</sup>

Dentre estas obras as instituições de ensino são as mais importantes. Já que o universo social não é mais oficialmente cristão, criam-se ambientes nos quais a vida dos católicos possa desenvolver-se segundo a orientação da Igreja, livre de “erros” sócio-culturais condenados pelos papas. Dentro desta concepção, as paróquias serviriam para organizar toda a vida coletiva dos católicos, afastando-se de grupos socialistas, “anárquicos” e outras formas de organização que exprimiam doutrinas contrárias à Igreja. Assim, a preocupação de reconstituir “ambientes cristãos”, em função dos católicos, vivendo num mundo em vias de secularização, é responsável pelo desenvolvimento do ensino católico.

Na medida em que a instrução se generalizava e era assumida pelos Estados, a partir de uma orientação secularizada, o clero católico, com apoio explícito da Santa Sé, passa a constituir toda uma rede de estabelecimentos de ensino, como parte de suas atividades pastorais. Tal rede de estabelecimentos de ensino, paralela ou antagônica ao ensino oficial, incluía já no final do século XIX, universidades na Bélgica (1834), na Irlanda (1851), na França (1875) e nos Estados Unidos (1887). Tal modelo pastoral é transplantado para todos os países com presença católica, como forma de garantir a hegemonia social, isto é, a direção intelectual e moral dos católicos.<sup>128</sup>

Dom Aureliano Matos, como primeiro bispo de Limoeiro do Norte e, conseqüentemente, do Vale do Jaguaribe, terá em seu bispado a mesma preocupação. A construção de uma estrutura educacional de propriedade da Igreja, e que seria o seu grande projeto, iniciado com a Construção do Ginásio Diocesano em 1942, passando pelo Patronato Santo Antônio, O liceu de Artes e Ofícios, a Rádio Educadora, o Seminário Diocesano e, sendo finalizado com a criação da Faculdade de Filosofia solicitada por ele ao Governador do Estado por ocasião do Jubileu de Prata Episcopal, em 1965.<sup>129</sup>

---

<sup>127</sup> PARENTE, José Camelo. A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses. Coleção Modernidade. Edições UFC/UVA. Fortaleza, 2000.P.81

<sup>128</sup> WERNET, Augustin. A Igreja e a República – A separação entre a Igreja e o Estado. Anais da Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 11, 1991b, p.29-34. São Paulo.

<sup>129</sup> CAVALCANTE, Maria Juraci Maria (org). **A História e Memória da Educação no Ceará**. Fortaleza. Imprensa Universitária. 2002, p. 132-133.

Essa estrutura educacional era a base de construção de uma sociedade onde a formação cristã faria a diferença. Dom Aureliano Matos acreditava ser essa a sua obrigação enquanto pastor: orientar o seu rebanho numa época desastrosa. “Se queremos, pois, que o mundo volte a ter paz e felicidade demos-lhe Nosso Senhor Jesus Cristo.”<sup>130</sup>

As Cartas Pastorais de Dom Aureliano Matos evidenciam constantemente a sua preocupação com o que se devia ensinar nas escolas. Há uma preocupação quanto ao futuro da família, da criança, da juventude, destacando-se ainda a obediência, o amor ao trabalho, a pureza, a humildade, a constância e o patriotismo. Para o bispo, estes seriam os pilares de uma sociedade onde Cristo reinaria e onde a espiritualidade seria o caminho da vitória contra os exageros da civilização moderna. “Nele tinham a fortaleza sem as armas, a riqueza sem o ouro, a sabedoria sem a ciência, a alegria sem o mundo.”<sup>131</sup>

A percepção de que no mundo moderno a família passava por transformações, onde a mulher conquistava o seu direito de votar e trabalhar fora do lar, fazia do clero, naquele momento, a voz mais forte e ouvida na sociedade em oposição ao esfacelamento de uma estrutura social onde a instrução religiosa era firmemente transmitida. Era a família que levava os filhos para a Igreja aos domingos e que auxiliava na tarefa diária de observância dos ensinamentos cristãos. Tarefa realizada cotidianamente pelas mulheres que, até então, viviam em seus lares. Dom Aureliano se vê então na tarefa permanente de valorizar os preceitos de uma sociedade onde o conservadorismo sustentaria a posição que a Igreja Católica ainda detinha.

“Vem a civilização moderna e a família sofre as conseqüências mais tristes. Esfacela-se o lar. A esposa e mãe deixa o lar onde tem o seu trono de rainha e passa para as avenidas, para as fábricas, para os empregos, acompanhadas, talvez, das filhas que já não encontram, em casa, atrativos nos trabalhos domésticos. Atitudes estas, a que geralmente são levadas pela premência das contingências pecuniárias, mas que também têm a sua explicação, nas exigências de uma sociedade pagанизada, a quem a todo custo querem servir.”<sup>132</sup>

---

<sup>130</sup> I Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos, 1940. Op. cit. p. 09.

<sup>131</sup> Id. ibid.

<sup>132</sup> Id. ibid. p.10.

A inserção da mulher no mercado de trabalho, principalmente no Sudeste do país, estava, juntamente com os ideais modernizantes, espalhando-se rapidamente através de jornais e emissoras de rádio, sinais que eram captados por limoieirenses com poder aquisitivo para a compra de um transmissor radiofônico, caro naquela época. Como toda a idéia nova, certamente muito discutida nas rodas das calçadas e dentro das instituições oficiais, como a Igreja, preocupava aqueles que defendiam a continuidade de uma família tradicional e vinculada aos preceitos religiosos.

Como já disse, é dentro deste envolvimento da Igreja com a preservação da ordem vigente e anterior às idéias modernizantes, que se construía uma estrutura educacional paralela, onde o ensino do catecismo fosse obrigatório e pudesse atender as carências que a família em crise manifestavam em relação à instrução religiosa. É assim que o professorado também é conclamado: “Interessemos nesta cruzada bendita todos aqueles que exercem a profissão de ensinar”<sup>133</sup>

Um outro aspecto do mesmo projeto era a necessidade premente de jovens interessados na vida sacerdotal, principalmente na região, onde sempre houve a carência de padres. O Bispo havia construído o Seminário, deixando-o sob responsabilidade dos Padres Lazaristas Holandeses; mesmo assim, a procura pelo seminário era mínima. Para Dom Aureliano Matos, a culpa seria da carência dos professores em relação ao ensino religioso.

“Ao professorado público e particular chegue este nosso apelo, para que capacitando-se dos progressos pedagógicos, no ensino religioso, dêem às aulas de catecismo, não só o tempo de que necessitam, mas, sobretudo, uma feição prática, de modo que possam interessar a criança no conhecimento da Religião”<sup>134</sup>

A carência de padres não era fenômeno novo no Brasil, mas, diante de uma conjuntura onde idéias liberais e positivistas estavam sendo pregadas e discutidas de maneira progressiva na sociedade brasileira, havia uma preocupação maior por parte da Igreja. Se a carência já existia, mesmo quando o sistema educacional mantinha uma carga horária obrigatória para o ensino religioso, o que dizer agora, onde o sistema público

---

<sup>133</sup> Id. Ibid. p. 13.

<sup>134</sup> Id. Ibid.

preocupava-se mais com as matérias científicas e humanísticas? Era, portanto, natural a preocupação do clero com a sua continuidade, principalmente em uma região onde a carência de sacerdotes, era muito maior do que no resto do país.

Dentro desse quadro de postura moral conservadora, a Igreja também se preocupava com o processo político que se desenhava para o país. Por inspiração do Cardeal Dom Leme de Almeida foi criada nos anos 30 do século XX, uma organização suprapartidária denominada Liga Eleitoral Católica(LEC), criada com o objetivo de apoiar candidatos comprometidos com as propostas da Igreja, sobretudo para a Constituinte de 1933. No Ceará, a Liga Eleitoral Católica(LEC) se destacava, juntamente com a de São Paulo no cenário nacional, por conta da liderança de Dom Manoel da Silva Gomes.<sup>135</sup>

Em Limoeiro do Norte, a influência da LEC<sup>136</sup> se fez sentir muito mais do que nas outras cidades jaguaribanas, resultado da política conservadora que já existia na região, apoiada no coronelismo,<sup>137</sup> não obstante o crescimento econômico da região relacionado à produção e exportação da cera de carnaúba e algodão possibilitasse a comunicação com o mundo e suas mudanças. A própria criação do bispado, em Limoeiro do Norte, serve como exemplo da força política local e sua ligação com a ação integralista brasileira, apoiada no Ceará, como já dissemos, pelo Arcebispo Dom Manoel da Silva Gomes, pelo Dr. Meneses Pimentel, Presidente da Província, e em Limoeiro do Norte, pela família Chaves, à frente o Sr. Franklin Chaves.<sup>138</sup> Nessa época, o instrumento de ação política da Igreja é a (LEC), que recomendava os candidatos que se comprometiam em defender os interesses do catolicismo.

Dom Aureliano, se beneficia desse quadro gerando para a elite local a possibilidade de educação de qualidade para seus filhos, construindo o Ginásio Diocesano para os moços, pois, como já destacamos as moças da elite já contavam com a Escola Normal Rural, inaugurada um ano antes da criação do bispado. Para os pobres, o Bispo

<sup>135</sup> **MONTENEGRO**, Abelardo F. **História dos Partidos Políticos Cearenses**. Fortaleza: Instituto Cearense de Ciências Políticas, Fortaleza. 1995. p.338.

<sup>136</sup> **CAVALCANTE**. Maurina Holanda. Saber Para Viver: Igreja, Rádio e Educação Popular. Um História do MEB Limoeiro do Norte, Ceará (1962-1972). Dissertação apresentada no Mestrado em História social e das idéias, no Departamento de História da Universidade de Brasília, 1996. p. 82.

<sup>137</sup> “O coronelismo é um exercício de poder monopolizado por um coronel cuja legitimidade e aceitação baseiam-se em seu status de senhor absoluto, e nele se fortalecem, como elemento dominante nas instituições sociais, econômicas e políticas, tais como as que prevalecem durante o período de transição de uma nação rural e agrária para uma nação urbana e industrial.” **LEAL**, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 5ª ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

<sup>138</sup> **PARENTE**. Josênio Camelo. Op. cit. p.76.

construiria o Liceu de Artes e Ofícios e o Patronato Santo Antônio. Tudo isso sendo realizado com ajuda externa de outras instituições religiosas católicas européias, colaborando, também, as instituições públicas federal, estadual e municipal, além da elite local.

Durante o bispado de Dom Aureliano, as instituições de ensino católicas proporcionaram a escolarização primária e secundária de várias gerações, contribuindo de forma significativa para a intelectualidade naquela região, não obstante, fossem a maioria dos alunos filhos da elite local e regional. A prática neste sistema educacional era de manutenção e/ou aumento do quadro da elite burguesa defensora, como já analisamos, do discurso católico.

É óbvio que a Igreja, também, estruturou escolas populares que se responsabilizaram pelo ensino primário e profissional, acreditados como necessários naquela época. Como exemplo, podemos citar o Liceu de Artes e Ofícios para o sexo masculino e, o Patronato Santo Antonio para a educação do sexo feminino. Não obstante tais escolas estarem inseridas em um projeto de maior amplitude social de Dom Aureliano, enquanto Bispo de Limoeiro do Norte, elas, também, são fruto de uma política profissionalizante, apoiada tanto pelos conservadores, como também pelos liberais, que viam na profissionalização, o enquadramento da população marginalizada, ociosa, dentro de parâmetros de uma sociedade hodierna, viabilizando parâmetros de civilidade, como necessidade indispensável para um país que queria o “progresso” e copiava modelos europeu e americano.

O primeiro Bispo de Limoeiro ao apresentar seu projeto de mundo, ligando-o sempre aos destinos da Igreja, trabalhava, também, na perspectiva de continuidade dessa instituição religiosa, assim é que projetando o ideal de família, de juventude, principalmente através de uma educação, onde os preceitos religiosos cristãos fossem ensinados, pudesse esta família e esta juventude se contrapor as outras formas de arranjo social pregada pelos modernistas. Mas, havia um outro ponto a destacar e que era associado a estes, a criança. Como sempre o Prelado manifestou o seu ideal de criança associando-o a educação, “Educando-a, são preferidos nos colégios em que mais se cuida

do bem-estar do corpo que do da alma; e a instrução religiosa, a única que leva o homem a plena expressão de sua personalidade, é relegada para um plano inferior e secundário.”<sup>139</sup>

Neste contexto, a criança, que seria o jovem e o adulto do amanhã, era o embrião, enquanto sujeito, de um projeto educacional onde ainda havia a catequese, mas o ensino de religião formal no ambiente instrucional estava legalmente tratado como opcional dentro da grade curricular, que muitas vezes dava muito mais destaque as disciplinas científicas e humanas. “A Santa Igreja, pela voz de seus Papas e ministros, clama para que não separem a criança de Jesus Cristo, negando-lhe a instrução religiosa, quando é esta a mais útil para glória de Deus e salvação das almas”<sup>140</sup> em outro momento de sua I Carta Pastoral, Dom Aureliano demonstra sua preocupação com os destinos da educação no Brasil, diante da Reforma do Ensino no governo Getúlio Vargas:

“No entanto, a Santa Igreja, pela voz de seus Papas e ministros, clama para que não separem a criança de Jesus Cristo, negando-lhe a instrução religiosa, quando é esta ‘a mais útil para glória de Deus e salvação das almas’. E o Santo Padre Pio X, que assim afirmara, concretiza toda esta doutrina, dando um golpe de monte no jansenismo, mandando que apenas distinga a criança o pão material do espiritual, uma-se a Jesus Cristo, na Santa Comunhão.”<sup>141</sup>

A preocupação tinha uma lógica, a reforma educacional proposta e realizada pelo Governo Federal e vários estados, foram muito mais influenciadas pelas “idéias novas” do que pela “visão católica”. A reivindicação católica de ensino religioso facultativo, embora tenha sido atendida na Constituição de 1934, projetou de forma mais afirmativa a preocupação das instituições educacionais públicas e particulares com disciplinas que se adequassem a novas possibilidades trazidas com a modernidade.

Diante dos vários fatores acima abordados, tanto neste capítulo como no anterior, como por exemplo: o final do padroado no Brasil e a separação ente Igreja e Estado, a não-obrigatoriedade do ensino religioso nas várias constituições republicanas, o crescimento do número de escolas públicas e privadas não-religiosas e paralelamente o processo de romanização da Igreja Católica na América Latina, viabilizaram além da

<sup>139</sup> I Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos. Op. cit. pag. 11.

<sup>140</sup> Id. Ibid.

<sup>141</sup> Id. ibid. pág. 12.

divisão espacial da hierarquia episcopal no Brasil, com a criação de novas dioceses, mas, principalmente, e, dentro destas novas dioceses o surgimento das congregações católicas, a maioria, ligadas ao ensino.

“Para fazer frente à laicidade do sistema público de ensino, o episcopado brasileiro investiu as suas melhores energias institucionais no estabelecimento de uma rede de escolas católicas no território nacional. O fator decisivo do êxito da Igreja Católica no campo educacional foi a atuação das ordens e congregações católicas, masculinas e femininas, de origem europeia, como os lazaristas, jesuítas, salesianos, maristas, franciscanos, Irmãs de São José de Chamberry, Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, Irmãs da Divina Providência.”<sup>142</sup>

Mais uma vez fica evidente, que a preocupação de Dom Aureliano Matos com a educação é ponto primordial no processo de romanização que estava inserida a Igreja na América Latina e no Brasil, em particular, depois da Proclamação da República em 1889 e a promulgação da I Constituição Republicana em 1891. Somando-se a isso a quase ausência do poder público nesta esfera no interior do país, notadamente no interior de um estado inserido no Sertão Semi-Árido nordestino. Para o novo bispo tudo estava para ser construído e/ou colocado nos trilhos da fé.

Finalmente, nesta I Carta Pastoral visualizam-se as preocupações do Bispo e da Igreja Católica no Brasil com a 2ª Guerra Mundial. Dom Aureliano, muitas vezes ao falar da juventude para a juventude, não se restringia aos apelos do que era ser um bom cristão, e que isto dependeria de uma educação religiosa proveniente do lar, no caso responsabilidade da família e, externamente do ensino religioso. A juventude e Patriotismo são permanentemente associados nesta carta, evidenciando a lógica de todos contra o nazismo ameaçador, ditatorial. Mas, também, o momento é oportuno para associar a possível falta desta “qualidade” defensora da pátria nos momentos ameaçadores do seu destino, com a liberdade de expressão. “Mas, onde buscar a juventude hodierna força para manter bem viva esta chama do patriotismo, quando na escola dos cinemas impudicos, dos teatros imorais, dos livros desmoralizadores dos jornais ímpios, das revistas pornográficas, só encontra o micróbio da corrupção da raça, depauperando-a e corrompendo-a!”<sup>143</sup>

<sup>142</sup> DALLABRIDA, Norberto. Das escolas paroquiais às PUCS: república, recatolização e escolarização. Pág. 77. (in) STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). Histórias e Memórias da educação no Brasil. Petrópolis, RJ, Vozes, 2005. pág. 78 e 79.

<sup>143</sup> I Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos. Op. cit. pag. 16.

É com esta I Carta Pastoral, que começamos a entender o Prelado que acabava de chegar a seu recém-criado bispado, único bispado que administrou. Seus projetos, sua visão de mundo, o peso de sua história sacerdotal, toda aquela realidade, pode e deve, também, ser analisada através de seus escritos – como já disse a maior parte das Cartas Pastorais foram escritas à mão por Dom Aureliano – nesta perspectiva de análise da história, a partir de documentos originais e acompanhando o desenrolar de sua administração, através de outras cinco Cartas Pastorais descortinaremos a Igreja e o Limoeiro do Norte, naquele período, inseridos em um mundo, onde as idéias começam a circular de forma mais aberta e por meios de comunicação que não existiam em outros períodos.

## **II Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos**

“Não é sem grande satisfação que nos dirigimos a vós, pelas presentes letras, para vos dizer que pretendemos, dentro em breve, dar início à concretização daquele veemente desejo que nutrimos com carinho e que constitui, para todos nós, um grave, porém aprazível dever – a construção do nosso Seminário.”<sup>144</sup>

A II Carta Pastoral escrita em 1941 tem um único objetivo: A construção do Seminário Diocesano. “Incumbida de difundir o Reino de Cristo, a Santa Igreja faz cair, por toda a parte, sementes de instituições que contribuam para o triunfo de Cristo sobre a terra.”<sup>145</sup> No movimento de reforma do catolicismo brasileiro, já analisados neste e no capítulo anterior, apareciam como marcos estruturantes, a criação de seminários tridentinos para o clero secular; a substituição das irmandades por associações religiosas (Apostolado da Oração, Congregações Marianas); a substituição da cristologia do Bom Jesus pela do Coração de Jesus; e, a substituição do clero secular nacional pelo religioso europeu, tudo inserido no processo de romanização já tratado aqui e que vem percorrendo o seu caminho a partir da segunda metade do século XIX.

Se o caminho de uma nova Igreja vinha sendo percorrido no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, acompanhado de conflitos com o poder político

<sup>144</sup> II Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos. Op. cit. Pág. 01.

<sup>145</sup> Id. *ibid.*



nacional, a Santa Sé já havia preparado as estruturas de combate, norteando através de seus concílios, cartas e outros documentos publicados séculos antes, esta trajetória. A Europa havia passado pela reforma protestante, pelas idéias liberais, o comunismo ateu. Foi sem dúvida momentos em que a Igreja repensou suas diretrizes enquanto instituição religiosa católica no mundo. Um destes documentos foi projetado no Concílio de Trento. “É neste concílio que temos, pela primeira vez, um esforço para que o acervo doutrinário e dogmático da Igreja adquira um contorno claro e definido, organizado num corpo único. É a partir daí que se costuma falar de uma Igreja tridentina.”<sup>146</sup> Esta designação se estendeu até os nossos dias e, de forma mais ampla corresponde a uma concepção eclesiológica<sup>147</sup> que tem na hierarquia e doutrina eclesiástica seu ponto fundamental.

No Brasil, este processo iniciou-se nas Dioceses administradas por Dom Antônio Ferreira Viçoso (Mariana), Dom Joaquim de Melo (São Paulo), Dom Macedo Costa (Belém) e Dom Romualdo Seixas (Salvador), para estes bispos era quase impossível reformar o clero sem criar seminários tridentinos.<sup>148</sup> Para eles, os seminários fechados, onde os internos entravam antes da puberdade, para não conhecer a maldade do mundo, sendo isolados do convívio social, era um procedimento eficaz na formação de um clero moralizado, ilustrado e ultramontano.<sup>149</sup> É esse clero que irá predominar, sobretudo a partir da República, quando os representantes de um clero tradicional já eram quase inexistentes.

A Pastoral Coletiva dos Arcebispos e Bispos das Províncias meridionais do Brasil, de 1915, aprovaram as resoluções das Conferências Episcopais de 1901, 1904, 1907 e 1911, produzindo um importante documento para a Igreja, por apresentar respostas às principais questões pastorais enfrentadas pelos bispos e arcebispos de todo o Brasil. Quando reunidos em 1915, os prelados das províncias meridionais, a fim de concluir a já volumosa Pastoral Coletiva, resolvem apresentá-la com o título de Constituições Diocesanas das Províncias Meridionais do Brasil, ou simplesmente, Constituições

---

<sup>146</sup> AZZI, Riolando. O início da restauração católica no Brasil: 1920-1930. *Síntese*. nº 10, v. IV, mai/ago 1977a, p.61-89.

<sup>147</sup> Eclesiológia, “Do grego: tratado sobre a Igreja. Parte da teologia cristã que versa sobre a origem, natureza e a atividade da Igreja na história e no mundo.” In FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. *Igreja e Romanização*. A implantação da Diocese da Paraíba (1894-1910). 1994. Tese (Doutorado em História) - USP. Pág. 64.

<sup>148</sup> WERNET, Augustin. A Igreja Paulista no século XIX. A Reforma de D. Joaquim de Melo (1851-1861). São Paulo: Ática, 1987. pág. 75.

<sup>149</sup> Doutrina e política dos católicos franceses (e outros) que defendem a autoridade absoluta do Papa em matéria de fé e disciplina. Id. *ibid*.

Eclesiásticas. É importante salientar que as principais resoluções deste documento foram, também, aproveitadas nas pastorais realizadas pelas outras províncias eclesiais do país.<sup>150</sup>

As determinações das Constituições são categóricas em preservar as disposições do Concílio de Trento, naquilo que dizia respeito aos seminários, ou seja, que houvesse em cada diocese, situado em lugar conveniente, escolhido pelo bispo, um seminário ou um colégio em que se educasse para o estado sacerdotal um determinado número de jovens, de acordo com as possibilidades e necessidades de cada bispado.<sup>151</sup> Determinava igualmente que se estabelecessem, sobretudo nas dioceses maiores, dois seminários: um Menor, para os cursos de humanidades, e um Maior, para o de filosofia e teologia.<sup>152</sup> Para o devido desenvolvimento desses seminários, eram necessárias disciplina e correta administração de seu patrimônio, com base nos regulamentos.<sup>153</sup>

Os membros do episcopado nacional entendiam ser o clero brasileiro insuficiente para atender às necessidades espirituais das paróquias. Entendiam também que várias delas estariam vagas se não fosse a existência de sacerdotes de origem estrangeira. Assim foi que em várias circunscrições episcopais, se fossem considerados os sacerdotes portugueses, italianos, espanhóis, holandeses, franceses e outros, ficariam os brasileiros em minoria.<sup>154</sup> Mas a Europa em plena ebulição causada pelas idéias liberais, não produzia mais, uma quantidade de padres que pudesse atender a demanda no próprio continente, e também, providenciar uma reserva estratégica para o Terceiro Mundo. Era vital, portanto, viabilizar a superação deste problema, dentro do próprio país.

Diante da necessidade de renovar e atualizar os quadros que compunham o clero nacional em suas paróquias, os bispos procuraram incentivar a formação de novos sacerdotes com a criação de “caixas diocesanas” ou “óbulos” específicos, para a ajuda material daqueles que não possuíam condições financeiras para custear seus estudos em um seminário católico. Era de conhecimento do episcopado nacional que o Estado brasileiro,

---

<sup>150</sup> Constituições Eclesiásticas do Brasil. Nova Edição da Pastoral Coletiva de 1915. Adaptada ao Código de Direito Canônico, ao Concílio Plenário Brasileiro e às recentes decisões das Sagradas Congregações Romanas. Rio Grande do Sul: Tipografia La Salle, 1950.

<sup>151</sup> Id. *ibid.* Art. 1175, pag. 257-258

<sup>152</sup> Id. *ibid.*

<sup>153</sup> Id. *ibid.* Art. 1180, pag. 258.

<sup>154</sup> Id. *ibid.*

desde a implantação da República, tinha deixado de subsidiar, como era de costume, as atividades do clero católico.

A idéia de seminários diocesanos vinha ao encontro dos objetivos de um catolicismo reformador, que entendia ser essa instituição não apenas uma casa de educação, na qual se formariam os padres, como também uma poderosa barreira para conter o materialismo, visto pela Igreja como um mal que pretendia destruir, ao mesmo tempo, família e sociedade. Para salvar a sociedade, a Igreja acreditava nos seminários como instrumentos adequados à regeneração do homem pelo estabelecimento da doutrina evangélica católica e, assim, no seio do povo, por meio dos “novos apóstolos de Cristo”.

Não era recente esta preocupação da Igreja com o problema da instrução, se aqui especificamos a instrução, dirigida à formação de padres, a partir da construção de seminários por conta da II Carta Pastoral, se faz necessário evidenciar, também, os esforços que a Igreja no processo de romanização já providenciava para o mundo, especialmente para a América Latina. A Igreja ao publicar em 15 de maio de 1891 a Encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII, demonstrava que a questão Instrucional, era peça fundamental dentro do arcabouço desta nova Igreja, dentro desta nova perspectiva e para exercer a missão de que se via investida pela Encíclica *Rerum Novarum*, era necessário a realização de uma dupla tarefa: formar a elite e educar o povo. Isso porque “a ignorância não permite ao povo praticar um cristianismo verdadeiro” e a “impiedade política é um resultado lógico da educação racionalista e pagã... das classes dirigentes brasileiras.”<sup>155</sup>

Era a Igreja que chamava para si a responsabilidade de traçar os caminhos para uma sociedade civil, onde a base dos preceitos morais estivesse baseada na religião católica, desta forma seriam os bispos que iriam engajar a igreja brasileira, em um duplo movimento de reorganização e fortalecimento do aparelho eclesiástico e de ataque às organizações que se manifestavam a favor de um estado laico, liberal e positivista. A reorganização e o fortalecimento do aparelho eclesiástico são operacionalizados por meio de: a) um retorno ao centro de irradiação da hegemonia religiosa e política da Igreja, a Santa Sé, em Roma; b) uma campanha cerrada contra a maçonaria, o liberalismo, o

---

<sup>155</sup> JÚLIO MARIA, Pe. A Igreja e a República. Brasília: UnB, 1981. pág. 122.

positivismo, o comunismo, e as associações de expressão popular da fé, como as confrarias e irmandades.<sup>156</sup>

Dentro desta perspectiva e, para reforçar a influência da Igreja em sua administração, a preocupação de Dom Aureliano era construir um seminário, idéia geral entre os outros bispos cearenses (Crato e Sobral). Mesmo sabendo que a sua diocese era mais pobre que as duas primeiras criadas por Dom Manoel Gomes, e não tendo tido a mesma sorte do Bispo do Crato que já recebia um seminário em pleno funcionamento, quando da criação de sua diocese. Mesmo assim, Dom Aureliano esperava contar com o apoio econômico da elite local e, para defender sua idéia, escreveria esta II Carta Pastoral, tentando viabilizar a construção do seminário em Limoeiro do Norte.

“Contribuindo para este trabalho, lembremo-nos de que todos os bens de que dispomos pertencem a Deus, e, portanto, devemos contribuir para as suas obras com satisfação e não com tristeza, porque Ele ama o que dá com alegria (II Cor.9.7). Aliás, assim fazendo, estamos agradecendo a sua infinita Misericórdia que extinguiu, de vez, o flagelo maldito da malária, quando por entre atrozes angústias e amargurados prantos de aflição esvaíam-se as esperanças de vê-lo debelado, enviando-nos, em seguida, anos de bonança, pondo-nos, assim, em condições de antes dar do que pedir, o que é uma grande dita, pois, na linguagem das letras sagradas, maior ventura é dar que receber (At. 20, 35).”<sup>157</sup>

Para uma empreitada deste porte, era necessária uma política de alianças, dentro da esfera hierárquica da Igreja no Ceará e, com o poder político da região jaguaribana e do Estado. Dom Aureliano se favorece dessas alianças, principalmente a partir da criação e posterior ação das organizações leigas, como, por exemplo, a Ação Católica. Não é nosso objeto de análise, mas, é necessário salientar que dentro da esfera de alianças políticas, ambos os lados se favorecem. A Igreja recebendo as condições necessárias à realização de seus projetos e o fortalecimento de uma concepção de mundo de base cristã e, o Estado, recebendo apoio da Igreja na luta contra o comunismo ateu. Para Miranda

<sup>156</sup> AZZI, Riolando. O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular. Petrópolis:Vozes, 1977.

<sup>157</sup> II Carta Pastoral. Op. cit. pag.14.

“Entretanto, ao empenhar-se, também, na luta contra o comunismo ateu, imiscuindo-se pelo terreno do social, a Igreja vai se inserir, inevitavelmente, na lógica burguesa-capitalista. A defesa dos princípios cristãos da igualdade, da justificação divina para as diferenças sociais e da necessidade de buscar na concórdia a resolução dos problemas sociais leva a Igreja ao reconhecimento da ordem que caracteriza a sociedade burguesa estabelecida.”<sup>158</sup>

A Igreja era consciente de que não se tratava apenas de reaver ou recuperar os privilégios que antes detinha, mas, dentro do campo de alianças, principalmente com o poder político, conseguir o apoio indispensável para, como já dissemos, providenciar as condições para a efetivação de seus projetos e lutas, que variavam, conforme o momento político e a necessidade orçamentária, mas, que se objetivavam na possibilidade concreta de ocupar espaços de influência na sociedade. Para tanto, mesmo a construção de um seminário, era de fundamental importância dentro da realidade desta nova Igreja.

É bom lembrar, também, que as lutas e projetos eram bandeiras de todo o catolicismo. Lutas e projetos que eram planejados para todo o mundo católico. Limoeiro do Norte não ficaria fora, principalmente após a criação da diocese do Vale do Jaguaribe e a instalação de sua sede neste município. Lutas que variavam desde a condenação oficial do comunismo ateu, fortalecido por documentos da Santa Sé como a já referida Encíclica *Rerum Novarum*, passando pela preocupação com os sistemas instrucionais laicos dos países que o tinham institucionalizado, base, para a Igreja, de um projeto de construção de instituições ligadas a educação e formação de jovens da elite, futuros defensores dos ideais cristãos e, instituições vocacionais para formação de padres e freiras para a continuidade da missão evangélica católica. Dom Aureliano comenta na sua segunda Carta este caminho seguido pela Igreja:

“Daí a multiplicação das Dioceses e, com estas, a dos estabelecimentos que se destinam à difusão do Reino de Cristo. Sabendo-se que, em um prélio tão intenso, de proporções tão vastas e duradouras, nulos seriam os seus esforços se não desse capitães adestrados, competentes e bravos para chefiar os seus exércitos de milhões de cristãos distribuídos em todos os quadrantes da terra, a principal preocupação da Igreja, é, pois, a fundação de Seminários, em todas as

---

<sup>158</sup> MIRANDA, Júlia. *O Poder e a Fé – Discurso e Prática Católicos*. EUFC, Fortaleza, 1987. pág. 27.

Dioceses de vez, que são eles quartéis de formação dos oficiais da milícia do Senhor.”<sup>159</sup>

Era importante para a Igreja ocupar espaços e definir as condições indispensáveis que viabilizassem a sua continuidade enquanto instituição religiosa. A construção desta “nova Igreja” se dava ao mesmo tempo em que havia a inserção dentro da sociedade burguesa-capitalista de novas idéias e de projetos que as viabilizassem. Neste mundo onde a idéia de progresso viria, sobretudo, pela aquisição de novos comportamentos e de novos conhecimentos adquiridos, a escola passava então, a ser vista como o local, o ponto de partida desta mudança social. Nesta perspectiva, surgiam projetos que objetivavam trazer para cá, o que os educadores e religiosos viam projetado na Europa.<sup>160</sup>

A realidade acima descrita preocupava a Igreja, se já era hercúlea a tarefa de fomentar as aspirações vocacionais dos jovens brasileiros desde a época da colonização, agora, com o ensino laico e as possibilidades de expansão da educação pública, haveria uma procura cada vez menor daqueles que, sem muitas opções, caminhavam em direção ao ensino religioso, às vezes, a única opção de instrução, principalmente no interior do país. Com a percepção de que a provável mudança se aproximava, era necessário enfrentá-la criando alternativas que pudessem atrair a sociedade católica. Uma dessas alternativas era a construção de escolas e seminários que utilizassem conceitos arquitetônicos menos tradicionais, jardins, quadras de esportes, além da escolha de locais, a maioria deles, de notável beleza natural.<sup>161</sup>

A distância temporal entre os primeiros seminários tridentinos, construídos entre os anos de 1910 e 1920 no Brasil e o seminário de Limoeiro do Norte, inaugurado em 1947, portanto, em torno de 30 anos, pode evidenciar algumas mudanças, não apenas nas questões arquitetônicas, como citamos acima, mas, também, nos processos instrucionais. Ponto importante na discussão sobre a importância de se ter um seminário em uma diocese, mas, sobretudo, no tocante ao processo educativo-disciplinar que era introduzido nestes

---

<sup>159</sup> II Carta Pastoral. Op. cit. pag.02.

<sup>160</sup> LIMA, Luiz Gonzaga de Sousa. Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1979. pag. 87.

<sup>161</sup> LORENZETTI, A. A. Romanização do catolicismo e educação no Brasil. Curitiba:PUCPR, Dissertação de Mestrado, 1998, pág.88.

seminários. É bom, também, lembrar, que em Limoeiro do Norte funcionava, apenas, o seminário menor. Confirmada a vocação sacerdotal, o seminarista iria para um outro seminário para concluir seus estudos filosóficos e teológicos, preferencialmente no Seminário da Prainha, em Fortaleza.

Apesar de não adotar o mesmo rigor existente em outros seminários instalados em décadas anteriores, como o de São Paulo e o de Campinas, onde o seminarista, depois de matriculado, não podia sair mais, senão dois meses antes de ser promovido, no que diz respeito ao regime de internato, podemos afirmar que muito da herança tridentina continuou atuante. Mesmo assim, alguns seminaristas, como o Padre Jair, ao relembrar aquele período, destacam a prática de esporte e os passeios de bicicletas pela cidade, como práticas cotidianas, atividades praticadas com batina e acompanhadas pelos padres lasaristas, responsáveis pela educação no seminário de Limoeiro.<sup>162</sup>

Estas mudanças denotavam que a Igreja percebia a necessidade de rever alguns preceitos sobre educação e, de integrá-los as práticas educativas, mesmo que fosse dentro de um seminário, onde a finalidade maior do processo instrucional seria aprimorar as vocações sacerdotais de seus alunos. Se de um lado a Igreja, mesmo que de forma atenuada, inseria outras atividades, que outrora eram renegadas dentro de um seminário ao plano do esquecimento, é notório que a construção de seminários tinha como objetivo maior atingir a juventude com os preceitos católicos moralizadores, objetivo merecedor da atenção de todo o clero, notadamente do bispo diocesano.

Podemos perceber permanentemente no discurso de Dom Aureliano, a valorização dessa “autêntica” educação cristã como sustentáculo da sociedade. A juventude seria, portanto, uma grande força que poderia ser facilmente aproveitada para o bem da religião católica, assim como para o seu contrário. E, segundo o pensamento do prelado, o modo adequado para essa juventude contribuir para a religião seria submetê-la aos princípios “sãos”, aos sentimentos elevados da piedade, à noção do dever e ao respeito para com os superiores civis ou religiosos. Entretanto, se deixada a inclinar-se para comportamentos diferentes daqueles, estaria ela se desviando do caminho imaculado da

---

<sup>162</sup> Entrevista concedida pelo Padre Francisco Jay Gonçalves (Padre Jair), Op. cit.

religião. “Querendo Deus a salvação de todos os homens e sendo o sacerdote o instrumento necessário para que ela se verifique, suscita Ele, em abundância, as vocações sacerdotais.”<sup>163</sup>

Portanto, se a educação não fosse baseada nos moldes da moral cristã, acreditava Dom Aureliano que a formação de “homens úteis” à família e à sociedade estaria comprometida. Desse modo, conclui, apresentando o seminário como o responsável pela condução dessa “sã” formação: “Que estabelecimento mais idôneo para lhe ministrar os conhecimentos de que carece, tanto científicos como religiosos, do que o Seminário – casa apropriada para o provisionamento do óleo da doutrina e da ciência sagrada, como muito bem dizia o grande Bispo de Meaux.”<sup>164</sup>

A Igreja queria e entendia que, juntamente com uma sólida formação intelectual e espiritual, os seminários deveriam inculcar na formação de seus alunos os princípios da civilidade cristã, o respeito à pátria, o zelo da felicidade e da prosperidade do país, firmados nos ensinamentos do catolicismo.<sup>165</sup> Essa identificação dos interesses das famílias com os da Igreja, principalmente, na formação dos filhos, foi de certo modo, aprovada pelo Estado, se considerarmos as alianças efetivadas entre Igreja e Estado. Esta Estrutura de Educação, formadora de futuros sacerdotes, permearia as dioceses brasileiras, notadamente depois da proclamação da República e do processo de romanização que se desenvolvia. Se a Igreja evidenciava uma nova trajetória, e a Santa Sé era a condutora deste destino, Dom Aureliano no seu bispado imprimiu em pouco tempo as condições básicas indispensáveis e providenciais para atender essas diretrizes fundamentais na construção desta “nova Igreja”.

Se as Pastorais Coletivas do episcopado brasileiro recomendavam a criação de uma estrutura, acatando as diretrizes da Santa Sé, baseada na fundação de instituições educacionais, de saúde e, sociais de amparo à pobreza, oficialmente católicas, ramificadas pelo território brasileiro, em cada diocese, o ponto de destaque, então, em Limoeiro do Norte, não foi, a edificação de tal estrutura por Dom Aureliano, mas, o tempo limitado em que foram construídas e as alianças efetivadas pelo bispo para o êxito de seus projetos. Durante os seus 27 anos de bispado, Dom Aureliano impôs um ritmo acelerado à obtenção

---

<sup>163</sup> II Carta Pastoral. Op. cit. pag. 05.

<sup>164</sup> Id. *ibid.* pág. 10.

<sup>165</sup> Constituições Eclesiásticas do Brasil. Op. cit. Art. 1190, pág. 260.



dessa estrutura indispensável para o pleno funcionamento de sua diocese, ritmo facilitado pela elite local, que já tinha dado mostras do seu poder de persuasão, quando da disputa no Vale do Jaguaribe pela sede do bispado e da criação da Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro, que tinha viabilizado junto setor empresarial local e ao governo estadual a construção da 2ª Escola Normal Rural do Ceará.<sup>166</sup>

De certo modo a conjuntura favorável encontrada por Dom Aureliano deve ter facilitado seus empreendimentos, se a elite local estava ansiosa pelo “progresso” que viria com a instalação de um bispado, também, esta mesma elite local, conhecedora da realidade econômica do município e da região jaguaribana, deve ter entendido a prioridade de empreender os esforços necessários em busca dos recursos financeiros, a partir de um jogo de alianças internas e externas a região jaguaribana.

Um outro momento desta realidade é entender que já havia, também, uma disputa nacional entre correntes favoráveis a Igreja e uma outra defensora dos preceitos liberais e positivistas. Disputa que já havia chegado ao Ceará e, era bastante notada no Vale do Jaguaribe. Portanto, o Limoeiro diocesano foi uma conquista efetivada durante esta disputa, onde forças políticas e religiosas somaram esforços e capital resultando na vitória de uma cidade sem muita relevância histórica ou econômica na região, mas, como já dissemos, consciente de suas possibilidades tendo a frente uma diocese. Se os setores da elite limoeirense já tinham dado mostras de sua disposição através de lutas em prol do “progresso”, era de se supor que este empreendedorismo se faria sentir, se a Diocese conclama-se seu rebanho para uma nova empreitada. Tarefa que levaria Dom Aureliano ter a consciência de apelar para toda a sua Diocese, por conta dos recursos financeiros que o Prelado sabia que necessitaria.

“Movimente-se toda a zona jaguaribana num atestado de fé e patriotismo, para a realização desta obra, que se levantará no Vale do Jaguaribe, mais promissora que os vossos extensos carnaubais, e da qual recolhereis a cera preciosa da ciência e da virtude para os vossos filhos, deixando-lhes esta herança, que os tornará ricos para a vida presente, com o ouro do saber e da virtude, e ricos para o céu, pois ali se preparam os eleitos do Senhor.”<sup>167</sup>

---

<sup>166</sup> Professora Maria das Dores Vidal Freitas (Bazinha). Entrevista concedida no dia 27 abril de 2003, em Limoeiro do Norte.

<sup>167</sup> II Carta Pastoral. Op. cit. pag. 12.

Se o divisor de águas entre “atraso” e “progresso” deste município foi a diocese, e se a sua elite era consciente destas possibilidades, o bispado de Dom Aureliano Matos e o seu empreendedorismo facilitaram, num jogo de alianças as condições básicas para que esta elite local se modernizasse e viabilizasse sua continuidade naquele mundo de transformações, onde a educação se tornava fundamental e indispensável diante da realidade que ora se apresentava.

### III Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos

“Para a obra mundial de salvação que temos vindo traçando, e para a aplicação dos remédios que ficam brevemente apontados, ministros e obreiros evangélicos designados pelo divino Rei Jesus Cristo são em primeira linha os sacerdotes. A eles, por vocação especial, sob a guia dos sagrados Pastores e em união de filial obediência com o Vigário de Cristo na terra, foi confiada a missão de conservar aceso no mundo o facho da fé e de infundir nos fiéis aquela sobrenatural confiança com que a Igreja, em nome de Cristo, tem combatido e vencido tantas outras batalhas: “Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé” (1 Jo 5, 4).”<sup>168</sup>

A temática sobre as vocações sacerdotais sempre acompanhou a Igreja, não obstante os decretos, bulas, cartas e encíclicas que se ativeram ao assunto, dando a ele um tratamento especial, estes documentos e tantos outros movimentos católicos não conseguiram lotar as salas dos seminários de forma constante, persistindo continuamente a carência de jovens desejosos do serviço religioso. As dioceses, principalmente, nas Américas, sentiam muito mais esta problemática e por conta dessa realidade, havia sempre a presença em muitas paróquias de padres estrangeiros. Como já comentado na análise da II Carta Pastoral, a transformação política da Europa e a ascensão de governos liberais e reformadores, a Igreja no Velho Mundo, também, viu diminuir a procura pelo sacerdócio. Era providencial, então, gerar as condições e atrativos para uma maior procura por parte dos jovens pela vida sacerdotal.<sup>169</sup>

Em conformidade com esta realidade, havia, também, a necessidade de se empreender esforços contínuos para a sobrevivência da Igreja Católica. Esta Igreja,

<sup>168</sup> Divini Redemptoris - Carta Encíclica de Sua Santidade PIO XI. 19 de março de 1937.pág. 97.

<sup>169</sup> BRUNEAU, Thomas C. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. pag. 48.

seguidora rigorosa dos ensinamentos constantes da encíclica *Rerum Novarum*, segundo a qual “as confrarias, as congregações e as ordens religiosas de todo gênero nascidas da autoridade da Igreja e da piedade dos fiéis (...) no que elas têm de relativo à religião, não dependem senão da Igreja.”<sup>170</sup>, para o clero brasileiro, a difusão da doutrina cristã como instrumento de afirmação social e política, passava pela sua continuidade enquanto instituição religiosa, devendo providenciar da melhor forma possível as condições financeiras para o êxito de tal empreitada.

Um outro olhar que contribui para o entendimento deste momento que a Igreja passava, e já descrito outras vezes em análises anteriores nesta pesquisa, era a de que, em primeiro lugar, enquanto instituição religiosa presente na sociedade mundial, onde laicismo, o positivismo e o liberalismo se propagavam de forma cada vez maior, era a de confrontar-se com todos estes movimentos. Dentro deste quadro, foi necessário a Igreja promover uma mudança no seu eixo de atuação deixando de ocupar-se prioritariamente de Deus e dos seus desígnios, e se voltando para o homem e seus problemas.<sup>171</sup> Se a prioridade, agora, é o homem, continuava premente a necessidade, até maior, de religiosos para a tarefa de mostrar o caminho para este homem num mundo em permanente transformação.

Em segundo lugar é preciso lembrar que não havia mais um grande número de religiosos de origem européia, nascendo daí a possibilidade cada vez maior, de consegui-los nos países do Terceiro Mundo. A América e a África poderiam se tornar os grandes celeiros de vocações, enquanto declinaria na Europa cada vez mais secularizada o recrutamento religioso. Em terceiro lugar, as grandes religiões - aquelas que Max Weber chamou, com o cristianismo, de religiões universais - vicejam fora da Europa.<sup>172</sup> Torna-se claro, portanto, porque, nesse contexto mundial, Roma precisava do Terceiro Mundo.

Mas a guerra de descolonização alterou o contexto político dentro do qual essa aliança ganha sentido. Não se pode esquecer que a Igreja foi, desde a primeira hora, aliada dos governos europeus na sua missão colonizadora. Desse modo, não há como evitar

---

<sup>170</sup> *Rerum Novarum* - Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa LEÃO XIII. 15 de maio de 1891.pag. 49 e 50.

<sup>171</sup> FANFANI, A. *Capitalismo, catolicismo, protestantismo*. Lisboa: Editorial Áster, 1984. pág. 115.

<sup>172</sup> AUBERT, R. *Nova História da Igreja. A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno*. Op. cit. pág. 96.

que os países colonizados vejam a Igreja como cúmplice da colonização e o cristianismo europeu como instrumento de desenraizamento cultural típico do colonialismo. Assim, para manter-se dentro da órbita destes continentes onde está a grande parte do catolicismo, a Igreja precisou equacionar sua relação com as colônias. Para tanto, procurou refazer sua identidade institucional de modo a não mais ser identificada com o colonizador europeu.<sup>173</sup>

Nesse processo, a Igreja toma consciência de que o seu trabalho missionário de levar a fé católica para os povos e nações não-europeus, dependeria cada vez mais da efetiva possibilidade de providenciando a construção de seminários e conventos, vê-los servindo ao propósito de se tornarem celeiros de vocações sacerdotais. Relembremos que vários são os documentos da Cúria Romana e da Igreja no Brasil que solicitam aos bispos e arcebispos a condição primeira de irradiar a fé católica a partir da instalação de seminários nas áreas sob sua jurisdição eclesiástica.

Se a Igreja católica no Brasil, tinha consciência de que era necessário implementar esforços para aumentar o número de religiosos, enquanto instituição ligada a Santa Sé, não havia mudanças quanto ao tipo de seminário que deveria ser instalado nas dioceses. A concepção tridentina, imposta por Roma, refletirá nos futuros religiosos o seu ponto fundamental: a hierarquia e doutrina eclesiástica, denotando importância vital para a estrutura institucional e de títulos da Igreja. Nesta Igreja a santidade reside na figura do padre e este centraliza todas as deliberações na vida religiosa da comunidade, desde o funcionamento da paróquia até as questões de ordem doutrinária e moral.<sup>174</sup>

Para Dom Aureliano que já estava construindo um seminário na sede de sua diocese e que durante a construção destinou o seu Palácio Episcopal para o funcionamento das primeiras turmas, era indispensável conclamar toda a sociedade para abraçar o seu projeto. Nesse intuito, o bispo organizou em 1943, na cidade de Aracati, pertencente a sua diocese, o primeiro Congresso das Vocações Sacerdotais. Durante uma semana, religiosos, políticos, associações e movimentos católicos e outros setores da sociedade daquela região participaram ativamente das discussões sobre o aumento das vocações sacerdotais e os meios de ampará-las.

---

<sup>173</sup> Id. *ibid.*

<sup>174</sup> AZZI, Riolando. O início da restauração católica no Brasil: 1920-1930. Op. cit. pág. 96.

“O Congresso das Vocações Sacerdotais realizado, há pouco, na cidade de Aracati, pelo seu esplendor, pela ordem observada e, sobretudo, pela grande piedade e espírito de fé nele reinantes, de tal modo atraiu quantos ao mesmo assistiram que continuamos de olhos fitos e corações voltados para aquele cenário, onde avultou transfigurado o sacerdote católico.”<sup>175</sup>

A III Carta Pastoral, escrita em 1943, torna público as resoluções desse Primeiro Congresso das Vocações Sacerdotais, também, na Carta, fica evidente a preocupação da Igreja diante da pouca importância que a sociedade dava à carência de padres e freiras. Se por um lado essa preocupação fazia parte da rotina da Igreja, como já foi evidenciado antes, havia a necessidade de empreender esforços no sentido de dar um novo rumo a esta situação, que agora, apresentava-se ainda mais preocupante, em face da situação de rareamento de vocações e ausência de padres para os serviços sacerdotais em muitas paróquias da diocese.

No bispado do Vale do Jaguaribe essa preocupação se fazia sentir também no recém-criado seminário, pois o número de alunos era mínimo. Para Dom Aureliano, o Congresso teria a finalidade de conseguir o aumento das vocações sacerdotais e, conseqüentemente, os meios de subsidiar os pretensos alunos que não possuísem as condições econômicas necessárias para realizar os seus estudos. “...é óbvio que este objetivo, quando atingido, leve os seus benefícios a todos os habitantes da Diocese.”<sup>176</sup>

Em suas resoluções, era evidente a importância da sociedade, e, em particular, da família para um maior incremento da Obra das Vocações Sacerdotais na região. Dom Aureliano continuava assim, enaltecendo a importância da família, como o fez na primeira Carta Pastoral. Para ele tudo dependia do lar, era ali que se desenvolvia a prática das virtudes. Só assim os lares se tornariam “sementeiras de vocações sacerdotais.”<sup>177</sup>

Nesse sentido, apontava ele alguns meios para que suas idéias fossem concretizadas, idéias onde a visão conservadora da Igreja permeava até o princípio legítimo de autoridade que os pais possuíam em relação ao número de filhos que viriam a

---

<sup>175</sup> III Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos, 1943. pag.01.

<sup>176</sup> Id. *ibid.* pág. 02.

<sup>177</sup> Id. *ibid.* pag. 03.

conceber. “Antes de mais nada, é indispensável que dele se afaste o pecado, sobretudo aquele que na sua hediondez e gravidade atrai a maldição de Deus para o lar, como seja o da limitação da natalidade. Privam-se muitos pais de terem a glória, a felicidade de possuir um filho Padre, porque lhe negaram a vida, quando Deus o esperava para chamá-lo ao sacerdócio.”<sup>178</sup>

Para Dom Aureliano Matos as famílias deveriam entender que uma parte dos seus filhos poderia, deveria e precisaria estar à disposição das reais necessidades da Igreja e da sociedade, favorecendo por conta da educação cristã, transmitida no lar, de um lado, novos sacerdotes e, de outro, trabalhadores e empreendedores. Em vez disso, parecia-lhe que a insensibilidade imperava e, as vocações sacerdotais sempre eram colocadas em último plano no que dizia respeito ao futuro de um jovem. Uma família com muitos filhos poderia garantir sua existência com o trabalho de alguns, enquanto outros, educados pelos pais, estariam aumentando o número de sacerdotes. Na 1ª Resolução denominada Cristianização das Famílias, Dom Aureliano comenta o assunto sobre a condição da família naquela época:

“Lar sem virtudes cristãs, sem piedade, sem fé, sem espírito de sacrifícios e de renúncias, sem temor de Deus; lar onde reina o egoísmo, onde domina o desejo do prazer, com o desprezo mesmo dos mandamentos divinos, onde impera a cobiça, o amor do ouro, onde se vive mais para o corpo que para a alma, onde a terra tem mais encantos e atrativos que o céu, este lar não é o terreno apropriado a receber o germe da vocação divina.”<sup>179</sup>

Nesta mesma resolução, apontaria Dom Aureliano os meios considerados por ele eficientes, para a transformação destes lares e assim, torná-los capazes de providenciar o número de filhos, que pudessem suprir as carências sacerdotais em sua diocese.

“Urge, pois, que se cristianizem os lares pela prática das virtudes que ali devem ser praticadas por todos os seus membros. Pelos pais – esteios do lar, e não só pelas mães, abraçando eles suas obrigações com espírito de sacrifício, vivendo mais para a família do que para si próprios; pelos filhos – razão de ser do lar, e

---

<sup>178</sup> Id. *ibid.*

<sup>179</sup> Id. *ibid.* pág. 02.

que pelas suas virtudes se constituam uma coroa de glórias dos pais, e não de espinhos.”<sup>180</sup>

Também, com o mesmo intuito, ficou estabelecido em sua orientação pastoral, que fossem abertos centros de vocações sacerdotais em todas as matrizes, capelas, fábricas e demais centros de atividades sócio-religiosas. Como a maioria dos jovens que acolhiam ao chamado para o sacerdócio eram aqueles de menor renda familiar, a diocese jaguaribana solicitou que as paróquias iniciassem a fundação de uma bolsa das vocações sacerdotais, abrindo para isto, embora com pequena quantia, uma caderneta em um banco.<sup>181</sup>

Não obstante todo o empenho de Dom Aureliano na busca de mais candidatos, entre os jovens, para o serviço religioso, o mundo estava pleno de idéias reformadoras. Já apontadas anteriormente, o liberalismo, o positivismo, o darwinismo, a modernização da produção com a industrialização transformaram os valores culturais, produzindo alternativas múltiplas do pensar e agir. As alternativas geradas dentro da ótica de evolução das atividades econômicas do sistema capitalista e que providenciavam novas oportunidades de estudo e trabalho.

São estas mudanças norteadoras do futuro caminho da Igreja, enquanto instituição religiosa, que faria Ela, procurar e/ou criar mecanismos para a obtenção das condições de continuidade, trazendo novas possibilidades para a expressão religiosa. Se o discurso religioso de portador da verdade transcendente foi afetado pelos ares da modernidade e conseqüentemente pelo avanço da ciência, esta mesma modernidade poderia trazer novas possibilidades para a expressão religiosa, principalmente fazendo-a incorporar ao seu discurso a dimensão da irracionalidade, da sensibilidade e do sublime.<sup>182</sup>

Utilizando-se de meios modernos de persuasão, como o rádio, jornais e grandes eventos como congressos vocacionais e eucarísticos e, também, incorporando em seu discurso, o que foi dito acima, a dimensão da sensibilidade e do sublime, a Igreja consegue, em parte, se manter num lugar relevante na vida social, objetivando fortalecer a

---

<sup>180</sup> Id. *ibid.* pág. 03

<sup>181</sup> Id. *ibid.* pag. 08.

<sup>182</sup> RUBIO, M. O Contexto da Modernidade e da Pós-Modernidade. in Vidal, M. *Ética Teológica*, Petrópolis, Vozes. 1999. pág. 73.

fé religiosa, sem mudanças nos postulados desta fé e nos estatutos da Igreja, tudo isto objetivando uma melhor comunicação com os seus adeptos e de também impor-se fora do âmbito estritamente religioso.<sup>183</sup>

Ao organizar o primeiro Congresso de Vocações Sacerdotais em sua diocese, Dom Aureliano, não apenas colabora com este novo discurso da Igreja Católica, mas, se aproveita destes novos mecanismos, para objetivar de forma mais coerente com a realidade que ora se apresentava, o seu projeto de Igreja no Vale do Jaguaribe. Igreja que deveria providenciar as condições alternativas em termos de educação, saúde e trabalho, denotando uma reação às iniciativas de outras instituições políticas, culturais e sociais.<sup>184</sup>

Nesta perspectiva o Congresso de Vocações Sacerdotais, visou não só despertar vocações, mas, também, preparar a sociedade jaguaribana para os projetos que Dom Aureliano almejava desenvolver, dessa forma, serviu-se o prelado, durante o evento, da colaboração dos setores político e empresarial, fortalecendo-se para novos empreendimentos, que certamente já estavam sendo perseguidos.

#### **IV Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos**

A IV Carta Pastoral escrita por Dom Aureliano Matos em 1954, trataria da realização do Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, em preparação ao Congresso Eucarístico Internacional que seria realizado no Rio de Janeiro, no ano seguinte. “Nosso Congresso deverá ser o comprovante da religiosidade de toda a população do Baixo Jaguaribe, que tem em Cristo Eucarístico o sol que a ilumina e aquece na jornada em busca do céu, e em Maria Santíssima seu amparo e fortaleza. ‘Auxilium christianorum’.”<sup>185</sup> Embora já havia sido realizado o Congresso Eucarístico de Russas, em 1944, comemorando o Centenário do Apostolado da Oração e o Congresso das Vocações Sacerdotais, em Aracati um ano antes, o Congresso Eucarístico de 1955, era diocesano, e deveria como tal, ser um evento de projeção além da zona jaguaribana.

---

<sup>183</sup> Id. *ibid.*

<sup>184</sup> No capítulo anterior, no subtítulo Reconstituo a biografia de Dom Aureliano Matos, na página 58, já havíamos discutido sobre esta prática da Igreja, denominada pelo Padre João Olímpio de Paralelismo.

<sup>185</sup> IV Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos, 1954, p.07.



“Agora, já não é apenas uma paróquia, a de Limoeiro, todo o Baixo-Jaguaribe, são as suas doze paróquias, com seus duzentos mil habitantes, desde os acantilados píncaros da aprazível serra do Pereiro, até as brancas praias de Icapuí, que numa empolgante arrancada de fé vem celebrar as glórias de Maria aos pés de Jesus Sacramentado num fervoroso Congresso Eucarístico.”<sup>186</sup>

O bispado jaguaribano utilizou aquele congresso com a finalidade de evidenciar para o governo estadual, a arquidiocese e a elite local, a força religiosa da população do Baixo Jaguaribe e assim da Igreja sob sua administração, almejando, com isso, possibilitar, através de futuras alianças, o provimento necessário para a participação de uma delegação no Congresso Eucarístico Internacional, além, é claro, de fornecer as condições de continuidade às obras que estavam sendo edificadas na diocese, como reforma e ampliação de algumas igrejas e, tudo aquilo que fosse necessário para o pleno funcionamento do bispado. Dentro das solenidades do Congresso estava a bênção ao Seminário Diocesano, fruto do trabalho de duas décadas do bispo, e a inauguração do monumento à Nossa Senhora. Durante o período de realização do congresso, não houve aula nas escolas em Limoeiro do Norte, sinal evidente do poder que a Igreja Católica ainda detinha no âmbito do sistema educacional do Município.



I Congresso Eucarístico Diocesano. Os fiéis participando do Congresso. Na 1ª fila, crianças cruzadas de Limoeiro, cujo diretor espiritual era o Padre Mariano Rocha Matos. Entre os assistentes podemos ver religiosas, filhas de Maria, congregados marianos. Limoeiro do Norte, 1954. Foto extraída de FREITAS, Maria das Dores Vidal e OLIVEIRA, Maria Lenira. (Org) Limoeiro em Fotos e Fatos. Década de 30. 1997.

Os Congressos Eucarísticos nasceram na segunda metade do século XIX na França. Foi uma mulher de nome Emilie Tamisier (1834 – 1910) inspirada por São Pedro Julião Eymard (1811 – 1868), chamado o “Apóstolo da Eucaristia”, que tomou a iniciativa de organizar, com a ajuda de outros leigos, sacerdotes e bispos e com a bênção do papa Leão XIII, o primeiro Congresso Eucarístico Internacional em Lille, com o tema: “A Eucaristia salva o mundo”. Apostava-se em uma renovada fé em Cristo presente na Eucaristia como remédio contra a “ignorância” e a indiferença religiosa.<sup>187</sup>

Segundo o Pontifício Comitê para os Congressos Eucarísticos, sediado em Roma, era importante proclamar a fé católica, utilizando-se para isso, todos os mecanismos modernos de comunicação. Deveria também estes eventos contar antecipadamente com uma comissão nomeada pelo bispo ou arcebispo, que seria responsável pela organização cerimonial e litúrgica, com poderes de empreender contatos com os vários setores da sociedade e assim associá-los ao evento, obtendo as condições de êxito necessárias.

A partir dos decretos de São Pio X sobre a comunhão freqüente “Sacra Tridentina Synodus”<sup>188</sup> e sobre a comunhão das crianças “Quam Singularis”<sup>189</sup>, na preparação e na celebração dos Congressos promoviam-se a comunhão freqüente dos adultos e a primeira Comunhão das crianças. Com o pontificado de Pio XI os Congressos Eucarísticos se tornaram internacionais, pois começaram a ser celebrados rotativamente em todos os Continentes, adquirindo uma dimensão missionária e de “re-evangelização” (expressão já usada para a preparação do Congresso de Manila de 1937).<sup>190</sup>

Cada Congresso Eucarístico Internacional, evento da Igreja Católica Universal, tem de envolver as Igrejas particulares espalhadas no mundo como expressão da comunhão em Cristo-Eucaristia. Na perspectiva da nova evangelização, procurada

---

<sup>187</sup> Site do Vaticano, página sobre a Origem e Desenvolvimento dos Congressos Eucarísticos Internacionais. [http://www.vatican.va/phome\\_po.htm](http://www.vatican.va/phome_po.htm).

<sup>188</sup> Decreto do Papa Pio X sobre a comunhão e a salvação dos homens, Roma. 1905. [http://www.vatican.va/phome\\_po.htm](http://www.vatican.va/phome_po.htm).

<sup>189</sup> Decreto do Papa Pio X sobre a comunhão das crianças e sua preparação para a vida cristã católica, Roma. 1910. [http://www.vatican.va/phome\\_po.htm](http://www.vatican.va/phome_po.htm).

<sup>190</sup> AUBERT, Roger. Op. cit. pág. 102.

repetidas vezes pela Igreja, um Congresso Eucarístico não pode contentar-se com as celebrações e as várias manifestações, onde a Eucaristia aparece só alguns dias como centro da Igreja. Na preparação dos Congressos Eucarísticos Internacionais – e se necessitar também dos Congressos Eucarísticos Nacionais – o Pontifício Comitê ofereceria a sua colaboração na escolha do tema, na redação do texto base e particularmente na participação ativa na Assembléia plenária do Pontifício Comitê, e por fim, também na programação da celebração do Congresso.<sup>191</sup>

A Igreja, dessa forma, denotava a importância que um Congresso Eucarístico representava na dinâmica da sociedade, portanto era necessário organizá-lo da melhor forma possível. Sendo assim, o Pontifício Comitê para os Congressos Eucarísticos deveria participar, sendo os olhos, os ouvidos da Santa Sé. Mais do que colaborar, o Pontifício Comitê, estava empenhado em fiscalizar a preparação do evento, decidindo em nome da Santa Sé, qualquer eventualidade que surgisse.

No Brasil, aconteceria em julho de 1955, no Rio de Janeiro, o XXVI Congresso Eucarístico Internacional, este gigantesco evento, carecia de uma publicidade que poderia ser providenciada através de eventos de menor porte realizados no país e, fora dele, que atraíssem o público necessário para o pleno êxito planejado. Para tanto, seria importante entre outros projetos, a organização de Congressos Eucarísticos Diocesanos, no maior número possível de dioceses. No Ceará, vários foram os eventos organizados, tendo em vista propagar e angariar os recursos financeiros necessários para a participação de uma delegação cearense no evento. Entre procissões, missas campais, as dioceses pertencentes a arquidiocese cearense organizaram um calendário, onde cada uma realizaria o seu Congresso Eucarístico e, assim, propagaria da melhor forma possível o grande encontro que se daria no Rio de Janeiro.<sup>192</sup>

“Em 1954 a Diocese de Limoeiro do Norte vivera uma de suas maiores demonstrações de fé, com a realização do primeiro Congresso Eucarístico Jaguaribano, arregimentando toda a população para sua sede. O acontecimento que fora totalmente retransmitido pelo Serviço de Alto-Falante ‘A VOZ DA CIDADE’ se realizara no período de 04 a 08 de dezembro de 1954, com altar no

---

<sup>191</sup> Site do Vaticano, página sobre a Origem e Desenvolvimento dos Congressos Eucarísticos Internacionais. [http://www.vatican.va/phome\\_po.htm](http://www.vatican.va/phome_po.htm).

<sup>192</sup> Entrevista do Padre João Olímpio. Op. cit.

Praça Pandiá Calógeras, atual Praça Nossa Senhora da Assunção. Neste mesmo ano, é que se reativara, através do Pe. Mariano da Rocha Matos, a “Cruzadinha”. Por ocasião do Congresso, foram inauguradas as sedes próprias da Maternidade São Raimundo, na Rua Coronel Antônio Joaquim, e do Seminário Diocesano Cura D’Ars.”<sup>193</sup>

Na lógica empreendedora de Dom Aureliano, era de se supor que o mesmo aproveitasse ao máximo o referido congresso para encontrar os meios financeiros para agilizar a edificação de obras, consideradas por ele, indispensáveis para região jaguaribana. Neste caso a maternidade e o seminário. É evidente que a Igreja em Dom Aureliano, viu em uma diocese, naquele momento, a mais carente entre todas do estado, o processo de romanização acontecer de forma satisfatória, evidenciando a total adesão do bispo aos caminhos que a Igreja vinha traçando para o mundo, e, em particular, para a América Latina e o Brasil. Dom Aureliano se servirá desta propaganda nos meios eclesiásticos, para junto às congregações católicas internacionais solicitar recursos para as suas futuras obras, dando assim continuidade a construção de uma estrutura básica da Igreja Católica no Vale do Jaguaribe.

### **V Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos**

A V Carta Pastoral de 1965, tem como título: A Presença da Igreja na atual transformação econômico-social do Vale Jaguaribano, evidenciando a preocupação desta Instituição Religiosa com a inserção, cada vez maior, na região do processo de modernização econômica, social, política e cultural, que iniciava sua trajetória, notadamente após a Construção do Açude Orós, renovando, desta forma as perspectivas do desenvolvimento rural daquela região.

Dom Aureliano Matos se preocupava com a riqueza que poderia ser gerada no vale, qual seria o seu destino, querendo ressaltar/entender o papel da Igreja Católica dentro desta nova ordem econômica, razão pela qual, acreditava ser necessário um profundo e completo estudo das potencialidades dos recursos naturais e sociais da região,

---

<sup>193</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal e OLIVEIRA, Maria Lenira. Op. cit. pág. 178 e 179.

acompanhado de uma orientação desta sociedade relacionada com as condições para o seu desenvolvimento.<sup>194</sup>

Diante da modernidade que batia a sua porta, e, a partir de 1960, quando da criação da Sudene e BNB, certamente, Dom Aureliano, entendeu as perspectivas desenvolvimentistas que ocorreriam no Vale do Jaguaribe, área detentora de solos férteis e, que poderiam ser aproveitados pela moderna agricultura irrigada, advinda de projetos governamentais. Suponho que a preocupação do Bispo, com esse desenvolvimentismo, era, se ele possibilitaria um contexto favorável a Igreja Católica na região ou transformaria definitivamente a relação da população com a Igreja. Dessa forma, era necessário estruturar “(...) qual a atitude da Igreja frente a esta planejada transformação do Vale?”<sup>195</sup>

Se o que faltava era regularidade no fornecimento de água, fato que foi ser minimizado após a construção do Orós, os projetos de irrigação planejados para o Vale do Jaguaribe, particularmente para a região de Tabuleiros do Baixo Jaguaribe e a chapada do Apodi, na divisa entre o Ceará e Rio Grande do Norte, área onde estava inserido o município do Limoeiro do Norte, poderiam transformar a economia da região. As discussões de como se daria este vultoso empreendimento surgiam em todas as esferas, portanto, a preocupação de Dom Aureliano era plausível, estavam todos diante de um futuro que se desenhava favorável, mas, como ele se efetivaria? Quais seriam as mudanças inseridas naquela sociedade, que até aquela data vivia de promessas?

Outro ponto de destaque nesta minha análise seria observar como os vários setores da sociedade, naquela época, entendiam desenvolvimento, e como ele se daria no meio rural. Para Navarro a idéia de desenvolvimento que servia de modelo havia surgido após a Segunda Guerra, especialmente a partir da década de 50, estendendo-se até o final dos anos 70.

“Nesse período, instigado pela polarização da Guerra Fria e seus opostos modelos de sociedade e, particularmente, sob o impacto do notável crescimento econômico da época, que materializou um padrão civilizatório dominante, revolucionando o modo de vida e os comportamentos sociais, a possibilidade do

---

<sup>194</sup> V Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos, 1965. p. 01.

<sup>195</sup> Id. Ibid. p.02.

desenvolvimento alimentou esperanças e estimulou iniciativas diversas em todas as sociedades.”<sup>196</sup>

Seria assim apenas inevitável que o desenvolvimento rural, como subtema, fosse igualmente um dos grandes motores das políticas governamentais e dos interesses sociais, igualmente inspirando um crescente conjunto de debates teóricos. Na época, muitas das sociedades atualmente avançadas ainda mantinham parcelas significativas de sua população envolvidas em atividades agrícolas e/ou habitando áreas rurais (embora gradativamente menores); nos demais países, tais parcelas alcançavam muitas vezes proporções elevadas. Da mesma forma, era ainda significativo o peso econômico da agricultura nas contas nacionais, principalmente em países do Terceiro Mundo.

Neste período, também, se daria, de forma determinante, por conta de uma lenta e gradual acumulação de conhecimentos e de suas possibilidades de inovações em todas as áreas, uma nova e transformadora compreensão de agricultura, que tornar-se-ia a visão dominadora no mundo capitalista, não apenas no plano técnico-científico, mas, também, nos sistemas agrícolas dos países que a introduziram. Esta visão dominadora na agricultura ficou conhecida como a “revolução verde”.

Esta ruptura radical no que se imaginava economia e desenvolvimento rural cristalizou-se a partir de um conjunto de tecnologias, as quais, onde foram implantadas, romperam drasticamente com o passado por anexar todos os segmentos da sociedade rural a estas novas formas de produção, mercantilizando gradualmente a vida social e, em lento processo histórico, quebrando a relativa autonomia setorial que em outros tempos a agricultura teria experimentado. Goodman ao observar este período, analisa que:

Com a disseminação de tal padrão na agricultura, desde então chamado de ‘moderno’, o mundo rural (e as atividades agrícolas, em particular) passou a subordinar-se, como mera peça dependente, a novos interesses, classes e formas de vida e de consumo, majoritariamente urbanas, que a expansão econômica do período ensejou, em graus variados, nos diferentes países. Esse período, que coincide com a impressionante expansão capitalista dos “anos dourados” (1950-1975), é assim um divisor de águas também para as atividades agrícolas, e o

---

<sup>196</sup> NAVARRO, Zander. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. Estudos Avançados, vol.15 no.43 – USP- São Paulo Sept./Dec. 2001. pág. 83.

mundo rural (re)nasceria fortemente transformado, tão logo os efeitos desta época de transformações tornaram-se completos.<sup>197</sup>

A noção de desenvolvimento rural, naqueles anos, certamente foi moldada pelo “espírito da época”, com o ímpeto modernizante (e seus significados e trajetórias) orientando também as ações realizadas em nome do desenvolvimento rural. No Brasil, por exemplo, a partir do governo de Juscelino Kubitschek e as agências de desenvolvimento por ele criadas, um conjunto de programas foi implementado nas regiões mais pobres, o Nordeste em particular, sob a égide do desenvolvimento rural, pois em outras regiões o modelo era o da “modernização agrícola.”<sup>198</sup>

Em tal contexto, a transformação social e econômica - e a melhoria do bem-estar das populações rurais mais pobres - foi entendida como o resultado “natural” do processo de mudança produtiva na agricultura. Este último foi meramente identificado como a absorção das novas tecnologias do padrão tecnológico então difundido, acarretando aumentos da produção e da produtividade e, assim, uma suposta e virtuosa associação com aumentos de renda familiar, portanto, “desenvolvimento rural”.

De forma geral, o desenvolvimento rural era tido sem muita discussão teórico-filosófica, sobre as prováveis conseqüências da ruptura de um sistema tradicional de produção, o projeto ideal, considerado a “redenção” do longo processo histórico de pobreza dominante no meio rural brasileiro, notadamente no norte e nordeste, mais contundente era esta afirmação se a retórica fosse sobre a sub-região semi-árida nordestina.

Outra questão que suscita uma referência, porque está relacionada ao tema, é como se daria dentro deste “desenvolvimento rural” a reforma agrária. Esta problemática já bastante discutida no seio acadêmico brasileiro era também, nos anos de 1960, debatida pelos órgãos governamentais e por instituições internacionais como a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), mas, o mais preocupante para a Igreja, era que os seus setores mais progressistas defendiam a reforma agrária de forma ampla para o país, gerando para os conservadores dessa mesma instituição religiosa, temores sobre os

---

<sup>197</sup> GOODMAN, David. Economia e sociedade rurais a partir de 1945. In: BACHA, Edmar & KLEIN, Herbert S., *A transição incompleta. Brasil desde 1945*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p. 137.

<sup>198</sup> Id. *ibid.* pág. 138.

prováveis conflitos que certamente poderiam ocorrer sobre o tema, dentro de suas jurisdições. Dom Aureliano, entendia que na questão agrária e desenvolvimento rural, no Vale do Jaguaribe, haveria espaço para as discussões sobre a reforma agrária, eram estes espaços que deveriam ser ocupados por membros de sua diocese.

Para a Igreja este é um período de incertezas e riscos, talvez sem precedentes para essa instituição em sua história no Vale do Jaguaribe. Neste quadro de mudanças rápidas, profundas e inéditas, o tema desenvolvimento – e desenvolvimento rural – aparecia no teatro dos debates e das disputas sociais. Naquele momento histórico, o assunto geral que tomava conta de tudo e de todos eram as possibilidades de progresso da região, progresso este esperado há muitas gerações e que só agora se avizinhava. Era necessário, portanto, um “estudo de caso” por parte da Igreja, como uma forma de saber lidar e se associar com o inevitável, assim, participando de forma mais consistente dos debates, poderia Ela, emergir como força espiritual desta nova realidade.

A preocupação fazia sentido, haveria uma transição de uma economia agrária com suas técnicas atrasadas e estruturas superadas para uma economia agro-industrial e comercial com técnicas e estruturas especializadas, numa transformação do campo econômica, cultural e social, com suas repercussões inevitáveis no comportamento religioso de sua população.

Era, portanto, necessário planejar também “uma pastoral de transição do subdesenvolvimento para o desenvolvimento.”<sup>199</sup> No caso específico, uma pastoral especializada, que soubesse lidar com as novas estruturas, como associações empresariais, sindicatos, cooperativas. A preocupação particular de Dom Aureliano era de que, com a redenção econômica, a população procurasse outras trajetórias para a sua vida, como reflexo do progresso econômico e esquecesse de professar a sua fé.

Essa pastoral planejada deveria começar pelo estudo e acompanhamento, por parte dos vigários, dos planos de desenvolvimento para o Vale, participação nas reuniões que haveriam de ocorrer entre as comunidades e os executores dos empreendimentos, acompanhando de perto o andamento dos projetos e contribuindo, como membro da Igreja, especialmente, no tocante à educação do homem, para esta

---

<sup>199</sup> Id. *ibid.*



transformação. A Igreja deveria colaborar com o dinamismo econômico do Vale, preocupando-se para que não houvesse, em momento algum, prejuízo para os valores espirituais. A Igreja deveria estar presente para que as outras instituições e o povo percebessem a sua valiosa e indispensável cooperação.<sup>200</sup>

Não obstante o seu desejo de mudar a condição econômica em prol do bem-estar social da população do vale, Dom Aureliano Matos sabia que a modernidade batia à porta de sua Igreja, não somente a partir dos projetos agrícolas no Vale, mas, muito mais, por conta das inovações provenientes do Concílio Vaticano II. Escrevendo sobre essa temática, na última carta pastoral, comentou: “Nestas circunstâncias, para que a mensagem evangélica atinja realmente os homens, como eles são, urge uma pastoral atualizada, que encare os problemas globalmente e procure resolvê-los unitariamente.”<sup>201</sup>

## **VI Carta Pastoral de dom Aureliano Matos**

A sexta e última Carta Pastoral de Dom Aureliano foi escrita em 1965 e, segundo suas próprias palavras, “não era portadora de proveitosos ensinamentos doutrinários, mas, tão somente o desabafo da grande emoção que experimento ao atingir um quarto de século como bispo da Santa Igreja de Deus.”<sup>202</sup>

A última carta é, creio eu, uma despedida do bispo. O último aceno daquele que, obediente a Roma, manteve-se à frente do bispado do Vale do Jaguaribe. Estava o prelado completando nesta ocasião cinquenta anos de sacerdócio e vinte e cinco anos de bispado, por disso denominou esta carta de “OS DOIS JUBILEUS.

“Dez meses, apenas, são decorridos do dia em que, amparado por colegas, cercado de meus queridos padres, dos bondosos diocesanos e de membros da minha estremecida família, prostava-me eu aos pés do Senhor para agradecer-lhe os inúmeros benefícios recebidos em 50 anos de vida sacerdotal. Hoje volto para entoar um “Te Deum” de ação de graças por 25 anos de episcopado.”<sup>203</sup>

---

<sup>200</sup> Id. *ibid.* p.04.

<sup>201</sup> VI Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos, 1965, p.09.

<sup>202</sup> Id. *Idid.* pág. 01.

<sup>203</sup> Id. *ibid.*.

Nesta carta vislumbra o Bispo sua trajetória de vida, fala do seu entusiasmo quando da chegada a Limoeiro, dos primeiros frutos advindos de uma forte determinação sua em relação ao que era preciso realizar, assegurando permanentemente a melhoria das condições sociais e espirituais dos cidadãos de sua diocese, sempre entendendo que suas realizações não mereceriam louvores nem dos homens nem de Deus. Agora, depois de tantos anos admitia que deveria ter feito mais, não só com ações providenciais, mas, muito mais com palavras.

“E, agora, já na planície, contemplo, não sem apreensões, a longa jornada percorrida – meio século de vida sacerdotal, sem claridades, nem ressonâncias. Nela não ficaram marcas que justifiquem retumbantes louvores, ou razões para fortes censuras. Mas, talvez, se possa dizer que teria ela sido mais abundante de frutos, se o pastor tivesse falado mais com Deus sobre os homens, antes de falar com os homens sobre Deus. Pois, sem nos enchermos de Deus, nada temos que dar aos homens. O diálogo com nossos irmãos só é proveitoso na medida em que dialogamos com Deus.”<sup>204</sup>

Nesta Carta fala também, sobre a tarefa de ser bispo, função que não havia desejado, mas, que de pronto atendeu assim que fora chamado, como o mais humilde dos servos de Deus e lembrava que a sua missão devia ser entendida como instrumento de propagação da fé. Se havia preocupação do dever que ora se apresentava era porque, segundo o Prelado “Fundava-me meu temor na tríplice missão de que está revestido o Bispo – ensinar, santificar e governar.”<sup>205</sup> Das três tarefas achava Dom Aureliano, que a mais difícil foi ensinar a sabedoria divina, em concorrência com outros enunciados de base científica e analisava o seu episcopado escrevendo o seguinte trecho: “Realmente, quando nossa palavra sai impulsionada pelo vigor da fé, mesmo encontrando obstáculos, vai ao coração e não fica apenas nos ouvidos, como acontece quando desprovida do impulso divino, ainda que apoiada na ciência, na autoridade, ou numa bela roupagem.”<sup>206</sup>

Posteriormente faz Dom Aureliano uma retrospectiva espiritual do seu episcopado, dos companheiros que reconhecidamente travaram ao seu lado, no batalhão da fé cristã, combates a favor de uma vida mais apoiada na caridade e na observância dos

---

<sup>204</sup> Id. *ibid.* pág. 02.

<sup>205</sup> Id. *ibid.* pág. 03.

<sup>206</sup> Id. *ibid.*

ensinamentos de Deus. Lista nomes entre os quais o de Dom José Tupinambá da Frota, que ele descreve como “...inteligência e invejável cultura a serviço de sua terra natal, a diocese de Sobral.”<sup>207</sup>Fala de outros bispos da província eclesiástica do Ceará, como Dom Manoel da Silva Gomes, o bispo que criou a condição de um novo bispado, este, localizado na zona jaguaribana. Mas, olhando para o futuro, ainda mantinha a sua preocupação diante do que viria e do que estava ainda para ser realizado.

Dom Aureliano havia percebido que a Igreja estava passando pela mais profunda reforma que a sua vida sacerdotal poderia ter vivido e que o Concílio Vaticano II traria uma atualização da pastoral e encontraria por conta disso, dentro e fora da Igreja barreiras naqueles que não se aperceberam da evolução do mundo. A última Carta Pastoral serviria também para anunciar a sua aceitação a estas mudanças, muito embora, sua vida austera e sua visão de mundo fossem contraditórias em face dos novos rumos que o Concílio Vaticano II colocava para a Igreja.

Dom Aureliano se mostrava um homem dividido entre o que acreditava e tinha vivido e o desconhecido que se avizinhava. Não obstante, se fazia necessário confessar publicamente sua obediência ao Papa e assim o fez nesta carta pastoral. “O pastoreio será menos uma função do cajado do que a persuasão no amor, objetivando conscientizar a fé dos cristãos.”<sup>208</sup> Mesmo assim, num outro trecho desta Carta, Dom Aureliano mostrava sua preocupação com o futuro do seu “rebanho”

“Bem pouca é a influência sobre a vida moral e social da comunidade de uma religião mais tradicionalista que consciente. Decaem os costumes. E a própria decadência moral é justificada como consequência inevitável do progresso humano. A vida social vai, assim, desenvolvendo-se á margem do Evangelho. Por outro lado, a religião passou a ser entendida, quase que unicamente, em função do templo e não da vida integral do homem e da comunidade. As nossas igrejas e capelas polarizam a vida religiosa em detrimento de sua vivência no lar, na vida social, profissional e política. Muitos limitam sua vida religiosa á participação dos atos litúrgicos, oficiados nos templos. Como se a religião ficasse no Templo e não os acompanhasse em e por toda sua vida.”<sup>209</sup>

---

<sup>207</sup> Id. ibid. pág. 07 e 08.

<sup>208</sup> Id. ibid. pág .01.

<sup>209</sup> Id. ibid. pág. 09.

Verifica-se nos seus escritos as admoestações que esta “nova Igreja” vislumbrava para o mundo católico. Igreja, onde Dom Aureliano havia sido conduzido ao bispado, e que naquele momento passava por um processo de mudança de paradigmas, os segmentos mais progressistas da Igreja estavam à frente de todo este movimento, fazendo com que estas mudanças ganhassem força, principalmente a partir dos anos de 1960, sob a influência do Concílio Vaticano II.

No Brasil o regime militar transgredia as normas constitucionais e não aceitava qualquer forma de organização das entidades democráticas, fator que colocaria a Igreja a favor da democratização do país, é bom observar que o discurso da Igreja havia mudado. Nas décadas de 1950 a 1960, a Igreja no Brasil priorizara a questão do desenvolvimento. Ao contrário da posição adotada diante do regime do Estado Novo, de Getúlio Vargas, em que a Igreja assumiu uma posição conciliatória diante do regime de exceção, articulando-se a isso surge a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, instituição coordenadora da ação da Igreja no país. Será a CNBB que desempenhará um papel chave na articulação da sociedade civil, em defesa dos direitos humanos, das liberdades democráticas, da reforma agrária, dos direitos dos trabalhadores e da redemocratização, principalmente durante o período do regime militar.<sup>210</sup>

Durante o Vaticano II, em 1964, a Assembléia Geral da CNBB, realizada em Roma, decidiu assumir o Planejamento Pastoral como seu instrumento metodológico de renovação denominado, na época, “aggiornamento”<sup>211</sup>. Esse processo concretizou-se, no país, por meio do Plano de Pastoral de Conjunto (PPC), fundamentado, por sua vez, na atuação da Ação Católica e na experiência da CNBB, fundada, em 1952, por iniciativa de Dom Hélder Câmara. Em todo esse processo, a Igreja tenta integrar-se, cada vez mais, à sociedade civil e aos movimentos sociais. O principal reforço institucional, nessa direção, proveio das Conferências Episcopais Latino-Americanas, principalmente a realizada em Medellín, Colômbia, em 1968.<sup>212</sup>

<sup>210</sup> SOUSA LIMA, Luiz Gonzaga de. *Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1979. pág. 58.

<sup>211</sup> A palavra italiana “aggiornamento” significa tanto “adiamento” quanto “atualização”, “modernização”. Foi utilizada durante o Concílio Vaticano II (1962-1965) para representar o espírito de mudança que ali predominava. Também explicava o esforço da Igreja para ler os “sinais dos tempos” e aprender com as mudanças do mundo. Maílson da Nóbrega.

<http://noblat.estadao.com.br/noblat/visualizarConteudo.do?metodo=exibirArtigo&codigoPublicacao=17476>.

<sup>212</sup> BEOZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil de João XXIII a João Paulo II – de Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis-RJ. Vozes, 1994. pág. 79.

A prática gerada por esse processo levou a Igreja a direcionar a sua atuação, na sociedade brasileira, a partir da situação dos pobres e dos excluídos. No início dos anos de 1970, nesta perspectiva, a Igreja concentra sua atuação nas áreas econômica e política, em dois focos: no modelo econômico vigente, que considera elitista e concentrador de rendas e no regime de exceção, diante do qual compromete-se a lutar para o restabelecimento da ordem democrática.

Analisando esses fatos, pode-se perceber a importante influência que aspectos econômicos e políticos exerceram e continuam exercendo sobre a postura da Igreja, sendo essas variáveis uma das que determinam o alinhamento de setores da Igreja a determinados governos e aos seus projetos e planos de desenvolvimento. Dom Aureliano, filho de uma época, onde a Igreja ao mesmo tempo em que se separava da autoridade do Estado, matinha com o mesmo, um jogo de alianças necessárias para superar as dificuldades financeiras advindas da separação, providenciando, desta forma, as condições para o pleno êxito do processo de romanização no país, a partir da montagem de uma estrutura de entidades católicas, já referidas neste trabalho, e que eram essencialmente de cunho educacional e social. Mostrava sua condição de prelado de uma linha considerada conservadora, aliada, como já disse alhures, ao Arcebispo do Ceará, Dom Manuel da Silva Gomes e este a Dom Sebastião Leme, no Rio de Janeiro.

Se a Igreja de um lado se fortaleceu durante os primeiros cinquenta anos do século XX com uma retórica nitidamente conservadora, a partir dos anos de 1950, este discurso entra em crise, principalmente advinda da manifestação de setores eclesiais progressistas, que entendiam a Igreja num prisma mais democrático e onde os problemas locais fizessem parte do discurso, associados aos problemas advindos do mundo moderno. Nesta retórica o discurso não era de se opor apenas aos ideais liberais, mas dentro dos ideais que determinam a liberdade, vislumbrar caminhos para a superação das condições sub-humanas que a maioria da população vivia, notadamente a do Terceiro Mundo.

Nesta perspectiva, Dom Aureliano se encontrava diante de um “divisor de águas” na sua Igreja. Para aqueles que conviveram com ele durante a sua administração a frente da Diocese, havia ao mesmo tempo, um ar de saudosismo pelo que tinha sido

produzido no seu governo e, de inquietude sobre o futuro de sua diocese e da Igreja como um todo. Consciente era ele, também, de que não veria este futuro, pois dada a idade e os problemas de saúde, certamente esta seria a sua última Carta Pastoral.<sup>213</sup> Aliás, já dito anteriormente, esta Carta Pastoral é um desabafo, mas, vai além, aproveitando-se dos dois jubileus que estava comemorando, os seus 50 anos de sacerdócio e os 25 anos de bispado, Dom Aureliano pretendia fazer uma prestação de contas de sua vida sacerdotal e, principalmente de seu episcopado a frente da Diocese de Limoeiro do Norte. Era necessário, na sua ótica, registrar para as gerações futuras, e principalmente, para o futuro bispo, seu sucessor o seu desempenho abnegado e frutificante.

A análise que ora produzimos sobre as Cartas Pastorais escritas por Dom Aureliano traz à tona um passado próximo, em que a Igreja Católica ainda detinha um poder que não podia ser resumido apenas ao plano espiritual, mas que, em determinados momentos da nossa história, compôs um contexto decisório para os rumos no futuro do País. Dom Aureliano fazia parte dessa Igreja e, portanto, como Bispo, planejou uma trajetória para o seu episcopado, analisando a realidade e as possíveis mudanças que caberia a ele encaminhar dentro de uma visão onde a religião devia ser, e, dependendo dele continuar sendo, um referencial de base para a vida individual, em família e em sociedade, para que o mundo fosse de fato, “instrumento vivo da missão da própria Igreja”<sup>214</sup> e usufruísse dos “benefícios do criador”<sup>215</sup>

---

<sup>213</sup> Entrevista com o Padre João Olímpio. Op. Cit.

<sup>214</sup> VI Carta Pastoral. Op. cit. pág. 10.

<sup>215</sup> Id. *ibid.*



## **CAPÍTULO III**

### **3. O Limoeiro de Dom Aureliano Matos e os efeitos da ação da Igreja na Região Jaguaribana a partir da década de 1930**

#### **3.1 A Ação Católica depois da dissolução do padroado no Brasil**

A história da Igreja Católica no Brasil, a partir do século XIX, com a separação entre Estado e Igreja, e as conseqüências posteriores a esta separação, vão consolidar uma ação católica independente do Estado, mas, que nunca deixou de ser, quando era conveniente, aliada e conciliadora do poder político, na tentativa de superação dos problemas que iriam surgir na vida nacional e, na sua reestruturação no território brasileiro, enquanto, instituição independente, principalmente a partir da década de 1930. Dentro dessa ótica, a Igreja, desenvolverá um discurso de oposição ao comunismo, consolidando uma ação organizada em defesa da maioria católica e, por conseguinte, em defesa dos seus interesses em relação à sociedade e ao Estado.

Para desenvolver essa ação ofensiva e garantir uma unidade em seus pronunciamentos, inicia-se na Igreja a criação de movimentos de massa, essa é a perspectiva da Ação Católica, criada em 1935, entidade que reconhecia a hierarquia da Igreja e a consolidação desse novo direcionamento. A figura mais importante da Igreja naquele período foi Dom Sebastião Leme, que iria se tornar Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro e Alceu Amoroso Lima, como maior representante leigo da Igreja naquele período. A atuação da Ação Católica será a de fomentar um processo de negociação permanente entre Igreja e Estado, visando uma influência maior dos preceitos cristãos na sociedade.

“A Igreja brasileira ‘romanizada’ tinha dois grandes problemas representados, um pela ignorância religiosa dos fiéis, e outro pelo insignificante número de padres, ambos constituindo indiscutíveis entraves à nova linha de ação. Dom Leme trata de encontrar saída para esse impasse, propondo a dinamização do ensino religioso e voltando a atenção para a intelectualidade laica. A participação desses intelectuais, como propagandistas e organizadores coletivos, a serviço da instituição eclesiástica e da formação desses movimentos de massa é



da maior importância, sobretudo quando, no pós 30, a Igreja entende que é preciso priorizar a ação política.”<sup>216</sup>

O centro de toda a organização desta ação da Igreja partia da Capital Federal. Dentro dessa ótica e a complementando, pode-se dizer que neste período os caminhos da Igreja católica brasileira e de Dom Sebastião Leme e de Amoroso Lima, seu intelectual leigo mais destacado, estiveram intimamente ligados.

Em julho de 1930, Dom Sebastião Leme foi elevado a cardeal pelo papa Pio XI e, após a morte do cardeal Arcoverde, assumiu a arquidiocese do Rio de Janeiro. Em seguida, intensificou seu trabalho de organização do movimento leigo para intervir no processo de montagem da nova ordem institucional, combinando pressão e colaboração com o novo governo, com o fim de obter concessões à Igreja. Como parte do esforço de recuperação e consolidação de espaços para a Igreja Católica na sociedade.<sup>217</sup>

Em 1933, o Congresso Nacional iria produzir a nova constituição do país, Dom Leme então criaria a Liga Eleitoral Católica – LEC, associação civil de âmbito nacional, cujo objetivo era apoiar candidatos de diversos partidos, que concordassem com seu programa, nas eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, marcadas para aquele ano. Dessa maneira, a LEC evitou constituir-se ela própria em um partido, bem como vincular-se prioritariamente a qualquer um deles, como pretendeu os líderes da Ação Integralista Brasileira - AIB.<sup>218</sup>

Com a instalação da ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937, Dom Leme procurou evitar manifestações do clero que pusessem em risco as relações entre Estado e Igreja. Estes fatores demonstram que a Igreja estava, antes de tudo, preocupada com o seu destino na sociedade nacional. Para objetivar o seu projeto de futuro, o ponto fundamental eram alianças com o poder, sem muito questionar de que forma o poder era constituído, mas, se o mesmo poderia, de certa forma, viabilizar o projeto desta “Nova Igreja” que se constituía no Brasil.

---

<sup>216</sup> MIRANDA, Júlia. O Poder e a Fé – Discurso e Prática Católicos. Op. cit. pág. 39

<sup>217</sup> LIMA, Luiz Gonzaga de Sousa. Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1979. pág. 87.

<sup>218</sup> Id. *ibid.*

Quanto à ação de Alceu Amoroso Lima, será a de um ferrenho defensor de uma instituição ainda em processo adaptativo à República oficialmente laica. Tempos que ganham em dinamismo no regime de Vargas, quando se intensificam os esforços por uma redefinição dos vínculos entre o Estado e a Igreja católica nacional, culminando com a aproximação de ambos.

Mais do que apenas reagir à vida moderna e ao mundo, tratava-se de cristianizá-los. Marcar ostensivamente a presença da Igreja em múltiplos setores sociais. Neste espírito triunfalista e de conquista, foram criados movimentos dirigidos a vários segmentos: mulheres, classe média, operariado, juventude. Bons exemplos são a Aliança Feminina (iniciada em 1919), a Congregação Mariana (1924), os Círculos Operários (1930), a Juventude Universitária Católica (1935).<sup>219</sup>

Neste contexto, a atuação de Amoroso Lima é notável. Alçado à liderança católica por D. Leme, já arcebispo do Rio de Janeiro e maior expoente do clero nacional, Alceu cerrou fileiras em torno das propostas defendidas pela Igreja. Acumulou as direções do Centro D. Vital e da revista *A Ordem*, vacantes devido à morte de Jackson de Figueiredo ainda em 1928; fundou e presidiu a LEC, presidindo também a Junta Nacional da Ação Católica e por fim, foi reitor interino da Universidade do Brasil. Diante desse relato, não se pode analisar a Igreja Católica nos primeiros cinquenta anos do século XX no Brasil, sem falar destes dois expoentes. A Igreja muito deve a ação destes dois personagens. Muito do que a Igreja ainda detém de influência no país, foi determinada em parte naquele período da história brasileira.<sup>220</sup>

De fato, deve-se atribuir aos primeiros cinquenta anos do século XX, o caráter de um divisor de águas entre dois momentos bastante configurados na história brasileira, principalmente pela Ação Católica no que tange às disputas educacionais. No contexto dos anos 20, o tema da educação adquiriu um lugar de proeminência na arena dos debates no país. Alguns grupos políticos da sociedade civil, que no período estruturavam projetos de reconstrução nacional, passaram a conceber a escolarização como o instrumento-chave para responder às crises que assolavam a cena brasileira e para afirmar

---

<sup>219</sup> OLIVEIRA, Pedro Ribeiro A. *Religião e dominação de classe – Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1985. pág. 75.

<sup>220</sup> JÚLIO MARIA, Pe. *A Igreja e a República*. Brasília: UnB, 1981. pág. 122.

as bases da nacionalidade. Os católicos já esboçavam, nesse período, uma sistematização de seu ideário pedagógico e ensaiaram - ainda que de forma tímida e pouco articulada, sobretudo se comparada com sua ação no momento subsequente - suas primeiras reivindicações no campo educacional. Entretanto, sob a égide da República Velha, a Igreja - embora adquirindo maior visibilidade pública graças ao movimento de mobilização do laicato - não chegou a se constituir, efetivamente, em uma força política expressiva, mostrando-se incapaz de fazer valer suas demandas na esfera do ensino.<sup>221</sup>

A derrocada da Primeira República forneceu à Igreja uma situação propícia para suplantar o ostracismo a que tinha sido relegada pela Constituição de 1891, de inspiração positivista. A debilidade endêmica da ordem política instaurada no país com a Revolução de 30 converteu-a em uma força social de peso para a legitimação do novo arranjo de poder. Como ficará evidenciado, a questão educacional se configurou, no período, em um importante elemento de barganha que viabilizou a reaproximação entre a Igreja e o Estado. Assim, foi nesse segundo momento que as lideranças leigas e eclesiais, em troca do suporte ao regime, conseguem ver realizadas algumas de suas demandas centrais no setor de ensino. Além disso, a crescente estruturação e afirmação alcançadas pelo movimento católico nessa etapa permitiram também que o grupo empreendesse, em caráter particular, iniciativas relevantes no campo da educação básica e superior.<sup>222</sup>

Pode-se afirmar que, em termos ideais, o projeto último da Igreja era o de recuperar a posição privilegiada e quase monopólica por ela desfrutada no universo cultural e educacional da Colônia. Segundo sua ótica, este era o papel que lhe cabia, por direito sobrenatural, mas que lhe fora usurpado no século XVIII quando Pombal expulsou os jesuítas do país. Na perspectiva da liderança católica, reconquistar essa influência significaria, a um só tempo, disseminar seu poder de influência na nova conjuntura e solucionar os impasses que afligiam a Nação. Pautada nessas premissas, a Igreja formulou, no período, um programa deliberado para recristianizar a sociedade e a própria instituição

---

<sup>221</sup> LORENZETTI, A. A. Romanização do catolicismo e educação no Brasil. Curitiba: PUCPR, Dissertação de Mestrado, 1998. pág. 117.

<sup>222</sup> JÚLIO MARIA, Pe. Op. cit. pág. 125.

do Estado - tarefa que se viabilizaria, basicamente, através da ressocialização das elites dirigentes segundo os princípios cristãos.<sup>223</sup>

No entanto, as pretensões pedagógicas católicas esbarraram em propostas educacionais alternativas e mesmo antagônicas às suas que se articulavam, com maior nitidez, nesse momento. O contexto dos anos 30 presenciou, sobretudo até 1937, um aguçamento dos debates pedagógicos nos quais se destacou, como o principal concorrente e opositor aos católicos, o grupo dos educadores identificados com o movimento da Escola Nova. O Estado recém-implantado, sem uma diretriz educacional definida e buscando sempre soluções conciliatórias, oscilava entre as duas tendências, atendendo as reivindicações ora de um, ora do outro grupo em litígio.<sup>224</sup>

Aprofundando a concepção já elaborada no decênio anterior, a década de 30 conferiu à escola o papel de agente de primeira ordem para modificações sociais mais profundas. Em outras palavras, veicula-se a crença de que a reforma educacional se constituía na peça chave para a reconstrução nacional. Essa supervalorização ideológica do processo educacional, compartilhada tanto pelos católicos quanto pelos escolanovistas, reforça a percepção do sistema escolar como um valioso recurso de poder. Por conseguinte, a disputa pelo controle desse sistema deve ser interpretada também como uma disputa política: o confronto entre as diversas filosofias pedagógicas em pauta evidenciava, em última instância, a concorrência entre projetos alternativos de reconstrução nacional.

Cabe ainda uma última observação: a própria estrutura altamente hierarquizada da Igreja Católica impõe a necessidade de se pensar as Igrejas de âmbito nacional como células desse conjunto mais amplo. As relações destas últimas para com a Santa Sé se configuram como relações de nítida subordinação, cujas orientações gerais a serem seguidas são ditadas e veiculadas, sobretudo por meio de encíclicas papais. No período sobre o qual versa esse trabalho, alguns documentos foram emitidos por Roma, pronunciando-se não só a respeito das diretrizes gerais a serem seguidas pela ação católica, mas, também, de modo mais específico, sobre os princípios educacionais da Igreja.

---

<sup>223</sup> LORENZETTI, A. Op. cit. pág. 121.

<sup>224</sup> Id. *ibid.*

Essa contextualização é importante para que se tenha em mente que aquilo que aqui foi explicitado, encontrava suporte, de um lado, em determinações superiores e de outro, porque a concretização desses desígnios reside, em última instância, em fatores específicos a cada país que escapam ao controle hierárquico da Santa Sé. No caso brasileiro, por exemplo, o surgimento de lideranças eclesiais e leigas dispostas a fazer reviver o catolicismo no Brasil e também as relações particulares que se estabeleceram entre a Igreja e o Estado se constituíram, de fato, nos elementos que possibilitaram a mediação entre as ordens superiores de Roma e os resultados efetivamente alcançados. Dessa forma, os fatores intervenientes, mais do que as diretrizes da Santa Sé, foram, segundo esta análise, os grandes responsáveis pelo sucesso alcançado pelo movimento de reação católica a partir dos anos de 1920.

Analisando o desenrolar do mesmo processo no Ceará, a luta da Ação Católica, segundo Parente “(...) já existia embora tenha sido intensificada nessa ocasião.”<sup>225</sup> No estado, já haviam sido criadas, na década de 1920, várias instituições como a União dos Moços Católicos, a Associação dos Médicos Católicos e a dos Professores Católicos, demonstrando que as atividades intelectuais do laicado no Ceará, em defesa do direcionamento político da Igreja, já se faziam presentes, antes mesmo, da criação da Ação Católica Nacional, a qual contudo, favorecera a integração nacional dos católicos, de modo mais orgânico e centralizado. No Ceará, também, já havia um jornal Católico “O Nordeste”<sup>226</sup>, criado na década de 20 e que desenvolvia na sociedade cearense, a mesma orientação da revista A Ordem em nível nacional.

É de se entender que no Ceará o desempenho das entidades católicas tenha obtido relativo sucesso, como reflexo da influência de Dom Manoel da Silva Gomes, na criação e organização dessas entidades. O Bispo do Ceará, empossado em 8 de dezembro de 1912, tinha um espírito dinamizador e sua capacidade administrativa o fez atuar dentro do Estado na mesma visão e enquadramento político que Dom Sebastião Leme empreendeu em nível nacional. Dom Manoel, será o grande orientador da Ação Católica Estadual, influenciando dessa maneira os destinos da política cearense, notadamente nos anos de 1930.

---

<sup>225</sup> PARENTE, Francisco Josênio Camelo. Anauê – os camisas verdes no poder. EUFC, 1999. pág. 121.

<sup>226</sup> MIRANDA, Júlia. O Poder e a Fé – Discurso e Prática Católicos. Op. cit. pág. 35.

Ainda em outubro de 1932, fora criada a Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento inspirado no fascismo italiano que defendia um ideário nacionalista, antiliberal e anti-semita. A AIB tinha como chefe nacional Plínio Salgado e possuía seções em diversos estados do país, congregando elementos das camadas médias urbanas como intelectuais, em sua maioria católicos, profissionais liberais, funcionários públicos e militares. Seu lema era "Deus, Pátria e Família", e seus principais ideólogos eram Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale.<sup>227</sup>

Nessa fase, a grande liderança política em Limoeiro do Norte era a família Chaves, liderada por Franklin Chaves e sua irmã Judite Chaves Saraiva. Trata-se de um período importante, pois é quando se inicia, com o apoio da elite local, um projeto inovador: transformar o município em referência instrucional na região, criando-se, para tanto, a Associação Pró-Educação Rural de Limoeiro, entidade que seria responsável, pelos movimentos políticos necessários para a instalação de uma estrutura instrucional moderna na região. Frota comenta que "(...) foi a primeira iniciativa onde a comunidade limoeirense integrou-se para combater o atraso cultural."<sup>228</sup> Em 1937, ocorre a Revolução de 30 e Fernandes Távora é afastado do cargo de Interventor do Estado do Ceará, fato histórico considerado como uma consequência da falta de apoio de seu grupo pela Igreja Católica. Getúlio Vargas implanta o Estado ditatorial e nomeia como Interventor Federal no Estado o Dr. Francisco Menezes Pimentel. Pouco tempo depois, Franklin Chaves alia-se ao Interventor, resultando desse acordo a nomeação de seu cunhado Custódio Saraiva de Meneses, como prefeito de Limoeiro do Norte.

A família Chaves, agora, como líder da Liga Eleitoral Católica e do Movimento Integralista, e tendo o apoio do prefeito municipal e do Interventor federal no Estado, podia, concretizar, de forma mais rápida e eficiente seu projeto instrucional. O primeiro passo nessa direção foi com a criação da Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte. Segundo Frota, "a partir desse feito, Limoeiro começou a ser uma referência cultural para o Baixo Jaguaribe. A escola passou a abrigar não só as filhas da elite limoeirense como também as das cidades vizinhas."<sup>229</sup> Assim, o projeto de transformar o

---

<sup>227</sup> Id. Ibid.

<sup>228</sup> **FROTA**, Francisco H. da S. **Universidade Alienação e Práxis Social**. Fortaleza-Ce, UFC, 1991. Dissertação de Mestrado de Educação. Pag. 126.

<sup>229</sup> Id. Ibid.

Limoeiro do Norte em sede do Bispado do Vale do Jaguaribe, ganhava contornos reais e, segundo Cavalcante:

(...) seria a concretização de desenvolvimento cultural da região porque englobava outros aspectos, como saúde, educação, urbanismo, religião, etc. O político imaginava que a diocese completaria o processo de trazer desenvolvimento econômico, social e espiritual para o município, era esta a visão deste integralista, no contexto histórico da época.<sup>230</sup>

É importante, salientar, que a ação do Bispo só foi bem sucedida por fazer parte de uma política nacional, estadual e local que favoreceu a aliança de propósitos entre o Estado ditatorial e a Igreja Católica. Outro ponto a destacar, seria a política em andamento da Associação Pró-Educação Rural de Limoeiro do Norte que já priorizava nesse município os projetos educacionais, viabilizando tornar esse núcleo urbano referência cultural para a região. Para a Professora Bazinha, tudo o que aconteceu, no plano espiritual, político e administrativo, só contribuiu para que o tão almejado “progresso” chegasse à região.

Outro pedaço dessa teia de alianças é a política de descentralização espacial da Igreja, com a criação de outras dioceses e de uma estrutura capaz de sustentá-la, a partir de um patrimônio instrucional, cultural, de saúde e assistência social, face à necessidade da Igreja de viabilizar sua revigoração, fator indispensável numa projeção de futuro para qualquer entidade. Agora, já não havia mais o Padroado; era necessário, então, que se desenvolvesse uma política de custeio para esta Igreja que agora precisava se auto-sustentar.

Outro problema que ocorria, mas, dentro da hierarquia eclesiástica: era o de se dar uma maior atenção e fiscalização ao laicado, junto às paróquias mais interioranas. “(...) diante do chamado estado laico, colocava-se para a instituição eclesiástica neste país, uma dupla tarefa. Primeiramente, ela deveria assumir essa separação, com todo o ônus advindo, tanto no que se refere à perda de prestígio, quanto à crise econômica interna então

---

<sup>230</sup> CAVALCANTE, Maurina Holanda – SABER PARA VIVER: Igreja, Rádio e Educação Popular. Uma História do MEB Limoeiro do Norte, Ceará (1962-1972). Dissertação apresentada ao Departamento de História da Universidade de Brasília, para obtenção do título de mestre em História social e das idéias. Brasília, julho de 1996. pág. 67.

gerada.”<sup>231</sup> Para a superação destes problemas, a Igreja Católica, agora, conduzirá ações para, enquanto instituição religiosa, assegurar sua presença efetiva entre seus fiéis. Essa nova Igreja precisaria criar, no Brasil de maneira definitiva a clericalização. “(...) a valorização da dignidade episcopal, a vinculação com a Santa Sé e a substituição dos leigos por clérigos na direção de igrejas, santuários, confrarias e irmandades.”<sup>232</sup>

Esse processo culminou nas primeiras décadas do regime republicano, em uma Igreja Católica preocupada com uma reestruturação institucional, cujo traço mais perceptível foi o crescimento expressivo do número de dioceses. “Cada estado da federação brasileira passou a ter no mínimo uma diocese, que centralizava e animava as ações pastorais em consonância com as determinações da Cúria Romana e do episcopado brasileiro.”<sup>233</sup> Para tanto, cada diocese investiu na organização e construção de uma estrutura básica de apoio, necessária, agora para a efetiva romanização da fé católica no Brasil.<sup>234</sup>

No Ceará, Dom Manoel consegue com o Papa Bento XV, a criação de dois bispados. O que foi um fato histórico importante, e se deu logo no início de sua administração. Foram criados os bispados do Crato e de Sobral e, com isso, o Ceará foi elevado à categoria de Arcebispado, sendo Dom Manoel o seu primeiro Arcebispo. Em relação à administração da Igreja Católica no Estado, as duas novas dioceses sufragâneas, deveriam seguir as orientações do arcebispado, sediado em Fortaleza. Este processo é considerado de extrema relevância para ressaltar que o poder maior da Igreja no Ceará continuava nas mãos de Dom Manoel, embora, houvesse a necessidade de promover a descentralização espacial do território eclesiástico. Passados 24 anos depois da primeira e da segunda diocese, seria criado, em 1938, o terceiro bispado em Limoeiro do Norte.

Cada Bispo, dentro da sua jurisdição, promoveu uma série de ações voltadas para a Ação Católica e para a sua própria sustentabilidade religiosa, administrativa, instrucional, política e econômica. Vários eram os empreendimentos, preferencialmente, ligados à catequização, educação, assistência social e saúde. De início, sempre ocorria a

<sup>231</sup> MIRANDA, Júlia. O Poder e a Fé. Op. cit. pág. 23.

<sup>232</sup> Id. Ibid. pág. 30.

<sup>233</sup> DALLABRIDA, Norberto. Op. cit.

<sup>234</sup> OLIVEIRA, Pedro Ribeiro A. Religião e dominação de classe – Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1985. pág. 127.



criação de uma congregação católica européia que contribuía no trabalho cotidiano das paróquias, auxiliando os padres na liturgia, na catequese e na formação religiosa de futuros sacerdotes. Posteriormente, essas entidades criaram em nível de Brasil, várias instituições assistenciais, especialmente, casas de saúde, hospitais, maternidades, asilos de idosos e doentes mentais, creches e orfanatos. Mas, a grande tarefa das congregações será o envolvimento com a educação, criando em todo o país instituições escolares.<sup>235</sup>

Os fatos acima citados, só contribuem para melhor entender a predominância da Igreja Católica no ensino brasileiro, naquela época, notadamente no ensino ginásial, denominado atualmente de ensino médio. Todos os estabelecimentos eram separados por gênero e a maioria com a opção de internato. Os rapazes estudavam em seminários e colégios de padres e as moças nos colégios de freiras que ofereciam o curso normal.<sup>236</sup> A ação das congregações nesta área se fez sentir em todo o país, e, passaria a suprir os recursos financeiros das instituições religiosas de forma eficiente e permanente. Como o ensino era considerado de alta qualidade, como consequência de um quadro de magistério especializado, com dedicação exclusiva, as elites locais, se dispuseram desde o início, a colaborar na criação destas instituições, que seriam utilizadas em benefício próprio, a partir da educação de seus filhos.

Analisando as conjunturas canalizadoras das ações da Igreja Católica no país, é de supor que a criação de uma diocese, no caso a de Limoeiro do Norte, não poderia jamais tornar-se exceção no quadro nacional e, por que não dizer estadual. Na cidade do Crato e, principalmente, em Sobral o mesmo processo se desenrolou, criando-se uma estrutura que contava até com um banco da Igreja. Lustosa da Costa, analisando o trabalho de Dom José Tupinambá da Fresta, à frente da diocese de Sobral, comenta o seguinte:

“(…) num extremo da cidade, quase à beira do Rio Acaraú, edificou em dez anos de luta, a Santa Casa de Misericórdia, que é o melhor e maior hospital da região. Do outro lado, em ponto mais afastado, plantou o Seminário, onde preparava sua elite e cujas portentosas acomodações abrigam a Universidade do Vale do Acaraú. Montou o Colégio Sobralense para rapazes. Para viabilizar o Colégio

---

<sup>235</sup> AZZI, Rioldo. A educação católica no período da romanização da Igreja do Brasil: 1840-1960. *Convergência*, jan.-fev./1990<sup>a</sup>, pág.48-64. Rio de Janeiro.

<sup>236</sup> MANOEL, Ivan A. *Igreja e educação feminina, 1859-1919: uma face do conservadorismo*. São Paulo, UNESP, 1996[Prismas].

Sant'Ana, destinado à educação feminina, cedeu o palácio episcopal, suntuosa residência, construída originalmente pelo senador Paula Pessoa na primeira metade do século passado. Instalou o Abrigo do Coração de Jesus para acolher a velhice desamparada. Montou o Banco Popular de Sobral, hoje BANCESA, sob controle acionário de Manuel Machado. Fundou o Correio da Semana ainda hoje de circulação semanal. Não contente com tudo isso, escreveu a história da cidade (...).<sup>237</sup>

Nada foi estranho ao gênio realizador do grande teocrata.<sup>238</sup>

O mais singular na criação da diocese do Vale do Jaguaribe em Limoeiro do Norte se dá por conta de uma particularidade: a elite local participou de uma disputa com cidades da mesma região, entre elas Aracati, e, notadamente Russas, que já era reconhecida como centro espiritual do interior do Ceará. Sua escolha não foi feita por questões essencialmente religiosas, mas, como vimos, fortemente influenciada pelos ventos políticos das alianças que se fizeram entre a elite local e o poder estadual e federal naquele período. As lideranças políticas do município estavam muito mais cientes, do que os municípios vizinhos, das possibilidades de “progresso” que uma diocese traria, notadamente no campo instrucional, dando continuidade ao processo iniciado com a Associação Pró-educação Rural de Limoeiro do Norte.

### **3.2 A ação instrucional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte**

Descrever a ação instrucional de um representante máximo da Igreja Católica que toma posse numa diocese, recém instalada, numa região desprovida de condições básicas em todos os sentidos, numa cidade que não dispunha de uma ponte sobre o Rio Jaguaribe, acesso vital a sede do município, e, imaginar qual teria sido, a reação do prelado no primeiro encontro com essa realidade, nos coloca diante dos possíveis questionamentos que dali começaram a tomar forma e de como ele empreenderia projetos para a consolidação de um novo cenário no município e no Vale do Jaguaribe.

Dentro desse novo cenário, algumas questões podem ser levantadas. A primeira seria a expectativa da elite local, que havia disputado a primazia de acolher a

<sup>237</sup> COSTA, Lustosa da. Clero, Nobreza e o Povo de Sobral. Brasília: Senado Federal – Centro Gráfico, 1987. pág. 21

<sup>238</sup> Id. Ibid.

diocese e, consciente de que um novo caminho poderia daí decorrer para o seu município. Elite local desejosa de “progresso”, aliada das forças políticas que comandavam o Brasil e o Ceará, e preparada política e espiritualmente para colaborar com a Igreja, no trilhar de um caminho que ela já iniciara, a partir da criação, no início da década de 1930, da Associação Pró-Educação Rural de Limoeiro do Norte, que já tinha obtido sucesso em projetos desafiadores como na instalação da Escola Normal Rural, a primeira da região Jaguaribana. Se já existia uma consciência na elite local da importância de uma diocese, no destino futuro da região, esta consciência, possibilitou e facilitou o empreendedorismo do bispado, que se instalando, desenvolveria inúmeros projetos estruturais para a nova dinâmica social que se pretendia criar.

Pensando assim, um segundo questionamento poderia ser colocado, principalmente, porque é associado ao primeiro: As obras de um bispado, tanto pelo porte das construções, como pela importância social, cultural e assistencial, transformariam a sede da diocese em um referencial para toda a região circundante, trazendo com a concentração desses serviços, a possibilidade de um crescimento do setor econômico, sinônimo de progresso, muito mais naquela época do que hoje. Se este processo havia ocorrido nos municípios cearenses onde foram instalados bispados, porque o mesmo não ocorreria em Limoeiro do Norte?

Mas, algumas dificuldades surgiram no caminho de recompor dessa história, uma delas, era a pequena quantidade de documentos escritos sobre as ações do bispo no transcorrer dos seus empreendimentos, como atas das reuniões sobre a organização e administração de projetos da diocese, livros-caixa sobre o levantamento dos recursos financeiros, sua origem e sua destinação, etc. Foi assim, que buscamos um caminho desafiador para compreender de modo mais adequado este fragmento da história da Educação no Ceará, a partir da utilização de fontes orais de pesquisa. Somente a história oral, como base de complementação, elucidação e aquisição de novos elementos capazes de recompor da história, poderia, em muito contribuir para a elaboração deste capítulo. Procuo demonstrar que as experiências daqueles que viveram naquele período, proporcionam o esclarecimento das condições situacionais pertinentes a cada novo empreendimento, tornando mais humano o processo da ação do bispado em Limoeiro do Norte.

“A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, especialmente os idosos a conquistar dignidade e auto-confiança. Propicia contato e, pois, a compreensão entre classe sociais e entre gerações.”<sup>239</sup>

Thompson reconhece em seus estudos a importância dos relatos orais para a pesquisa histórica, principalmente como um recurso da história social. As pessoas comuns, ao relatarem acontecimentos vividos, possibilitam novas discussões sobre a história. Essas pessoas se tornam também sujeitos da história, relatam os fatos muito mais como algo que lhes pertence e que ao lembrarem podem senti-los novamente e isso gera a possibilidade de revivê-los. Para quem trabalha a história oral essa problemática deve ser tratada de forma bastante cuidadosa, em virtude dos transtornos que podem trazer tanto para o entrevistado, como para o entrevistador, que deve dar uma outra finalidade ao depoimento, que seja aquela de recompor, reconstruir através da memória o cerne da pesquisa. Ecléa Bosi se retrata a essa tarefa afirmando que: “Na maioria das vezes memória não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado.”<sup>240</sup>

A história oral, no que se refere aos estudos de períodos recentes, propicia através da memória um novo e alentador espaço para o historiador e demais cientistas sociais que procurem utilizá-la em suas pesquisas. Nesse sentido, é possível perceber uma gama de possibilidades cuja característica marcante é a sua inserção no tempo e no espaço, sua duração, ritmo e movimento sempre sujeitos a mudança e novos olhares.

A história oral nos introduz no centro das representações da realidade em que cada um de nós se faz presente, e evidência de que nem tudo foi dito, escrito ou registrado, mesmo que seja em qualquer dos sistemas estruturados pelas novas tecnologias. Nessa ótica, não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, a fonte oral nos revela o

---

<sup>239</sup> THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**: História Oral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992. pág. 183.

<sup>240</sup> ECLÉA, Bosi. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**, 3ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 1994. pág. 60.

“indescritível”, toda uma série de experiências que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas insignificantes, fazendo parte, portanto, do cotidiano, ou “segredos tumulares”, ou porque são difíceis ou impossíveis de ser transmitidas pela escrita, porque plenas de percepções subjetivas cunhadas sobre sentimentos, imagens e signos diversos das vivências dos indivíduos.

Usando técnicas da história oral, se pode visualizar mais claramente as motivações razões de uma ação, de uma decisão, de um resultado de negociações. E aí se descobre o valor que a memória possui, sendo, muitas vezes, mais eficiente do que os escritos oficiais reconhecidos como “verdadeiros”. A história oral penetra no imaginário das pessoas, que também criam a história e possibilita com elas navegar pelos acontecimentos. Nesse processo, se constata que as pessoas, por mais simples que sejam, com suas fraquezas, decepções, equívocos, não são em nada superadas pelos modernos meios tecnológicos que reproduzem um frio e desarticulado contar sucessivos de fatos. Em suas narrações se visualizam suas histórias de vida e suas interpretações dos fatos, que em função da memória, constroem mundos, com toda uma particularidade, relativizando-os em sua formidável capacidade de melhor compreender o que foi vivido.

A escolha e seleção das fontes orais evidenciou um criterioso processo avaliativo, objetivando a clareza e profundidade de conhecimento sobre o tema que cada entrevistado demonstrava. Como era uma parte da história, pouco pesquisada e escrita, se fez necessário uma análise posterior, iniciada no aproximar das entrevistas e no estabelecimento de eixos comuns, capazes de delinear um pano de fundo, onde fosse possível verificar uma história social mais bem definida, resultado da experiência de releitura e das dificuldades impostas no lembrar, a partir dos conteúdos das memórias daqueles que testemunharam os fatos.

Com esse objetivo, foram escolhidos alguns filhos e filhas de Limoeiro do Norte, contemporâneos dos fatos históricos, que proporcionaram a “reconstrução do passado”, propiciando um olhar em momentos que ocorreram e que sem eles não haveria um “Limoeiro da Educação”, momentos como reuniões, os testemunhos sobre a influência de Dom Aureliano Matos na política estadual e nacional, nas empresas e instituições privadas do país, como também, nas instituições religiosas da Europa, onde muitas vezes, o

prelado recorria para adquirir recursos financeiros e materiais para a edificação e aparelhagem interna das instituições criadas em seu bispado.

As entrevistas escolhidas para versar sobre as ações de Dom Aureliano Matos, estão divididas em relação a cada instituição criada no seu bispado, e, ora um, ora outro entrevistado narra os fatos mais comuns e singulares ocorridos para a consolidação de cada projeto empreendido pelo prelado. Os entrevistados foram os seguintes: Professor Antonio Nunes Malveira, Professora Maria das Dores Vidal Freitas, Professora Idalba Gadelha, ex-Padre e Professor Jay Gonçalves, Monsenhor João Olímpio, Vigário-Geral do município e o Padre e Professor Francisco de Assis Pitombeira.

### 3.2.1 Ginásio Diocesano Padre Anchieta



Fachada principal do Antigo Ginásio Diocesano, hoje denominado Colégio Diocesano Padre Anchieta, primeira grande obra de dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte. foto de acervo pertencente ao autor.

Uma das primeiras necessidades percebidas por Dom Aureliano Matos, no município, na área educacional, era a ausência de um estabelecimento de ensino secundário para o sexo masculino. Para as jovens, mesmo que fossem preferencialmente, aquelas de condições mais favoráveis, já existia a Escola Normal Rural, fruto do trabalho da

Associação Pró-Educação Rural do município, relatada anteriormente. Para muitos dos entrevistados o conjunto de obras do primeiro Bispo, tem como primeira realização a construção do Ginásio Diocesano. O Professor Malveira, que estudou no Ginásio e é pesquisador da ação da Igreja em Limoeiro, destaca em sua narrativa como nasceu a idéia da instalação e construção do ginásio no município:

Dom Aureliano Matos quando chegou ao Limoeiro, tinha planos para a criação do Ginásio Diocesano, contou de imediato com o auxílio do Padre Misael e do Padre Macário, fundadores e diretores do Educandário Padre Anchieta e que já funcionava há três anos, com 137 alunos. Mesmo funcionando apenas com a instrução primária a idéia era que o educandário seria encampado pelo futuro Ginásio, possibilitando que uma parte dos alunos ao concluir o primário, fosse lhes dado a possibilidade de continuação dos estudos no próprio município.<sup>241</sup>

Nos seus discursos, segundo o Professor Malveira, Dom Aureliano manifestou de público, sua preocupação com a situação instrucional de Limoeiro, quando da sua chegada. Teria ele, em várias ocasiões e nos seus sermões, versado sobre o tema, geralmente ressaltando o descaso em que a região se encontrava na área educacional, fato que o preocupava. Para o Professor Malveira, sua aflição demonstrava a preferência do Prelado, pelas questões sócio-culturais, principalmente aquelas voltadas para a escolarização; em uma dessas ocasiões ao reunir-se com as lideranças locais, teria o bispo feito o seguinte discurso com o seguinte teor:

"A zona jaguaribana, conquanto uma das mais ricas do Estado, graças aos seus extensos carnaubais e à fertilidade de seu solo, não deu, no seu passado, ao problema da instrução, o carinho e o cuidado que ele bem merece. A população, apesar de ordeira e de bons costumes, no que nenhuma outra lhe leva vantagem, é ainda muito atrasada."<sup>242</sup>

Para colaborar com os depoimentos do Professor Malveira, transcritos aqui, perguntei a ele se haveria algum documento que relatasse o envolvimento das lideranças políticas, quem sabe, empresariais e rurais, na organização da luta pelo ideal da fundação de uma instituição, no caso aqui, me referindo ao Ginásio Diocesano; de pronto, o

---

<sup>241</sup> Entrevista concedida pelo Professor Antonio Nunes Malveira. Op. cit.

<sup>242</sup> Id. Ibid.

Professor passou às minhas mãos a cópia de um documento, que percebi, ser uma ata, que mesmo castigado pelo tempo, ainda dava para ler o seguinte conteúdo:

“Aos dois dias de novembro do ano de mil novecentos e quarenta, a convite do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano Dom Aureliano Matos, compareceram ao Palácio Episcopal os seguintes cidadãos: Custódio Saraiva de Menezes, Prefeito Municipal, Dr. José Mendes, Juiz deste termo, Cândido Gadelha, Coletor Federal, Jaime Leonel Chaves, segundo Tabelião, Drs. Manuel de Castro e Deoclécio Lima Verde, Srs. Franklin Chaves, Manfredo Oliveira, Gaudêncio de Freitas, Ângelo Figueiredo, João Nogueira Sobrinho, Pompílio Maia Gondim, Cândido Olímpio, Raimundo Gadelha, Antonio Solon Osterne, Limério Osterne, Júlio Eduardo de Souza, Pedro Celestino de Freitas, Luís Alves de Freitas, João Luís Maia, Tibúrcio Lopes de Assis, Sesinando Jacob de Freitas, Melquiades de Oliveira Lima, Monsenhor Otávio de Alencar Santiago, Vigário Geral e Padre Francisco José de Oliveira. Aberta a sessão, o Senhor Bispo expôs aos circunstantes a finalidade daquela assembléia, dizendo que pretendia proporcionar aos filhos da terra uma Instituição de Ensino, moldada nos princípios da pedagogia cristã, com objetivo de formar uma mocidade intelectual, alicerçada na filosofia moral, sem o que a região jamais alcançaria o status social de que tanto almejava. Embora a região primasse pelos seus imensos carnaubais e a cera estivesse ultra-valorizada, e fluísse muito dinheiro no vale jaguaribano; um quilo de cera atingira o preço de dois contos de réis, tornando ricos, todos os proprietários da esbelta palmeira. A diocese, recém-criada, não dispunha de recursos financeiros para a edificação de um prédio à altura do plano cultural. E, em virtude, de tal circunstância, apresentaram-se espontaneamente os seguintes cidadãos: Custódio Saraiva de Menezes, com um conto de réis, seguindo-se os senhores Manfredo Oliveira, Franklin Chaves, José Chaves, Antônio Vicente Maia e Sesinando Jacob de Freitas, com dois contos de réis. Em seguida, com a importância de quinhentos réis, os senhores Melquiades de Oliveira Lima, Cândido Gadelha, Pedro de Freitas, Tibúrcio Lopes, Cândido Olímpio, João Luís Maia, Luís Alves, Gaudêncio de Freitas, Ângelo Figueiredo, Jaime Chaves, João Nogueira, Antônio Osterne, Pompílio Maia, Raimundo Gadelha, Dr. José Mendes, Dr. Deoclécio Lima Verde, perfazendo um total de dezoito contos e quinhentos réis. A ata dessa reunião foi assinada pelo Padre Misael Alves de Sousa, Secretário ad hoc. Dom Aureliano Matos, Bispo Diocesano, Monsenhor Otávio de Alencar Santiago, Vigário Geral e Cândido Gadelha -Coletor Federal.”<sup>243</sup>

<sup>243</sup> Cópia da ata da primeira reunião promovida pelo Senhor Bispo, para a construção do ginásio diocesano. 2 de novembro de 1940.



Minha preocupação naquele exato momento era saber se a quantia referida na ata providenciaria as condições econômicas para a construção do estabelecimento de ensino. O problema levantado, se justificava, pela minha inexperiência contábil em relação a moeda, que naquela época era a oficial do país. Como não obtive resposta do Professor Malveira, decidi, procurar o atual Diretor do Colégio Diocesano, antigo Ginásio Diocesano, para indagar dele se conhecia os momentos iniciais daquela edificação.

O que ele sabia era que a quantia inicial arrecada era muito menor do que a exposta no orçamento, a quantia total orçada era de 400 contos de réis. Mas, segundo o Padre Pitombeira, o problema financeiro inicial não desanimou Dom Aureliano, pelo contrário, conhecedor do apoio que a elite de Limoeiro havia dado, principalmente financeira, para a escolha do município para sediar a diocese jaguaribana, o bispo organizou reuniões e conclamou em seus sermões a população em geral para somando esforços providenciar as condições necessárias para a construção do ginásio.”<sup>244</sup>

O Padre Pitombeira sabia que além dos donativos em dinheiro, teria aparecido muita gente doando material de construção e muitos outros teriam aderido ao trabalho de edificação, sem requerer o pagamento pelo serviço efetuado. Dom Aureliano, também, utilizou uma forma, toda particular, de solicitar empréstimo. Dispondo de todas essas informações, achei melhor transcrevê-las já que o relato proveniente da memória do Padre Pitombeira torna-a informação mais original.

“Apareceu o senhor Joaquim Gadelha e ofereceu a lenha necessária à confecção, os tijolos e o madeiramento de que carecia o Ginásio. Uma oferta milionária, inspirada, sábia, posto que redundou na subtração de vários contos de réis no quantidade estimada à execução da obra. E para angariar a verba restante, Dom Aureliano recorreu aos homens de posse, fazendo empréstimos através de ações resgatáveis, conforme o momento e produção da Instituição. E, muitos, aquiesceram ao pedido de Sua Excelência num gesto de grandeza, pois àquela altura já haviam compreendido os felizes predicados do animus realizador do seu Pastor. O coronel Antônio Lopes de Souza Andrade, adquiriu um avultado número de ações, mais de cem (100). Aliás, as instituições culturais e pias do Limoeiro lhe devem muitas contribuições, porque sendo ele um católico

---

<sup>244</sup> Entrevista concedida pelo Padre Francisco de Assis Pitombeira. Op. cit.

convicto, não media sacrifícios para ajudar as obras da Diocese; e mais, tudo fazia sem visar, lúreas sociais. No entanto, sem querer, ele está inserido na história política e social do Município. Foi um dos que mais lutaram para que o Limoeiro ganhasse a Diocese, no momento em que, outra cidade do vale disputava a primazia, no acerto final, ele deu vitória ao Limoeiro, aliás, nunca revelou o quantum. Guardou absoluto segredo.<sup>245</sup>

Voltando ao projeto de construção do ginásio diocesano, me foi repassada também pelo Padre Pitombeira a informação de que superado os problemas iniciais, no dia 04 de janeiro de 1941 teria sido lançada a pedra fundamental daquela instituição de ensino. Outra informação, essencial foi a de que, em 25 de março de 1942, pelo telegrama nº 2.615, a Divisão do Ensino Secundário, do Ministério da Educação, havia autorizado o funcionamento do Ginásio.<sup>246</sup> Segundo o Padre:

“Foi um momento de euforia para Dom Aureliano e seus auxiliares, e para quantos se haviam diligenciado por aquele êxito, extensivo a toda Diocese. O primeiro exame de admissão ao Ginásio teve início no dia 16/02/1942, portanto, 37 dias antes da autorização ministerial. Às provas de seleção apresentaram-se 30 candidatos, sendo aprovados 28 e matricularam-se na 1ª série 27 alunos. Como não poderia deixar de ser, não se esqueceu do internato para atender à demanda das cidades circunvizinhas cuja primeira turma se compunha de 20 alunos, muita coisa para um estabelecimento nascente, no interior do Estado. A 1ª turma saiu em 1945, fato que foi comemorado com uma bela festa, na qual Dom Aureliano pronunciou um emocionante discurso. Foi uma noite de gala com o Ginásio enfeitado de lindas bandeirolas, tremulantes à suave brisa, vinda da margem do rio, por intermédio de seus esguios e verdejantes carnaúbaís. Mulheres e homens elegantes apinharam o salão de festa, todos com fisionomia aristocrática, pois ali, naquele momento de emoções, não se encontrava, somente, a sociedade local, porém a das cidades irmãs. Naquela época, naqueles rincões, o rapaz que terminava o ginásio andava com ar de doutor. Era 15 de dezembro de 1945, quando os 13 concludentes se despediram do Bispo, do Ginásio, dos seus mestres, estavam preparados, aptos, para uma nova caminhada.”<sup>247</sup>

---

<sup>245</sup> Id. Ibid.

<sup>246</sup> Id. Ibid.

<sup>247</sup> Id. ibid.

Para reafirmar a importância daquela instituição de ensino para o município de Limoeiro e para a Região Jaguaribana, o Padre Pitombeira, de maneira detalhada, transcorreu sobre os anos iniciais do Ginásio Diocesano, associando em seu depoimento, número de alunos matriculados e questões ecológicas e econômicas. Fato muito interessante e justificado, pois a maioria dos alunos possuía uma relação direta com as atividades rurais de suas famílias.

“A turma de 1944 atingiu a cifra de 53 internos, a de 1945, Desceu para 24, fenômeno inexplicável, porque aquele ano deixou grande safra em toda extensão do vale jaguaribano, e, além do mais não havia outro estabelecimento congênere na região. Em 1946, aumentou para 29 o número de alunos internos; havendo novamente um decréscimo para 27, em 1947. Não encontrei os dados com referência ao internato na gestão do Padre Mauro Ramalho, contudo, presume-se que tenha sido bastante ínfimo, uma vez que a década de 1950 caracterizou-se por longos períodos de estiagens, ocasionando o triste fenômeno das migrações. Muitos deixaram o vale à procura de uma pousada mais tranqüila no sul do país. Na minha direção, o internato ainda alcançou o número de 37 alunos, sendo fechado depois da inundação do Orós, ficando apenas com o externato.”<sup>248</sup>

O Ginásio consolidara-se através do trabalho profícuo do Senhor Bispo e de seus auxiliares; e a mocidade limoeirense, as famílias, as classes dirigentes, podiam agora contar com mais uma instituição de ensino, destinada aos filhos da terra que, ali mesmo, semeariam os alicerces de sua formação cultural. Voltando ao Professor Malveira que fora aluno da instituição, e que detinha algumas outras informações valiosas, o mesmo relatou o seguinte:

“O Ginásio cresceu e floresceu à sombra dos seguintes diretores. 1º foi o Padre Aluísio de Castro Filgueiras, de 1942 até o fim de 1944. Sacerdote jovem, em plena força de seu ministério, inteligente, professor de Francês, língua que transmitia com amor aos alunos. Conduzia o Ginásio com mão de ferro, disciplina paramilitar, indispensável na época, visto que o internato se compunha de rapazes voluntariosos, vindos do interior, completamente alheios à vida do claustro. Se não fosse sua energia, sua determinação, a estabilidade do internato teria sido fatalmente abalada. A leitura das notas mensais, o Padre Aluísio fazia na capela, onde o aluno de pé, braços cruzados, ouvia os elogios do diretor, ou então, severas reprimendas, caso houvesse notas insuficientes. O

---

<sup>248</sup> Id. *ibid*

primeiro aluno colocado usava um talabarte em sinal de sua superioridade cultural, mas ele poderia perdê-lo no mês subsequente, se não conseguisse manter a supremacia das notas.

Difícilmente, o estudante sustentava-o até o término do ano, porque o talabarte promovia seu condutor na sociedade local e, além do mais, o felizardo passava a ser cortejado pelas meninas da Escola Normal, daí a disputa por sua posse. Não deixava o talabarte de ser um instrumento de incentivos aos estudos, pois tê-lo à mão, com freqüência, era tarefa árdua e de esforço mental.

Depois dele dirigiu o estabelecimento o Padre Heitor de Matos Montenegro, de 1945 até o fim de 1948. Era sobrinho de Dom Aureliano Matos, e seu secretário. Professor de Latim e Inglês. Não tinha o temperamento de seu antecessor, mas dirigiu com equilíbrio os destinos da Instituição. Seu sucessor foi o Padre Mauro Ramalho, de 1949 até o fim de 1953. Era um artista, exímio pianista, orador fluente, professor de Português e Francês, hoje, Bispo de Iguatu. Fundou o Grêmio Literário Padre José de Anchieta ao qual sempre comparecia para orientar os participantes na escolha dos temas. Atentamente, assistia às reuniões e diplomaticamente corrigia os falantes nas falhas vernáculas, que não eram poucas. Sempre que um ex-aluno se destacava nos vestibulares em Fortaleza, ele convocava os dirigentes do Grêmio, e uma sessão extraordinária se realizava em homenagem ao vitorioso. Aliás, o primeiro ex-aluno a receber tais privilégios foi Raimundo Rubens Craveiro de Souza, ao entrar para a Escola de Cadetes na Capital. Ele foi, de fato, um excelente diretor. Costumava, no final de cada mês, divulgar as notas dos alunos, através da Radiadora de Geraldo Lucena, com as respectivas classificações. Com essa medida ele obrigava todos a estudarem, uma vez que ninguém almejava ver em público seu nome acompanhado de conceitos insuficientes, já que muitos dos educandos tinham namoradas na Escola Normal. Naquele tempo, as notas baixas recebiam uma austera censura da comunidade - uma verdadeira sanção social. Dali em diante, já se punha em dúvida a capacidade profissional do futuro doutor. O povo guardava de cada um os mínimos detalhes; e, se por acaso, o indivíduo surgisse mais tarde pousando de sábio, indagava-se logo: "Não é àquele que vivia na bomba, como é que ficou sabido?" O padre ainda fundou um jornalzinho, onde os alunos manifestavam suas aptidões para a imprensa. Com os discípulos, cada passeio que ele realizava, tornava-se tema de redação, e a melhor era publicada no jornal como prêmio literário. E nessa tarefa, ele dispunha de um ótimo auxiliar que revisava os artigos, aliás, com rigor: o professor Pedro Alves Filho.

De 1954 para cá, o Ginásio se encontra sob a direção do Padre Francisco de Assis Pitombeira, latinista e filólogo, professor de Filosofia Romântica, da Faculdade de Educação dom Aureliano Matos; quanto à direção tem seguido a

de seus antecessores que retrata a voz educacional da Diocese. Um grupo seletivo de professores era padre, destacando-se entre eles o Heitor de Matos Montenegro, professor de Latim e Inglês e Padre Mariano Matos, sobrinho de Dom Aureliano, seu secretário, lecionava Francês; Padre Santos ministrava História; Padre Mauro Ramalho, futuro Bispo de Iguatu lecionava Francês e Português; Padre José Freire Falcão, sucessor de Dom Aureliano Matos, depois Arcebispo de Teresina e, atualmente, Cardeal-Arcebispo de Brasília, lecionava Matemática, autoridade no assunto, o que não era comum entre o clero, onde predominava em essência os estudos clássicos. No entanto, dominava a Matemática e a Física, e, além disto, dedicava-se aos estudos de Filosofia e a temas de natureza teológica e Metafísica. Neste aspecto, ele era assessor número um de Dom Aureliano Matos. Fundou no Limoeiro a Juventude Estudantil Católica (J.E.C.) da qual tive a honra de ser presidente. A sua biblioteca nesses assuntos era a mais aparelhada da cidade, quiçá, a única; e a maioria das obras especializadas eram escritas em Francês. Passava horas e horas no silêncio de seus aposentos absorvido nas leituras de sua predileção. Tornou-se um especialista em matéria que envolve dogmas de fé. Morou no Ginásio e, depois transferiu-se para o Seminário, onde lecionou Matemática e Física aos futuros sacerdotes, mas sempre acompanhado de sua biblioteca que até livro de economia nela existia. Aliás, no Limoeiro da minha época, havia duas bibliotecas que não desmereciam as da capital, na área particular, a de Dom Falcão e a do Padre Misael, aquela consagrada aos temas de cunho especulativo, esta repleta de obras de História Geral, História do Brasil, História da Filosofia e documentos específicos da região. Padre Misael Alves de Souza, catedrático de História da Filosofia seria futuramente professor e diretor da Faculdade de Educação, lecionava Português, matéria que cultivava com carinho, e iguais funções ele exercia no Seminário. Padre Francisco de Assis Pitombeira, que sempre se dedicou à Língua de Horácio com amor, procurando desvendar-lhe os segredos estilísticos, para transmitir aos alunos. Penso eu, que o Colégio Diocesano Padre Anchieta foi uma grande aquisição cultural para o Limoeiro, já que formou muitos rapazes, despertou inteligências adormecidas e aprimorou-as para a sociedade. Muitos que, por ali, passaram, hoje, ocupam posição de relevo na vida cultural do país, em todos os setores: na medicina, na engenharia, no magistério, na advocacia, na economia, no jornalismo, nas ciências exatas, nas ciências sociais, nas letras e nas artes, etc.; e, além dos que brilharam nas escolas militares.<sup>249</sup>

---

<sup>249</sup> Ib. *ibid.*

Ouvir, gravar e transcrever o relato de uma história tão presente na memória de pessoas como o Padre Pitombeira e o Professor Malveira, me fazem compreender porque os documentos escritos a que tive acesso não têm a mesma vocação para relato de um fato, com tantas minúcias e que mesmo o tempo implacável, não conseguiu cortar os recursos da memória das gerações que assistiram aos feitos de Dom Aureliano. O Ginásio Diocesano foi sem dúvida, o teste para novas caminhadas e projetos da diocese.

### 3.2.2 Seminário Diocesano Cura D'ars

“Art. 1 – O seminário da Diocese de Limoeiro, fundado aos 9 de fevereiro de 1947, na sede da Diocese, sob a responsabilidade e orientação do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano, está entregue à direção dos Revmos. Padres da Congregação da Missão, da Província Holandesa, auxiliados por sacerdotes seculares da Diocese. O Seminário está colocado sob o patrocínio do Santo Cura D’Ars, patrono do Clero secular.”<sup>250</sup>

Depois da conclusão das obras do Ginásio Diocesano, obra empreendida por conta das alianças entre Igreja e elite local, e que dava evidências claras de estar cumprindo plenamente o que estava sendo proposto pela Santa Sé, no processo de romanização já citado, era de se esperar, de Dom Aureliano, no continuar desta caminhada, um outro projeto, foi assim que se deu início a campanha para a edificação de um Seminário para a formação de sacerdotes. A falta de padres era traço comum no interior do Brasil, principalmente, na região Nordeste. Na sua 2ª Carta Pastoral, o Bispo já havia manifestado o seu desejo de construir o Seminário de sua Diocese. Achava ele que um seminário representaria, entre outras instituições eclesiais, “(...) as trincheiras de defesa da Fé e da Moral, e donde partem os ataques mais cerrados e eficientes contra os erros propagados pelos inimigos de Cristo e de sua Igreja.”<sup>251</sup>

Quando Dom Aureliano, em 1940, tomou posse como primeiro bispo da recém criada diocese do Vale do Jaguaribe, a nova diocese contava apenas com 9(nove) paróquias – Aracati, Areias, Russas, União, Limoeiro do Norte, Morada Nova, Frade, Jaguaribe e Pereiro, com uma população de 300 mil pessoas, tendo para atendê-las apenas

<sup>250</sup> Art. 1º do Estatuto do Seminário da Diocese de Limoeiro do Norte. Aprovado em 25 de dezembro de 1948.

<sup>251</sup> 2ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos. Op. cit. pág. 01.

8 (oito) sacerdotes.<sup>252</sup> Faltavam padres e o Bispo sabia que as condições orçamentárias e as estruturas precárias de suas paróquias não incentivariam padres de outras regiões, onde havia paróquias mais desenvolvidas.

Para o Monsenhor João Olímpio<sup>253</sup>, a II Carta Pastoral é o documento onde Dom Aureliano conclama todo os diocesanos para o problema da carência de padres, sendo o assunto mais abordado nesta carta a pouca importância que a população brasileira dava ao problema. Para o bispo a falta de vocações sacerdotais e religiosas, não pertencia somente ao clero, mas dizia respeito à toda a comunidade cristã brasileira. "Somos no Brasil mais de 70 milhões de brasileiros, católicos na sua grande maioria e temos para prestar-lhes assistência religiosa apenas 10 mil e poucos sacerdotes (...)"<sup>254</sup>

Outro documento que se relaciona ao seminário foi a III Carta Pastoral de Dom Aureliano onde ele publica as resoluções do Primeiro Congresso das Vocações Sacerdotais, já analisada no II capítulo, juntamente com outras Cartas Pastorais, escritas por Dom Aureliano durante o seu bispado. Dom Aureliano evidencia através desses documentos, a sua determinação de constituir uma plêiade de jovens para o serviço religioso, demonstrando a devida importância que o mesmo dava ao assunto em consonância com os ditames apregoados pelos vários documentos da Santa Sé, sobre o assunto.

A edificação do Ginásio Diocesano teve sempre o problema do custeio na sua execução, mas, as doações foram se intensificando, possibilitando a conclusão da obra. Com o seminário não foi diferente. Diante dos apelos iniciais na propaganda que fazia Dom Aureliano sobre a necessidade de edificar um seminário, e, mesmo antes da publicação de sua 2ª Carta Pastoral, o projeto havia obtido a primeira vitória: a doação de um terreno para a construção do seminário, efetuada pelo Coronel José Jerônimo.<sup>255</sup> "O que é preciso, agora, é que este exemplo tenha imitadores e venham dádivas consecutivas, até que possamos dizer com justa e imensa alegria, está feito o Seminário da Diocese de

---

<sup>252</sup> Ata da reunião promovida pelo Senhor Bispo, para a construção do seminário. 3 de outubro de 1942.

<sup>253</sup> Entrevista do Monsenhor João Olímpio. Op. cit.

<sup>254</sup> 2ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos. Op. cit. pág. 03.

<sup>255</sup> Na última folha da 2ª Carta Pastoral, Dom Aureliano agradece ao Coronel José Jerônimo e sua Exma. Esposa, pela doação do terreno à diocese, para a construção do seminário. 2ª Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos. Op. cit. pág. 17.

Limoeiro.”<sup>256</sup> Se o problema de área para a instalação do seminário estava solucionado, um outro de mesma magnitude se apresentava: os recursos necessários para a execução da edificação. Essa preocupação, também, está inserida na 2ª Carta Pastoral na sua última folha:

“Para maior eficiência desta cruzada, que redimindo um compromisso, dotará a Diocese de uma fonte perene de vida espiritual. Havemos por bem determinar: a) que em todas as Paróquias desta Diocese os Revmos. Vigários organizem Comissões, tanto na sede da Freguesia, como nas capelas, para que angariem donativos, interessando nesse trabalho de alta finalidade cristã as pessoas de reconhecida piedade e projeção social; b) que estas Comissões permaneçam funcionando enquanto durarem os trabalhos de edificação do Seminário; c) que as esmolas agenciadas sejam enviadas, mensalmente, à Comissão Central, presidida pelo nosso Vigário Geral; d) que durante os trabalhos desta construção seja celebrada, mensalmente, na Catedral, uma Missa pelos benfeitores da obra.”<sup>257</sup>

Contribuindo mais ainda para esclarecer à respeito da estratégia que viabilizou a edificação do Seminário em Limoeiro do Norte, segundo o Monsenhor João Olímpio a obra foi concluída em 1947, embora ele não tenha sabido informar quanto custou, assegurou que as doações encaminhadas durante os cinco anos que as comissões paroquiais existiram, foram, sem dúvida, as responsáveis pela maior parte do projeto. Ele acredita que houve, também, doações da Arquidiocese do Ceará e da Congregação da Missão dos Padres Lazaristas da Holanda, que por sua vez tiveram a incumbência de administrá-lo por mais de uma década, “iniciando essa tarefa o seu primeiro Reitor Padre Afonso de Graff, que apesar do sotaque holandês, conseguiu adaptar-se ao novo país e teve uma profícua administração.”<sup>258</sup>

---

<sup>256</sup> Id. Ibid.

<sup>257</sup> Id. Ibid. pág.17-18.

<sup>258</sup> Entrevista do Monsenhor João Olímpio. Op. cit.





Foto da Capela e do Seminário Cura D'Arns em Limoeiro do Norte. Acervo pertencente ao autor.

Concluído o Seminário, um novo problema surgiu, já que eram necessários recursos financeiros para a sua sobrevivência enquanto instituição de ensino religioso. Para o Monsenhor João Olímpio, a Diocese recém-criada, por ser carente de recursos próprios, não possuía poder aquisitivo disponível para manter um empreendimento de tal vulto. Outro ponto a destacar era como adquirir esses recursos numa região, onde a maior parte da população não dispunha de renda fixa. Foi assim, segundo o Monsenhor, que Dom Aureliano Matos, fundou a obra das Vocações Sacerdotais e Religiosas, com a finalidade de angariar fundos para manter as crianças pobres no Seminário. Nomeia para presidi-la o Padre Misael, que já havia se destacado como presidente da Comissão Central, na árdua batalha para angariar os recursos necessários para a edificação do Seminário.<sup>259</sup>

Para o Professor Malveira, a obra das Vocações Sacerdotais e Religiosas era muito importante, pois diferentemente do Ginásio Diocesano, onde os alunos eram na sua grande maioria, filhos da elite local e regional, podendo arcar com a mensalidade exigida pela instituição, e, com raras exceções, estes alunos eram encaminhados para as carreiras tradicionais, a grande maioria dos candidatos ao sacerdócio vinham de famílias

<sup>259</sup> Id. Ibid.

desprovidas de recursos. De acordo com o Professor, “enquanto administrada pelo Padre Misael, a Obra das Vocações Sacerdotais funcionou com a máxima eficiência, e graças a ela, muitos atingiram posição, talvez, nunca sonhada, uns na sociedade civil, outros, na religiosa.”<sup>260</sup> À respeito disso, encontramos com o referido Professor o hino da obra das Vocações Sacerdotais e Religiosas que o próprio Padre Misael compôs:

I	
Invocamos a Jesus	
Pela glória do Brasil	
De nossa fé, alento, vida e sol ardente	
Nosso país, verdade e luz	
Esse amor, grande e profundo	
Força viva, força eterna, eterna glória	
II	
Ao fulgor do sol que nos abrasa	} Estribilho
Nossa prece, aos céus todos ergamos	
Pra alcançar seu amor	
E cantar com fervor	
O Brasil varonil consagramos	
III	
Olhando o céu azul	
Cheios de amor, lutando mais	
Com fé cristã de brasileiros	
Bradaremos, Vocações Sacerdotais	

Um nome que sempre está presente nesta análise sobre os frutos da Igreja Católica na edificação de instituições ligadas a educação, é o Padre Misael, para muitos limoeirenses, o padre da educação não seria outro. O que tange a nossa análise sobre a ação instrucional em Limoeiro é entender como se deu os investimentos educacionais que fizeram município um referencial para toda a região, não a procura de um nome para elevá-lo “as alturas,” mesmo assim, na análise que foi realizada quando da chegada do bispado, um dos personagens a frente da educação neste município era o referido padre. E depois da diocese e posse do primeiro bispo, será ele que sempre vai está à frente dos projetos ligados a educação. Fora ele o criador do Educandário Padre Anchieta, posteriormente encampado pelo Ginásio Diocesano. Monsenhor João Olímpio, no seu Livro O Limoeiro da Igreja, na biografia do referido padre, homenageia a brilhante figura com o Título de

<sup>260</sup> Entrevista concedida pelo Professor Antonio Nunes Malveira. Op. cit.

“Padre Educador”, qualidade reconhecida por Dom Aureliano Matos, que, quando se tornou Bispo de Limoeiro, o convocou para ser seu secretário particular. O seu trabalho em prol da educação em Limoeiro, em todas as obras ligadas à educação, mas, principalmente, em favor da instalação da Faculdade de Filosofia, lhe fez merecedor da medalha Justiniano de Serpa, comenda concedida aos eminentes educadores do Ceará, concedida pelo Governo do Estado, em 15 de outubro de 1981.<sup>261</sup>

Para certificar a importância do Seminário Diocesano em Limoeiro, procurei documentos que pudessem, através de números, fornecerem a quantidade de alunos que estudaram nessa instituição e, de modo mais adequado, desenvolver um quadro onde fosse mais perceptível a sua importância na ação instrucional da Igreja. Sem condições para fazer esse tombamento sistemático das matrículas realizadas no Seminário Cura D’Ars, pois os documentos necessários não os encontrei, procedi nessa investigação, de modo a sondar os discursos de Dom Aureliano Matos, principalmente quando se empenhava em lançar as bases de alguma campanha em benefício da manutenção dessa instituição. Encontrei uma referência que o prelado fez, quando da comemoração dos vinte anos do Seminário, rogando aos seus fiéis que continuassem com a doação de recursos, pois aquela entidade “(...) em vinte anos de atividades, havia matriculado quase 500 alunos, contribuindo com notável contingente de novos sacerdotes para as fileiras do Clero Cearense.”<sup>262</sup>

Finalizando esse relato sobre o Seminário Diocesano de Limoeiro do Norte, recordamos as palavras do Professor Malveira externando sua gratidão por essa instituição, afirmando que “(...) muitos jovens de Limoeiro, só tiveram acesso a uma escola de qualidade, através do Seminário e da obra das Vocações Sacerdotais e Religiosas, muitos não se formaram sacerdotes, mas conseguiram, através da educação e disciplina que receberam aprovação nos vestibulares das universidades cearenses e, outros tantos, foram aprovados em concursos públicos. Sem o Seminário nada teria mudado na vida desses meus colegas.”<sup>263</sup>

---

<sup>261</sup> BRANCO, João Olímpio Castello (Monsenhor). O Limoeiro da Igreja – A história de Limoeiro do Norte a partir de seus párocos. Ed. Minerva, Fortaleza, 1995.

<sup>262</sup> Discurso proferido por Dom Aureliano, na Missa de Comemoração dos 20 anos de criação do Seminário Cura D’Ars, em 02 de fevereiro de 1967. Cópia escrita à mão por Dom Aureliano Matos, encontrada na Biblioteca do Seminário.

<sup>263</sup> Entrevista concedida pelo Professor Antonio Nunes Malveira. Op. cit.

### 3.2.3 Patronato Santo Antonio dos Pobres

“O Patronato Santo Antonio dos Pobres, fundado nesta cidade de Limoeiro do Norte, a 2 de setembro de 1947, destina-se à educação e instrução de crianças, de preferência pobres.

É dirigido pelas Irmãs de Caridade, filhas de São Vicente de Paulo e Santa Luiza de Marillac, as quais se dedicam também a visitas domiciliares aos pobres doentes afim de socorre-los em suas necessidades materiais e espirituais.”<sup>264</sup>

O Patronato foi outra instituição que se tornou realidade pelas mãos da obra das Vocações Sacerdotais e Religiosas, sua construção demorou um período menor que o Seminário, mas as duas obras foram edificadas na mesma década. A Professora Idalba Gadelha, filha de Cândido Gadelha, Coletor Federal na época de Dom Aureliano, e que via sempre o esforço do pai, na colaboração das ações do Bispo e, mesmo não tendo estudado no Patronato, pois como filha de um eminente funcionário público, podia estudar na famosa Escola Normal Rural de Limoeiro, lembra com detalhes o início da empreitada realizada pela Igreja.

“Era desejo de Dom Aureliano fundar o Patronato, com internato e externato, com a finalidade de educar a mocidade feminina de Limoeiro e cidades vizinhas e, assim, também, criar oportunidade para as moças mais virtuosas de seguirem suas vocações e se tornarem religiosas. Uma outra questão que merece destaque é que as moças mais pobres ali se instruíam e saíam preparadas para enfrentar o trabalho que na sociedade da época ainda era hostil à mulher, a não ser o magistério. Com a propaganda que Dom Aureliano começou a fazer, solicitando colaboração para a futura instituição, mais uma vez o Bispo foi correspondido e novamente o povo deu sua valiosa ajuda na edificação daquela casa de ensino. Depois de inaugurado, Maria Aridina Vidal doou ao Patronato as máquinas de costura. As moças ali podiam se preparar para uma série de atividades que poderiam exercer depois do término do curso.”<sup>265</sup>

No Patronato encontrei a data de sua inauguração, realizada no dia 02 de setembro de 1947, a instituição teve como primeira diretora a Irmã Cecília Bastos, da Ordem Vicentina, que foi sua administradora no período de 1947 a.1956. Segundo

<sup>264</sup> Diário Oficial do Estado do Ceará, 26 de fevereiro de 1949, pág. 07.

<sup>265</sup> Entrevista concedida pela Professora Idalba Gadelha, em Fortaleza, no dia 17 de maio de 2003.

informações da Professora Francisca Isabel Santiago, que estudou durante sete anos e trabalhou como professora durante 23 anos e seis meses no Patronato, a instituição ensinava para as moças tudo aquilo que era necessário, para a vida religiosa e também, para a vida rural que era a realidade da maioria daquelas moças. Segundo a referida professora “para que estes ensinamentos se dessem de forma adequada o Patronato tinha pocilga, pomar, horta, além de aulas sobre culinária, bordado e corte e costura, ensinava-se até como nós deveríamos caminhar.”<sup>266</sup>



Fachada do antigo Patronato Santo Antonio dos Pobres, atualmente denominado Centro Educacional São Vicente de Paulo, vendo-se a esquerda a Capela e a direita o auditório. Foto do acervo do autor.

Para que se tenha uma idéia de como era a organização do Patronato, tudo o que a ele competia e as internas deveria ser expresso em seu Estatuto, documento que por conta disso, era rico em detalhes, entre outros pontos a destacar ali estava publicado os cursos que eram ministrados, as condições de admissão, o enxoval das internas e a parte que mais chama a atenção é a disciplina, somente reproduzindo-a se percebe o grau de seriedade com que as Irmãs o administravam.

“São considerados casos de expulsão:

<sup>266</sup> Entrevista concedida pela Professora Francisca Isabel no dia 23 de março de 2003.

- 1 – escarnecer da Religião ou de seus ministros
- 2 – ter discussões contra a fé ou os bons costumes
- 3 – desrespeito ao decoro ou à moral
- 4 – desobediência à autoridade ou ao regulamento
- 5 – aversão habitual ao estudo ou ao trabalho

A Diretoria não se responsabiliza por documentos ou valores que não sejam confiados á sua guarda. Recados, correspondências ou embrulhos serão entregues na portaria e transmitidos depois á respectiva aluna. ... Há duas saídas mensais, no 1º e no 3ª domingo. As alunas serão visitadas pela família ou correspondente, aos domingos, de 8 às 11 e de 13 às 17 horas. A aluna que tiver qualquer doença passageira será tratada no Patronato, mas aparecendo sintomas de moléstias graves, os pais ou correspondentes serão avisados para que a mesma seja retirada. Despesas com material escolar ou doméstico, médico, remédios, dietas particulares, etc., correrão por conta dos pais.”<sup>267</sup>

Outro fato de destaque sobre o patronato, era que havia uma associação católica que auxiliava as irmãs na obtenção dos recursos necessários na manutenção dos recursos econômicos necessários, denominada de Associação do pão dos pobres de Santo Antonio e era administrada pela família Freitas de Limoeiro. Deve ser por isso, então, que muitas jovens carentes de recursos para a compra do exigido enxoval e do valor da matrícula exigida, conseguiam vagas como internas nesta instituição.

Durante a época em que o Patronato foi administrado pela Congregação São Vicente de Paulo, mais conhecida como Irmãs de Caridade, a sua denominação mudou várias vezes, muitas dessas mudanças foram objetivadas pelas reformas educacionais ou pela necessidade de auxiliar a instituição nas suas condições orçamentárias. Sua primeira denominação foi Patronato Santo Antonio dos Pobres, posteriormente, apenas Patronato Santo Antonio, depois, Ginásio São Vicente de Paulo (Diurno), mais uma vez a denominação mudaria, pois a instituição funcionaria nos três turnos, atendendo as alunas internas e ao público feminino externo. Nesta ocasião havia duas denominações: Escola Normal Colegial Divina Providência (Diurna) e a Escola Noturna Patronato Santo Antonio, criada pela Irmã Ana Maria com um corpo de professores e auxiliares voluntários, para atendimento da camada carente, desejosa por educação e que não tinha recursos para despendar com os estudos. Esta escola noturna além das matérias tradicionais, ministrava

---

<sup>267</sup> Diário Oficial do Estado do Ceará, Op cit.

curso de datilografia e secretariado. Esta escola noturna funcionaria durante 10 anos, finalizou os seus trabalhos em 1971. A instituição foi administrada pelas Irmãs de Caridade até 1975. atualmente o Patronato é administrado por uma entidade civil mantenedora e tem a denominação de Centro Educacional São Vicente de Paulo, trabalhando com o Ensino Fundamental Menor e Maior.<sup>268</sup> A primeira turma de internas se compunha de 06 alunas e no último ano em que o internato funcionou, 1975, o número tinha chegado a 40, quantidade significativa para uma instituição que só acolhia o sexo feminino, notadamente garotas do Nordeste.<sup>269</sup>

Durante quase todo o período em que as irmãs estavam a frente do Patronato, o Cônego Misael foi o capelão dessa instituição, rezando semanalmente missa na Capela da entidade. O Padre Misael foi substituído pelo Padre e Professor da FAFIDAM João Eudes. Também durante este período, havia muitas manifestações de caridade, a mais importante era o dia do idoso, no período que antecedia a esta data, eram solicitados donativos da comunidade e distribuídos com a população idosa da região.<sup>270</sup>

Como se percebe, a década de 1940 foi profícua em Limoeiro do Norte, em grande parte, como reflexo da ação de Dom Aureliano Matos a frente de sua diocese. Em menos de 10 anos, o município contava com o Ginásio Diocesano, com ensino secundário para os garotos e moços. Para aqueles que queriam tornar-se sacerdotes, já havia sido criado o Seminário Diocesano Cura D’Ars, que podia lhes assistir neste caminho, e, se para as moças mais aquinhoadas, já havia a Escola Normal Rural, outras tantas moças, que não tinham a mesma sorte econômica das primeiras, poderia, agora, com o Patronato, serem instruídas, ou quem sabe, orientadas no sentido de seguirem vocação religiosa. Faltava então para finalizar esse primeiro momento, uma escola profissionalizante para os garotos e moços mais pobres. Novamente, estará nas mãos de Padre Misael, a tarefa de conseguir o local e os recursos para esse novo empreendimento.

#### 3.2.4 O Liceu de Artes e Ofícios

---

<sup>268</sup> Id. *ibid.*

<sup>269</sup> Id. *ibid.*

<sup>270</sup> Id. *ibid.*



Prédio do Liceu de Artes e Ofícios, em Limoeiro do Norte, atualmente suas oficinas não funcionam mais e estão em péssimo estado de conservação, a entidade civil que o mantém, cedeu o prédio a Prefeitura do município para o funcionamento de turmas do ensino fundamental. Foto do acervo do autor.

Logo após a implantação do regime republicano, evidenciou-se uma atitude governamental voltada para a educação profissional, com a valorização dos Liceus de Artes e Ofícios e a criação de outros estabelecimentos do gênero. A criação de escolas industriais ou instituições educacionais similares, em decorrência da crença de que a indolência é a principal fonte do mal e a indústria a principal virtude alcança, no Brasil, desde o início do século XX, o mesmo sucesso observado na Inglaterra nas últimas décadas do século XVIII, com as Sunday schools. No nosso país, algumas iniciativas neste sentido já se faziam observar no final do século XIX, como a criação, em 1874, do Instituto D. Ana Rosa e a transformação do antigo Seminário de Meninos no Instituto de Educandos Artífices; e, em 1882, com a transformação da Sociedade Propagadora da Instrução Popular no Liceu de Artes e Ofícios.<sup>271</sup>

Em 1930, quando Getúlio Vargas assume o poder, o trabalho passa a ser objeto de atenção particular do seu governo, recrudescendo a perspectiva de controle dos

<sup>271</sup> CAMPOS, Herculano Ricardo e ALVERGA, Alex Reinecke de. Trabalho infantil e ideologia: contribuição ao estudo da crença indiscriminada na dignidade do trabalho. Revista Estudos de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v.6 n.2 Natal jul./dez. 2001.



menores enquanto potenciais trabalhadores. Naquela conjuntura foi formulado um projeto político-ideológico que, de acordo com Alencar “...tendo como substrato central a valorização do trabalho, passava a constituir todas as dimensões da vida social dos trabalhadores passíveis de observação e intervenção. Tornava-se comum nesse contexto um projeto de inculcação ideológica e doutrinária para a criação do cidadão-trabalhador, tornado expresso (...) nos discursos do próprio Vargas, nos pronunciamentos de ministros e figuras vinculadas ao governo” (p. 104).<sup>272</sup>

Dom Aureliano, diante das circunstâncias que naquele momento envolviam o estudo profissionalizante no país, e já tendo criado os estabelecimentos que dotariam a elite regional da educação necessária, iniciou o projeto de construção de um liceu de artes e ofícios em Limoeiro, tarefa que ele também entregou ao Padre Misael Alves de Sousa. Desta vez, a arrecadação de recursos não foi tarefa similar às outras que já tinham ocorrido para os estabelecimentos já construídos. Segundo o Monsenhor João Olímpio, o Liceu não contava na sua edificação com a admiração da elite dirigente, “(...) uma vez que ali não havia o estudo do Latim, do Francês, do Inglês, mas de matérias que não eram dignas dos Doutores. O Padre Misael, homem habituado aos grandes desafios, recorreu a instituições religiosas internacionais conseguindo êxito na tarefa de construção do Liceu, inaugurado em 1953.”<sup>273</sup>

Procedimento compatível com a visão criada pela reforma curricular de 1924 que reestruturava o ensino profissionalizante no Brasil. Embora eufemístico, a justificativa ao decreto de criação das escolas profissionalizantes anunciava esses objetivos ideológicos:

“O aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência; (...) para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade, escola do vício e do crime.”<sup>274</sup>

<sup>272</sup> ALENCAR, M. M. T. de. (1997). A política da família no Estado Novo e a atuação do Serviço Social. *Em Pauta*, 11, 99-112. Editora Vozes, pág. 104.

<sup>273</sup> Entrevista do Monsenhor João Olímpio. Op. cit.

<sup>274</sup> CUNHA, Luiz Antônio. O ENSINO INDUSTRIAL-MANUFATUREIRO NO BRASIL: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação - Departamento de

Convergente com essa ideologia conservadora havia outra, progressista - a do industrialismo. Ela consistia na atribuição à indústria de valores como progresso, emancipação econômica, independência política, democracia e civilização. Seus adeptos atribuíam à indústria a função de elevar o Brasil ao nível das nações civilizadas, pois ela permitiria ao país possuir os atributos próprios dos países da Europa e dos Estados Unidos. “Só a indústria poderia resolver os problemas econômicos que afligiam o Brasil, pois só ela seria capaz de propiciar o desenvolvimento das forças produtivas, estabilizar a economia e levar o progresso a todas as regiões.

Ademais, o ensino industrial era entendido pelos industrialistas como um poderoso instrumento para a solução da "questão social". Mesmo com a intensificação dos conflitos sociais, os industrialistas brasileiros diziam que o Estado deveria cogitar do ensino obrigatório antes mesmo de instituir leis sociais. Ao lado do esperado efeito moralizador sobre as classes pobres, o ensino industrial era tido como dotado de outras virtualidades corretivas. “Era o que defendia João Pinheiro, importante líder industrialista mineiro, em 1906, quando presidente de seu estado, ao propor a criação desse tipo de ensino para combater o bacharelismo que estaria grassando entre as camadas médias.”<sup>275</sup>

Mesmo no Limoeiro, longe das questões industriais modernas, havia a preocupação com a indigência e o encaminhamento da população jovem, mais carente, para atividades que supostamente pudessem viabilizar o seu sustento. Havia, também, a necessidade de modernizar alguns serviços e atividades profissionais que atendessem o crescente comércio da cidade e áreas vizinhas, como datilógrafos, eletricitas, costureiras, bordadeiras, mecânicos, marceneiros e funileiros, entre outros. Estes profissionais poderiam ser capacitados, sem a necessidade de investimentos permanentes da elite local, se fossem capacitados por uma escola profissionalizante pública.

Neste sentido, Dom Aureliano ao receber o terreno, doado por empresário local, viabiliza a construção do Liceu de Artes e Ofícios com a comunidade limoeirense, recebendo os equipamentos necessários para a implantação das oficinas e para o seu funcionamento de entidades diversas como a Igreja Católica Alemã e do Jornal o Nordeste,

---

Administração Educacional – UFRJ- 1999. p. 17.

<sup>275</sup> Id. Ibid.

sediado em Fortaleza. Para a manutenção permanente desta instituição de ensino profissionalizante mantém convênio, ora com a prefeitura do município, ora com o governo do estado. Desta forma estava garantida à elite local a mão-de-obra especializada, sem ônus para a continuidade e desenvolvimento das atividades econômicas locais.<sup>276</sup>

Necessário se faz destacar que o Liceu de Artes e Ofícios de limoeiro do Norte, como todos os demais no país, funcionavam como verdadeiras oficinas abertas a pedidos das empresas locais, preços estes abaixo do custo real. Assim, o Liceu, antes mesmo de profissionalizar seus alunos, já contribuía de forma significativa com as elites locais.

Na prática, a produção dos Liceus de Artes e Ofícios consistia na aceitação pelos diretores de encomendas de órgãos públicos ou entidades privadas que forneciam a matéria prima e pagavam a mão de obra e outras despesas. Com os recursos recebidos, as escolas pagavam aos alunos pelo trabalho realizado e, aos contramestres, uma percentagem do resultado pelo trabalho fora das horas regulamentares. Previa-se que as escolas auferissem um lucro de 20% calculado sobre o custo da obra encomendada. Quando o vulto do empreendimento o justificasse, os diretores ficavam autorizados a contratar diaristas, de preferência ex-alunos.<sup>277</sup>

Problema semelhante o Padre Misael teve, para equipar as salas e oficinas do Liceu com o maquinário necessário. Novamente o Monsenhor João Olímpio nos informa acerca da influência de que o Padre Misael era detentor, resultado de seu trabalho incansável em prol de Limoeiro. Assim, ele recorreu à Alemanha Ocidental, donde recebeu doação em dinheiro com o qual ele comprou as máquinas de que tanto necessitava o estabelecimento. Em Fortaleza, conseguiu doações no comércio da capital, inclusive do jornal O Povo. “Com iniciativa de tal natureza, a idéia cresceu e frutificou. O prédio do

---

<sup>276</sup> MALVEIRA, Antonio Nunes. O Limoeiro de Dom Aureliano Matos. Rio de Janeiro: PENELUC.1998. pág. 26.

<sup>277</sup> CUNHA, Luiz Antônio. Op. cit. pag. 20.

Liceu foi edificado, em um terreno, ao lado do Palácio Episcopal, no local, onde outrora existiu o ‘Casarão de João Anselmo da Silveira Vidal’, advogado prático, eficiente, de prestígio, tanto que fundou a Confraria do Santíssimo Sacramento em Limoeiro.”<sup>278</sup>

A Professora Bazinha, hoje diretora da Escola Normal Rural de Limoeiro, analisa o início do Liceu e argumenta que:

“Apesar das vicissitudes iniciais, o Liceu prestou inúmeros benefícios aos jovens de pequeno poder aquisitivo. Como nem todos podiam freqüentar os cursos tradicionais faziam opção pela matrícula no Liceu, e, dali saíam com bom primário, bons conhecimentos profissionais, sobretudo, eram portadores de um elevado aperfeiçoamento moral e cívico. E muitos, logo se colocaram no mercado de trabalho, na sua cidade e nas outras próximas, até mesmo na Capital, o que não ocorria com aqueles que estudavam matérias de cunho clássico; estes só tinham condições de ser funcionários públicos, Naquele Liceu se realizaram muitos sonhos e se consolidaram esperanças várias. O que no começo parecia nada, tornou-se, com o correr do tempo uma instituição respeitada, a fonte geradora de mão-de-obra especializada.”<sup>279</sup>

É oportuno analisar que a instalação de uma escola profissionalizante em Limoeiro do Norte, fazia parte de um discurso modernista, que, aliás, chega à cidade, em meio a uma divisão de opiniões acerca da sua necessidade na região. Se a visão de Dom Aureliano era auxiliar os menos favorecidos, para que eles no futuro, se enquadrassem no universo profissional, o mesmo não era sentido pela elite local, que achava, de início, uma notável perda de tempo, promover estudos que não servissem como ponte para as profissões tradicionais de nível superior. Fato que, de certo modo, pode ser visto como contraditório, mas que revela ser a busca por oportunidades educacionais que mobilizara aquela elite, mas, que de certo modo se restringia ao benefício de suas próprias famílias.

Acho que a idéia do Liceu de Artes e Ofícios foi resultado de uma avaliação do Bispo e estava inteiramente articulada com um modelo extraído daquilo que estava acontecendo em outras cidades mais progressistas, como era o caso de Fortaleza e Sobral. A idéia, se não era o resultado direto dos ideais modernizantes, é claro, foi resultado

---

<sup>278</sup> Id. Ibid.

<sup>279</sup> Entrevista da Professora Maria das Dores Vidal Freitas (Bazinha). Op. cit.

indireto desses ideais. Dom Aureliano Matos acreditava ser importante fornecer a uma parcela da juventude limoeirense, no caso os jovens de famílias desprovidas de condições materiais mínimas, os meios de adquirir uma profissão.

O Liceu de Artes e Ofícios, como toda a escola profissionalizante criada a partir da idéia republicana de educação, direcionava o ensino para a formação profissional e disciplinamento do trabalhador. Essa direção prática do ensino, notadamente o primário, torna-se um elemento essencial, numa abordagem de escola utilitarista, direcionada para a formação de mão-de-obra com habilidades técnicas. O que se pretendia era a garantia da ordem social, a partir do enquadramento do cidadão no mundo do trabalho. Já para Margareth Rago<sup>280</sup>, a criação de instituições de “seqüestro” da infância, estava muito mais presente na luta contra a vagabundagem do que propriamente a preocupação sob o ponto de vista econômico ou de formação de novos trabalhadores para as atividades produtivas.

“Junto ao discurso de louvação ao trabalho. Surgiram outros contra o ócio, considerando-o pernicioso à sociedade. O lazer, neste sentido, adquiria um caráter depreciativo, pois supunha-se que, quem a ele se entrega, além de deixar de produzir gasta. Começa-se, então, por força de um ideal modernizante, a construir uma sociedade voltada para o trabalho dentro de uma perspectiva moralizante e utilitarista, tomando-se aquele como principal instrumento regenerador do caráter humano. É dentro dessa perspectiva, portanto, que no Brasil os projetos educacionais referentes ao ensino profissional vão sendo construídos e concretizados.”<sup>281</sup>

Dom Aureliano, suponho cumpriu o seu papel de representante maior de sua Igreja. Se escolheu trilhar o caminho do desenvolvimento educacional em prol de Limoeiro, e se esse caminho já vinha sendo construído, mesmo que de forma tímida, pela elite local, foi ele como bispo, que possibilitou uma ação mais empreendedora e pujante nessa área, suas escolhas, transformaram a cidade em referência educacional para a região jaguaribana, essa ação mudou o Limoeiro e, em conseqüência, mudou toda uma estrutura de outros empreendimentos que viriam a se alocar na região. A decisão de estruturar

---

<sup>280</sup> RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar 1890-1930*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987. pág. 183.

<sup>281</sup> MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. *Recompondo memórias da educação: A Escola de Aprendizizes Artífices do Ceará (1910-1918)*. Fortaleza: Gráfica do CEFET – Centro de Educação Tecnológica do Ceará, 1999.

Limoeiro para servir de locus para a sua ação instrucional, é o ponto de partida para a evolução histórica e espacial dessa cidade.

### 3.2.5 A Rádio Educadora



Prédio da Rádio Educadora Jaguaribana, localizada aos fundos do Palácio Episcopal, e em frente ao Banco do Brasil, criada pela Diocese de Limoeiro do Norte, atualmente, pertencente a iniciativa privada. Foto do acervo do autor.

“Como os estadistas prevêem o futuro de seus povos, na Igreja de Cristo não faltam, e, sempre houve, e, existirão sempre, os grandes sacerdotes, os mensageiros divinos, capazes de compreenderem as mudanças sociais, mormente as que afetam a essência da família. Dom Aureliano com sua visão quase profética sentiu que o nosso século, angustiado, neurótico e ferido por guerras e ideologias, traria, cedo ou mais tarde, conseqüências infaustas para a família. Os meios de comunicação começavam a assomar, eficientemente conduzidos e que, por isso, a Diocese devia preparar-se para uma maneira, aliás, mais dinâmica na divulgação da palavra de Deus. O púlpito das Igrejas, sozinhas, já não comportava mais a torrente das novas idéias que assolavam o mundo moderno. E a Igreja não ficaria imune às novas doutrinas, às teorias psicossociais com milhões de adeptos.”<sup>282</sup>

<sup>282</sup> MALVEIRA, Antonio Nunes. O Limoeiro de Dom Aureliano Matos. Op. cit.

O Professor Malveira analisa de modo peculiar a visão de Dom Aureliano Matos, sobre os meios de comunicação de massa, sobressaltado com a explosão de informações que o Limoeiro já recebia do mundo lá fora, e que não eram influenciadas, contestadas e/ou censuradas pela Igreja, com o mesmo poder de multiplicação de ouvintes. Nasceu, então, o ideal de criar-se a Rádio Educadora da Diocese, vendo nela mais um instrumento da Igreja, capaz de levar aos lugares mais distantes a palavra de Deus. Afinal, ele representava uma Igreja que estava discutindo em Roma, no Concílio Vaticano II, seu futuro, diante de um mundo em permanente estado de transformação social, política, econômica e tecnológica.

O Professor Malveira, que durante muito tempo se correspondeu com o Padre Misael, relata as dificuldades em se adquirir uma concessão de Rádio junto aos poderes oficiais, onde a influência política era determinante para o êxito do processo. A tarefa embora árdua, tinha como idealizador um bispo, que já havia comprovado durante inúmeras oportunidades, sua habilidade e diplomacia, características que lhe faziam angariar dos políticos municipais, estaduais e federais, sem se importar com a ideologia ou partido político, aquilo que fora solicitado. Mostra disso foi a encampação pelo governo do estado do Liceu de Artes e Ofícios, logo após sua inauguração. Foi assim, que em 19 de março de 1962, foi inaugurada a Rádio Educadora Jaguaribana de propriedade da Diocese de Limoeiro do Norte. Esta emissora fora inicialmente administrada pelo Padre Mariano da Rocha Matos, sucedido pelo Padre José Edvaldo Moreira (1969), passando posteriormente para Luiz Gonzaga de Freitas.<sup>283</sup>

Conta o Monsenhor João Olímpio que no dia subsequente a inauguração da Rádio, começou o seu funcionamento. Para dom Aureliano, a Rádio além de ser um instrumento difusor da palavra de Deus precisaria colaborar em todas as direções na melhoria das condições sociais do povo. Para diretor artístico e cultural ele indicou o Cônego Falcão, hoje Cardeal-Arcebispo de Brasília que parece ter desempenhado suas funções, não obstante outras atividades que exercia na diocese. Nas palavras do Professor Malveira, que, também, durante muito tempo correspondeu-se com Dom Falcão e conhecia suas qualidades intelectuais, relata que a sua atuação na rádio foi:

---

<sup>283</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal. Limoeiro em Fotos & Fatos. Op. cit. pág. 228.

“(…) a de um homem inteligente, metódico, organizado, dedicado aos estudos da física, da matemática e da filosofia, um sacerdote pesquisador, apegado inteiramente á cultura. Tinha um programa diário, intitulado ‘A Diocese Informa’ excelente, compunha-se de notícias nacionais e internacionais, - dando ênfase é lógico aos problemas da cidade e da Diocese. Para elaborar seu programa, ouvia ele a BBC de Londres e a Voz da América, e, muitas vezes, entrava pela madrugada, no silêncio do seminário, aprimorando os assuntos de sua preferência e da comunidade católica. Quem anunciava o programa e a entrada de Dom Falcão na rádio (na época cônego), era o jornalista Murilo Maia, hoje residente em Pouso Alegre – Minas, trabalhando numa rádio de sua propriedade. Nessa época a Rádio da Diocese tornou-se campeã em audiência. Ele foi sempre estudioso de assuntos ligados à Concílios, e, em virtude, de seus conhecimentos específicos punha Dom Aureliano a par das novidades do Concílio Ecumênico Vaticano II e das transformações futuras da Igreja. O Santo Papa João XXIII, estava revolucionando a Igreja.”<sup>284</sup>

Segundo o Monsenhor João Olímpio, Dom Aureliano Matos dizia que: “o cônego Falcão é quem dá nome à Diocese de Limoeiro.” Esta frase é mais do que o suficiente para que se avalie o valor cultural de Dom Falcão, mas, expressa também, a sabedoria do Bispo, que soube durante toda a sua administração, aproveitar o que de melhor seus assessores possuíam, para fortalecer o seu ideal missionário.

Outro trabalho importante realizado posteriormente pela Rádio Educadora foi a apresentação dos programas do Movimento de Educação de Base – MEB. Este movimento estava sendo desenvolvido pela Diocese, desde outubro de 1961, levando a alfabetização ao meio rural. As atividades passaram a funcionar na sua plenitude, em 1962, com a inauguração da emissora da Diocese. O MEB era um projeto de educação para os pobres, era educação política e evangelizadora, no intuito de formar melhores lideranças rurais.<sup>285</sup> A Professora Bazinha guarda na memória o grupo pioneiro de supervisores do MEB: “O grupo era coordenado pelo Padre Mariano da Rocha Matos, compunha-se de Raimunda Conrado de Souza (Nôzinha), Teresa Neumann Conrado de Souza, Luiza de Marilaque dos Reis Saraiva e Alzenir Saldanha.”<sup>286</sup>

---

<sup>284</sup> Entrevista concedida pelo Professor Antonio Nunes Malveira. Op. cit.

<sup>285</sup> Entrevista do Monsenhor João Olímpio. Op. cit.

<sup>286</sup> Entrevista da Professora Maria das Dores Vidal Freitas (Bazinha). Op. cit.



Como o rádio era um aparelho fácil de ser operado e que tinha a opção de ser utilizado a partir de luz elétrica ou pilha, e que vinha, com as novas tecnologias do transistor, barateando seu preço, transformou-se na década de 1960, em febre de consumo local. Marina Holanda Cavalcante, em sua dissertação de Mestrado sobre a História do MEB em Limoeiro do Norte, comenta que “O rádio era algo novo, que exercia enorme fascinação sobre os que o sintonizavam. Para os habitantes do campo, segregados dos grandes centros urbanos, representava um dos poucos meios de diversão, atuando no cotidiano das pessoas.”<sup>287</sup>

Para a Diocese de Limoeiro do Norte, a Rádio Educadora transformou-se em mais um instrumento educativo e evangelizador. Do mesmo modo, que as instituições edificadas por Dom Aureliano Matos, obtiveram êxito em suas realidades, exercendo a influência da Igreja junto aos seus fiéis. A radiodifusão, por sua vez e em seu tempo, exigiria da Igreja, um papel articulador e mobilizador dos novos caminhos, principalmente depois do Concílio Vaticano II, onde a instituição, de forma mais clara, posicionava o seu discurso em favor dos “pobres e oprimidos”.

### 3.2.6 A Faculdade de Filosofia

“Limoeiro comemorara festivamente, em 1965, o Jubileu de Ouro de ordenação sacerdotal de Dom Aureliano Matos. Por ocasião da sessão solene, com a presença do Governador Cel. Virgílio Távora, Dom Aureliano se manifestara desejoso de fazer um pedido ao mandatário maior do Estado e o fizera: ‘Tenho um pedido a fazer neste dia ao Governador do Estado – uma Faculdade de Filosofia para Limoeiro do Norte.’ E o pedido fora atendido. Três anos após (1967) S. Exa. o Governador viera pessoalmente entregar-lhe o documento/lei nº 8.557 de 16 de agosto de 1966 que criara a Faculdade. O sonho se consolidara através do trabalho incansável e perseverante do Padre Misael Alves de Sousa, indicado por dom Aureliano Matos para integrar a comissão responsável pela sua instalação. A Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM, foi inaugurada em 08 de agosto de 1968, tivera como 1º Diretor de 1968 a 1978 o Padre Misael Alves de Sousa.”<sup>288</sup>

<sup>287</sup> CAVALCANTE, Maurina Holanda – SABER PARA VIVER: Igreja, Rádio e Educação Popular. Uma História do MEB Limoeiro do Norte, Ceará (1962-1972). Op. cit. pag. 23.

<sup>288</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal. Limoeiro em Fotos & Fatos. Op. cit. pag. 229.



Prédio da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, localizada em Limoeiro do Norte, na Avenida do mesmo nome. Funciona atualmente com diversos cursos de graduação. Foto do acervo do autor.

A cidade de Limoeiro do Norte crescera à sombra dos carnaubais e das instituições instrucionais que Dom Aureliano Matos, seus assessores e a elite local, perseguiram durante trinta anos. Mas, algo novo se apresentava: em primeiro lugar, o acesso a Fortaleza, estava mais rápido, em conseqüência da construção da ponte sobre o Rio Jaguaribe, “(...) libertando o “ir e vir” da ilha /Limoeiro até então acorrentada ao Pontão de Celso Malveira, de Manoel Guerreiro e às canoas, quando chegava o inverno.”<sup>289</sup> Se Limoeiro era referência na área educacional, onde muitos filhos da região estudavam, agora com acesso mais rápido era de se supor, por conta da facilidade nos fluxos rodoviários, que a cidade passaria por um maior crescimento urbano; em segundo lugar, a facilidade nos fluxos, não resultava apenas em concentração populacional urbana na cidade, por conta migração de populações rurais e de outros centros urbanos da região, pessoas desejosas de uma melhor condição de vida, e, essa melhor condição de vida estava em Limoeiro, era, também, dos filhos de Limoeiro, principalmente os mais letrados, que poderiam vislumbrar novos rumos para a sua profissão e moradia, fora de sua cidade; em

<sup>289</sup> Id. Ibid.

terceiro lugar, aponto a evolução estrutural econômico-rural que passava Limoeiro. O Orós havia sido construído e era peça fundamental, naquela época, de todos os projetos agrícolas da região, possibilitando a tão sonhada agricultura moderna a partir da perenização do rio Jaguaribe e distribuição de lotes, juntamente com a energia de Paulo Afonso, o resultado de tudo isso seria um novo dinamismo social, econômico e cultural para a cidade.

Pode ser contraditório, ver de um lado uma população de lugares mais atrasados, visualizando Limoeiro como sua redenção, enquanto os filhos dessa cidade, sendo atraídos pela expectativa de novas oportunidades de trabalho na capital e em outras cidades mais desenvolvidas. Dentro desta situação, o que nos importa é a análise no campo instrucional. Segundo o Professor Malveira, a qualidade do corpo docente de Limoeiro, era invejável, “a maioria dos professores havia estudado em seminários, bons colégios em Fortaleza e mesmo no Diocesano, muitos eram padres, outros, militavam no campo da justiça, a maioria tinha sido convocada por Dom Aureliano para a cátedra, mas, agora, estavam na idade da aposentadoria. Aqueles que ainda tinham idade, como eu, vislumbravam através de concursos em outras paragens a estabilidade funcional. Foi assim, que fui parar no Rio de Janeiro e me tornei professor do Colégio Pedro II. Pedro Alves que, através de concurso, entrara no Banco do Nordeste, em alto posto; José Odilon Costa e Silva despedira-se para o Rio, e, por concurso, alcançou alta posição no Banco do Brasil, Geraldo Majela seguiu para São Paulo, onde se destacou na profissão, e, também como fiscal do Ensino, por intermédio de concurso; Padre Mauro Ramalho fora para o Aracati, de onde saiu com sua feliz escolha para ocupar o Bispado de Iguatu; Eliseu Eli Barbosa voltara à cidade natal; Dr. Raimundo Chaves instalara-se em São Paulo; Dr. Lima Verde já se aproximava da aposentadoria. Registrara-se assim, uma crise de valores em Limoeiro, notadamente na área magisterial.”<sup>290</sup>

Corpo docente capacitado para substituir à altura os que estavam se afastando, não existia, o seminário porta de saída dos mais competentes, passava por uma crise, e estava quase sem alunos, as oportunidades que apareciam através de concursos públicos para vários órgãos criados no Ceará fizeram muitos jovens desertar da idéia do magistério. Ainda havia um problema mais grave: a pedagogia da “escola nova” exigia que os professores obtivessem uma formação acadêmica superior. Diante dessa situação,

---

<sup>290</sup> Entrevista concedida pelo Professor Antonio Nunes Malveira. Op. cit.

acredito que Dom Aureliano, com sua visão experimentada e estratégica, vislumbrou como saída para a crise que se instalara no campo da mão-de-obra instrucional, o estabelecimento de uma Faculdade, que ele denominava de Filosofia, mesmo que saibamos, nunca houve um curso de Filosofia na FAFIDAM.<sup>291</sup> Na realidade, a denominação mais correta seria Faculdade de Educação, neste caso, ficaria ela responsável para formar professores que atendessem às novas regras estabelecidas por lei para a carreira do magistério e conseqüentemente providenciasse um maior número de simpatizantes da referida profissão.

Com a influência de Dom Aureliano, o seu apelo foi atendido no papel, mas, o problema de sua transformação em realidade, foi uma batalha incessante que o Bispo não pode esperar. Dom Aureliano, já muito doente, veio a falecer em 19 de agosto de 1967, quase um ano antes da inauguração dessa instituição. Diante de tais circunstâncias, era necessário segundo o Monsenhor João Olímpio, a experiência do Padre Misael, para realizar a tarefa de implantar a Faculdade.

“O Padre Misael abraçou a missão com determinação, com ânimo forte, como o missionário que se propõe a evangelizar seres humanos, arredios ao nome de Deus. O Padre Misael deu 110 (cento e dez) viagens a Fortaleza no próprio carro, e, nem, sequer, cobrou a gasolina gasta à Diocese. O seu mentor espiritual merecia o sacrifício. Ao final da luta e da persistência, o Limoeiro tornou-se em palco de estudos universitários, ressuscitou-se a euforia da década de 40, com a fundação do Ginásio Diocesano, enchendo a cidade de alunos, vindos das irmãs vizinhas, e até do Mossoró.”<sup>292</sup>

A cidade de Limoeiro com a faculdade, completa um período onde a ação instrucional é mola propulsora da transformação do município. As mudanças ocorridas a partir daí, são conseqüência de um olhar mais instigante, mais culto, onde os novos desafios podiam ser respondidos com ações e discursos onde, não apenas a prática, mas as novas abordagens teóricas fossem os determinantes das possibilidades. O Limoeiro do Norte não seria mais, o da cera de carnaúba, nem do algodão, nem do gado, era a agora, a

---

<sup>291</sup> Os curso criados na origem da FAFIDAM são os seguintes: Licenciatura em Geografia, em História, Letras e Pedagogia. Posteriormente foram criados os cursos de Licenciatura em Matemática, Física e Química.

<sup>292</sup> Entrevista do Monsenhor João Olímpio. Op. cit.

“Princesa do Vale”, referência para toda a região na educação, das séries iniciais até a universidade.

### 3.2.7 As ações instrucionais da Igreja numa análise espacial evolutiva

Pretendo analisar as ações da Igreja em Limoeiro do Norte e suas resultantes no espaço geográfico no município e região Jaguaribana. A Igreja Católica, enquanto agente da ação, produz e se apropria de espaço, operando numa relação de forças com outros agentes (Poder do Estado, Comércio, Proprietários Rurais, etc.), entendendo que essa relação de poder, pode ser de confronto ou de parceria. Mas sempre existirá, pois o exercício de poder não é concebível sem territorialidade.<sup>293</sup> Consciente de que as ações em Limoeiro produziram determinados espaços e que esses espaços são, também, fruto das relações de poder, pretendo expor exemplos dessa realidade.

Em todas as direções desse núcleo urbano encontram-se prédios da Igreja. alguns, como o Seminário Cura D’Ars, construído em área marginal a cidade, em direção ao município de Quixeré. Para os estudiosos do espaço urbano, a localização de algumas estruturas urbanas, neste caso, um complexo educacional com internato, e toda uma estrutura interna, indispensável ao seu funcionamento, como cozinha, biblioteca, salão de reuniões, capela, Igreja, quadra de esportes, etc. utilizaria para isso, uma área considerável e direcionaria uma parte dos fluxos diários de pessoas, bens e mercadorias para o local.<sup>294</sup>

Outro ponto importante em analisar as ações de um empreendedor do porte da Igreja Católica, mais precisamente, em um município do interior do semi-árido nordestino, carente, até aquele momento, dessas intervenções no espaço urbano, é entender que estas ações vão influenciar de modo significativo as taxas de crescimento demográfico e no fluxo diário de pessoas, produtos e serviços dentro um bairro, de uma cidade e, em uma região.

---

<sup>293</sup> SOUZA, Marcelo José Lopes. O Território: sobre espaço e poder , autonomia e desenvolvimento. Pág. 107. (in) Geografia: Conceitos e Temas. CASTRO, Iná Elias de e outros. (ORG). 5ª Ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2003.

<sup>294</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. Ed. Ática, São Paulo, 1989. pág. 17.

Mas esta não é a situação usual em nossas cidades, no Ceará, é reduzido o número de cidades que tiveram o privilégio de se tornarem locus de um empreendimento da Igreja. Podemos enumerar se quiséssemos ter conhecimento deste limitado número. Não é esta a nossa premissa. O que quero denotar é a importância de se fazer uma análise mais apurada sobre uma realidade espacial imposta por um agente, no caso a Igreja Católica, sobre o espaço urbano de uma cidade como Limoeiro do Norte e a gama de possibilidades advindas de tais ações.

Esta complexa e variada gama de possibilidades de ação da Igreja Católica não se efetiva ao acaso. Nem se processa de modo socialmente neutro, sua ação é marcada pelos conflitos de interesses dos diferentes membros da sociedade de classes, bem como das alianças entre eles. É no nível municipal, no entanto, que estes interesses se tornam mais evidentes e perceptíveis, notadamente quando uma ação viabiliza a ampliação de um bairro, através da abertura de ruas e empreendimentos imobiliários como vilas de casas ou loteamentos urbanos, agora viáveis, por conta dos investimentos realizados na área.

É bom lembrar que as ações da Igreja, pela influência que ela detinha e, em parte ainda detêm, serão, em muito dos casos, associada às ações do poder público, como intervenções antecipadas ou posteriores em benefício de empreendimentos. Exemplos não faltam: construção de ruas, rede de água e esgoto e iluminação pública, empreendimentos, entre outros, que só colaboram para a viabilidade de outros empreendimentos locais. Empreendimentos realizados por outros agentes, visando tornar viáveis várias atividades: residenciais, sociais, culturais, educativas e principalmente, econômicas.

A Igreja Católica como agente empreendedor, viabilizou o crescimento populacional, imobiliário e econômico do urbano no município de Limoeiro do Norte, sem a presença inicial de outros agentes importantes, empreendedores do espaço, como a concentração de agentes industriais e/ou comerciais no município, que influenciassessem a “roda do progresso,” o que deixa claro, a particularidade da presença religiosa no município como planejadora, concentradora e investidora urbana. É ela que irá selecionar áreas, a partir de uma discussão com os segmentos sociais da cidade, no caso, a elite local e o poder público, visto aqui, como a Prefeitura Municipal e o Governo Estadual e Federal.

Quero deixar evidente, que a leitura que faço como geógrafo pode auxiliar na compreensão da realidade espacial urbana de Limoeiro do Norte e do Vale do Jaguaribe, sob o ponto de vista da ação da Igreja voltada para a instrução, considerando que esta ação localizada em um núcleo urbano, criou processos e formas espaciais concentradoras de um determinado serviço, carente naquela região, gerando como consequência uma seletividade espacial em favor de Limoeiro do Norte e uma marginalização espacial dos municípios vizinhos.<sup>295</sup>

Essa problemática espacial alterou a vida dos moradores do Vale do Jaguaribe, a partir desse momento nos seus projetos de vida ou de seus filhos, a educação será algo palpável e viável, portanto é necessário ir a Limoeiro do Norte para estudar, é necessária uma boa escola, e ela se localiza em Limoeiro. Num primeiro momento tudo está relacionado direta ou indiretamente a estrutura instrucional desse município. A partir da década de 1930, as melhores escolas serão as de Limoeiro do Norte, onde uma união formada pelos principais agentes produtores de espaço, determinaram como objetivo maior, desenvolver e fazer evoluir cada vez mais o processo educativo. Essa união dos agentes produtores de espaço, mesmo que momentânea, capitula para o município outras ações complementares. Hospital e Maternidade, Instalação de Comarca, Tiro de Guerra, Delegacia Regional de Educação, emissoras radiofônicas, cinemas, antena de ampliação do sinal de televisão (a primeira da região) e a construção da Ponte sobre o Rio Jaguaribe, dando acesso completo a cidade por meio rodoviário.

Todos esses benefícios colaboram mais ainda para a seletividade espacial de Limoeiro, em detrimento das cidades vizinhas. Qualquer ação do Poder Público Estadual ou Federal, ou da iniciativa privada, na região, levará em consideração a concentração de bens e serviços nessa cidade e, conseqüentemente, o total de habitantes a eles relacionados. A instalação da primeira agência do Banco do Nordeste, na década de 1970 na região é um exemplo de uma ação resultante das anteriores. “É conveniente insistir que o espaço geográfico articula duas dimensões, aquela da localização - um ponto no mapa - e aquela que dá conteúdo a essa localização que a qualifica e singulariza.”<sup>296</sup>

<sup>295</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. pag. 36-40. (in) Geografia: conceitos e temas/ organizado por Iná Elias de Castro, Paulo da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa. 5ª edição – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003.

<sup>296</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Consumo do espaço. Pág. 175. (in) Novos caminhos da geografia. Ana Fani Alessandri Carlos (Organizadora) São Paulo. Contexto, 2001.

Uma outra abordagem sobre a evolução espacial em Limoeiro, pode ser realizada, a partir da noção de região no pensamento geográfico. A noção de região é relevante para a compreensão do recorte espacial e se constitui numa categoria de análise própria da geografia. Contém entre outras especificidades a possibilidade de análise comparativa e privilegia o território na sua dimensão política, social, econômica e cultural. As ações incrementadas em determinado território materializam-se em objetos sociais, constituindo elementos na forma urbana, permitindo uma melhor compreensão desse espaço, na medida em que interpretamos as razões de sua evolução histórica.

Vários estudos relacionados à noção de região, indicam que ações implementadas num processo pré-estabelecido, planejado, onde vários atores se associam, produz significativas alterações nesse espaço, em primeira instância relacionados ao primeiro objetivo traçado e, posteriormente agregados ou acompanhados de novos interesses que propiciarão novas ações, que por sua vez, implantadas, se constituirão em novos elementos na forma urbana, expandindo no geral várias atividades, relacionadas a outros interesses, que não o primeiro, mas garantidas em sua sobrevivência e evolução, numa relação direta com o primeiro objetivo traçado. Se este evolui, como que numa cadeia, os outros poderão evoluir, o oposto também será verdadeiro.<sup>297</sup>

Se a primeira ação da Igreja em Limoeiro do Norte foi traçar um plano para a implantação de uma estrutura de ensino modelo, e esta ação, mesmo que de forma tímida, já vinha sendo trilhada pela elite local, houve uma associação, motivada por interesses coincidentes. Se um dos segmentos da elite local estava no comando do poder político oficial constituído, e, era a favor do plano estabelecido, mais facilmente ele obteria êxito. Desse modo, mesmo com todas as adversidades, havia um sentimento coletivo favorável às ações da Igreja no município. Essas ações implementaram mudanças vitais na visão que se tinha de Limoeiro e de suas perspectivas em termos de evolução urbana futura. Mudanças na visão de seus moradores, mas, também, dos moradores das cidades vizinhas do vale do Jaguaribe.

---

<sup>297</sup> PINTAUDI, Silvana Maria. A cidade e as formas de comércio. Pág. 151. (in) Novos caminhos da geografia. Ana Fani Alessadri Carlos (Organizadora) São Paulo. Contexto, 2001.



Essa visão se foi permanentemente assegurada com novas ações no espaço, modelou de forma eficiente a visão das novas gerações em relação à Limoeiro, numa perspectiva de comparação com as outras cidades. A noção de região entraria nesta abordagem, na perspectiva da teoria a ela ligada de centro e periferia.<sup>298</sup> Limoeiro do Norte, num processo cadenciado pelas ações da Igreja, notadamente na área instrucional, atraindo novas ações nas diversas áreas (cultural, imobiliária, comercial, industrial, agrícola, etc.) e, principalmente atraindo populações das cidades vizinhas, estava se transformando em centro da região Jaguaribana e, as outras cidades ficaram numa periferia em relação ao centro.

Dentro dos pressupostos teóricos sobre região, sob a ótica dicotômica da existência de um centro e uma periferia há um outro muito importante, resultante da análise nesta perspectiva que é o de hierarquia urbana, sabendo-se que: “Os estudos sobre hierarquia das cidades são os mais tradicionais e numerosos entre aqueles sobre redes urbanas a que se dedicaram os geógrafos. Derivam de questionamentos sobre o número e distribuição das cidades e, implicitamente, sobre a natureza da diferenciação entre elas. Os numerosos estudos, teóricos e empíricos, procuram, em realidade, compreender a natureza da rede urbana segundo um ângulo específico que é o da hierarquia de seus centros.”<sup>299</sup>

Levando em consideração esses pressupostos e, enfocando o caso de Limoeiro sob a ótica destas abordagens, considerando-o, portanto, centro de uma região, como conseqüência de ações implementadas no seu espaço urbano, sua posição central, refere-se ao seu grau de importância a partir de suas funções centrais: maior o número delas, maior a sua região de influência, maior a população externa atendida pela localidade central, e maior a sua centralidade.

Para um entendimento maior, bastaria analisar o fenômeno da migração interna na região, especificando sua tipologia e não apenas as estatísticas que poderiam, também, ter uma relação com esta análise. No primeiro momento, por conta da precariedade rodoviária, era necessário para os habitantes das cidades vizinhas, que iam estudar nas escolas de Limoeiro, passarem a semana de segunda-feira a sábado, residindo nesse núcleo urbano. Não havia asfalto, nem a ponte sobre o rio Jaguaribe, e, não havia um

<sup>298</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. Op. cit. pág. 47-67.

<sup>299</sup> Id. Ibid. pág. 20.

organizado sistema diário de transporte coletivo intermunicipal. Desse forma, para estudar em Limoeiro, era preciso residir em internato nas escolas ou nas casas de parentes. Com a edificação da ponte, o asfaltamento da rodovia e a construção de mais vias de acesso interligando os município da região, surgiu um outro tipo de migração, economicamente mais viável para as famílias, a migração pendular,<sup>300</sup> resultante do transporte escolar público gratuito. O ir e vir desses estudantes, de suas cidades para Limoeiro, viabilizam novos processos de aquisição de outros bens e serviços, criando a lógica de continuidade do centro e a formação de uma força de atração de novas ações nesse centro.

É importante salientar que o centro, nesse caso, Limoeiro do Norte, oferece um conjunto de bens e serviços, que somente ele está apto a oferecer. Bens e serviços com demandas distintas, mas, com alcances espaciais máximos. Como centro de referência educacional: oferece escolaridade a partir das séries iniciais até cursos superiores. Lembrando que a FAFIDAM é a única instituição pública de ensino superior na região. Neste caso, mesmo que a propaganda de centro universitário, seja uma referência positiva, é um serviço ofertado, cujo consumo é menos freqüente por parte da população geral da região. Mas é derivado desse serviço, o consumo mais freqüente de outros bens e serviços de demanda mais variada como microcomputadores, geladeiras, calçados, artigos de armarinhos e alimentos; ou então hospital, maternidade, oftalmologia, pediatria, clínico geral e oficinas para variados concertos.

Um aspecto importante nessa análise, é que o centro de uma região, numa abordagem em relação a hierarquia urbana, e de um maior número de funções que detêm, em relação ao restante da região, sempre implicará de forma diretamente proporcional em um maior número de empregos numa relação quantidade e diversidade, que em resumo, eleva o nível hierárquico de uma localidade central, maior o número de funções centrais, maior a sua população urbana, sua região de influência e o total da população servida.<sup>301</sup>

Outro exemplo que reforça a validade de recorrência à mesma abordagem e contribuindo para o seu entendimento, foi a instalação em Limoeiro do Norte, em 1996, do

---

<sup>300</sup> Migração Pendular: Migração diária registrada inicialmente nas grandes metrópoles causada pela distância entre a moradia e o emprego ou a escola. Hoje mais fenômeno mais abrangente, quando relacionado com as análises regionais, particularmente nas abordagens sobre centro e periferia.

<sup>301</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. Op. cit. pág. 29-30.

CENTEC – Centro de Ensino Tecnológico, órgão pertencente a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará. O Secretário na época era o Professor Ariosto Holanda, filho de Limoeiro do Norte, e para muitos, herdeiro dos ideais de Dom Aureliano Matos. É com o CENTEC, enquanto ação instrucional, agora, idealizada e promovida pelo poder público estadual, que ocorreria uma atualização e uma maior diversidade, das oportunidades educacionais no município. É bom lembrar, também, que sua instalação e a criação de cursos, em sua maioria ligados a agricultura e irrigação, se darão no exato momento em que, com as obras do açude Castanhão, se elevará o potencial hídrico a disposição da região. Essa ação instrucional contribuiria para que Limoeiro fosse hoje, também, referência na área de assistência técnica agrícola, centralizando o maior número de escritórios desse ramo na região. É de Limoeiro, portanto, que se irradiam os ventos da moderna agricultura para o Vale do Jaguaribe. Hoje centenas de projetos de irrigação, financiados na sua estrutura pelo governo federal, absorvem mão-de-obra qualificada do CENTEC, em muitos casos serviços que são terceirizados por empresas sediadas em Limoeiro do Norte.

Se já havia uma relação de centralidade-periferia de Limoeiro em relação às cidades vizinhas, o CENTEC e sua ação instrucional na evolução da assistência técnica agrícola, propiciada após sua instalação, desencadeou um processo de dependência da zona agrária jaguaribana à cidade-centro Limoeiro. Essa dependência que já existia em relação a instrução, ao comércio, e ao bens e serviços disponíveis, expandiu-se, para aquilo, que é o fator determinante na vida rural: a possibilidade de crescimento da produção e conseqüentemente melhoria das condições de vida. Limoeiro, desse modo, centraliza as ações motoras do progresso, urbano e rural, investindo no campo e em cidades menores, criando e recriando os processos que dão continuidade a idéia dessa cidade como centro difusor do desenvolvimento regional.

É peça importante que se considere, também, que os investimentos realizados pela cidade-centro devem ser analisados em termos da sua distribuição espacial, sempre atrelada a um processo de retorno dos dividendos. Nessa ótica é interessante observar, que muitos alunos da região jaguaribana estudam em Limoeiro, pela manhã, tarde e noite, participantes, como já discorri de uma migração temporária, diária, denominada pendular. Os que ainda não estão na faculdade estudam em sua maioria, em

escolas particulares, portanto, pagam para obter esse serviço. Todo o início de ano, ao entregar a lista do material escolar necessário e que deve ser comprado pelos pais ou responsáveis, vem, a indicação de livrarias e papelarias onde o material pode ser encontrado, todos os estabelecimentos estão localizados em Limoeiro do Norte. Este pequeno exemplo haveria inúmeros outros, sugere que se considere nessa análise, que a concentração de bens e serviços propicia em sua dinâmica, outros tantos investimentos, muitos realizados com a concentração de renda, gerada pela drenagem de recursos da região, provenientes da primeira concentração.

No exemplo do CENTEC, como incentivo externo, como, também, no exemplo da drenagem dos recursos internos, objetivando a continuidade da cidade-centro, a temática de abordagem de uma ação produtora de espacialidade, como foi a da Igreja Católica, quando da criação da diocese em Limoeiro do Norte, planejando e estruturando empreendimentos numa determinada área de serviços, no caso, a área instrucional, possibilitou a constituição, inicialmente, de uma forma espacial simples, evoluindo permanentemente, a partir de investimentos externos e internos para uma mais complexa, concentrando as principais funções culturais, econômicas e políticas da região, transformando-se em um núcleo de referência em relação aos demais centros que controla.

Cada um dos elementos considerados nesta análise, região, centro-periferia e hierarquia urbana, só tiveram valor interpretativo, no caso específico, dentro dos parâmetros desta pesquisa, porque dentro dessa combinação se estabeleceu uma periodização da história, limite temporal desta pesquisa. Definiu-se um período e um espaço, desse modo, foi mais prático e, acredito mais substancial, verificar-se a dinâmica evolutiva de um centro urbano e os efeitos de determinadas ações neste centro, revalorizando-o em relação às cidades vizinhas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Presente trabalho centrou-se em quatro pontos básicos, importantes no percurso de recompor a História da Educação em Limoeiro do Norte durante o período de 1938-1968. O primeiro ponto seria mostrar a realidade instrucional dessa cidade, quando da chegada do bispo Dom Aureliano Matos; o segundo ponto consistiu em entender como se deu com a criação da diocese e a ação instrucional do primeiro bispo; O terceiro ponto é analisar Dom Aureliano Matos, através de suas Cartas Pastorais, perceber o homem e suas intenções, enquanto representante maior de uma instituição religiosa na sua região, e o quarto, e último ponto, seria analisar os efeitos da ação da Igreja, no período de administração do seu primeiro bispo, assim como, os seus desdobramentos posteriores para a dinâmica da região.

Nesse contexto, empreendi uma viagem, onde a estrada eu não sabia onde ia parar, tinha algumas evidências, uma delas era de que a instalação do bispado em Limoeiro do Norte teria sido um marco na evolução urbana e na trajetória futura da região. Claro, também, estava para mim, que Dom Aureliano Matos havia sido profícuo na sua missão de edificar as estruturas de seu bispado, como já o fizera os bispos das dioceses criadas, muito tempo antes da sua, no Ceará. As dúvidas que pairavam, eram reflexos da carência de informações que os documentos existentes apresentavam sobre o tema que eu estava pesquisando. Ou seja, a história da educação em Limoeiro do Norte, a partir da ação da Igreja, na administração de seu primeiro bispo. Era necessário então, buscar um caminho que fosse ao mesmo tempo descobridor, complementar e colaborador na investigação e que eu pudesse, a partir dele, obter os documentos que não estavam nas prateleiras das bibliotecas.

Assim, escolhi um caminho onde história oral e fontes escritas, poderiam complementar uma a outra e subsidiar a minha pesquisa de forma determinante, assim não obstante, todos os meus anseios e preocupações, resultado da pouca prática que tinha em trabalhar com a fonte oral, contudo, ela com o tempo, tornou-se o porto seguro, viabilizando descobertas importantes e esclarecedoras, me fazendo apanhar fragmentos aqui, e ali, dessa história, tão importante para o desvendar das possibilidades humanas individuais e coletivas na trajetória de uma cidade e de sua evolução no tempo e no espaço.

Quem viveu essa história rebuscada de projetos idealistas e conflitos regionais quando da execução destes projetos, guardou os fatos ocorridos por um tempo, só vislumbrando-os de vez em quando, em sua memória, ou na solicitação de terceiros, por conta de uma necessidade ou carência de conhecimentos dos fatos que ali, se lhes apresentava, poderia assim, sentir o que senti, quando os quadros se despiram de seus véus, mostrando de forma mais terrena os nós daquele intrigante período de transformações sociais, notadamente, no campo da instrução, acontecimentos ocorridos no Limoeiro que mudaram seu destino e sua relação com a região do Vale do Jaguaribe.

Embora não tenha sido uma tarefa fácil, pesquisar quais seriam os membros daquela sociedade que atenderiam aos predicados da minha pesquisa em fontes orais, quando as encontrei, e expliquei a finalidade do meu trabalho, e muitas se dispuseram a rememorar os fatos ocorridos dentro de um prisma embebido nas suas histórias de vida, essas pessoas notórias ou esquecidas há muito pela sociedade local, transformaram-se em personagens importantíssimas do meu projeto de pesquisa. Queria obter delas um maior número de informações possíveis, mas, tinha receio, de que a minha inexperiência na arte de entrevistar, pudesse, como que por encanto faze-las esquecer.

Os livros que me serviram de orientação bibliográfica sobre o tema, discorriam sobre o Limoeiro do Norte, sua história, disputas com as cidades vizinhas, ou, enalteciam a figura de Dom Aureliano Matos. Alguns indicavam as obras do Bispo, mas não contavam os detalhes de como tinha se dado o planejamento e execução dos projetos, seus obstáculos e a tarefa de superá-los. Importava muito mais nessas produções a publicação de datas, objetivando a periodização dos fatos, de forma simples e objetiva.

Apresentado os caminhos, não obstante as minhas dificuldades, tracei o mapa de minha pesquisa, se o ponto era a realidade instrucional de Limoeiro do Norte, quando da chegada de Dom Aureliano, por exemplo, fui de início, à cata de documentos na Delegacia Regional de Educação, mas nada obtive. Haveria então de conhecer tal realidade, a partir das entrevistas, e, sem esperar alguns documentos sobre o período apareciam, como um boletim de notas, ou um retrato da escola. Escola que na maioria dos casos, não existia mais.

A história oral, começava assim, abrindo leques no meu caminhar de pesquisador da história da educação, me fazendo a cada novo passo, conhecedor de uma realidade palpável, não mais aquela história de um poderoso homem, chefe regional da Igreja, que pode e faz tudo, mas de um homem e de seu tempo, tempo que foi vivido em Limoeiro do Norte e que junto com outros homens e mulheres dessa sociedade, formaram alianças para a consolidação de um projeto que destacaria Limoeiro e sua gente. A história que fui pesquisar e que se apresentava nas nuvens, podia eu agora, trazê-la por fragmentos para a superfície e, assim, de modo, mais realista, recompô-la, na esperança de melhor entender os homens e suas idéias.

Em muitos momentos, quando estava me despedindo daqueles que entrevistava, via na sua expressão, algo de surpreendente, ele havia lembrado de algo, e achava que seria importante me contar. Esses acontecimentos me fizeram lembrar de Ecléa Bosi quando argumenta sobre que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão.”<sup>302</sup>

Um desses momentos aconteceu quando o Mosenhor João Olímpio, ao se despedir de mim, depois de uma longa conversa sobre o tema de minha pesquisa na residência paroquial, despedida temporária, causada pela observância no cumprimento de suas tarefas de sacerdote, voltando ao portão, me indagou se ainda morava eu no Benfica, fato que ele conhecia, pois quando meu pai ministrava aulas na FAFIDAM, as vezes a caminhoneta que fazia a viagem com os professores, indo de casa em casa, busca-los, no veículo se encontrava, vez por outra algum padre, recebendo carona. Ao responder que sim, me disse ele, que o vigário de minha paróquia, Nossa Senhora dos Remédios, Padre Hermano Mestron, ao chegar da Holanda, na década de 1950, foi lecionar no Seminário Cura D’Ars em Limoeiro do Norte, onde ministrou sua primeira missa em território brasileiro. Neste momento, tive um só pensamento, estava eu em Limoeiro, à procura de depoimentos, a partir de entrevistas sobre a história da educação naquela cidade, e não sabia, que alguém, em Fortaleza, tão próximo de mim poderia auxiliar-me na tarefa. Infelizmente Padre Hermano, não sei por que motivo, achou a tarefa sem significado e adotando uma postura de homem já idoso, me disse que pelo pouco tempo que passou em

---

<sup>302</sup> BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade – Lembranças de velhos. Op. cit. pág. 39.

Limoeiro e pela idade avançada não lembrava de quase mais nada. Tive então que voltar ao Limoeiro e aos padres e munícipes que viveram aquela época.

Os caminhos de um pesquisador, para minha alegria, são cheios de surpresas, já que muitas vezes a busca de determinados fatos, resultam no descobrimento de outros, às vezes até mais importantes para a busca da reconstrução do passado, como se houvesse vários corredores para se chegar lá, mais nunca se chega, procura-se a porta de saída e não se encontra. Mas, eis, que de repente um fiasco de luz exterior denuncia uma nova saída e ao se abrir a porta, a simplicidade de outros elementos capazes de redimensionar uma interpretação nova se conectam aos nossos olhos.

Diante dessas lembranças do caminho que trilhei e, principalmente de alguns novos acontecimentos que resgatei, me veio à lembrança o Padre Misael Alves de Sousa. Acredito que ainda farei um estudo sobre sua vida, na tentativa de abrir uma porta que traga à luz, as informações sobre alguém que repousou muito tempo à sombra de Dom Aureliano Matos. O Padre – faleceu Cônego – já se encontrava em Limoeiro, quando da chegada do Bispo, pois, além de ser filho da terra, ao receber as ordens sacerdotais voltara para exercer suas atividades no município. Com desenvoltura, apresentou-se de imediato ao trabalho da instrução. Foi ele, antes mesmo da reconhecida Associação Pró-Educação Rural de Limoeiro, que empreendeu a tarefa, junto com o Padre Macário, de criar o Educandário Padre Anchieta. Com a chegada do Bispo, deve, suponho eu, haver acontecido, uma empatia sobre os desígnios que poderiam ser traçados, objetivando a melhoria da instrução local. Evidências que colaboram com a minha análise, entre eles, a de que, o educandário foi “a pedra fundamental” que ao ser encampado propiciou o surgimento do Ginásio Diocesano, cuja a denominação foi a mesma, dando continuidade a homenagem prestada ao Padre Anchieta.

Outro argumento que corrobora com a minha compreensão/análise, foi a sempre indispensável figura do Padre Misael, como articulador das campanhas do bispado para realizar algum empreendimento da Igreja, especialmente, quando era a construção de alguma instituição educacional. Foi assim com o seminário e o patronato, quando este foi nomeado presidente da Obra das Vocações Sacerdotais. O mesmo aconteceu com o Liceu de Artes e Ofícios e com a Rádio Educadora. Mas, o seu grande envolvimento na



instalação da FAFIDAM, realizado quando Dom Aureliano, estava muito doente e faleceu, fez vislumbrar pela primeira vez, isoladamente, a estrela empreendedora do Padre. Foi ele o primeiro diretor da faculdade e ficou no cargo durante dez anos de 1968 até 1978.

Quando já doente, em tratamento na cidade de Fortaleza, recebeu do Governador do Estado a comenda maior pelos serviços prestados a educação no Ceará, a Medalha Justiniano de Serpa. A merecida homenagem ao Padre Misael, traduz toda a minha impressão sobre o grande empreendedor que ele foi durante toda a sua vida. Mesmo que, tardiamente, mas ainda com vida, tenha recebido alguma reparação pelo quase esquecimento de sua grande colaboração na área instrucional de Limoeiro do Norte. Eu o conheci, enquanto Diretor da FAFIDAM, quando viajava para aquela cidade, acompanhando o meu pai. Na FAFIDAM, lá no seu gabinete, tinha um quadro com o seu retrato, quadro que, quando voltei ainda ali se encontrava. Ainda hoje me lembro de sua figura que traduzia mais do que qualquer outra coisa, a tranqüilidade. Muitas vezes fui a sua residência, localizada em frente ao Hospital e Maternidade. Lá muitos professores e padres passavam uma parte da noite, conversando sobre assuntos variados, lembro-me que ele mais ouvia que falava quase que me antecipando já naquela época, a sua verdadeira vocação para ação e não para a falação.

Dentro do contexto que ora apresento, já havia o Padre da Educação, e já havia também, antes do Bispo, uma Associação Pró-Educação Rural de Limoeiro, composta por líderes políticos, muitos deles ligados a Liga Eleitoral Católica - LEC e ao Movimento Integralista. Se o Padre Misael já havia mostrado o seu desempenho, a Associação também o mostraria na conquista da primeira Escola Normal Rural do Vale do Jaguaribe, conquista efetivada dois anos antes da chegada do bispo à cidade.

Para o Monsenhor João Olímpio, a escolha de Limoeiro do Norte para sediar o novo bispado, teria sido articulada pelas lideranças locais e estaduais, confluentes naquele momento de apoio a LEC e ao Integralismo. Mas, o Monsenhor observa que em Limoeiro a pessoa que tinha mais ligação com o Seminário da Prainha e com Dom Manoel, naquela época era o Padre Misael.<sup>303</sup> Poderia vir daí a empatia entre novo bispo e o referido

---

<sup>303</sup> Entrevista do Monsenhor João Olímpio. Op. cit.

sacerdote? São perguntas que faço e que ainda não obtive respostas dentro da minha pesquisa.

Se Dom Aureliano foi o ponto de convergência das ações instrucionais em Limoeiro do Norte, liderando os vários projetos que pensavam à educação como forma de projeção daquele núcleo urbano, e o fez, como fizera seus companheiros de bispado nas outras dioceses cearenses, a de se argumentar, também, que a semente de um projeto pensando à cidade como locus de empreendimentos instrucionais, já havia sido lançada ao chão, antes mesmo da chegada da diocese e do bispo no município.

Não fugindo de minhas colocações, mas, reafirmando que já havia um compromisso de setores da cidade, inclusive da Igreja, na melhoria das condições educacionais de Limoeiro e, que essa pré-condição, só iria contribuir e facilitar o bispado na sua trajetória de incursão nos empreendimentos instrucionais. Movo também, uma indagação muito sugestiva. Se o Monsenhor João Olímpio observa que a elite local e aqueles que já participavam da Igreja em Limoeiro, somavam esforços para desencadear uma ação profícua na educação e, eram sabedores de que suas ações, por mais eficazes que fossem, não proporcionariam grandes conquistas, podem muito bem, como nos faz crer o Monsenhor, terem utilizado do mesmo expediente de ação coletiva para trabalhar em prol da instalação da diocese, pois somente um bispado poderia galgar desafios maiores.

Acredito que o Limoeiro já se desenhava para os fatos que iriam ocorrer, havia uma sedimentação de idéias comuns, ponto chave para qualquer projeto da envergadura como o do bispado que a cidade recebeu. Se a cidade estava preparada, era necessário então um plano estratégico que cooptasse as mais variadas forças externas para a sua realização, como de fato aconteceu. Se tudo ocorreu como evidenciamos, Limoeiro superou as cidades vizinhas, particularmente Russas, porque tinha um projeto, Russas tinha a infra-estrutura urbana superior, tinha uma tradição histórica, desde a colonização, como centro irradiador da fé católica, mas, faltou-lhe o fundamental, havia “uma pedra no caminho,” a pedra era o projeto traçado por Limoeiro.

Outro ponto de destaque seria o tempo limitado que o Bispo, junto com a elite local e subsídios externos tiveram para providenciar toda uma estrutura de instituições

educacionais e assistenciais para a diocese. Acredito na singularidade desta empreitada, pois, enquanto os bispos de Sobral e Crato, que já estavam a vinte e quatro anos a frente de suas dioceses, ainda não tinham providenciado a estrutura básica, porque o Limoeiro do Norte iria fazê-lo em um período de tempo comparável as dioceses co-irmãs, recorde. É por isso, que chamo de singular os feitos da diocese.

Mas o singular foi o providencial neste período histórico, se não vejamos: a estratégia territorial da Igreja Católica, entre 1901 e 1940, foi a de criar dioceses, em cidades que já desfrutavam de outras funcionalidades, em outras palavras, já desempenhavam o papel de lugares centrais de nível regional. A escolha de Sobral e Crato fundamentam a minha assertiva sobre o assunto. Então o normal, obedecendo à regra, seria a escolha de Russas ou Aracati, para sediar a nova diocese, fato que não ocorreu. Há de se inserir outro ponto fundamental e questionador. Se o Arcebispo Dom Manoel da Silva Gomes, não havia escolhido antecipadamente um município no Vale do Jaguaribe para sede do seu futuro bispado sufragâneo, era por que já sabia do poder econômico e político que se encontrava em Limoeiro? Ou mesmo consciente do poder de Russas e Aracati o referido bispo queria barganhar?

O certo é que a singularidade na escolha de Limoeiro do Norte foi, também, o resultado da união de forças, que sempre estiveram nos conflitos políticos de forma opositora e, que neste episódio, se aglutinaram em nome de uma possibilidade maior de “progresso” para o município. Aglutinação que viabilizou, mesmo antes do bispado, a criação da Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro e que objetivou de forma vitoriosa um movimento para a construção e instalação da segunda escola normal rural em Limoeiro. Esta iniciativa pode ter testado a elite política e empresarial limoeirense, que de forma positiva deve ter percebido a viabilidade de organizar futuros projetos nesta mesma linha aglutinadora.

Longe de julgar o que foi certo ou errado, me dispus a entender como aconteceu, porque aconteceu e o que daí se efetivou, em termos de empreendimentos instrucionais, que transformaram um município em referência, num serviço, muito criticado, desprestigiado, carente de recursos na maioria das localidades brasileiras, inclusive em Limoeiro do Norte. Mas é óbvio que a concentração desses serviços em um

único núcleo urbano do Vale do Jaguaribe, me permite denomina-lo de “Limoeiro da Educação”. O que não poderei jamais saber é, caso o Bispado não tivesse se instalado em Limoeiro, se a elite local e o movimento em prol da educação, por ela criado, puderiam ter promovido o Limoeiro a centro de referencia em educação do Vale do Jaguaribe.

## FONTES CONSULTADAS

### ARQUIVOS

- NUDOC – Núcleo de Documentação (NUDOC) do curso de História da Universidade Federal do Ceará (UFC).
- Arquivo do Seminário da Prainha.
- Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte – Palácio Episcopal.
- Arquivo da Arquidiocese de Fortaleza.

### DOCUMENTOS

- Livro 14 da Secretaria da Cúria Arquidiocesana de Fortaleza.
- Ata de posse de Dom Aureliano Matos como Bispo da Diocese do Vale do Jaguaribe, 26 de outubro de 1940.
- Ficha de Matrícula de Dom Aureliano Matos, pertencente ao acervo do Seminário da Prainha, em Fortaleza.
- Entrevista concedida pelo empresário e político do município de Limoeiro do Norte: Franklin Chaves, nos meses de fevereiro e março de 1984 (realizada pelos professores Teresa Haguete e Francisco Moreira).
- **1ª Carta Pastoral.** Cúria Diocesana, Limoeiro do Norte, 1940.
- **2ª Carta Pastoral.** Cúria Diocesana, Limoeiro do Norte, 1941.
- **3ª Carta Pastoral.** Cúria Diocesana, Limoeiro do Norte, 1943.
- **4ª Carta Pastoral.** Cúria Diocesana, Limoeiro do Norte, 1954.
- **5ª Carta Pastoral.** Cúria Diocesana, Limoeiro do Norte, 1965.
- **6ª Carta Pastoral.** Cúria Diocesana, Limoeiro do Norte, 1965.
- **Divini Redemptoris** - Carta Encíclica de Sua Santidade PIO XI. 19 de março de 1937.
- **Rerum Novarum** - Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa LEÃO XIII. 15 de maio de 1891.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Perfil dos Municípios Brasileiros – Gestão Pública 2002. Endereço Eletrônico: <http://www.ibge.gov.br/lojavirtual/fichatecnica.php?codigoproduto=8317>.
- Cópia da ata da primeira reunião promovida pelo Senhor Bispo, para a construção do Ginásio Diocesano. 02 de novembro de 1940.

- Ata da reunião promovida pelo Senhor Bispo, para a construção do seminário. 03 de outubro de 1942.
- Discurso proferido por Dom Aureliano, na Missa de Comemoração dos 20 anos de criação do Seminário Cura D'Ars, em 02 de fevereiro de 1967. Cópia escrita à mão por Dom Aureliano Matos, encontrada na Biblioteca do Seminário.

### **ENTREVISTAS**

- Cirilo, Frade em Mosteiro em Diamantina, Minas Gerais, foi durante 25 anos jardineiro da Diocese de Limoeiro do Norte. Entrevista realizada em 12 de outubro de 2002, quando da sua visita a Limoeiro do Norte.
- Monsenhor João Olímpio Castello Branco, Vigário-geral de Limoeiro do Norte, entrevista realizada na casa paroquial em 28 de março de 2002, Limoeiro do Norte.
- Professor Antonio Nunes Malveira, em Fortaleza, entrevista concedida no dia 26 de junho de 2002, Messejana, Fortaleza.
- Padre Francisco de Assis Pitombeira, Diretor do Colégio Diocesano, Entrevista concedida em 30 de março de 2002, no pátio do mesmo colégio, em Limoeiro do Norte.
- Francisco Matos Nogueira, entrevista concedida em 30/06/2002, em Fortaleza.
- Padre Jair Rodrigues, entrevista concedida em 22 de janeiro de 2002, em Limoeiro do Norte
- Professora Idalba Saraiva Gadelha, entrevista concedida no dia 17 de maio de 2003, em Fortaleza.
- Professora Maria das Dores Vidal Freitas (Bazinha). Entrevista concedida no dia 27 abril de 2003, em Limoeiro do Norte.
- Professora Francisca Isabel. Entrevista concedida no dia 23 de março de 2003, em Limoeiro do Norte.

### **JORNAIS**

Diário Oficial do Estado do Ceará, 26 de fevereiro de 1949.

O Nordeste, 15/06/1940.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR**, M. M. T. de. (1997). A política da família no Estado Novo e a atuação do Serviço Social. *Em Pauta*, 11, 99-112. Editora Vozes, pág. 104.
- ALVES**, Márcio M. A. A igreja e a política no Brasil. São Paulo. Brasiliense. 1979.
- AMADO**, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). Usos & abusos da história Oral. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- ÂNGELO**, Ivan. “Vida invadida: ‘A mulher calada’ critica biografias e biógrafos”, *Veja*, São Paulo, 13 set.1995. pág.. 127.
- ANUÁRIO DO CEARÁ**. 1953-1955.
- ARAÚJO**, Pedro A. Capital e Santuário – Miragens Russano – Nordestinas. Fortaleza-Ce. Imprensa Oficial do Ceará, 1986.
- AUBERT**, Roger. Nova história da Igreja. A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno. Petrópolis, Vozes, 1978.
- AZZI**, Riolando. O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular. Petrópolis:Vozes, 1977.
- AZZI**, Riolando. O início da restauração católica no Brasil: 1920-1930. *Síntese*. nº 10, v. IV, mai/ago 1977
- \_\_\_\_\_. A educação católica no período da romanização da Igreja do Brasil: 1840-1960. *Convergência*, jan.-fev./1990, pág.48-64. Rio de Janeiro.
- BANDEIRA**, Marina. Movimentos Sociais Inovadores Promovidos pela Igreja Católica no Brasil. 1950-1990. In. *Consciência Social: a história de um processo através da doutrina social da Igreja*. São Leopoldo-RS, Editora Unisinos, 1994.
- BENJAMIN**, Walter. O Narrador. In: *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985,
- BEOZO**, José Oscar. A Igreja do Brasil de João XXIII a João Paulo II – de Medellín a Santo Domingo. Petrópolis-RJ. Vozes, 1994.
- BESSA**, Dom Pompeu Bezerra. A Antiga Freguesia do Limoeiro – Notas para sua História. Fortaleza-Ce. Premium Editora, 1998.
- BOFF**, Leonardo. Igreja: Carisma e Poder. Petrópolis-RJ. Ed. Vozes, 1981.
- BORDIN**, Lugi. Crise da Razão e o Pensamento enfraquecido. Em busca de uma razão pós-modernas. *Revista Síntese Nova Fase*. UFRJ. Vol. 21. 1994.

- BOSI**, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças dos velhos, 3ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BRANCO**, João Olímpio Castello (Monsenhor). O Limoeiro da Igreja – A história de Limoeiro do Norte a partir de seus párocos. Ed. Minerva, Fortaleza, 1995.
- BRUNEAU**, Thomas C. Catolicismo brasileiro em época de transição. São Paulo: Loyola, 1974.
- CAMPOS**, Herculano Ricardo e **ALVERGA**, Alex Reinecke de. Trabalho infantil e ideologia: contribuição ao estudo da crença indiscriminada na dignidade do trabalho. Revista Estudos de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v.6 n.2 Natal jul./dez. 2001.
- CARRATO**, J. F. As Minas Gerais e os primórdios do Caraça. São Paulo: Nacional, 1963. p. 13
- CARLOS**, Ana Fani Alessandri. O Consumo do espaço. Pág. 175. (in) Novos caminhos da geografia. Ana Fani Alessadri Carlos (Organizadora) São Paulo. Contexto, 2001.
- CASTELO**, Plácido Aderaldo. HISTÓRIA DO CEARÁ - História do Ensino no Ceará – Monografia Nº 22, Coleção Instituto do Ceará. Departamento de Imprensa Oficial, 1970.
- CASTRO**, Iolanda e outros. Francisco de Assis: O Pitombeira. Fortaleza-Ce. Premium Editora, 1998.
- CAVALCANTE**, Maria Juraci Maria (org). A História e Memória da Educação no Ceará. Fortaleza. Imprensa Universitária. 2002. p. 132-133.
- CAVALCANTE**, Maurina Holanda – SABER PARA VIVER: Igreja, Rádio e Educação Popular. Uma História do MEB Limoeiro do Norte, Ceará (1962-1972). Dissertação apresentada ao Departamento de História da Universidade de Brasília, para obtenção do título de mestre em História social e das idéias. Brasília, julho de 1996.
- CHARTIER**, Roger. Introdução. In: A história cultural. Lisboa, Difel, 1990.
- \_\_\_\_\_, Roger. “A história hoje: dúvidas, desafios, propostas”, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Cpdoc/FGV, vol. 7, nº 13, 1994.
- \_\_\_\_\_, A visão do historiador modernista. In.: FERREIRA. Marieta de Moraes. **AMADO**, Janaina (org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- CEZAR**, Temístocles. “Considerações acerca do estatuto do texto histórico”, História em Revista. Pelotas, EdUFPel, nº 2. 1997.



- CONCÍLIO VATICANO II.** Constituição, Decretos e Declarações. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1966.
- CORRÊA, Roberto Lobato.** O Espaço Urbano. Ed. Ática, São Paulo, 1989.
- \_\_\_\_\_, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. pag. 36-40. (in) Geografia: conceitos e temas/ organizado por Iná Elias de Castro, Paulo da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa. 5ª edição – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003.
- COSTA, Iustosa da.** Clero, Nobreza e o Povo de Sobral. Brasília: Senado Federal – Centro Gráfico, 1987. pág. 21
- DALLABRIDA, Norberto.** Das escolas paroquiais às PUCS: república, recatolização e escolarização. Pág. 77. (in) STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). Histórias e Memórias da educação no Brasil. Petrópolis, RJ, Vozes, 2005.
- DE CERTEAU, Michel.** *The practice of everyday life*. Berkeley/Los Angeles/Londres, University of California Press, 1984.
- FANFANI, A.** Capitalismo, catolicismo, protestantismo. Lisboa: Editorial Áster, 1984.
- FAUSTO, Boris.** História do Brasil. São Paulo, Fedusp, 1995.
- FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra.** *Igreja e Romanização*. A implantação da Diocese da Paraíba (1894-1910). 1994. Tese (Doutorado em História) - USP.
- FERREIRA, Marieta de Moraes.** FERNANDES, Tânia Maria. ALBERTI, Verena (orgs.) História Oral – desafios para o século XXI. Ver THOMPSON, Alistair. Aos Cinquenta anos: uma perspectiva internacional da História Oral. FIOCRUZ, 1998.
- FONSECA, Selva Guimarães.** Ser Professor no Brasil: História Oral de Vida. Campinas: Papyrus, 1997.
- FREITAS, Maria das Dores Vidal e OLIVEIRA, Maria Lenira.** (Org) Limoeiro em Fotos e Fatos. Década de 30. 1997.
- FROTA, Francisco Horácio da S.** Universidade Alienação e Práxis Social. Fortaleza-Ce, UFC, 1991. Dissertação de Mestrado de Educação.
- Harris, C.** The historical mind the practice of geography. In: Ley, D., Samuels, M. (orgs). Humanistic Geography, problems and projects. London, 1978.
- HOBBSAWM, Eric.** Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GINZBURG, Carlo.** O queijo e os vermes. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1986.
- GOODMAN, David.** Economia e sociedade rurais a partir de 1945. In: BACHA, Edmar & KLEIN, Herbert S., *A transição incompleta. Brasil desde 1945*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p. 113-173.

- IBGE.** Enciclopédia dos Municípios. Vol. IV, 1959.
- JUCÁ,** Gisafran Nazareno Mota. A Oralidade dos velhos na Polifonia urbana. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.
- JÚLIO MARIA,** Pe. A Igreja e a República. Brasília: UnB, 1981.
- LE GOFF,** Jacques. “Comment écrire une biographie historique aujourd’hui?”, *Lê Débat*, n. 54, mars-avril 1989.
- LEVI,** Giovanni. “Les usages de la biographie”, *Annales, ESC*. Paris, Armand Colin, 44 année, n° 6, nov.-dec. 1989.
- LEVI,** Giovanni. Sobre a micro-história. In.: BURKE. Peter(org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_, Giovanni. Sobre a micro-história. In BURKE, Peter. A escrita da história. São Paulo, SP. Unesp, 1992.
- LORENZETTI,** A. A. Romanização do catolicismo e educação no Brasil. Curitiba:PUCPR, Dissertação de Mestrado, 1998.
- LIMA,** Lauro de Oliveira. Na Ribeira do Rio das Onças. Editora Assis Almeida, Fortaleza, 1997.
- LIMA,** Lauro de Oliveira. Sistema Escolar de Limoeiro do Norte – Da Colônia à escola que revolucionou o município. Edit. Premium, Fortaleza, 2002.
- LIMA,** Luiz Gonzaga de Sousa. Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1979.
- LUSTOSA,** Oscar. A Igreja Católica no Brasil – República cem anos de compromisso (1889-1989). São Paulo. Edições Paulinas, 1991.
- MADEIRA,** Maria das Graças de Loiola. Reconstituindo memórias da educação: A Escola de Aprendizes Artífices do Ceará (1910-1918). Fortaleza: Gráfica do CEFET – Centro de Educação Tecnológica do Ceará, 1999.
- MALVEIRA,** Antonio Nunes. O Limoeiro de Dom Aureliano Matos. Rio de Janeiro: PENELUC.1998.
- MANOEL,** Ivan A. Igreja e educação feminina, 1859-1919: uma face do conservadorismo. São Paulo, UNESP, 1996[Prismas].
- MIRANDA,** Júlia. O Poder e a Fé – Discurso e Prática Católicos. EDUFC, Fortaleza, 1987.
- MONTENEGRO,** Abelardo F. História dos Partidos Políticos Cearenses. Fortaleza-Ce, Instituto Cearense de Ciências Políticas, 1995.

- NAVARRO**, Zander. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. Estudos Avançados, vol.15 n.º.43 – USP- São Paulo Sept./Dec. 2001. pág. 83 a 100.
- NUNES**, Clarice. História da Educação: espaço do desejo. P.37-45. Brasília, Ano IX N.º47 jul/set., 1990.
- OLIVEIRA**, Pedro Ribeiro A. Religião e dominação de classe – Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1985.
- OLIVEIRA**, Maria Lenira e outros. Limoeiro em Fotos e Fatos. Fortaleza, SECITECE, 1997.
- ORIEUX**, Jean. “A arte do biógrafo”, em DUBY, Georges e outros, História e nova história. Lisboa, Teorema, 1986
- PARENTE**, Francisco Josênio. Anauê – os camisas verdes no poder. Edições UFC. Fortaleza, 1999.
- \_\_\_\_\_, A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses. Coleção Modernidade. Edições UFC/UVA. Fortaleza, 2000.
- PESAVENTO**, Sandra Jatthy. História e história cultural. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.
- PINTAUDI**, Silvana Maria. A cidade e as formas de comércio. Pág. 151. (in) Novos caminhos da geografia. Ana Fani Alessadri Carlos (Organizadora) São Paulo. Contexto, 2001.
- PONTE**, Sebastião Rogério. Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860 – 1930). Fortaleza: Fund. Demócrito Rocha, 1993.
- PRINS**, Gwyn. História Oral in BURKE, Peter. A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- RAGO**, Margareth. Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar 1890-1930). Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987
- Revista de Estudos da Religião - Rever. PUC- SP. N.º 3 / 2001 / pp. 126-133.
- REVISTA VEJA**. “O grito das herdeiras: as filhas de Garrincha tentam embargar uma biografia do craque, alegando que têm direitos sobre a imagem do pai”. São Paulo, 25 out. 1995, p. 111.
- REZNIK**, Luís. Qual o lugar da história local?. Artigo publicado em [www.historialocal.com.br](http://www.historialocal.com.br), acessado em 25.08.2004.
- SAMPAIO**, Doriam. Livro dos Municípios do Ceará. Fortaleza, Editora Stylus, 1988.

- SMITH**, Lynn T. **MARCHANT**, Alexander (Eds). *Brazil, Portrait of Half a Continent*. Nova York, 1951.
- SOUSA**, José Bonifácio de. “O Centenário de Tomás Pompeu de Sousa Brasil”. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1952, Tomo LXVI, p.313-380.
- SOUSA LIMA**, Luiz Gonzaga de. *Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1979.
- SOUSA**, Pe. Misael A. *Escritos mimeografados sobre o governo diocesano de Dom Aureliano Matos*. Limoeiro do Norte, 1980.
- SOUZA**, Marcelo José Lopes. O Território: sobre espaço e poder , autonomia e desenvolvimento. Pág. 107. (in) *Geografia: Conceitos e Temas*. CASTRO, Iná Elias de e outros. (ORG). 5ª Ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2003.
- TÁVORA**, Neisa T. de F. S. *As Relações Sociais e o Serviço social no Ceará – 1950-1960*. Fortaleza-Ce, Uece. Cadernos NUPEDSS, 1987.
- THOMPSON**, Paul. *A voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- VAINFAS**, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história*. São Paulo, SP: Campus, 2002.
- VASCONCELOS**, Raimundo Elmo de Paula (Júnior) *A História da Criação da Diocese de Limoeiro do Norte e o Projeto de Educação de Dom Aureliano Matos para a Zona Jaguaribana no Ceará (1938-1968)* (in) *História e Memória da Educação no Ceará*. Org. Maria Juraci Maia Cavalcante. Fortaleza. Imprensa Universitária. 2002, p. 132-133.
- VIEIRA**, David Gueiros. *O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980. p.12 (Col. Temas Brasileiros).
- VOVELLE**, Michel. “De la biographie à l’étude de cas”, em *Problèmes et methodes de la biographie*. Actes du colloque. Paris, Sorbonne, 3-4 mai. 1985.
- WERNET**, Augustin. *A Igreja Paulista no século XIX. A Reforma de D. Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987. pág. 75.

## **ANEXO A**

## MAPA POLÍTICO DO Ceará - 2002



Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.  
 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
 Diretoria de Geociências.  
 Fonte IBGE - <http://www.ibge.gov.br>

## **ANEXO B**

**A REPRODUÇÃO REALIZADA AQUI, DAS CARTAS PASTORAIS DE DOM AURELIANO MATOS, PODE SER CONSIDERADA FAC-SIMILAR, MESMO QUE TODAS AS CARTAS TENHAM SIDO ESCRITAS À MÃO, ALGUMAS DELAS PELO PRÓPRIO BISPO. DESSA FORMA, ACREDITO TER FACILITADO PARA QUEM FOR LER O SEGUNDO CAPÍTULO, DESTA TESE, E NECESSITAR OBSERVAR MELHOR AS REFERÊNCIAS CITADAS, VERÁ QUE A PAGINAÇÃO FOI RESPEITADA. OUTRO FATOR IMPORTANTE É TORNAR ACESSÍVEL AOS INTERESSADOS, A PRODUÇÃO ECLESIAÍSTICA ESCRITA PELO PRIMEIRO BISPO DE LIMOEIRO DO NORTE.**



**1ª CARTA PASTORAL DE DOM  
AURELIANO MATOS**

**1ª CARTA PASTORAL -1940**  
de Dom Aureliano Matos (Bispo de Limoeiro),

**SAUDANDO A SEUS DIOCESANOS**

D. Aureliano Matos, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Limoeiro.

Ao Revmo. Clero e fiéis da Diocese de Limoeiro,  
saudação, paz e bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Veneráveis Irmãos e Filhos diletíssimos.

Dirigindo-nos a vós pela primeira vez, outra palavra não devemos ter, senão a que expresse de logo os sentimentos de afeição e amizade, em Nosso Senhor Jesus Cristo, para convosco, que constituís, hoje, a nossa única e absoluta preocupação, do que Deus é testemunha (Rom. 1 v. 9).

Com quanto separado de vós pela distância e pelo ministério, como Pároco em longínqua freguesia, nós bem poderíamos dizer que sempre estivemos unidos a vós, não só etnicamente, como filhos que somos desta vasta região intertropical, o Ceará, mas, sobretudo, pelos sofrimentos, nestes últimos anos, em que quase toda esta Diocese, foi impiedosamente assolada pela malária.

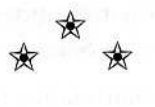
De longe, embora, acompanhávamos a provação a que vos submetia a Providencia Divina.

E de tal modo é isto uma verdade, que, confundido e esmagado com nossa elevação a tão alta dignidade episcopal, como Pastor desta Diocese, uma só cousa animava-nos, e era saber que viríamos para o meio de vós, confortar-vos com a palavra de Deus, sempre cheia de tantas consolações; traba-

lhar entre vós, auxiliando-vos no vosso soerguimento moral; rezar com um povo que se habituou a prostrar-se diante de Deus, nesses tempos de sofrimento, como sempre o fez nos dias de bonança. Viríamos inaugurar o nosso episcopado, não nos dias áureos das transfigurações magníficas do vosso labor, mas nos dias sombrios, que lembram, ainda bem próximo, o vosso calvário. Não pelo prazer de vos ver sofrer, mas pela satisfação de vos ajudar a sofrer, no que tudo sacrificaremos. *“Impendam et superimpendar ipse pro animabus vestris”* (Ii Cor. X li. 15).

Mas, com prazer, se verifica, que uma verdadeira ressurreição se opera, e a alegria volta aos vossos campos, que se cobrem de riqueza, fruto dos vossos trabalhos, agora reencetados com vigor; aos vossos lares, donde desaparece o lúgubre pesadelo de dias amargurados, parecendo, antes, que todo esse vosso sofrimento foi, como que um tributo que a Providência vos impôs pelo rico presente, que vos fez, de uma Diocese. E no farfalhar dos vossos infindos carnaubais ouvese um hino de ação de graças por tão prestimosa dádiva.

Vimos, pois, veneráveis Irmãos e Filhos muito amados, cheios de esperança de poder algo fazer em vosso proveito, porque a nossa confiança está em Deus e jamais foi iludido quem confia no Senhor. *“Non deretiquisti quaerentes te, Domine”* (SI. IX. li).



É nestas disposições que vimos iniciar entre vós o nosso episcopado; mas é também, com pesar profundo, que deixamos o rebanho que vínhamos pastoreando, como obscuro Vigário, há treze anos.

o paróquiato, conquanto espinhoso, em virtude não só da responsabilidade que impõe, mas ainda, pelos grandes sacrifícios que exige, de tal maneira nos prende, que não é sem dificuldades que o deixamos. E quando este paróquiato é exercido entre um povo simples, obediente e amigo, perde, em grande parte, a sua agrura, identificando-nos de tal modo com ele, que só mesmo para atender a uma ordem superior o abandonamos.

Mas, mesmo assim, com prazer, o deixamos porque não é a nossa vontade que fazemos, senão a de Deus, que nos chama para este alto posto, pois só a Ele compete tirar o mendigo do pó, para o elevar à mais sublime dignidade, e executar os seus planos com os mais fracos instrumentos. *“Suscitans a terra inopem et de stercore erigens pauperem -Nimis honorificati sunt amicitui, Deus”* (Ps. CXXXVIII, 17).

De pobreza grande eram os Apóstolos quando chamados a seguir o Divino Mestre, no entanto exclamaram: *“Relinquimus Omnia, abandonamos tudo”* (Mat. XIX, 27).

Igualmente, sem nada possuímos ousamos dizer: deixamos tudo. É que não são de pouco valor os bens de ordem moral, como seja a convivência com bons amigos, que bem mais valem que a prata e o ouro. (Ec. VI, 15). E como um laço de eterna amizade está esta cruz pastoral, que saiu da generosidade do coração do povo de Itapipoca e repousa sobre o nosso coração profundamente agradecido.

A dois rebanhos ainda, como pastor, alimentamos com o pão da palavra divina e distribuímos-lhes os tesouros da graça, com a administração dos Sacramentos.

Pentecostes foi o primeiro nome que escrevemos no nosso coração de Vigário. Ali estão as primícias do nosso sacerdócio. Percorremos várzeas e tabuleiros no cumprimento de nossa árdua missão. Se abundantes frutos não medraram, naquele percurso de quase dois anos, não foi tanto pelo maninho das

terras, que bem piedoso e bom é aquele povo, mas, certamente, pela inabilidade e pouca virtude do sementeiro.

Mais longo foi o nosso paróquio em Uruburetama.

Se de mais tempo dispusemos para o cultivo daquela vinha do Senhor, bem mais numerosas e imorredouras foram as provas de atenção, carinho e respeito recebidas daquela boa gente.

Aos nossos ex-paroquianos, pois, trazemos a nossa palavra de despedida, pedindo perdão se não fomos a luz que lhes deveria ter aclarado o caminho do Senhor, espancando as trevas do erro e da mentira, se não fomos o sal que lhes deveria ter preservado as almas da corrupção.

Seja-nos permitido, também, atender a uma voz do coração, quando nos fala da terra natal, onde repousam as cinzas de nossos venerandos e queridos pais, para trazer-lhe, e, igualmente, a todos os nossos patrícios, o nosso agradecimento pelas atenções dispensadas e fazer-lhes as nossas despedidas.

Bem mais difícil para nós, e sobremodo penoso para o nosso coração, poderia ser a nossa elevação ao episcopado, se desfeitos ficassem completamente os laços de dependência que nos prendem a essa figura inconfundível que se ergue aos nossos olhos extasiados, em proporção gigantesca, centemplada através das inúmeras obras realizadas em proveito do nosso Ceará, o Exmo. Sr. Arcebispo D. Manoel da Silva Gomes.

No desempenho da nossa árdua missão, voltamo-nos para sua Excia. de quem esperamos receber luzes de esclarecidos conselhos.

E, nesta despedida, queremos testemunhar-lhe o nosso profundo reconhecimento, porquanto, nestes 25 anos que servimos, sem constrangimento, em sua Arquidiocese, mais sentimos o pulsar do seu coração amigo, em repetidas provas de consideração, que o peso do cajado de sua autoridade.

As atenções caridosas de Sua Excia. o Sr. D. José Tupinambá da Frota, o sábio e dinâmico Bispo de Sobral, autorizaram-nos a pedir de Sua Excia. o grande sacrifício de, interrompendo os seus constantes trabalhos, vir auxiliar em 10ssa sagração, como consagrante. A gratidão do nosso coração reconhecido.

Preciso não se faz de muito tempo para se notar o brilho do sol e o perfume da flor.

Vigário em Freguesia do sertão, poucas foram as vezes que estivemos em contacto com sua Excia. o Sr. D. Francisco de Assis Pires; mas foi o bastante para sentirmos as irradiações do seu coração cheio de virtude e bondade.

Na pessoa de Sua Excia. teve a uberrima Diocese :aririense, um digno substituto do egregio Bispo D. Quintino Rodrigues d'Oliveira e Silva, de saudosíssima memória. Confirmando este sentir está o carinho com que Sua Excia. accedeu ao nosso convite, de vir ser um dos nossos consagrantes, pelo que lhe trago o nosso sincero agradecimento.

Reconhecido achamo-nos, também, aos Exmos. Srs. D. Jaime de Barros Câmara, e D. João da Mata Andrade e Amaral, respectivamente anjos tutelares das florescentes Dioceses de Mossoró e Cajazeiras, que se dignaram abrilhantar, com suas presenças, as cerimônias de nossa Consagração, dando assim a prova da generosidade de seus corações.

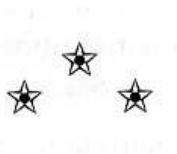
Militar ao lado de colegas de quem só se recebe o exemplo de acrisoladas virtudes e o estímulo de acendrado zelo pela causa de Deus é a situação do padre na Arquidiocese de Fortaleza.

Emergindo de nossa obscuridade para a alta missão episcopal, depositamos nas mãos deste clero, que nós admiramos e amamos, as nossas despedidas fraternais.

Oxalá possamos, sem as vacilações da timidez e sem os excessos da autoridade, empunhar o báculo que a sua amizade, a nós tão cara, pôs em nossas mãos.

Juntai, ainda, estimados irmãos no sacerdócio, a essa prestimosa dádiva, o ouro valioso das vossas fervorosas orações. E nesta nossa despedida deixamos um voto por que continueis conservando esta tradição, de clero modelo, que tanto consola a Santa Igreja e honra a nossa classe.

Voltamo-nos agora, para vós prezados Irmãos e Filhos muito amados, para dar-vos uma palavra sobre a nossa missão, cujo escopo é a vossa felicidade. Esta, todavia, não se alcança sem se conhecer, amar e servir a Nosso Senhor Jesus Cristo. Esse cum Jesu, duleis paradisus. (li Imit. VIII. 2).



A gestão de uma Diocese, por mais modesta que seja ela, reclama o desenvolvimento e a solução de tão graves e variados problemas, maxime, quando apenas inaugurada, que bem difícil seria para o seu novo Bispo apresentar de logo um programa a executar. No entanto, por mais variadas que sejam as disposições ambientais, por mais diferentes as possibilidades locais, o estado moral, cultural e religioso de um povo, outra não pode ser a missão do Bispo, senão a mesma de Nosso Senhor Jesus Cristo, de quem é ele enviado. *“Como Meu de acendrado zelo pela Pai me enviou assim também eu vos envio a vós”* (Jo. XX, 22-23).

Não trazemos, pois, novidades. Vimos apenas trabalhar entre vós e convosco, para que cumprindo-se a missão de Cristo, nesta Diocese, venham para ela abundantes frutos de salvação. E para isto, com o auxílio de Deus, procuraremos realizar a palavra de S. Bernardo, que bem sintetiza a missão do

Bispo: “*Pasce ore, pasce labore. pasce mente*”. Doutrina, trabalho e oração.

No início de sua missão Cristo se apresentou logo como o mensageiro da paz. *Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens*, - foram as palavras com que o anjo anunciou o aparecimento de Cristo na terra (Luc. 11. 14).

E foi realmente o príncipe da paz. Não desta paz mentirosa que se funda e se firma na satisfação dos sentidos, mas desta paz que o mundo perdera, quando se apagaram as estrelas do céu e o homem tateou nas densas trevas com que o pecado cobrira a terra.

Seja, portanto, a nossa primeira palavra, na execução do mandato que vimos exercer entre vós, como vosso primeiro Bispo, esta que tiramos do íntimo d’alma, e que desejamos portadora de muita consolação e alegria: *a paz seja convosco*.

E quando prazer sentimos em poder vos dirigir esta saudação, quando na velha e culta Europa, grande parte do rebanho de Nosso Senhor Jesus Cristo, é açoitado pelo tufão horrível da guerra, arrancando, como muito bem disse o Santo Padre, uns restos de bem-estar, de que ainda dispunham, e mergulhando-os num abismo de sofrimentos.

Mas, a paz que nos trouxe Nosso Senhor Jesus Cristo, e que vos desejamos, é distribuída à proporção que O possuímos.

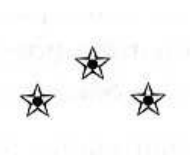
A medida que a sua doutrina se difunde, a luz vai penetrando nas almas; um clarão celestial vai abrindo as cortinas da eternidade, deixando que o homem veja as riquezas do sobrenatural, enquanto diminuem e se desvalorizam, aos seus olhos, as cousas terrenas, que nunca puderam lhe dar uma paz e felicidade perfeitas.

E, enquanto assim a inteligência se satisfaz no conhecimento da verdade, o coração vai, também, se erguendo do charco dos vícios, para experimentar as delícias decorrentes de



uma moral sadia, perdendo a inquietude que o atormentava, nesses dias de vida sem Deus.

Enfim, possuiremos a paz quando amarmos e, pontualmente, observarmos a lei do Senhor. “Pax multa diligentibus legem tuam” (Po. e XVIII, 165).



Nosso Senhor Jesus Cristo, é pois, prezados Irmãos e Filhos diletíssimos, a maior necessidade para os tempos que correm, como sempre o foi em todas as épocas.

Parecia que aqueles gemidos e lamentações de Israel, num longo período de quatro mil anos, aguardando a vinda do Messias, deveriam ter-se extinto com os fulgores do Natal, aos cânticos do anjo anunciando a vinda do Redentor. No entanto “*in propria veni, et sui eum non receperunt*”. *Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam.* (Jo. I. 11).

Para quem chega no cenário do mundo, na hora presente, fica aturdido ao ver este contraste irritante, que pede uma explicação: Tanta luz e tantas trevas; tanta força e tanta fraqueza; tanto progresso e tanto atraso; tanta riqueza e tanta pobreza; tanta alegria e tanto sofrimento.

Tudo sob o domínio do homem -a terra, o mar, os ares, parecendo que nunca o homem foi tão rei da criação, quanto agora. No entanto, nota-se que não é feliz. Grande desassossego o domina.

Que lhe falta então?! Falta-lhe Cristo. Enquanto se aprofunda em quase todos os conhecimentos, despreza o estudo de Cristo, em quem está a solução de todos os problemas da vida presente e futura. E assim a humanidade, apesar do

progresso que ostenta, debate-se, atônita, sem saída para as questões vitais.

De admiração se tomaram os Reis Magos quando em Jerusalém verificaram que governo e povo ignoravam a presença de Cristo na terra. E que dizer de uma sociedade, que vive ignorando Cristo, depois de quase vinte séculos de sua vinda ao mundo? Com menos conhecimentos científicos e sem o conforto trazido pelas descobertas e invenções modernas, muito mais felizes viviam, no entanto, os primeiros cristãos. É que melhormente conheciam Jesus Cristo.

NELE tinham a fortaleza sem as armas, a riqueza sem o ouro, a sabedoria sem a ciência, a alegria sem o mundo.

Sabiam que Cristo nos foi dado para que Ele fosse tudo para nós (I Cor. I, 30); Alfa e omega (Apoc. XXII, 13).

Entretanto Deus não mudou. É o mesmo coração amoroso, o mesmo Deus Onipotente, pronto a derramar torrentes de graças, tão abundantes quantas necessárias forem, para felicidade do homem.

Se queremos, pois, que o mundo volte a ter paz e felicidade demos-lhe Nosso Senhor Jesus Cristo.

#### À FAMÍLIA

É na família onde se faz sentir mais a falta de Cristo.

Sendo ela base da sociedade, se não é constituída em Cristo e por Cristo, não lhe oferecerá a segurança de que ela precisa.

Consultado um dia Napoleão, quando deveria começar a educação da criança, respondeu: cem anos antes do seu nascimento. Perfeitamente. Os esposos precisam receber uma formação à altura de sua missão.

*Uma formação.* Porque não é tanto da ilustração da inteligência que vai depender a felicidade do lar, senão da formação do coração, da vontade, do caráter dos esposos. E a experiência tem sobejamente mostrado, que só na escola de Cristo se consegue esta formação. Só Ele pode dar este amor verdadeiro, que funde duas almas em uma só alma (Mat XIX, 4-6); completando-se elas nas deficiências da inteligência e do coração, e perdoadando-se nos distúrbios do gênio e do temperamento. Eis porque o Apóstolo diz que o casamento é grande, mas em Cristo e na Igreja (Ef. 33).

Vem a civilização moderna e a família sofre as consequências mais tristes. Esfacela-se o lar. A esposa e mãe deixa o lar onde tem o seu trono de rainha e passa para as avenidas, para as fábricas, para os empregos, acompanhadas, talvez, das filhas que já não encontram, em casa, atrativos nos trabalhos domésticos. Atitudes estas, a que geralmente são levadas pela premência das contingências pecuniárias, mas que também têm a sua explicação, nas exigências de uma sociedade paganzada, a quem a todo custo querem servir.

Não exagerou, portanto, um autor quando disse que a mulher, trabalhando fora do lar, não pode cuidar de sua missão de esposa e de mãe. E faltando ela aos deveres desta sublime missão, a felicidade do lar não é mais possível.

Urge, portanto, que Nosso Senhor Jesus Cristo, volte ao seio das famílias, na observância das suas leis e na recepção de seus sacramentos.

E se preciso for de um milagre para que não falte o necessário, a um viver honesto, Cristo o fará. É o mesmo Jesus que com cinco pães e dois peixes alimentava cinco mil pessoas. (Mat. 14, 19).

Confiemos na providência: divina.

## À CRIANÇA

Como fim primordial do casamento vem a procriação, e o filho é o prêmio deste amor.

Deus que comunicou ao homem esse poder, só a Ele reservado, mostrou um carinho todo especial pela criança, em todo destino de sua vida terrestre. Apresentando-se ao mundo foi esta a forma que preferiu, nascendo de uma virgem. E foi sempre uma de suas principais ocupações guardar a criança em sua inocência e candura. Com ameaças e promessas advogou a sua causa. "Melhor seria, para quem escandalizasse uma criança, que lhe ligassem ao pescoço uma pedra e submergissem no mar" (Mat. XVIII, 6).

Aos discípulos observa-lhes que não impeçam a vinda das crianças a Ele, "Deixae-as vir a mim" (Luc. XVIII, 16).

Fez mais. Constituiu-a modelo para todos os que desejassem a posse da felicidade eterna. Todo aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, nele não entrará (Mar. X, 15).

Assim fazendo mostrou Nosso Senhor, de um modo bem patente, o valor da criança, e, conseqüentemente, o cuidado e a atenção que lhe são devidas.

Objeto de desvelo, merecendo a vigilância dos governos e dos homens de responsabilidade, tem sido a criança, a quem pretendem dar o melhor dos seus cuidados, o mais delicado dos seus carinhos e a mais eficiente de suas ações.

Mas, é preciso que se diga, deixaram Cristo à margem. E por isto é que com todo esse cuidado, todo esse desvelo, não conseguem ocultar o grande desprezo que lhe movem.

Antes do seu nascimento já lhe fazem guerra, não consentindo que venha à vida, embora para isto, infrinjam os pais

desumanos a lei divina, desrespeitando a dignidade e santidade do matrimônio, dando-lhe outra finalidade.

Nascida, não a tomam na sua integridade, composta de corpo e alma.

Querem-na forte e robusta de corpo; pouco ou nenhum cuidado, porém, empregando por fortalece-la na alma.

Daí retardarem-lhe o batismo, pelo qual se faz filha de Deus, incorporando-se à grande família de Jesus Cristo.

Educando-a, são preferidos nos colégios em que mais se cuida do bem-estar do corpo que do da alma; e a instrução religiosa, a única que leva o homem a plena expressão de sua personalidade, é relegada para um plano inferior e secundário.

No entanto, a Santa Igreja, pela voz de seus Papas e ministros, clama para que não separem a criança de Jesus Cristo, negando-lhe a instrução religiosa, quando é esta "a mais útil para glória de Deus e salvação das almas". E o Santo Padre Pio X, que assim afirmara, concretiza toda esta doutrina, dando um golpe de morte no jansenismo, mandando que apenas distinga a criança o pão material do espiritual, una-se a Jesus Cristo, na Santa Comunhão.

Que os pais cumpram fielmente este grave dever da instrução religiosa dos filhos, para que possam assegurar a sua salvação, pois, no dizer de Santo Afonso de Ligori, ainda que os pais tenham vida devota, ocupem-se sempre da oração e comunhem todos os dias, não se salvarão se abandonarem a educação cristã de seus filhos.

Auxiliemos-lhes, Caríssimos Irmãos e Filhos diletos, nesta tarefa tão santa, que aliás, constitui também para nós obrigação grave, de vez que o ensino do catecismo é a maior necessidade espiritual do Brasil.

Interessemos nesta cruzada bendita todos aqueles que exercem profissão de ensinar.

Ao professorado público e particular chegue este Nosso apêlo, para que capacitando-se dos progressos pedagógicos, no ensino religioso, dêem às aulas de catecismo, não só o tempo de que necessitam, mas, sobretudo, uma feição prática, de modo que possam interessar a criança no conhecimento da Religião.

Em vão trabalharemos por um Brasil grande, forte, unido senão dermos à criança de hoje uma formação religiosa mais ampla e mais perfeita, com a qual possa ela, no futuro, constituir-se verdadeira atalaia na defesa das nossas tradições cristãs, onde repousam a glória, a segurança e a salvação de nossa Pátria.

#### À JUVENTUDE

Chegamos, enfim, a uma das fases mais difíceis da vida do homem.

Completa transformação se opera em todo o seu ser. O físico e o moral sofrem uma forte crise. Rebelam-se os sentidos, negando obediência à razão. Vãos incertos e sem rumo ensaia a imaginação. Uma ânsia insaciável de um mundo desconhecido atormenta a inteligência. É a encruzilhada perigosa. É o mistério de que nos fala a Sagrada Escritura, no livro dos Provérbios (30, 18-20), quando citando três cousas difíceis de se entender na vida, acrescenta uma quarta que é de todo misteriosa -o caminho do homem na adolescência. É ele, portanto, nesta fase, um barco que reclama hábil piloto, para que possa atravessar incólume o oceano proceloso da vida. Mas, com tristeza, verifica-se, neste sentido, uma confusão desconcertante e delorosa.

O homem não é tomado no seu conjunto todo.

Aí estão os mentores do homem-natureza, do homem-inteligência, do homem-vontade, do homem-libido, merecendo esta desespirtualização do mundo moderno, a crítica severa de Daniel Rapos, no seu livro -Le Monde sans âme.

Para a inteligência dão lhe guias, cuja visão não vai além das leis biológicas; para o coração leis sem sanção divina; para os sentidos o prazer sem limites.

É neste ambiente de doutrina falida e de moral leiga que vai o jovem iniciar, sem Cristo, a jornada através da vida.

Cumpre-nos, pois, Caríssimos Irmãos e Filhos muito amados, trabalhar afim de que suas inteligências iluminem-se nos clarões do Santo Evangelho, com conhecimentos mais perfeitos da doutrina cristã.

Guarda da inocência da crença, Jesus Cristo será também o protetor da juventude.

Só Ele poderá acalmar as tempestades do coração; dissipar as trevas da inteligência e domar as rebeldias dos sentidos, nesta quadra que, com justiça, é chamada a idade ingrata.

Somente Ele poderá ser o modelo da juventude, para que nela brilhem as virtudes que lhe são indispensáveis: A obediência, o amor ao trabalho, a pureza, a humildade, a constância, o amor à Pátria.

**OBEDIÊNCIA** -O espírito de revolta não encontrará acolhimento no moço cristão. Contemplando o seu modelo o vê em perfeita obediência a José e Maria. “Et erat subditus illis” (Luc. 2, 51). E esta obediência, gerando nele o espírito de disciplina, lhe dará credenciais para o desempenho de missões importantes.

**AMOR AO TRABALHO** -Capacitada de que quase infinitos são os seus direitos e nulas as suas obrigações, a moci-

dade mais se entrega aos passatempos que ao trabalho, prejudicando assim o seu futuro, que fica exclusivamente aos cuidados paternos.

Quando os livros o chamarem para o estudo, as oficinas para o trabalho, o campo para o seu cultivo, volte-se o moço para Cristo e no seu exemplo, em Nazaré, calejando as mãos, na tenda de seu pai, encontrará o estímulo para preencher seus dias de um trabalho honrado, de que jamais se envergonhará.

O suor agora derramado, fecundará sua vida, para desabrochar na velhice em abundante colheita.

PUREZA -Nesta idade a alma do jovem, outrora sereno lago perfumado pelo aroma das virtudes, que desabrocham em flor, começa a encapelar-se e “não há adolescente a cujos ouvidos não razoe, mais cedo ou mais tarde, o canto das sereias dos sentidos, cativante, feiticeiro e encantador”.

Bem difícil é, pois, para o homem dobrar este cabo das tormentas sem um naufrágio moral.

É ali na juventude que o oceano das paixões se torna mais bravio.

E o bergantim dourado da infância, que singrava tranqüilamente, ao atingir estas alturas, é sacudido por tempestades tão fortes, que só avivando a sua fé, acordando Cristo na alma, unindo-se a Ele pela oração e recepção dos sacramentos, poderá vencer a tormenta. *Domine, salva nos, perimus*. Senhor, salva-nos, perecemos (Mat. VIII, 25).

Mas, então, como é belo contemplá-lo "de olhos brilhantes como estrelas, de fronte erguida para os céus, demonstrando a vitória da vontade socorrida por Deus".

HUMILDADE -Sem esta virtude a alma do jovem é náu sem leme, sacudida pelos ventos que sopram de todos os lados: caprichos, egoísmo, teimosia, orgulho, sêde de honras.



Com ela, é tempestade, mas que se acalma; é serenidade que dificilmente se altera; é saúde sem as perturbações das toxinas do orgulho; e é só imitando a Cristo que ela a conseguirá. Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e achareis o repouso de vossas almas. (Mat. 11, 29).

**CONSTÂNCIA** -A vida do homem é uma luta, e o campo onde se fere a batalha é a nossa alma.

Para conseguir a vitória não é suficiente uma ousadia temerária, um arrojo sem disciplina, um avanço sem tática.

Ai de quem entra na luta sem a couraça da mortificação, sem a disciplina da oração, sem as luzes da fé.

Luta a mocidade nas trevas, quando é iluminada só com o bruxolear das luzes da razão, combate desorientada, quando segue apenas as regras das conveniências sociais; se empenha na peleja sem proteção, quando se abroquela exclusivamente na força humana. Daí as decepções, as derrotas, os desânimos, que muitas vezes levam ao suicídio.

É indispensável, pois, que o jovem se apóie em Cristo, e as vicissitudes da vida não o abaterão e firme perseverará no bem.

**PATRIOTISMO** -Um dos mais belos sentimentos que empolgam a alma do moço é o amor da Pátria.

Com o sangue quente que lhe ferve nas veias lavará, se preciso for, a mancha com que o inimigo maculou o solo pátrio.

Com efeito, na juventude está a esperança da Pátria, nesses momentos em que se toldam os seus horizontes e ameaça desmoronar-se sob o peso de crises insuperáveis.

Mas, onde buscar a juventude hodierna força para manter bem viva esta chama do patriotismo, quando na escola dos cinemas impúdicos, dos teatros imorais, dos livros desmoralizadores dos jornais ímpios, das revistas pornográficas, só

encontra o micróbio da corrupção da raça, depauperando-a e corrompendo-a!

Em Cristo é que o jovem terá a elevação de pensamento, o desprendimento que vai até o heroísmo; o entusiasmo que vai até o martírio. Só na escola de Cristo poderá ele aprender a amar a Pátria, porque só nela este sentimento é puro e nobre.



Enfim, Caríssimos Irmãos e Filhos diletíssimos, é preciso restaurar tudo em Nosso Senhor Jesus Cristo.

E como fazer?

A temperatura que se desencadeou, vem, como vimos, solapando todas as camadas sociais.

Em todos os setores encontra-se o germen da dissolução, com mais ou menos desenvolvimento.

A defesa deve ser na altura do ataque; o remédio na proporção do mal.

Eis porque os Santos Padres, particularmente Pio XI, e o atual Pio XII, com uma visão nítida e perfeita do momento que o mundo atravessa e, medindo a gravidade do mal que se alastra, procuram organizar uma defesa eficiente, ou melhor uma ofensiva eficaz.

Apelam não só para o seu clero -soldados sempre em postos avançados, mas para todas as reservas católicas; para todas as camadas sociais, desde a criança nos bancos escolares, até à velhice, no retraimento que a idade lhe impõe; desde a mulher no verdor dos anos, até à mulher com a responsabilidade de um lar, para numa afirmação de fé, com uma organização completa trabalharem na defesa da Fé e da moral, conservando os frutos abençoados que nos legou o sangue de Je-

sus Cristo; numa palavra, organizam a Ação Católica, que desejamos ver, dentro em breve, fundada e difundida nesta Diocese, garantindo assim a sua grandeza e prosperidade religiosas.



Traçando Deus o plano da Redenção, teve logo os olhos fixos naquela que deveria ser instrumento necessário para a sua realização -Maria Santíssima.

Do seu consentimento esteve pendente a salvação do mundo. Temeridade, que vale por uma derrota, seria se tentar algo em proveito da salvação, prescindindo da proteção de Maria Santíssima.

E assim é que a esta boa Mãe nos dirigimos ao iniciar o nosso episcopado, entregando-nos a ela e lhe entregando o futuro desta Diocese, que já está sob sua valiosa proteção, como sua Padroeira que é.

Sem a experiência que é mestra, e sem a ciência que é luz, lançamo-nos, no entanto, no combate, que bem assim se pode chamar o munos episcopal, com uma confiança absoluta de algum bem podermos fazer para glória de Deus e bem de vossas almas, pois em Maria Santíssima está toda a nossa segurança e desamparado jamais ficou quem confia nesta boa Mãe.



Nesta hora de profundas apreensões, para todo o Universo; dirige os destinos da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, a figura impressionante e inconfundível do atual Pontífice, o Papa Pio XII.

Ao Santo Padre, pois, a nossa primeira saudação, que encerra um ato de incondicional obediência e sincera submissão.

Representante da Santa Sé, em nosso querido Brasil, está sua Excia. Revma. o Sr. Nuncio Apostólico, D. Bento Aloisio Masella, cujo zelo apostólico está confirmado por inúmeras obras.

À sua Excia. as nossas homenagens de par com a nossa profunda admiração e reconhecido agradecimento.

À sua Eminência o Sr. Cardeal D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, cuja púrpura não só enobrece a nossa Pátria, mas a toda a Igreja, o nosso tributo de respeito.

Guardamos para o clero desta Diocese a nossa bênção mais preciosa e a mais especial saudação, porque nele está a nossa esperança e a nossa glória.

Vindo de um paróquiato de vinte e cinco anos, trazemos-lhe não só a autoridade de superior, mas um coração de pai e de amigo.

É com ele que esperamos realizar o que a Divina Providência pede de nossa gestão.

Com ele queremos dividir os louros da vitória, ou unidos trilharmos o caminho do calvário, bebendo juntos o cálice dos trabalhos, das fadigas, dos sofrimentos.

Deste clero destacamos, para trazer-lhe o nosso sincero agradecimento, pelos serviços prestados à Diocese, o nosso Vigário Geral, Mons. Otávio de Alencar Santiago, que se tem multiplicado em relevantes trabalhos em prol da nossa Diocese.

Esperança da Igreja, e, particularmente, desta Diocese, os nossos caros seminaristas, recebam a nossa bênção, portadora de votos pelo seu progresso nas ciências e na virtude.

A geração que se levanta interrogando e prescrutando o futuro, pedindo timoneiros para a jornada em demanda da eternidade, tem suas vistas viradas para essas sementeiras sacerdotais -os seminários. Preparai-vos, para mais tarde, correspondendo à grande graça da vossa vocação, satisfazer as esperanças do nosso Brasil, que toda está no seu clero.

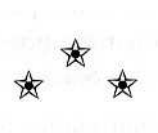
Com carinho saudamos as associações pias da Diocese, nas quais temos o termômetro que marca o grão da piedade de um povo.

Neste século, de paganismo renascente, de valor imenso é o trabalho dessas associações, em levando ao entoxicado organismo social, o antídoto da. virtude.

A estes anjos de bondade e abnegação - as religiosas que grandemente auxiliam no trabalho da santificação das almas, nossa bênção afetuosa, pedindo a Deus as multiplique nesta Diocese, que muito espera de suas fecundas obras.

Saudamos e abençoamos com toda a efusão dalma as famílias desta Diocese, nas quais repousam ainda as reservas de fé suficientes para dar-lhes a felicidade.

É de justiça que tragamos uma saudação particular à esforçada Comissão Pró Bispado, da qual, não só admiramos o dinamismo, como louvamos a dedicação nesta cruzada de fé e patriotismo.



Ao Exmo. Sr. Interventor Federal e seus dignos Secretários de Estado, às demais autoridades federais e estaduais atenciosos cumprimentos e votos de felicidade.

Ao Sr. Prefeito de Limoeiro, e, ainda, aos dos municípios componentes desta Diocese, nossa saudação, almejando, a estas comunas, toda sorte de prosperidades.

Enfim, com o coração nas mãos, saudamos, paternalmente, a todos os nossos diocesanos. E como testemunho do grande amor que lhes queremos, voltamo-nos, confiantes, para Aquele que deu aos fracos a fortaleza de seu corpo “*dedit fragilibus corporis ferculum*” e pedimos que abrindo os tesouros infinitos de sua liberalidade, deixe cair sobre vós, sobre vossos campos, vossos trabalhos, vossas empresas, as suas mais ricas e fecundas bênçãos.

A bênção de Deus Onipotente, Pai e Filho e Espírito Santo desça sobre todos vós e convosco permaneça para sempre.

Esta nossa primeira Carta Pastoral, será lida à estação da missa conventual, em todas as matrizes e capelas públicas desta Diocese.

Dada e passada nesta cidade de Limoeiro, sob o nosso sinal e selo de nossas armas, aos 29 de setembro de 1940, festa da Dedicção de S. Miguel Arcângelo, aniversário da criação da Diocese de Limoeiro e dia da nossa sagração.



*Aureliano*, BISPO DE LIMOEIRO

**2<sup>a</sup> CARTA PASTORAL DE DOM  
AURELIANO MATOS**

2ª CARTA PASTORAL -1941  
de Dom Aureliano Matos (Bispo de Limoeiro)

PEDINDO AOS SEUS DIOCESANOS  
AUXÍLIO PARA CONSTRUÇÃO  
DO SEMINÁRIO

D. Aureliano Matos, por mercê de Deus e da Santa Sé  
Apostólica, Bispo de Limoeiro.

Ao Revmo. Clero e fiéis da Diocese de Limoeiro,  
saudação, paz e bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Veneráveis Irmãos e Filhos diletíssimos.

Não é sem grande satisfação que nos dirigimos a vós, pelas presentes letras, para vos dizer que pretendemos, dentro em breve, dar início à concretização daquele veemente desejo que nutrimos com carinho e que constitui, para todos nós, um grave, porém aprazível dever -a construção do nosso Seminário.

Incumbida de difundir o Reino de Cristo, a Santa Igreja faz cair, por toda a parte, sementes de instituições que contribuam para o triunfo de Cristo sobre a terra.

São estas instituições as trincheiras de defesa da Fé e da Moral, e donde partem os ataques mais cerrados e eficientes contra os erros propagados pelos inimigos de Cristo e de sua Igreja.

Neste trabalho gigantesco, que antes poderíamos chamar imensa batalha, pois é uma luta que se trava, de lança em riste, enfrentando inimigos poderosos, a Santa Igreja divide, quanto possível, o campo de suas atividades, para tornar mais pronta e eficaz a sua ação regeneradora.



Daí a multiplicação das Dioceses e, com estas, a dos estabelecimentos que se destinam à difusão do Reino de Cristo. Sabendo que, em um prélio tão intenso, de proporções tão vastas e duradouras, nulos seriam os seus esforços se não desse capitães adestrados, competentes e bravos para chefiar os seus exércitos de milhões de cristãos distribuídos em todos os quadrantes da terra, a principal preocupação da Igreja, é, pois, a fundação de Seminários, em todas as Dioceses de vez que são eles quartéis de formação dos oficiais da milícia do Senhor.

Assim é que, quando a zona jaguaribana foi agraciada com uma Diocese, recebeu não só as vantagens daí decorrentes, mas ainda, as obrigações que lhe são inerentes, assumindo, embora tacitamente, um compromisso para com elas.

Criando a Diocese de Limoeiro, pela Bula “*Ad Dominicum*” impôs, logo, o Santo Padre Pio XI a fundação do seu Seminário.

Eis, pois, Prezados Irmãos e Filhos mui diletos, uma obrigação urgente a cumprir, um compromisso a satisfazer.



A criação de uma Diocese contribui grandemente para a felicidade de um povo, já pelo aumento da Fé e da Piedade, que ela favorece, já pelo surgir de obras que concorrem para esta felicidade ou, mesmo, são a causa eficiente dela.

Empenhado no engrandecimento religioso e social desta Diocese, que empreendimento merecia mais o nosso desvelo do que a construção do seu Seminário, atentas a sua importância e a sua necessidade!

**IMPORTÂNCIA.** Facilmente se vê a importância desta obra inquirindo qual seja a sua finalidade.

Se para a criação do homem não precisou Deus do seu concurso, o mesmo não se deu quando tratou da sua redenção.

Quis Deus interessá-lo nesta grandiosa obra, pedindo a sua cooperação.

Doze foram os primeiros convidados para o sublime mister de propagar o reino de Cristo, aplicando os frutos da Redenção. Missão esta que deveria estender-se a todo o orbe, pois, e ensinais todas as nações, -e durar até o fim dos tempos -Eu estarei convosco até o fim do mundo (Mat. 28. 19-20).

Necessário se fazia, portanto, que trabalhasse o homem com Cristo na redenção do mundo. “*Sicut misit me Pater; et ego mitto vos*” (Io. 20, 21-23).

Para lhe confiar, porém, esta missão tão importante, o Divino Mestre prepara-o, antes, num santo noviciado de alguns anos, o que, aliás, constituiu a sua ocupação capital nos três anos de sua vida pública. Instrui-o pela palavra e pelo exemplo. Comunicando-lhe o Espírito Santo, ilumina-lhe a inteligência, fortifica-lhe a vontade e santifica-lhe o coração. (Io. 16, 13-15). E, somente depois de assim formado, encarrega-o da conquista do mundo para Deus.

A empresa era demasiado grande para as forças do homem. Precisava ele divinizar-se, primeiramente, para poder executá-la, o que só conseguiria com o sacerdócio, pois, como diz santo Ambrosio – “*quis sacerdotem dicit, divinum prorsus insinuat virum*”. Com efeito, revestido desta alta dignidade que se torna ele outro Cristo. “*Sacerdos alter Christus.*”

Daqui a sublimidade do sacerdócio.

Daqui a necessidade de preparação para recebê-lo.

Daqui o cuidado da Santa Igreja para com os que a ele se destinam, tomando-os desde a infância, como delicadas plan-

tinhas, que começavam a desenvolver-se nos mimosos jardins dos lares cristãos, transplantando-os em seus vergeis, a fim de que, amparados contra as tempestades das paixões mundanas, e guardados de calor crestante das soalheiras da impiedade, possam crescer viçosas, orvalhadas pelas bênçãos do céu, que ali caem constantemente como em perene primavera.

Este trabalho maravilhoso de formação, de transformação, de divinização só se opera nestas colméias divinas -os Seminários.

Que obra, pois, mais importante do que esta, Caríssimos Irmãos e Filhos muito amados, poderia ser realizada nesta Diocese, seu Seminário é a oficina, onde se fazem estas poderosas alavancas com que se ergue o mundo dos abismos das misérias morais e o mantém em um plano mais elevado -tal é o poder do Padre e a sua missão; se ele é a escola, onde se preparam esses operários da vinha do Senhor, e cujo trabalho supera, em muito, as dos anjos; se é a academia, onde se formam os médicos de nossas almas para curá-las das enfermidades do pecado!

Vale uma Diocese o que vale o seu clero. Vale o seu clero o que vale o seu Seminário.

É esta a obra que engrandece e santifica uma Diocese. Eis porque o Santo Padre Pio XI queria que fosse ela “a menina dos olhos de todos quantos têm parcela de autoridade no governo da Igreja, constituindo, portanto, objeto principalíssimo de seus trabalhos”.

Construindo, pois, o seu Seminário, a Diocese de Limeiro terá dado um passo decisivo para o seu progresso social e religioso.

Então, podereis ufanar-vos desta grande conquista -a criação da Diocese, -portadora como é, do germe de grandes e frutuosas realizações, das quais sobressai, levando vantagem a todas, pela sua importância, - o Seminário.

NECESSIDADE. O sacerdócio exige uma vocação. Não fostes vós quem me escolhestes, mas eu fui quem vos escolhi (Jo. 15,16). Esta vocação pede um amparo, uma proteção, um incentivo.

Querendo Deus a salvação de todos os homens e sendo o sacerdote o instrumento necessário para que ela se verifique, suscita Ele, em abundância, as vocações sacerdotais.

Se são elas, atualmente, plantas exóticas nas capitais, nos grandes centros de intensa vida social, é que não encontraram ali um terreno propício ao seu desenvolvimento: os cinemas livres, o despudor das modas, os jornais ímpios e os neutros, que não são menos nocivos, as revistas e panfletos imorais, a ânsia incontida do gozo e do prazer, em oposição ao espírito de mortificação, matam não só a vida espiritual presente, mas até o germe de vida espiritual futura.

Oxalá ouçam as famílias brasileiras a voz de Deus e retrocedam nesta marcha acelerada de paganização, para que, aos filhos não feche, o Senhor, por completo, as portas do seu santuário, com o terrível anatema de que nos fala o profeta - *“Gentes... de quibus prre ceperas ne intrarent in ecclesiam tuam”* (Thren. 1, 10).

Constrange-nos ver, sobretudo nas classes mais elevadas e cultas da sociedade, que muitos pais e mães de família, ufanos do título de católicas de fé verdadeira, mostrem-se, no entanto, de tal maneira desinteressados pela vocação sacerdotal dos filhos, que nem a incentivem, nem lhe dêem no lar um ambiente favorável, e cheguem mesmo a combatê-la com engenhosos argumentos.

Esquecem-se de que afastando os filhos da carreira eclesiástica fizeram que perdessem eles o rumo de seus destinos; e serão, então, planetas que girarão, sem rota, no firmamento social.

No santuário seriam lustres brilhantes; agora portadores de trevas para as famílias, apóstolos de Cristo, levariam por toda a parte a vida e a salvação; são agora funestos mensageiros de lágrimas e tristezas para a sociedade. É que eram pedras destinadas por Deus para as elevadas colunas do seu santuário, e que não sacrílega deslocando-as do seu lugar próprio fez que rolassem desastradamente, e nestas quedas não pararão senão nas profundezas dos abismos morais.

Se em vós, pais de famílias, não está o poder de lançar na alma de vossos filhos a semente da vocação sacerdotal, de vós, no entanto depende, em parte, o seu desenvolvimento.

O Santo Padre Pio XI faz ver aos seculares católicos "que de nenhum modo participarão melhor da dignidade daquele sacerdócio real, que o príncipe dos Apóstolos atribui a todo o povo das remi das, do que colaborando para acrescentar as fileiras do clero tanto secular como regular".

Razão, pois, tinha o grande apóstolo da caridade, -São Vicente de Paulo, quando dizia que era impossível contribuir-se para alguma cousa maior do que para a formação de um bom Padre.

Avivar a vossa fé, e longe de obstardes ao trabalho de Deus na escolha de seus eleitos, sede, antes, reconhecidos por esta deferência da Providência Divina, certos de que felizes são aqueles que têm membros de sua família consagrados ao serviço do Senhor. "*Beatus qui habet semen in Sion et domesticos in Jerusalem*" (Isaías) .

Em compensação ao que se verifica nesses grandes centros, assim transformados em sorvedouros da Fé e da Moral, são nos nossos sertões, abundantes as vocações, porque ali ainda se encontram inocência de vida e simplicidade de costume.

Acontece, porém, que bem poucas são as cultivadas. Ora despontam em corações inocentes, mas por faltar-lhes o

incentivo enfraquecem e morrem; ora crescem em meio dos espinhos dos vícios, e não havendo a mão do hábil jardineiro para desafogá-las, arrancando, em tempo, essas ervas daninhas, perecem fatalmente. É o Seminário, pois, que vai amparar estas vocações. Ali é que irão elas firmar-se, fortalecer-se, recebendo, todos os dias nova vida.

Ali se encontram os dedicados e peritos horticultores que, num trabalho consciencioso e prolongado conseguem robustecê-las até que tenham o seu coroamento no sacerdócio.

Sem Seminários, não teremos sacerdotes segundo o coração de Deus.

Quando em remotas épocas a formação do clero se fazia prescindindo deste cadinho, onde se apura o ouro da verdadeira vocação sacerdotal, sofreu a Santa Igreja as conseqüências perniciosas da ausência deste estabelecimento. E assim é que o Concílio de Trento, apressando-se em sanar esta grande lacuna, decreta que cada Diocese deve fundar, quanto antes, o seu Seminário para a formação intelectual e moral dos jovens, e é o que ordena o Direito Canônico (Can. 1354, § 111).

Tão sentida era essa lacuna que este decreto, considerado como um dos principais resultados do Concílio, produziu um movimento consolador, em quase toda a Europa, concernentemente à fundação de Seminários. Eram ensaios, apenas, de organização desses estabelecimentos.

Dois vultos, porém, eminentes em saber a piedade - São Vicente de Paulo e M. Olider, - que viviam em contacto com o clero, sentindo a necessidade dos Seminários para a formação deste, deram a essa obra toda a luz de suas inteligências esclarecidas, todo o fervor de sua grande piedade, toda a energia de suas vontades e conseguiram assentar, definitivamente, as bases deste movimento regenerador. A estes dois eminentes sacerdotes devemos, pois, a mais rápida concretização desta vontade da Santa Igreja - a fundação dos Seminários.

Se o sacerdócio exige uma vocação, o exercício do mesmo requer grande reserva de virtudes eminentes e um vasto cabedal de conhecimentos. Está o Padre destinado a ser o sal da terra e a luz do mundo. Vos estis sal terre... Vos estis lux mundi (Mat. 5, 13-14).

São Paulo, escrevendo a Timóteo e a Tito, mostra-lhes esta necessidade com palavras incisivas -*Exemplum esta fidelium in verbo, in conversatione, in charitate, in lide, in castitate*. Já lhe não bastam virtudes comuns, mas eminentes, - *perfecti in virtute esse debent*, diz Santo Tomás. Em uma palavra, precisa de santidade para si e para os outros: a santidade do Padre interessa não só a ele, mas ainda ao povo. “*Forma focti Gregis*” (I. Pet. 5, 3) .

Se a validade de seus atos, no ministério sacerdotal, não está dependente de sua santidade, a ela, porém, liga-se, em parte, a eficácia dessas ações. “...*Quod si sal evanuerit, in quo salietue!*”

Mais que a dignidade, a sua virtude abre caminho até os corações que sangram ralados pelos sofrimentos físicos ou morais, para levar-lhes umas gotas do bálsamo consolador, que só a Religião fornece. E quando tenta escalar os palácios, onde abundam os bens temporais e escasseiam os espirituais, para deixar ali, em meio das riquezas, um óbulo de paz, que se não compra com o ouro, é ainda a virtude mais poderosa que a dignidade, para lhe dar franco acesso.

Esta santidade, porém, é um edifício que se levanta sem base sólida, nem se constrói açodadamente.

O sacramento da Ordem não destrói a natureza, tornando o sacerdote impecável. De chofre não se opera esta transformação.

O fundamento deste edifício da santidade sacerdotal é construído ainda no Seminário.

Os meios de perfeição, assim internos como externos, são ali aproveitados mais e eficazmente: o desejo da perfeição, o conhecimento de Deus, a conformidade com a vontade divina, a oração são cultivados com esmerado cuidado. Sob a orientação de diretos abalizados e piedosos, com um regulamento que controla o homem no seu todo, em um ambiente onde se respira a piedade, e ao influxo de ensinamentos que levam ao conhecimento da doutrina e exemplos dos Santos, concitando a imitá-los, a santidade aprofunda as suas raízes no coração sacerdotal.

Ai! daqueles que adiam a sua santificação para quando já elevados ao sacerdócio. São virgens loucas que tardiamente, talvez, procuram o óleo da virtude para as lâmpadas apagadas de suas almas.

Vão arquitetar um edifício em meio da tempestade. Não é o adiantado da idade que se lamenta, mas a não correspondência à graça no tempo oportuno.

Só no Seminário se encontra um ambiente próprio para a formação da alma sacerdotal. Daí a sua absoluta necessidade



O Padre é a luz do mundo.

De trevas está coberta a terra, porque a luz com que os seus governantes pretendem iluminá-la não vem do alto. Tão fraca é que não consegue aclarar um passo a frente na vida do homem.

Apesar do progresso verificado em todos os setores da atividade humana, permanece o homem sem a luz de que necessita para a solução dos problemas mesmo terrestres; e, destinado à eternidade, precisa ele de luz fortíssima que projete



clarões além da vida presente. E esta luz é a que se irradia das páginas do Evangelho, que deve ser pregado pelo Sacerdote a todos os povos. Ide e ensinai todas as nações. (Mat. 28, 19).

Portador de uma missão tão importante, o Padre precisa dedicar-se ao estudo, o que nunca fará se não tiver adquirido o bom hábito dos livros.

Que estabelecimento mais idôneo para lhe ministrar os conhecimentos de que carece, tanto científicos como religiosos, do que o Seminário -casa apropriada para o a-provisionamento do óleo da doutrina e da ciência sagrada, como muito bem dizia o grande Bispo de Meaux.

Ernesto Helo dizia, com justa razão, que a sociedade atual se caracteriza por duas coisas: curiosidade e precipitação - grandes inimigos, aliás, do estudo, quando em concomitância. Com a curiosidade tudo se quer saber, mas com a precipitação nada se aprofunda. Daí, em parte, a superficialidade, dos estudos em nossos estabelecimentos de ensino que primam pela vastidão de seus programas, carecendo, no entanto, de tempo para abrangê-los.

Com justiça se pode dizer que desses empecilhos estão isentos os Seminários. O aluno ali tem o seu tempo menos dividido, porque reservado só para os livros e os necessários exercícios de piedade. E, assim, com menos pressa pode entregar-se aos seus estudos, colhendo maior proveito deles. O Seminário é, pois, a casa onde se estuda e se aprende a estudar.



Se a consideração das necessidades espirituais e sociais da humanidade em geral, por todos os países, nos mostra claramente a importância e a carência dos Seminários, estas avultam aos nossos olhos de brasileiros, quando contemplamos a nossa querida Pátria.

Alguém já disse, apoiado em segura observação, que um país é o que são os seus sacerdotes numérica e qualitativamente.

Assim, precisamos de um clero numeroso e santo para fazer a felicidade deste Brasil imenso.

Apoiado no sacerdote católico, ensaiou ele os seus primeiros passos; seguindo as lições do Evangelho, cresceu, tornou-se forte; guardando as suas tradições cristãs, garantirá o seu futuro.

Mas não teremos esses indispensáveis obreiros da grandeza de nossa Pátria sem dotá-la de Seminários.

Tendo o Brasil uma missão grandiosa a desempenhar no continente americano e, quiçá, fora dele, deve guardar, proteger, multiplicar as fontes de sua vitalidade, sendo as principais essas instituições donde tira luz para iluminá-lo, quando espessas sombras procuram envolvê-lo; fortaleza para se não abater diante das ameaças das revoluções internas, nem das imposições dos magnatas ambiciosos que sonham locupletar-se com a pátria dos outros.

E que instituição mais apta para favorecer, neste sentido, a grandeza, a prosperidade de nossa querida Pátria do que os Seminários, onde se formam os defensores da paz, da ordem, do respeito às leis, as autoridades, como ministros que são de uma Religião, cujo fundador se anunciou pregando a paz, e doutrinou, mandando dar a César o que é de César.

Efetivamente, se um grande gênio afirmava, após um cataclisma político, que para a França se reconstituir devia o sacerdote ser o objeto principal dos pensamentos da sociedade, com mais razão poderemos dizer que, para conservar a pátria brasileira sempre em marcha progressiva no bem, necessário se torna que o sacerdote não se divorcie da sociedade, que tudo espera de seu insubstituível concurso.

Pelo exposto vimos que a instituição dos Seminários constitui, para cada Diocese, a sua principal obrigação.

Urge, pois, Caríssimos Irmãos e Filhos muito amados, que iniciemos, quanto antes, a construção do nosso, que em virtude do que determina o Decreto 457 do Concílio Plenário Brasileiro, será apenas Seminário menor, completando os alunos os seus estudos no Seminário Providencial de Fortaleza.

Assim, vimos fazer um apelo a todos os nossos queridos diocesanos.

Como nós, conheceis perfeitamente as grandes necessidades desta Diocese. Procurando solucioná-las, em parte, já iniciamos, e vão bem adiantados, os trabalhos do Ginásio Diocesano, que virá preencher uma lacuna na instrução da zona jaguaribana.

Com este estabelecimento queremos intensificar, em nossa Diocese, a percepção ruralista, retardando o mais possível, o êxodo da mocidade masculina para as capitais, aonde vão buscar luz, porém, onde, muitas vezes, queimam apenas as asas, como mariposas, nas chamas do vício ali mais difundido.

Para a edificação do Ginásio, a Diocese pretende haver-se sem apelar para a vossa caridade.

Para o Seminário, porém, torna-se necessário que todos - ricos e pobres, homens e mulheres venham trazer a sua pedra.

É preciso que as gerações futuras não só enalteçam os ventres maternos que deram santos sacerdotes, para trabalharem na sua salvação, delas. – *“beatus venter qui te portovit,”* - mas celebrem também a generosidade destes a quem Deus favoreceu com os seus bens, e que agradecidos retribuem ao Senhor as suas benemerências. *“Quid retribuam Dominio, pro omnibus qUa? retribuam mihi!”*

O Seminário não pertencerá à cidade de Limoeiro, mas à Diocese de Limoeiro. É preciso que todos venham em seu auxílio.

Movimente-se toda a zona jaguaribana num atestado de fé e patriotismo, para a realização desta obra, que se levantará no vale do Jaguaribe, mais promissora que os vossos extensos carnaubais, e da qual recolhereis a cera preciosa da ciência e da virtude para os vossos filhos, deixando-lhes esta herança, que os tornará ricos para a vida presente, com o ouro do saber e da virtude, e ricos para o céu, pois ali se preparam os eleitos do Senhor.

Este trabalho dará ensejo a que testemunheis, mais uma vez, o vosso profundo sentimento religioso e a vossa grande necessidade.

Não se interessando vós pelos Seminários, não mostrareis, também, interesse pelo clero, pela Religião, pela própria salvação.

Sem Seminário não há clero, sem clero não há Religião, sem religião não há salvação.

Reconhecendo esta profunda verdade, reclamais a presença do Padre em todos os setores da vida social e religiosa: na direção das Paróquias, onde a sua ausência provoca o balir constante das ovelhas reclamando o pastor; na pregação da palavra divina, para que acorde sempre nas almas o desejo do céu; na instrução religiosa e científica das crianças, e nele depositais toda a confiança; na fundação e desenvolvimento das boas obras, se outra não é a sua missão que difundir o bem, a exemplo do Divino Mestre “*Qui pertransit bene facieodo*” (At. 10, 38).

Mas, se todos vós sentis a necessidade do Padre, deveis sentir igualmente a necessidade dos Seminários, onde se fazem os ministros de Deus, e contribuir para esta obra, “a fim de

que não vos torneis culpados de a Igreja não fazer o bem que poderia fazer".

Não seríamos, porém, justo se duvidássemos da vossa generosidade, por que já conhecemos a vossa boa vontade, e dela nos gloriamos, como o Apóstolo, escrevendo aos Coríntios (11 Cor. 9, 2).

Mas, com o mesmo Apóstolo dizemos: Aquele que semeia pouco, também ceifará pouco, e aquele que semeia em abundância também ceifará em abundância (11 Cor. 9.6).

Contribuindo para este trabalho, lembremo-nos de que todos os bens, de que dispomos pertencem a Deus, e, portanto, devemos contribuir para as suas obras com satisfação e não com tristeza, porque Ele ama o que dá com alegria (11 Cor. 9. 7) .Aliás, assim fazendo, estamos agradecendo a sua infinita Misericórdia que extinguiu, de vez, o flagelo maldito da malária, quando por entre atrozes angústias e amargurados prantos de aflição esvaiam-se as esperanças de vê-lo debelado, enviando-nos, em seguida, anos de bonança, pondo-nos, assim, em condições de antes dar do que pedir, o que é uma grande dita, pois, na linguagem das letras sagradas, maior ventura é dar que receber (At. 20, 35).

Fazendo este apelo aos nossos diocesanos, queremos torná-lo extensivo a todos os filhos desta Diocese, que porventura dela se achem ausentes, bem como aos generosos amigos deste mimoso rincão cearense.

É uma obra de fé e de patriotismo a que se vai construir, e que deve receber o testemunho do amor e da amizade mantidas a esta terra, que por certo desejam ver próspera e feliz.

Concitando nossos diocesanos a este movimento em prol do nosso Seminário, não devemos deixar de encarecer, de um modo especial, o concurso da mulher cristã desta Diocese.

Desde os albores do cristianismo, até os nossos dias, encontramos a mulher cristã emprestando às obras fundadas pela Igreja, não só o prestígio de sua posição social, o entusiasmo de sua fé mais viva, a dedicação mais desinteressada, porém ainda dando os seus próprios haveres.

Ao Divino Mestre acompanhavam, prestando relevantes serviços, e sentindo-se felizes em pôr os seus cabedais para o triunfo do reino de Cristo.

ste edifício, porém, a se construir nesta Diocese, falalhes diretamente ao coração.

A exemplo d.e Salomé, mãe de Tiago e de João, que dando expansão à generosidade de sua alma, oferecia a Jesus não só os "belos florões de seu amor juvenil", mas entregava-se, ainda, ao serviço do Senhor, consagrando-Lhe seus haveres, deveis também vós, mães cristãs, não somente dar os vossos filhos para o serviço dos altares, como Ministros de Deus, mas ainda deveis vir com vossos esforços, com vossos donativos auxiliar esta obra que se destina à formação sacerdotal deste a quem destes a vida.

Não basta que leveis os vossos filhos ao templo, pedindo para eles as bênçãos de Deus, como outrora faziam as mães conduzindo os filhos a Jesus pedindo os abençoasse. É preciso que trabalheis com dedicação por esta obra que atrairá o orvalho celeste da graça, para as famílias desta Diocese.

Ali se vai operar uma geração mais importante do que a ocorrida em vossos ventres maternos; neles gera-se um homem, ali um Padre. E assim, podereis completar e enriquecer a oferta feita a Deus - de um filho e de um filho Padre.



Bem mais difícil seria para nós levar a cabo este acometimento, senão pudéssemos contar com os nossos Padres, que reduzidos em número avantajam-se no zelo pelas obras que visam a glória de Deus.

Tão convencidos estamos, Caros Cooperadores, do amor que tendes a esta obra, que é pedindo permissão, que ousamos solicitar para ela a vossa dedicação.

No lar paterno, sobre os joelhos de nossas santas e queridas mães, balbuciamos, pela primeira vez, o nome de Deus; aprendemos a dirigir-Lhe as nossas primeiras preces; pela primeira vez oferecemos-Lhe os nossos corações inocentes. Para que, porém, mais acelerada e progressiva fosse essa nossa ascensão para Deus - *vado ad Patrem*, - para que O conhecêssemos mais perfeitamente, o amássemos mais ardentemente e mais prontamente, O servíssemos, trocamos, um dia, os nossos lares pelo Seminário. Foi ali que adquirimos a ciência dos livros sagrados e, à sombra do Santuário, as disposições necessárias para podermos subir os degraus do altar e celebrar os mistérios do Senhor.

Para o Seminário, entramos mendigos de ciência e de virtudes positivas. Deu-nos ele conhecimentos para a inteligência, virtude para o coração, só nos deixando de lá sair, quando viu em nossas frentes a riquíssima coroa do sacerdócio.

Assim, levemos para esta empresa o entusiasmo de sacerdotes, demonstrando o quanto nos merecem os Seminários. *Zilus domus tuae comedit me* (Jo. 2, 17).

Tempo houve em que a Igreja exigia que o presbitério fosse uma espécie de pequeno Seminário, em que os Vigários receberiam crianças, preparando-as pela instrução e pelo exemplo, para no futuro exercerem o ministério sacerdotal.

Os Seminários chamando a si este trabalho, não dispensam o interesse, a dedicação dos sacerdotes, para com esta

casa, onde se formam os que irão preencher-lhes as vagas nas renhidas batalhas da conquista da terra para o céu.



Após a clara explanação da importância e necessidade dos Seminários, da urgência em construir o desta Diocese, é natural que, em se considerando as proporções desta obra e o seu vultoso custeio, se faça a seguinte pergunta: De que capital dispõe o Sr. Bispo, ou que oferta considerável recebeu para empreender obra de tanto vulto? Não demoraremos com a resposta. Sentimo-nos bem em dizer que, se capital não temos, possuímos, depois de apoiado em Deus e na excelsa Padroeira desta Diocese, uma ilimitada confiança neste povo generoso e bom, constituindo isto a melhor garantia de êxito, para estas obras que recebem os aplausos de sua fé e a solidariedade de seu patriotismo. Oferta já tivemos e valiosa do Cel. José Jerônimo e sua Exma. esposa, que num gesto bem demonstrativo da grandeza de seus magnânimos corações, doaram à Diocese o terreno necessário para o Seminário e suas dependências.

O que é preciso, agora, é que este exemplo tenha imitadores e venham dádivas consecutivas, até que possamos dizer, com justa e imensa alegria, está feito o Seminário da Diocese de Limoeiro.



Ponhamo-nos a postos.

Para maior eficiência desta cruzada, que redimindo um compromisso, dotará a Diocese de uma fonte perene de vida



espiritual. Havemos por bem determinar: a) que em todas as Paróquias desta Diocese os Revmos. Vigários organizem Comissões, tanto na sede da Freguesia, como nas capelas, para que angariem donativos, interessando neste trabalho de alta finalidade cristã as pessoas de reconhecida piedade e projeção social; b) que estas Comissões permaneçam funcionando enquanto durarem os trabalhos de edificação do Seminário; c) que as esmolas agenciadas sejam enviadas, mensalmente, à Comissão Central, presidida pelo nosso Vigário Geral; d) que durante os trabalhos desta construção seja celebrada, mensalmente, na Catedral, uma Missa pelos benfeitores da obra.

Confessando-nos, desde já, sinceramente agradecido a todos os contribuintes, pedimos a Deus, imensamente generoso, e cuja Providência premeia qualquer bem que se faça, retribua com as suas mais preciosas e fecundas bênçãos os benfeitores desta obra que é inteiramente sua.

Esta nossa Carta será lida nas Matrizes e Capelas públicas desta Diocese, e é nosso desejo que seja também lida no seio das famílias.

Dada e passada nesta cidade de Limoeiro, sob o nosso sinal e selo de nossas armas, aos 12 de junho de 1941, festa de Corpus Christi.

† *Aureliano*, BISPO DE LIMOEIRO

**3<sup>a</sup> CARTA PASTORAL DE DOM  
AURELIANO MATOS**

3ª CARTA PASTORAL -1943  
de Dom Aureliano Matos (Bispo de Limoeiro)  
COMUNICANDO AOS SEUS DIOCESANOS  
AS RESOLUÇÕES DO PRIMEIRO CONGRESSO  
DAS VOCAÇÕES SACERDOTAIS DESTA CIDADE

D. Aureliano Matos, por mercê de Deus e da Santa Sé  
Apostólica, Bispo de Limoeiro.

Ao Revmo. Clero e fiéis da Diocese de Limoeiro,  
saudação, paz e bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Veneráveis Irmãos e Filhos diletíssimos.

Depois de um amável colóquio com os seus discípulos,  
fazendo-lhes oportunas recomendações e dando-lhes os últimos  
conselhos “e terminando de dizer estas coisas foi o Divino  
Mestre elevado à vista deles”. (At. 1,9).

De olhos fitos no céu ficaram os discípulos até que um  
anjo os convidasse a voltarem a Jerusalém.

O Congresso das Vocações Sacerdotais realizado, há  
pouco, na cidade de Aracati, pelo seu esplendor, pela ordem  
observada e, sobretudo, pela grande piedade e espírito de fé  
nele reinantes, de tal modo atraiu quantos ao mesmo assistiram  
que continuamos de olhos fitos e corações voltados para aquele  
cenário, onde avultou transfigurado o sacerdote católico.

Entretanto, é necessário que voltemos a Jerusalém, isto é,  
passemos do êxtase à atividade. Das solenidades encantadoras  
do Congresso aos seus frutos.

Eis porque, Meus Caros Irmãos e Filhos diletos, vimos  
chamar as vossas atenções para as três resoluções que foram  
tomadas naquele memorável certame de fé.

02

Não somente resumem elas as teses que ali foram otimamente desenvolvidas, senão ainda concretizam a finalidade do Congresso.

Ademais, se ao Congresso nem todos desta Diocese puderam comparecer, embora dele participando pela comunhão de crença, entretanto todos devem ter parte em seus frutos, por isso que visam beneficiar não só a Paróquia de Aracati, mas toda a Diocese.

As resoluções colhidas após aqueles dias de estudos, de religiosidade, de intensa vibração de fé, resumem um plano de renovação de vida cristã, de realizações, de feição a abranger todas as Paróquias por favorecer a todas.

Com efeito, sendo o fim do Congresso conseguir o aumento de vocações sacerdotais e, conseqüentemente, os meios de ampará-las, é óbvio que este objetivo, quando atingido, leve os seus benefícios a todos os habitantes desta Diocese.

#### **1ª Resolução:** Cristianização das Famílias

Uma terra boa é indispensável para que nela possa germinar, sem empecilhos, a semente da vocação sacerdotal. Daqui, a primeira resolução - Cristianização das Famílias.

Lar sem virtudes cristãs, sem piedade, sem fé, sem espírito de sacrifícios e de renúncias, sem temor de Deus; lar onde reina o egoísmo, onde domina o desejo do prazer, com o desprezo mesmo dos mandamentos divinos, onde impera a cobiça, o amor do ouro, onde se vive mais para o corpo que para a alma, onde a terra tem mais encantos e atrativos que o céu, êste lar não é o terreno apropriado a receber o germe da vocação divina.

Os pecados e vícios que ali ostentam sinistra exuberância levam o Semeador Divino a passar adiante, de mãos fechadas, deixando-o estéril para a colheita bendita de frutos opímos, quais sejam sacerdotes santos.

A semente não falta, porquanto sendo o sacerdote o instrumento necessário para a salvação dos homens, Deus lhos dá em proporção às suas necessidades. O que falta, pois, é o terreno apto para recebê-la.

Não é pessimismo dizer-se que infelizmente as nossas famílias já não atraem para si, por suas virtudes, a graça especial de vocações sacerdotais.

O espírito pagão infiltra-se em seu seio, destruindo costumes austeros e cristãos e criando hábitos de indiferentismo religioso e mesmo pecaminosos. Inoculando-lhes o veneno de teorias perigosas, corroi o cerne da árvore gigantesca da família, reduzindo-a simples esqueleto triste e inexpressivo.

De remanso feliz de paz e amor, passam os lares a um ponto de ligeiras e desinteressadas reuniões.

Urge, pois, que se cristianizem os lares pela prática das virtudes que ali devem ser praticadas por todos os seus membros. Pelos pais - esteios do lar, e não só pelas mães, abraçando eles suas obrigações com espírito de sacrifício, vivendo mais para a família do que para si próprios; pelos filhos - razão de ser do lar, e que pelas suas virtudes se constituam uma coroa de glórias dos pais, e não de espinhos.

Apontaremos apenas alguns dos meios de real eficácia, para se conseguir que os lares, em se santificando, se tornem sementeiras de vocações sacerdotais.

Antes de mais, é indispensável que dele se afaste o pecado, sobretudo aquele que na sua hediondez e gravidade atrai a maldição de Deus para o lar, como seja o da limitação da natalidade.

Privam-se muitos pais de terem a glória, a felicidade de possuir um filho Padre, porque lhe negaram a vida, quando Deus o esperava para chamá-lo ao sacerdócio.

04

Já agora libertado de vícios, contraíam-se no lar hábitos cristãos. A oração, a recitação do terço em comum, enchem-no de um aroma de piedade, atraindo o orvalho celeste da graça.

A visita ao SS. Sacramento, a comunhão freqüente dos membros da família transformam o lar em um cenáculo, onde se parte e se distribui quotidianamente o pão da caridade.

O espírito de sacrifício, de renúncia, de mansidão traz ao lar um ambiente de paz e harmonia que bem lembra o da Sagrada Família, onde viveu Jesus Cristo, o Sacerdote Eterno.

No púlpito, no confessionário, nas palestras, por toda a parte, “*opportune et inopportune*”, pregai, Caros Cooperadores, a santificação dos lares.

Com famílias assim enriquecidas de virtudes, de costumes calcados nos mandamentos da lei de Deus e da Santa Igreja, iluminados pelo sol da verdade evangélica, teremos o ambiente propício para o desenvolvimento do germe divino da vocação sacerdotal.

**2ª Resolução:** O maior incremento da Obra das Vocações Sacerdotais

Quando ainda Cardeal, em 1932, na Igreja della Trinita dei Monti, em monumental discurso, Pio XII fez sentir que a causa das Vocações Sacerdotais era a mesma causa de Deus e da Igreja.

E assim é que, subindo depois ao sólio Pontifício deu a I esta obra todo o seu apoio moral e material.

Com efeito, em 4 de novembro de 1941, com o Motu Proprio “*Cum Nobis*” instituiu junto da sagrada Congregação dos Seminários e das Universidades dos Estados a Obra das Vocações Sacerdotais, elevando-a à Obra Pontifícia.

Com este ato, como observa um comentarista, quis intensificar nos fiéis, por todos os meios, mas principalmente

em todas as obras existentes nas Dioceses, o desejo de promover, zelar e auxiliar as Vocações Sacerdotais; divulgar a reta consciência da dignidade e da necessidade do sacerdócio católico, unir os fiéis de todo o mundo em comunhão de preces e pias práticas.

Já não é, pois, uma obra de zelo particular, e sim uma obra da Igreja.

A obra das vocações sacerdotais, tendo por raio de ação o universo todo, vem, no entanto, ao encontro de uma das grandes necessidades de nossa Pátria e, particularmente, desta Diocese.

E por isto, não devemos ver nela apenas uma obra da Igreja para atender, de um modo geral, as suas necessidades, porém, uma organização que visa beneficiar, principalmente, países como o nosso, onde escasseiam as vocações sacerdotais entre as famílias abastadas. É de lamentar que se não tenha ainda compreendido bem o alcance desta obra e lhe dado, por isto, a devida importância.

É um remédio que visa debelar ou pelo menos atenuar um mal que, sendo quase universal, se acentuando vem em nossa querida pátria: a ausência de vocações sacerdotais.

Conhecido este, evidenciada a eficácia do remédio e não querer a sua aplicação, é ser cúmplice no desaparecimento da fé e da vida cristã do nosso povo.

É ser indiferente ao desmoronamento espiritual e mesmo social, de uma nação que se organizou e se civilizou sob o influxo do catolicismo.

É ser insensível ao anoitecer nas almas pelo morrer do solo, porquanto o sacerdote é luz do mundo: "*Vos estis lux mundi*"; insensível à corrupção dos costumes pela carência do sal que as imuniza; "*Vos estis sal terrae*" (Mat. V, 13-14).

É assistir apaticamente ao silenciar dos sinos nas Matrizes, ao despovoar das igrejas, ao calar dos púlpitos, ao abandonar dos altares, ao morrer da Religião em nosso meio.

É certo que, por si só, esta obra não resolve o problema da falta de sacerdotes. Não estão eles em proporção aos recursos financeiros que ela pode conseguir. Dioceses há onde ela é próspera, no entanto, escasseiam vocações. Eis porque a primeira resolução do Congresso foi atrair as bênçãos de Deus para as famílias, a fim de que possam elas suscitar as vocações que vão merecer o amparo desta obra.

E tanto mais isto é verdade, quanto sabemos que as vocações diminuem na proporção em que as famílias se deixam imbuir, mais ou menos, do espírito mundano, com detrimento do espírito cristão. Quando a onda de civilização paganizada invadir os sertões, o que já começou, quando por toda parte tivermos cinemas sem censura criteriosa, modas sem recato, programas de rádio organizados por pessoas inescrupulosas e, por isto, ridicularizando o que temos de mais sagrado como as nossas tradições cristãs, honradez da família, etc.; quando a jogatina, campeando livremente, começar a generalizar a ruína das famílias, o que já vai realizando em particular; quando o mau livro, a má revista penetrarem os lares sertanejos, ali mesmo começarão de escassear as vocações sacerdotais.

Graças a Deus, porém, não são ainda as nossas famílias rurais a figueira estéril- de que nos fala o Evangelho. Produzem regularmente frutos de vocações sacerdotais.

Assim, assiste-nos o dever de abraçar com carinho esta obra e ampará-la na medida de nossas forças. ..

Não se trata, pois, de devoção, e sim de obrigação.

O problema das vocações sacerdotais está de tal maneira ligado ao da nossa salvação que se tornam inseparáveis: um supondo sempre o outro.



O sacerdócio implica a salvação das almas, razão de ser de sua existência, porquanto foi instituído para continuar a missão de Cristo sobre a terra, e que outra não é senão levar os pecadores ao céu. Enquanto isto, a nossa salvação operasse pela aplicação dos frutos da Paixão e Morte do Redentor, o que é trabalho privativo do sacerdote católico.

Se é dever precípuo de todo católico esforçar-se pelo maior incremento das vocações sacerdotais, esta obrigação sobe de ponto para nós, uma vez que elas aparecem, em maior número, entre famílias pobres, necessitadas, portanto, de auxílios para o seu aproveitamento.

Com efeito, dos vinte e tantos alunos que temos no Seminário, bem poucos são os que podem dispensar o auxílio da Obra de Vocações.

Com satisfação podemos verificar que em nosso querido Ceará não são elas raras.

Deste modo, a O. V.S. entre nós tem um vasto campo para a sua benéfica ação.

E neste caso, é indispensável aparelhar-se para que possa realizar um programa que traga, ao menos em parte, a solução do problema angustioso de nossa Pátria e desta Diocese a falta de sacerdotes.

O Congresso das Vocações Sacerdotais a que vimos de assistir, visou não só despertar vocações, senão ainda preparar-nos a fim de ampará-las, o que significa dizer que teve em mira também o desenvolvimento da O. V. S. nesta Diocese.

Cumpre-nos, pois, dar nova vida, novo entusiasmo aos centros da O. V. S. já existentes, e fundar novos.

Como fruto do Congresso, desejamos, pois, que sejam estabelecidos centros de vocações sacerdotais em todas as Matrizes, capelas, escolas, fábricas e demais centros de atividades sócio-religiosas.

Seria sobremodo consolador para nós se todas as Paróquias desta Diocese iniciassem a fundação de uma bolsa das Vocações Sacerdotais, abrindo para isto, embora com pequena quantia, uma caderneta em um banco.

Esta nossa sugestão, transformada em realidade, seria um dos mais eficientes frutos do Congresso.

### **3ª Resolução:** Construção do Seminário Diocesano

A vocação sacerdotal, sendo de início pequena semente a brotar no seio das famílias cristãs, cujas virtudes as tornaram merecedoras desta excepcional graça, exige um ambiente próprio ao seu desenvolvimento: clima puro, isento de emanções mefíticas de um mundo corrompido; luz e calor, estorvantes de uma clorose precoce, mas que sejam desprendidos do sol da verdade evangélica; seiva abundante, mas oriunda de uma fonte pura, qual seja a da virtude.

Este ambiente de propriedades tão peculiares é o Seminário.

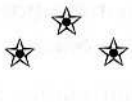
Pedindo a Deus vocações sacerdotais, e procurando aparelhar-nos a fim de ampará-las, dando, para isto, maior incremento à O. V. S., não poderíamos deixar desinteressada a construção do Seminário Diocesano. Ademais, já contamos com mais de 20 alunos do Seminário de Fortaleza, esperando ver este número crescer de muito com o funcionamento deste estabelecimento em nossa Diocese.

Excusamo-nos de nos alongar sobre este assunto por já havermos feito em Carta Pastoral de 12 de junho de 1941, na qual solicitamos de nossos diocesanos auxílio para a construção do Seminário desta Diocese.

Resta-nos, apenas, recomendar-vos a leitura deste documento.

Assim, determinamos que depois de publicadas e explicadas as duas primeiras resoluções do Congresso, renovem os Revmos. Srs. Vigários e Capelães, nas Missas Conventuais, a leitura dessa nossa Carta Pastoral, explicando as partes que mais interessam ao caso vigente. E como os nossos Seminários só podem receber crianças que já atingiram uma certa idade e que já tenham alguns estudos, oportuno se nos parece lembrar, com muito empenho, aos Revmos. Srs. Párocos o que determina o C.D.C. c.1353: Esforcem-se os sacerdotes, sobretudo párocos, para que os jovens, que apresentem indícios de vocação eclesiástica, sejam afastados dos perigos do mundo, e os informem na piedade, e, com os primeiros estudos das letras, neles procurem desenvolver o germe da divina vocação.

Para isto seria de muito alcance que houvesse para estas crianças algum regulamento cuja observância fosse uma guarda da sua vocação.



Com satisfação apresentamos aos nossos queridos diocesanos estas resoluções do primeiro Congresso das Vocações Sacerdotais nesta Diocese, para que, em as conhecendo, tomem por elas o máximo interesse, na expectativa em que ficamos de que vê-las conhecidas é vê-las realizadas.

E temos motivos para isto.

Um Congresso pode dividir-se em três partes: a que o precede e que poderíamos chamar preparação remota; o Congresso propriamente dito e, por último, a que se lhe segue, ou melhor, suas conclusões ou frutos.

Destas, as mais importantes, embora menos conhecidas, são a primeira e a última. O triunfo de um Congresso, com a finalidade deste, depende da preparação que teve. E êste trabalho demanda muitos anos.

Um povo instruído em sua religião e, por isto mesmo, amigo da Igreja, devotado à sua causa, é um povo preparado para estes grandes certames de fé. E foi o que verificamos, com alegria, em Aracati.

Um entusiasmo sadio, oriundo, não tanto da novidade daquele movimento, mas da fé esclarecida do povo, era a nota dominante. E isto deve-se ao zêlo persistente de seu Vigário.

Com esta preparação remota, fácil foi a execução do Congresso, e difícil não será, portanto, colherem-se os frutos que já começaram a amadurecer.

Com efeito, com grande consolação, pudemos observar que a finalidade do Congresso era o que realmente empolgava os congressistas.

Com que interesse eram ouvidas e comentadas as teses!

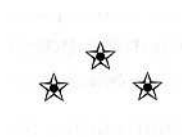
Com que angústia eram recebidas as estatísticas demonstrando a escassez do clero!

A gravidade, o silêncio por todos observado, demonstravam que os congressistas estavam possuídos da grandeza, importância e atualidade do problema que ali se discutia, procurando solução.

Sentia-se como todos se compenetravam da responsabilidade que lhes cabia nesta situação anormal de um país de quarenta milhões de católicos com um reduzido número de sacerdotes para atender as suas necessidades espirituais.

É de esperar, pois, que nossas famílias, já agora esclarecidas sôbre êste momentoso problema, se interessem em

solucioná-lo, o que vem a ser, levem uma vida profundamente cristã, expurgada de vícios e preconceitos e saturada do espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que se transformem os lares em mimosos vergeis de vocações sacerdotais.



A Obra das Vocações Sacerdotais, hoje Obra Pontifícia, que já vinha merecendo, nesta Diocese, o carinho e dedicação dos Revmos. Srs. Padres e do.s bons católicos, incluída como um dos frutos do Congresso, terá, por certo, um apoio mais franco, mais interessado, mais eficiente de todos quantos desejam ver, e são todos os católicos, nossa Diocese servida por um maior número de sacerdotes, desde que é ela o meio prático de proteger as vocações.

Recebendo do Congresso um caloroso incentivo, esta obra torna-se a garantia segura das vocações brotadas em corações de criancinhas pobres desta Diocese.

A crise financeira que vimos atravessando, com quase três anos de seca na zona jaguaribana, traria, por certo, forte desânimo a quem tentasse iniciar ou continuar qualquer obra de vulto em que indispensável fosse o concurso do povo, se não soubesse que dessas há que mais necessitam de entusiasmo, fé, patriotismo, que de tudo mais.

E neste caso está o Seminário.

Conquanto tudo nos escasseie, o Seminário, que teve assentada a sua primeira pedra em 29 de setembro de 1941, já se ergue de alguns metros, porque no coração do cearense jamais se esgota a generosidade e esta obra firma-se na fé do povo.

Com a finalidade que tem, não poderia o Seminário escapar às cogitações do nosso Congresso.

De fato, deixando o Congresso fortes esperanças de que nesta Diocese o problema das vocações sacerdotais seria encarado com mais carinho, procurando-se solucioná-lo, não poderia negar ao Seminário o seu alentador estímulo, avivando no coração de todos o desejo de vê-lo concluído quanto antes.

Deste modo esperamos ver coroado o nosso último apelo feito aos proprietários de carnaubais, o qual por estas nossas letras fazemos extensivo a todos desta Diocese no sentido de nos enviarem as Primícias do corte neste ano de 1943.



Estas resoluções que aqui ficam ao calor de vossa fé e ao abrigo de vossa generosidade, para se transformarem de crisálida de urna esperança em lepidóperos de urna realização, não são os únicos frutos do Congresso, porquanto abundantes foram os de efeito imediato: muitas conversões, grande soerguimento de fé, demonstrado nas vinte mil comunhões havidas naqueles poucos dias, magnífica prova de afirmação de crença, nas 1.550 comunhões de homens na Missa de meia noite do dia 5, convincente afirmativa da disciplina e espírito de ordem do nosso povo, no respeito, atenção e interesse observados nas sessões de estudo e do plenário e, finalmente, a exuberante asseveração do nosso amor acendrado a Jesus Eucarístico, na empolgante procissão de encerramento.

No longo percurso de 19 quilômetros, quer no trajeto fluvial, em que mais de 50 embarcações com suas velas brancas faziam o cortejo ao Senhor dos mares, quer em seu desembarque, onde, em meio daquela onda humana, delirante

de entusiasmo, se viam homens que choravam de alegria, quer em todas as ruas da cidade, onde ininterruptas eram as aclamações, culminando na praça do Congresso com um hino de intensa vibração de fé e patriotismo, que ecoará através de toda esta geração pelo vale jaguaribano afora, num atestado às gerações futuras da fé robusta do povo deste ubérrimo rincão cearense.



Antes de darmos por concluída esta Nossa Carta Pastoral, queremos pedir aos nossos amados diocesanos as suas fervorosas orações pelas resoluções do Congresso, bem como pelas demais obras diocesanas. Para isto desejamos que se estabeleça um rodízio de orações, com todas as Paróquias, conforme explicação à parte.

Com este laus perene haverá diariamente um grupo de fiéis em contínua reparação a Nosso Senhor e ininterruptas súplicas ao amoroso Coração de Jesus.



Já é tempo de pronunciarmos a última palavra de encerramento a estas letras que tiveram por escopo dilatar por toda a Diocese os esplendores do Congresso, expandindo a luz que ali brilhou intensamente; derramando por toda ela o entusiasmo santo e oportuno daqueles dias de fervor cristão, espalhando por todas as Paróquias, ou melhor, por todas as famílias, a faísca do grande incêndio de amor a Jesus Cristo, na pessoa de seu legítimo representante, o sacerdote católico.

E como de olhos fitos no altar monumento do Congresso iniciamos esta Nossa Carta, olhando aquela cruz, em torno da

qual estivemos reunidos em aqueles memoráveis dias, queremos terminá-la.

Da cruz veio a Redenção do mundo. Dela, em cujo centro se ostentava a imagem do nosso querido Brasil, como abraçando-o para salvá-lo do horroroso cataclismo social que ameaça desmoronar o universo; retendo-o como uma conquista sua, que realmente o é desde o seu descobrimento, desta cruz venham para a Paróquia de Aracati, para as suas famílias, senão o mesmo sangue que jorrou no cal vário, e que nos dias do Congresso lavou as consciências e alimentou as almas, venham chuvas de bênçãos para que aquela terra que já liderou o movimento de vocações sacerdotais no vale jaguaribano, volte a dar a Nosso Senhor, em abundância, obreiros para a sua vinha.

Deixamos aqui, de par com o nosso agradecimento, nossa bênção a quantos trabalharam por que Nosso Senhor tivesse naquele Congresso grandes reparações, firmes provas de fé e piedade.

A bênção de Deus Onipotente † Padre † Filho e † Espírito Santo desça sobre vós e permaneça sempre.

Dada e passada nesta cidade de Limoeiro, sob o nosso sinal e selo de nossas armas, aos 29 de setembro de 1943, festa da Dedicção de S. Miguel Arcanjo e aniversário da nossa sagração.

† Aureliano, BISPO DE LIMOEIRO

#### MANDAMENTO:

Seja esta Nossa Carta Pastoral lida e explicada aos fiéis em todas as Matrizas, capelas, oratórios públicos e semi-públicos, nas casas religiosas, bem como nos lares cristãos, para que, cientes do seu conteúdo, se esforcem por observá-lo, o que lhes trará muitas bênçãos de Deus.

† Aureliano, BISPO DE LIMOEIRO



**4<sup>a</sup> CARTA PASTORAL DE DOM  
AURELIANO MATOS**

4ª CARTA PASTORAL -1954  
de Dom Aureliano Matos (Bispo de Limoeiro)

COMUNICANDO AOS SEUS DIOCESANOS  
A REALIZAÇÃO, DE 4 A 8 DE DEZEMBRO  
DE 1954, DO PRIMEIRO CONGRESSO  
EUCARÍSTICO DIOCESANO, COMEMORANDO  
O CENTENÁRIO DO DOGMA DA IMACULADA  
CONCEIÇÃO E EM PREPARAÇÃO AO  
CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL  
DE 1955

D. Aureliano Matos, por mercê de Deus e da Santa Sé  
Apostólica, Bispo de Limoeiro.

Ao Revmo. Clero e fiéis da Diocese de Limoeiro,  
saudação, paz e bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Veneráveis Irmãos e Filhos diletíssimos.

#### MAIS UM SANTO EM NOSSOS ALTARES

Possuído da mais viva emoção, escrevemo-nos neste dia  
de grande júbilo para a Santa Igreja -o dia em que nos dá  
mais um santo para os nossos altares, com a canonização do  
Santo Padre, o Papa Pio X.

Com a Santa Igreja, todos nós estamos de parabéns por  
ver que, apesar da onda de misérias físicas e morais que avas-  
sala o mundo, trazendo-lhe dias de graves apreensões e profun-  
das tristezas, ainda são grandes as alegrias que inundam a al-  
ma da cristandade. É que a religião cristã não envelhece; é  
sempre rica de seiva de vitalidade.

E enquanto nos rejubilamos com S. Pio X, o Papa da Eucaristia, vimos proporcionar-vos uma nova alegria.

### SÉCULO DE MARIA

Estamos, incontestavelmente, no século de Maria Santíssima, tão grandes têm sido os seus triunfos, tão assinalada a sua atuação na vida dos homens, como sua protetora, sua advogada, sua mãe enfim. Sua peregrinação, nestes últimos anos, através do mundo, ou melhor, para a conquista do mundo, se foi uma imponente marcha triunfal, jamais registrada na história dos povos cristãos, e até pagãos, foi sobretudo uma farta sementeira de graças, de favores, e mesmo de milagres, com uma rápida e abundante colheita de frutos espirituais, numa verdadeira revolução de almas a se lançarem nos braços de Seu Divino Filho, Nosso Senhor.

E, se é o século de Maria, deve ser também o nosso, pela participação de suas vitórias, como filhos seus que somos, o que devemos demonstrar com entusiasmo e alegria.

### CONGRESSO EUCARÍSTICO DIOCESANO

É, assim, já agora, em pleno prosseguimento do Ano Marial vimos anunciar com grande satisfação aos nossos queridos diocesanos o magno acontecimento do Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, a realizar-se de 4 a 8 de dezembro próximo, nesta cidade episcopal de Limoeiro do Norte.

Outros congressos já foram celebrados nesta Diocese, aliás com invulgar brilhantismo e confortante proveito espiritual, como o das Vocações Sacerdotais, em Aracati, em 1943, e o Congresso Eucarístico de Russas, em 1944, comemorando o Centenário do Apostolado da Oração. Todos eles, porém, porque paroquiais não expressavam ainda o sentir unânime de

catolicidade de toda a população desta vasta região, abrangida pela nossa Diocese, se bem que, para ali, tenham afluído fiéis de todos os pontos desta circunscrição.

Agora, já não é apenas uma paróquia, a de Limoeiro, todo o Baixo-Jaguaribe, são as suas doze paróquias, com seus duzentos mil habitantes, desde os alcantilados píncaros da aprazível serra do Pereiro, até as brancas praias de Icapuí, que numa empolgante arrancada de fé vem celebrar as glórias de Maria aos pés de Jesus Sacramentado num fervoroso Congresso Eucarístico.

#### FINS DO CONGRESSO

Com esta comunicação, estamos, igualmente, convidando todos os nossos amados diocesanos a participarem espiritualmente e pessoalmente deste acontecimento que tem dupla finalidade.

Como primeiro motivo temos a comemorar o Centenário da Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição, em devotada obediência à Encíclica “Fulgens corona”, do Santo Padre Pio XII, de 8 de setembro de 1953.

Estando nossa estremecida Pátria empenhada na preparação do grande Congresso Eucarístico Internacional de 1955, no Rio de Janeiro, com o qual mostrará aos povos de todo o universo o alto grau de religiosidade desta grande nação, que se ufana do seu batismo cristão no mesmo dia de seu descobrimento, e que também se orgulha de suas gloriosas tradições cristãs, o nosso Congresso Eucarístico terá como segundo motivo a preparação de nossa Diocese para aquele auspicioso acontecimento.

Encerrando o nosso Congresso as manifestações religiosas que estão sendo efetuadas num ritmo progressivo de fé e piedade em todas as Paróquias, em honra de Nossa Senhora,

durante este Ano Marial, será ele o ápice destas espontâneas manifestações, numa homenagem grandiosa de nossa fé ao Dogma da Imaculada Conceição e o tributo de nosso amor filial a Maria Santíssima.

#### SEMANA NACIONAL DA J.A.C.F.

Cumpramos, igualmente, que atendendo a um desejo do Secretariado Nacional da JACF, será também levada a efeito, nesta cidade, de 1 a 4 de dezembro, a 1ª Semana Nacional de Assistentes e Dirigentes Jacistas. Sendo esta Diocese uma das primeiras a iniciar este movimento de Ação Católica, junto à juventude rural, esta escolha, que tanto nos honra, constitui um estímulo para que continuemos a trabalhar sem desfalecimento nesta patriótica missão que, se bem compreendida e executada, trará, em parte, a redenção dos campos.

#### MARIA CORREDENTORA

Quando Maria Santíssima, recebendo do Arcanjo a Mensagem de Deus Pai, pronunciou o Fiat de salvação, consentindo que o Verbo se encarnasse em seu virginal seio, tornou-se, desde aquele instante, credora da nossa eterna gratidão, bem merecendo ser chamada a Corredentora do gênero humano. E quando, no ocaso lento daquele dia, que se envolveu nas trevas hediondas de nefando deicídio, Jesus nos dá, do alto do patíbulo da cruz, por mãe sua própria Mãe, nos tornamos, desde então, credores de seu amor maternal, como filhos seus que passamos a ser.

Tem Ela, pois, todo o direito à nossa mais profunda gratidão e ao nosso mais sublimado amor, enquanto nos assiste o dever de celebrar, com todo entusiasmo e amor filial, as suas glórias eternas.

Em ofuscantes cintilações refulge de sua coroa de Soberana Rainha a gema preciosa de sua Conceição Imaculada, cujo dogma, há cem anos proclamado, queremos comemorar com um Congresso Eucarístico, pedindo antes, porém, sua bênção maternal.

Em sua proteção repousa a salvação da cristandade, e para cada um de nós é sinal de predestinação a nossa devoção para com Ela.

#### MONUMENTO A NOSSA SENHORA

Por certo, o Congresso Eucarístico, em toda sua estrutura e magnificente pompa, realçará o grande privilégio da Mãe de Deus - Sua Conceição Imaculada, mas queremos que fique concretizado no granito indestrutível a homenagem solene de nossa fé a este Dogma de nossa augusta Religião. Assim, na praça do Congresso será inaugurado, no dia 8 de dezembro um monumento da Imagem de Nossa Senhora da Assunção. em harmonia com um movimento que se processa em todo o Brasil. É que o Dogma da Assunção de Nossa Senhora ao céu, na integridade de sua pessoa, é uma conseqüência lógica de sua Conceição Imaculada, como esta é de sua maternidade divina.

#### BÊNÇÃO DO SEMINÁRIO

Nesta imponente manifestação de amor filial, que o Congresso magnificamente expressa, deve realçar, para gáudio de nossas famílias cristãs, como a maior dádiva que a Padroeira da Diocese lhe fez e que constitui sua maior glória - O Seminário Diocesano.

Com efeito, o maior empenho de Maria Santíssima é que sejam distribuídos, a mãos cheias, os frutos que seu Divino Filho alcançou para nós com a sua dolorosa Paixão e Morte.

Esta fonte perene de graças e perdões, que salvificamente se abriu no topo do Calvário para irrigar os corações, fertilizando-os, fecundando-os para a magnífica colheita de virtudes, ficaria ineficiente se não houvesse quem canalizasse suas maravilhosas águas para o campo sedento das almas. E este é o trabalho insubstituível do sacerdote cristão. E o sacerdote é o fruto mirífico do Seminário. E o Seminário é o Cenáculo que Maria Santíssima preside, para que continue saindo dali novos apóstolos, outros Cristos, “*sacerdos alter Christus*”, por Ela abençoados, por Ela assistidos, por Ela amados, pois, neles vê, constantemente, a pessoa de seu amado Filho, Sacerdote Eterno.

Assim, a bênção litúrgica do nosso Seminário Diocesano Cúra d' Ars, que constituirá a nota mais significativa do Congresso, será oficiada por S. Exa. Revma., o Sr. Arcebispo Metropolitano, Dom Antonio de Almeida Lustosa, no dia 8 de dezembro.

#### PREPARAÇÃO PARA O CONGRESSO

Um movimento deste porte, como seja um Congresso, exigindo longa preparação, de há muito já deveria ter sido anunciado. Mas, se não o fizemos foi aguardando a decisão do inverno, que nesta zona muito tardou. Entretanto, o que perdemos em extensão, podemos recuperar em intensidade. Vamos todos, pois, com entusiasmo e fervor dedicar-nos à preparação do nosso congresso Eucarístico. Para isto, além desses exercícios de piedade programados para este Ano Marial, haverá em todas as Paróquias um Tríduo Eucarístico, estando encarregado de pregá-los os nossos Missionários. Os Vigários deverão entender-se com o Diretor das Missões, Pe. Pedro Vermellen. Na sede da Diocese será pregada uma grande missão, nos fins de novembro, como preparação próxima do Congresso, por missionários Redentoristas de Pernambuco, reconhecidos em todo o país, como grandes preparadores.

## COMISSÕES

Para não sobrecarregar demasiado um grupo, de pessoas delicadas, o trabalho, tanto da preparação como da próxima e da execução do Congresso, ficará dividida por diversas comissões. Da dedicação, do trabalho persistente destas comissões depende, em grande parte, o êxito do Congresso. Daqui, o nosso apelo para que todos os componentes das comissões dêem o máximo de seu devotamento.

## CONCLUINDO

Nosso Congresso deverá ser o comprovante da religiosidade de toda a população do Baixo-Jaguaribe, que tem em Cristo Eucarístico o sol que a ilumina e aquece na jornada em busca do céu, e em Maria Santíssima seu amparo e fortaleza. “Auxilium christianorum”.

E, finalmente, como a criancinha que aprende de sua própria mãe as palavras e expressões carinhosas com que deve saudá-la, assim também, nós seus filhos, pequeninos em conhecimentos e virtudes, queremos pedir-lhe que nos oriente, nos ensine como devemos louvá-la, reverenciá-la neste Congresso, em que nos rejubilaremos com Jesus, seu Divino Filho e nosso Salvador, oculto na pequenina Hóstia consagrada, em torno da qual estaremos reunidos, em preces e orações nesses dias de bênçãos e graças.

Fazendo esta comunicação no encerramento deste mês consagrado a Maria Santíssima, a Ela entregamos o nosso Congresso, para que possa ele contribuir eficientemente para um integral renascimento cristão em nossa Diocese, pois, como disse o Santo Padre Papa Pio XII – “não se vê outra salvação para a humanidade fora da reconstrução do mundo, seguindo o espírito cristão”.



Deixamos, aqui, de par com o nosso convite, a nossa bênção a todos quantos vierem trabalhar conosco neste grande certame de fé e piedade.

A bênção de Deus Onipotente † Padre † Filho e † Espírito Santo desça sobre vós e permaneça sempre.

Dada e passada nesta cidade de Limoeiro do Norte, sob nosso sinal e selo de nossas armas, aos 29 de maio do Ano Marial de 1954, dia da Canonização de São Pio X.

†  
Aureliano, BISPO DE LIMOEIRO

#### MANDAMENTO

Seja esta nossa CARTA PASTORAL lida aos fiéis em todas as Matrizas, Capelas e Oratórios públicos e semi-públicos, e registrada no Livro do Tombo de todas as paróquias desta Diocese.

Limoeiro do Norte, 29 de maio de 1954.

†  
Aureliano, BISPO DE LIMOEIRO

**5ª CARTA PASTORAL DE DOM  
AURELIANO MATOS**

5ª CARTA PASTORAL -1965  
de Dom Aureliano Matos (Bispo de Limoeiro)  
A PRESENÇA DA IGREJA NA ATUAL  
TRANSFORMAÇÃO ECONÔMICO-SOCIAL  
DO VALE JAGUARIBANO

D. Aureliano Matos, por mercê de Deus e da Santa Sé  
Apostólica, Bispo de Limoeiro.

Ao Revmo. Clero e fiéis da Diocese de Limoeiro,  
saudação, paz e bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Revmos. Srs. Padres.

O ELDORADO DO NORDESTE

O ubertoso vale jaguaribano há séculos vem desafiando a inteligência e a capacidade realizadora de nossos governos. Aí se encontrava à espera de um convênio providencial entre a terra e o homem, capaz de trazer a redenção econômica para seus milhares de habitantes. Entraria o Vale com o potencial imenso de suas riquezas naturais e humanas e o governo com a técnica e o capital.

A construção da tão decantada barragem do Orós foi o primeiro passo para o atendimento desta secular aspiração. Mas isto era muito e era pouco. Muito, se levamos em conta o colossal represamento d'água indispensável a qualquer trabalho de envergadura para a valorização econômica do Vale. Pouco, se atendermos aos requisitos técnicos exigidos para a utilização de Orós em benefício do Vale.

Mas eis que chegou a hora do Vale Jaguaribano. A SUDENE com a cooperação do Governo do Estado e a Missão Francesa responderá ao desafio deste imenso e fértil Vale. E

02

graças a este trabalho, que será realizado de acordo com as técnicas mais modernas, poderá ele ser transformado no Eldorado do Nordeste.

Sérios, profundos e completos estudos precederam esta fase que ora se inicia de aproveitamento das riquezas do Vale e de educação do homem que o habita para o desenvolvimento.

Aqui cabe, então, nossa pergunta: Qual a atitude da Igreja frente a esta planejada transformação do Vale?

#### DIOCESE NITIDAMENTE RURAL

Uma das importantes conclusões a que chegou o sociólogo Frei Rolim, em seu recente trabalho sócio-religioso sobre o Baixo Jaguaribe, foi que a Diocese de Limoeiro do Norte, que compreende toda a zona do Baixo Jaguaribe, é marcadamente rural. Suas cidades são quase inexpressivas e de características rurais. Verdadeiros prolongamentos do campo. Nem sequer conseguiram atrair para si as populações que se derramam em seu derredor, em suas ricas várzeas, como podemos facilmente verificar percorrendo a populosa várzea entre Limoeiro e Russas.

Aliás, não vejo com tristeza este fenômeno. Pelo contrário, o constato com alegria. Os grandes benefícios materiais que podem advir da vida nos centros citadinos, são infelizmente neutralizados pelos problemas morais que neles se criam, pelos escândalos que aí facilmente se estampam e pelo clima materialista que neles se respira.

#### UMA PASTORAL DE TRANSIÇÃO DO SUBDESENVOLVIMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO

Estando portanto a população desta zona localizada em sua grande maioria no campo, urge perguntar onde e como

03

será nossa ação pastoral, responsáveis que somos por seus destinos espirituais agora que é iminente uma radical transformação econômico-social do Vale, graças a este notável empreendimento já em execução, da SUDENE.

Por certo que este grandioso trabalho de soerguimento econômico do Vale abrangerá de logo os setores agrícola, industrial e de serviço. Teremos assim, em breve, uma profunda transformação, não apenas da fisionomia material da região, como sobretudo da mentalidade de seus habitantes, de seus hábitos e costumes. Mudança em consonância com o progresso econômico-social que irá sacudir todo o Vale, influenciando diretamente em todas as suas atividades.

A transição de uma economia agrária com suas técnicas atrasadas e estruturas superadas para uma economia industrial e comercial com técnicas e estruturas altamente especializadas numa transformação no campo cultural e social, com suas repercussões inevitáveis no comportamento religioso de sua população.

A transição de uma sociedade fechada e paternalista para uma sociedade aberta e pluralista irá exigir de nós uma nova orientação pastoral. Será que a mentalidade e a formação católicas de nosso rurícola permanecerão inalteradas ao impacto que por certo virá, quando se rasgarem as cortinas que cerravam o Vale, desvendando-se aos olhos atônitos e maravilhados do camponês novos horizontes?!

Parodiando um cronista que dizia – “um novo Brasil está para nascer” - afirmamos nós - uma nova zona jaguaribana está para surgir, graças ao prodígio da técnica e marcada por nova expressão cultural.

E neste momento histórico para o nosso Vale se torna indispensável e decisiva a presença da Igreja. Pois, estas transformações por que estão passando o Nordeste e todo o país determinarão o futuro do catolicismo no Brasil.

Preparemo-nos para uma pastoral especializada. Uma pastoral dos quadros técnicos e das novas estruturas. Uma pastoral que leve em conta a formação de líderes que animem o sindicalismo, o cooperativismo, etc. É preciso que o homem do vale no acordar para sua redenção econômica sinta a presença da Igreja, para que o progresso econômico e cultural não empane o brilho de sua fé, que o orientou em toda a trajetória de sua vida. Urge uma pastoral mais em profundidade do que em extensão. Uma pastoral voltada para a educação de uma fé adulta, capaz de infundir o fermento evangélico num mundo em transformação.

Já é sobejamente conhecido o interesse de nossos vigários pela solução dos problemas de toda ordem que afligem seus paroquianos. Agora, porém, está se pedindo maior dedicação e maior esforço. É indispensável que conheçam o gigantesco plano de valorização do Vale. Ponham-se em contato com os executores deste empreendimento, acompanhando de perto seu andamento, e contribuam para seu sucesso, especialmente no tocante à educação do homem para esta transformação. Não deixemos que o soerguimento econômico do Vale se faça com o prejuízo de seus valores espirituais e com o arrefecimento da fé de seu povo. Que os executores deste plano sintam sempre a valiosa cooperação da ação da Igreja, oportuna e indispensável.

#### DESENVOLVIMENTO EQUILIBRADO, VISANDO O BEM-ESTAR DE TODOS

Não queremos para o Vale a riqueza pela riqueza, pois separada de uma ordem espiritual de valores, a riqueza é desumana e cruel. Não trará a felicidade para esta população ordeira e pacífica, mas poderá criar tensões sociais, alargando ainda mais o fôssco que separa as classes sociais e fomentando as desordens morais.

O bem-estar é um bem precioso, quando está a serviço do espírito e da dignidade humana. É um mal quando se transforma em instrumento de degradação do homem e traz consigo a irreligiosidade e o paganismo de vida. É um mal social, que enriquece uns com o empobrecimento da maioria, a ponto de dizer que o mundo atual é uma máquina de fabricar pobres.

Não queremos o desaparecimento da pobreza, simplesmente porque é pobreza. Mas enquanto a pobreza cria obstáculos à realização plena do homem, como homem e como cristão, cortando-lhe as possibilidades de ser útil a seus irmãos, impedindo-lhe no cumprimento de seus deveres para com sua família e tornando se um peso para a comunidade.

A pobreza quando atinge os extremos da miséria é um mal que avilta o homem e envergonha a própria sociedade, além de ser contrária aos desígnios de Deus que quer que todos os homens tenham um padrão de vida de acordo com sua dignidade de criatura feita à imagem e semelhança do Criador. Mas, a verdadeira pobreza, livre e consentida, é uma libertação espiritual, é uma virtude cristã. É sabedoria humana e divina saber usar os bens da terra sem atrelar-se a eles, fazendo deles o centro e o fim da vida humana. A pobreza assim entendida, longe de amesquinhar o homem, o engrandece e o eleva.

Tenham em mente, prezados colaboradores, estas reflexões e ensinamentos nesta hora de transformação do Vale, quando cabe a nós emprestar a sua redenção econômica, sua verdadeira dimensão humana e cristã.

#### AOS NOSSOS DIOCESANOS

Depois de nos dirigirmos aos nossos dinâmicos cooperadores, os virtuosos sacerdotes do clero secular e religioso, vimos também trazer nossa palavra a vós, queridos diocesanos. Uma palavra de estímulo e uma palavra de conforto.

06

Primeiro vos concitamos, prezados diocesanos, a tomar todo o interesse por este oportuníssimo empreendimento de soerguimento econômico e social de nossa região. É indispensável que cada um de seus habitantes preste seu apoio moral e dispense sua colaboração, demonstrando seu reconhecimento aqueles que irão trabalhar em favor de nosso engrandecimento material e humano.

Queremos, em seguida, vos cientificar que, como Pastor, estaremos a vosso lado neste momento em que grandes transformações vão operar-se em nosso Vale com repercussões inevitáveis sobre vossa vida, vossos hábitos e vossos costumes.

Com ardente fé, autêntico patriotismo batalhemos em prol da redenção econômica do Vale Jaguaribano e do enriquecimento de seus valores humanos e espirituais.

Voltados para o futuro desta região e de todos os seus habitantes, imploramos as bênçãos celestiais sobre vós, queridos cooperadores e prezados diocesanos.

A bênção de Deus Todo Poderoso, † Padre † Filho e † Espírito desça sobre vós e permaneça sempre.

Dada e passada nesta cidade de Limoeiro do Norte, sob nosso sinal e selo de nossas armas, aos 2 de fevereiro de 1965 festa da Purificação de Nossa

† Aureliano, BISPO DE LIMOEIRO

#### MANDAMENTO

Seja esta nossa Carta Pastoral lida aos fiéis em todas as Matrizas, Capelas e Oratórias públicos e semi-públicos, e registrada no Livro do Tombo de todas as paróquias desta Diocese.

Limoeiro do Norte, 2 de fevereiro, 1965.

† Aureliano, BISPO DE LIMOEIRO



**6<sup>a</sup> CARTA PASTORAL DE DOM  
AURELIANO MATOS**

6ª CARTA PASTORAL – 1965  
de D. Aureliano Matos (Bispo de Limoeiro),

### OS DOIS JUBILEUS

D. Aureliano Matos, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Limoeiro.

Ao Revmo. Clero e fiéis da Diocese de Limoeiro,  
saudação, paz e bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Veneráveis Irmãos e Filhos diletíssimos.

Não pretende esta modesta carta pastoral ser portadora de grande se proveitosos ensinamentos doutrinários, mas, tão-somente ser o desabafo da grande emoção que experimento ao atingir um quarto de século como bispo da Santa Igreja de Deus.

Dez meses, apenas, são decorridos do dia em que, amparado por colegas, cercado de meus queridos padres, dos bondosos diocesanos e de membros da minha estremecida família, prostava-me eu aos pés do Senhor para agradecer-Lhe os inúmeros benefícios recebidos em 50 anos de vida sacerdotal. Hoje volto para entoar um *Te Deum* de ação de graças por 25 anos de episcopado.

Esmagado e confundido por tão insigne honra e incomensurável responsabilidade de servir à Igreja de Deus, como sucessor dos Apóstolos, não me sinto com fôrças bastantes para entoar este hino de ação de graças, que poderia ser antes um comovido “Confíteor”. Num caso ou noutro, é convosco que quero prostrar-me diante do altar do Sumo e Eterno Sacerdote.

Descabido seria, e até insensatez, se pretendesse eu com estas linhas afastar o véu que encobre meu obscuro episcopado.

### OS DOIS JUBILEUS

Foi subindo a montanha da vida, com a alma em festa, cheio de entusiasmo, esquecendo sofrimentos aliás abundantes num quarto de século, porque estava convencido, como ainda estou, de que servem eles de substancioso adubo para a germinação da semente semeada por nós na vinda do Senhor, foi, repito, subindo a montanha que perfiz o meu primeiro jubileu – 25 anos de sacerdócio, todos consagrados ao paroquiato.

O jubileu episcopal - 25 anos de episcopado - já o realizei descendo a montanha. Se não trazia a vibração da mocidade, apoiava-me, porém com firmeza, no forte bastão da experiência, para executar um trabalho com maior segurança e proveito.

E, agora, já na planície, contemplo, não sem apreensões, a longa jornada percorrida - meio século de vida sacerdotal, sem claridades, nem ressonâncias. Nela não ficaram marcas que justifiquem retumbantes louvores, ou razões para fortes censuras. Mas, talvez, se possa dizer que teria ela sido mais abundante de frutos, se o pastor tivesse falado mais com Deus sobre os homens, antes de falar com os homens sobre Deus. Pois, sem nos enchermos de Deus, nada temos que dar aos homens. O diálogo com nossos irmãos só é proveitoso na medida em que dialogamos com Deus.

Na verdade, não é da palavra humana, por vezes rica de conhecimentos, mas carente de vida, de que mais precisa o homem angustiado dos nossos dias, mas da palavra portadora dos ensinamentos d' Aquela que, disse. “Quem me segue não andaré em trevas” (Jo. VIII, 12); “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo. XIV, 5-6).

É da sabedoria divina que mais necessitam os homens, e não da eloquência humana. Gostaria de poder dizer-vos, como o Apóstolo: “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em eloquência persuasiva de sabedoria, mas na demonstração do Espírito e do poder divino, para que vossa fé não se baseasse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus.” (I Cor. II, 4-5).

Realmente, quando nossa palavra sai impulsionada pelo vigor da fé, mesmo encontrando obstáculos, vai ao coração e não fica apenas nos ouvidos, como acontece quando desprovida do impulso divino, ainda que apoiada na ciência, na autoridade, ou numa bela roupagem.

#### EPISCOPADO NÃO DESEJADO, MAS VIVIDO

O grande Apóstolo das Gentes em sua carta a Timóteo (II, 1) esclarece que se alguém deseja o episcopado, deseja uma função sublime. Realmente, sendo o episcopado a plenitude do único sacerdócio de Cristo, e do qual o sacerdócio ministerial é uma participação, desejar o episcopado é aspirar a algo de muito nobre -uma maior identificação com o sacerdócio indiviso de Cristo.

Mas, apesar de não ignorar estes ensinamentos, jamais ousei desejar tão sublime dignidade e tão honroso serviço. Pois, apesar de sermos apenas instrumentos, embora livres e conscientes, nas mãos de Deus para o cumprimento de seus misteriosos desígnios, acho que para maior rendimento da missão episcopal o instrumento deve ser o mais adequado possível a tão relevante função.

Fundava-se meu temor na tríplice missão de que está revestido o Bispo - ensinar, santificar e governar.

Como sucessores dos Apóstolos, os bispos recebem do Senhor a grave missão de anunciar a todos os povos a Boa

Nova da Salvação –“Ide e ensinai a todas as gentes” (Mc, XVI, 15). “Entre os principais deveres dos bispos sobressai o de pregar o Evangelho. Pois os bispos são os pregoeiros da fé, que trazem novos discípulos a Cristo. São os mestres autênticos dotados da autoridade de Cristo, que pregam ao povo a eles confiado a fé que deve ser criada e praticada” (Lumen Gentium, 25).

Ora, para o cabal desempenho de tão grande missão se requer também a ciência humana, ainda que iluminada pelo Espírito Santo. “Os lábios do sacerdote guardam a ciência e de sua boca aprenderão os outros a lei” (Malaq. 11, 7).

Por isso, não me pareceu sem temeridade assumir em toda sua plenitude a alta função de resplendente farol – “sois a luz do mundo” (Mt. V, 15) -a iluminar a vasta extensão de uma diocese, cujos habitantes aguardavam ansiosos a palavra do Pastor, para explicar-lhes a fé, para fazê-la frutificar e para afastar os erros que ameaçam o rebanho (Lumen Gentium, 25).

Não menos grave é o munus de santificar. “O bispo, distinguido pela plenitude do sacramento da Ordem, é o Ecônomo da graça do sacerdócio supremo”, mormente na Eucaristia, que ele mesmo oferece ou cuida que seja oferecida, e pela qual continuamente “a Igreja vive e cresce” (Lumen Gentium, 26).

Mas, para que possa mais abundantemente derramar a plenitude da santidade de Cristo sobre seu rebanho, deverá começar por irradiar ele próprio esta santidade. Recomenda a Constituição dogmática sobre a Igreja, do Concílio Vaticano Segundo, que os bispos “com o exemplo de sua vida devem edificar aqueles aos quais presidem, preservando seus costumes de todo o mal” (Lumen Gentium, 26).

Do Povo de Deus exige Cristo elevada santidade – “Sêde perfeitos, como vosso Pai é perfeito” (Mt. V, 48). Muito mais exige de nós que deveremos ser o modelo do rebanho – “forma

gregis”. Se para o simples sacerdote basta que já esteja no caminho da perfeição, para o bispo é preciso que já a tenha atingido.

Conquanto os sacramentos confirmam a graça independentemente do estado moral e espiritual de quem os administra, não ignoramos os prodígios por eles realizados, quando conferidos por quem já atingiu alto grau de perfeição cristã. Disto são testemunhas um Cura d’Ars, um Pio X, e todos os sacerdotes santos de nossa Mãe Igreja.

Quem não temeria assumir tão grande responsabilidade?

Finalmente, o encargo espinhoso e delicado de governar. “Como vigários e legados de Cristo, os bispos governam as Igrejas particulares que lhes foram confiadas, com conselhos, exortações e exemplos, mas também como autoridade e com sacro poder” (Lumen Gentium, 27) .

Na Igreja fundada por Cristo, uns seriam pastores outros, ovelhas. Uns governariam; outros seriam súditos. Com isto, porém, não quis o Divino Mestre criar classes privilegiadas em sua Igreja, mas, sim, formar uma grande família, organicamente hierarquizada, em que todos se amariam como irmãos, constituindo na terra o seu povo -o Povo de Deus.

Para o desempenho de tão árdua missão não traçou propriamente regras o Divino Mestre. Pediu apenas amor; “Simão, tu me amas?” – “Apascenta meus cordeiros” – “Apascenta minhas ovelhas” (Jo. XXI, 15-17). E deixou-nos, sobretudo, o precioso exemplo do Bom Pastor, que veio, não para ser servido, mas para servir (Mt. XX, 28).

No cumprimento desta alta função de pastorear a grei, que nos foi confiada, aprendi que:

Não se governa, somando defeitos; nem se obedece, exigindo virtudes.

Não se governa, isolando-se, nem se obedece, anulando-se.

Não se deve usar o cajado sem luvas. Nem se queira apenas luvas sem cajado.

Quem governa, pode errar. Quem obedece, sempre acerta.

E assim, contra toda minha expectativa, a 29 de setembro de 1940 estava revestido de tão elevada dignidade e tão tremenda responsabilidade. Só me restava então dizer como o Apóstolo Pedro – “Mas, por causa de tua palavra lançarei as Redes” (Lc. V, 5) -fazendo porém meu pedido de Salomão ao ser investido na realeza: “Dai, pois, ao vosso servo um coração sábio, capaz de julgar o vosso povo e discernir entre o bem e o mal; pois, sem isto, quem poderia julgar o vosso povo, um povo tão numeroso como este?” (I Rs, 3).

#### O NOVO BISPO

Sagrado na sua própria Catedral, estava então o novo bispo frente a seu rebanho. Seria o primeiro pastor da nova diocese.

O Pastor não conhecia o rebanho, nem o rebanho o Pastor. No entanto, para o cumprimento da missão, de que acabara de ser revestido, era necessário que ouvisse e praticasse o preceito do Divino Mestre: "O bom pastor conhece as suas ovelhas e estas conhecem o pastor" (Jo. X, 4). Sabia apenas que estava no "meio de um povo simples, hospitaleiro e bom, o qual conservara com zelo e carinho o rico tesouro de sua fé. Sabia que minha diocese abrangia a região por onde penetrara primeiro a civilização em nosso Estado, subindo pelo rio Jaguaribe - a primeira estrada dos pioneiros em busca dos nossos sertões.

De fato, das nove paróquias que compunham a diocese, uma era bi-centenária, três centenárias e cinco octogenárias.

Do pastor nada sabiam os filhos desta região pois o bispo, que aqui chegara, era até pouco tempo um obscuro vigário do interior cearense e outra aspiração não alimentava a não ser a de continuar como vigário do sertão.

No meio de um rebanho tão manso e acolhedor, de alma aberta, não foi difícil ao pastor acolher os conhecimentos necessários para iniciar seu pastoreio.

O terreno estava preparado para acolher a semente lançada pelo novo semeador. É que no seu amanho trabalharam dinâmicos e virtuosos sacerdotes, como um Bruno Figueiredo, um Agostinho Santiago, um Lino Deodato de Carvalho, um Zacarias Ramalho, um Joaquim de Menezes, um Bandeira Acióli, um Otávio Santiago, um Raimundo de Castro e Silva, um Miguel Xavier de Moraes, um Aloísio Ferreira Lima, um José Terceiro de Sousa, para citar apenas alguns desses heróicos cultivadores da grande vinha do Senhor.

Grande é a dívida de gratidão dos habitantes do Baixo-Jaguaribe para com esses seus virtuosos vigários! Nada existe na zona, que tenha sido feito em proveito do povo, que não traga a marca da ação benfazeja do sacerdote. Ou foi por ele realizado, ou encontrou nele estímulo e apoio decisivo para sua concretização, sobretudo, no setor assistencial e educacional.

Senhor desta magnífica situação, deveria dar início sem mais demora à ingente missão -levar Cristo às almas e as almas a Cristo -rezar e agir.

Trabalharia ao lado de bispos da envergadura moral e cultural de um Dom José Tupinambá da Frota, privilegiada inteligência e invejável cultura a serviço de sua terra natal, a diocese de Sobral. Não seria exagero afirmar-se que Sobral deve muito do que é a seu primeiro bispo, uma das glórias do



episcopado nacional. Ao lado de um Dom Francisco de Assis ires, a humilde violeta do episcopado brasileiro, como foi Justamente cognominado. Por suas peregrinas virtudes e zelo apostólico foi o anjo tutelar do Cariri. Para maior estímulo, se encontrava à frente da Província Eclesiástica do Ceará a inconfundível figura do grande arcebispo de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes, a quem muito deve não apenas a Arquidiocese, como todo o Estado. Não menor foi o estímulo recebido do culto e santo Dom Antônio de Almeida Lustosa, que jamais será esquecido pelo Ceará.

A esses inconfundíveis apóstolos da Santa Igreja, em terras cearenses, sucederam outros dinâmicos pastores: Dom José Delgado, Dom João José Mota, Dom Valfrido Teixeira Vieira, Dom Vicente Matos, Dom Mauro Ramalho e Dom Antônio Fragoso. Estes dois últimos, nas novas dioceses de Iguatu e Crateús.

Na sua caridade, e em seu exemplar pastoreio tenho me inspirado e encorajado para o desempenho de meu labor episcopal.

#### O QUE ESTÁ POR FAZER

Desnecessário seria, caríssimos diocesanos, trazer agora à tona o que realizei em 25 anos de meu episcopado, nesta Diocese. Foi tão pouco, e já conhecido de todos. Muito mais proveitoso será, por certo, examinarmos o que devemos fazer para o futuro, a exemplo do Apóstolo Paulo, que se esquecendo do que ficava para trás, avançava para o que estava adiante (F1.111, 13-14).

Primeiro, uma constatação. Ao examinarmos atentamente situação social, moral e religiosa da comunidade cristã, já não podemos empregar as mesmas expressões do Apóstolo aos

Tessalonicenses, o qual rendia graças a Deus pelo crescimento de sua fé e pelo transbordamento de sua caridade.

Bem pouca é a influência sobre a vida moral e social da comunidade de uma religião mais tradicionalista que consciente. Decaem os costumes. E a própria decadência moral é justificada como consequência inevitável do progresso humano. A vida social vai, assim, desenvolvendo-se à margem do Evangelho.

Por outro lado, a religião passou a ser entendida, quase que unicamente, em função do templo e não da vida integral do homem e da comunidade. As nossas igrejas e capelas polarizam a vida religiosa em detrimento de sua vivência no lar, na vida social, profissional e política. Muitos limitam sua vida religiosa à participação dos atos litúrgicos, oficiados nos templos. Como se a religião ficasse no Templo e não os acompanhasse em e por toda sua vida.

E, ainda assim, vai-se à igreja mais por hábito do que por profunda convicção religiosa. E, até há pouco, os cristãos portavam-se no Culto Divino como estranhos, sem participarem consciente, ativa e plenamente dos mistérios da salvação, não auferindo assim, em abundância, os benefícios espirituais para sua vida.

O Evangelho é pregado, mas, não é vivido pelos cristãos. E sem a vivência da mensagem de Cristo, sem sua encarnação na vida de todos os dias, não há verdadeiramente renovação cristã. Não seria necessário apresentar a Boa Nova de um modo diferente, numa linguagem acessível ao homem de hoje, para que, ouvindo-a, ele a transforme em vida?

Verifica-se, também, que, apesar de muitos movimentos religiosos, está faltando vida religiosa em profundidade, ou seja, convicção pessoal dos valores do cristianismo.

Parece que os próprios cristãos, por carência de uma fé robusta, vêem a Igreja mais em seu aspecto humano do que divino, não atendendo a que Ela é sempre a continuadora da missão de Cristo entre os homens. Não têm consciência de que são a um tempo filhos de Deus e da Igreja. Daí seu desinteresse pela vida e atividade da Igreja. No entanto, todos nós somos a Igreja. E sem esta consciência, nem a própria reforma litúrgica alcançará os frutos tão esperados.

A excessiva concentração das funções religiosas, e até mesmo sociais, nas mãos do Padre, explicável até certo ponto dada a situação de nossa região carente de pessoas capazes de assumir essas tarefas, levou os leigos a transferirem tacitamente para os sacerdotes sua missão específica na edificação do Corpo Místico. Pois não são eles apenas ouvintes da Palavra de Deus, mas portadores também e executores dessa Palavra. Como ensina o Concílio do Vaticano Segundo, os leigos, “quem quer que sejam, são chamados a atuarem todas as forças recebidas por benefício do Criador e graça do Redentor, para o incremento da Igreja e sua própria santificação”. Assim, todo leigo, em virtude dos próprios dons que lhe foram conferidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja, “na medida do dom de Cristo” (Lumen Gentium, 33).

Põe-se agora a pergunta: O que fazer?

Não há da parte da Igreja propriamente erros para corrigir, mas, na expressão de Paulo VI, “defeitos para emendar” (Ecclesiam Suam), e métodos por atualizar no pastoreio das almas, atendendo à situação do mundo atual, de cada continente, de cada país ou região.

Assim, o Brasil, país novo, em via de desenvolvimento, com um dos maiores índices de crescimento demográfico do mundo, apresenta uma desintegração muito rápida de suas

estruturas sociais, e mesmo religiosas, que interessa direta e imediatamente a pastoral.

Conquanto já tenha atingido, sob muitos aspectos, a maioria, a fé de seu povo é ainda de criança, não tendo acompanhado seu rápido desenvolvimento econômico e social. Tudo evoluiu, menos a fé de seu povo. Fé tradicional, sem profundas raízes. Esta defasagem entre o desenvolvimento do país e a fé de seu povo leva muitos a crerem que a Igreja é; uma instituição já superada.

Nestas circunstâncias, para que a mensagem evangélica atinja realmente os homens, como eles são, urge uma pastoral atualizada, que encare os problemas globalmente e procure resolvê-los unitariamente. A Pastoral de Conjunto é um imperativo da hora presente. Essa renovação da pastoral encontrará certamente barreiras naqueles que desejam manter o status quo, ou por não se aperceberem desta evolução do mundo, ou por julgarem que o presente deve ser apenas uma continuação, sem mais, do passado. No entanto, essa atualização da pastoral é indispensável para o cumprimento da missão recebida do Senhor.

Aliás, um dos objetivos do Concílio Vaticano Segundo é justamente atualizar a Pastoral para adaptá-la a nossos dias. Com efeito, o momento em que vivemos postula que a Santa Igreja trace novos rumos para seu divino apostolado. São os caminhos da Igreja no mundo moderno, magistralmente focalizados por Paulo VI, na “Eclesiam Suam”.

O pastoreio será menos uma função do cajado do que a persuasão no amor, objetivando conscientizar a fé dos cristãos. Será menos a apresentação dos fulgores de nossa augusta e santa religião, de seus triunfos no passado, de suas realizações artísticas imortalizadas nas grandes Basílicas e Catedrais, do que um incisivo convite a uma participação íntima em seus

mistérios. Seria vão contentar-se com a contemplação de seu brilho exterior, se não procuramos levar os homens a compreendê-la e vivê-la em sua realidade profunda.

Se já me faltam forças para iniciar nova jornada, por novos caminhos, não me faltam simpatia e entusiasmo para acompanhar essa renovação com aplausos, rendendo graças a Deus por este amanhecer de um dia radioso para a Igreja, ansiosa de repor o homem no caminho que leva ao Cristo, Senhor - solução única para todos os problemas que angustiam o século em que vivemos.

#### AGRADECIMENTO

Chegando ao fim destas despreziosas considerações, neste dia do meu jubileu episcopal, somente me resta agradecer a quantos, e foram muitos, que, por sua caridade, por suas luzes, por sua dedicação, por sua assistência, foram autênticos e providenciais cirineus do meu episcopado.

Com eles foi dividido, nestes 25 anos, o grande peso da cruz episcopal. Se algum brilho ou mérito teve este episcopado, seja ele também totalmente repartido com meu querido Clero secular e regular, com as piedosas Irmãs das diversas casas religiosas da Diocese, com meus estremecidos seminaristas - esperança da Diocese - e com todos os meus amados diocesanos, sem cor social, religiosa ou política.

É que, se como Pastor fui o principal responsável pelo rebanho, jamais julguei bastar-me para a solução dos problemas que interessavam a toda a comunidade; como também quis carrear sozinho pedras para a construção do templo de Deus nas almas, ou sozinho colher os frutos sazonados da vinha do Senhor.

Deixo aqui também expresso o meu sincero agradecimento, pelas atenções que me dispensaram nestes 25 anos de episcopado os altos poderes do Judiciário, Legislativo e Executivo de nosso Estado. Desejo especialmente salientar as homenagens que me foram prestadas pela Assembléia Legislativa, na decorrência de meu jubileu sacerdotal, bem assim as cortesias e favores do governo do Coronel Virgílio Távora, patrono de nossa futura Faculdade de Filosofia.

Recebam igualmente todas as autoridades civis e militares desta diocese a minha palavra de agradecimento pelas atenções a mim dispensadas.

Encerrando esta minha modesta carta, volto-me para a cátedra de Pedro, em Roma, atualmente ocupada pelo grande Pontífice Paulo VI, para render-lhe minha homenagem de profundo respeito e filial obediência, evocando ao mesmo tempo a memória de Pio XI, que criou a diocese de Limoeiro, e de Pio XII, que elegeu seu primeiro bispo, hoje celebrando seu jubileu episcopal. Nesta homenagem ao Santo Padre com prazer incluo o seu representante no Brasil, o Exmo. e Revmo. Sr. D. Sebastião Baggio, Núncio Apostólico.

Sejam minhas últimas palavras um tributo de filial amor e gratidão àquela que jamais faltou com sua maternal proteção nos longos anos de meu sacerdócio e de meu episcopado - a excelsa Padroeira desta Diocese, Nossa Senhora da Conceição.

Com o auxílio do grande defensor da Igreja, São Miguel Arcanjo, neste dia que lhe é consagrado, em que comemoro minha sagração episcopal, imploro as bênçãos celestiais sobre vós, bondosos cooperadores e prezados diocesanos.

A bênção de Deus Todo-poderoso † Padre † Filho e † Espírito  
Santo, desça sobre vós e permaneça sempre.

Dada e passada nesta cidade de Limoeiro do Norte, sob nosso sinal e sêlo de nossas armas, aos 29 de setembro de 1965, festa de São Miguel Arcanjo.

† *Aureliano*, BISPO DE LIMOEIRO

#### MANDAMENTO

Seja esta nossa Carta Pastoral lida aos fiéis em todas as Matrizes, Capelas e Oratórios públicos, e registrada no Livro do Tombo de todas as paróquias desta Diocese.

Limoeiro do Norte, 29 de setembro de 1965,

† *Aureliano*, BISPO DE LIMOEIRO